

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

THIAGO DAVID STADLER

POR UMA NOÇÃO DE HISTÓRIA EM PLÍNIO, O VELHO (SÉC. I D.C.)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof.Dr. Renan Frighetto.

Curitiba

2015

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Stadler, Thiago David
Por uma noção de história em Plínio, o Velho (séc. I d.C.) / Thiago David
Stadler – Curitiba, 2015.
251 f.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. História. 2. Plínio, o Velho. 3. História natural. 4. História antiga.
I. Título.

CDD 930



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **THAGO DAVID STADLER** intitulada: **Por uma noção de História em Plínio, O Velho**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua.....^{APROVAÇÃO}....., completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de Doutor em História.

Curitiba, nove de abril de dois mil e quinze.

Prof. Dr. Rehan Frighetto (Orientador)
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Dario Sanchez Vendramini (UNC-Universidad Nacional de Cordoba)
1º Examinador

Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva (UFES)
2º Examinador

Prof. Dr. Marcos Luis Ehrhardt (UNIOESTE)
3º Examinador

Profa Dra Fátima Regina Fernandes Frighetto (UFPR)
4º Examinador

A todos aqueles que porventura folharem estas páginas

AGRADECIMENTOS

Aos meus amados pais e irmãos, Helene Ivoni Stadler e Humberto Stadler; Jackson Rafael Stadler e Bárbara Stadler Kahlow.

À minha amada esposa, Naiara Batista Krachenski Stadler.

Aos meus cunhados e sogros, Samuel Kahlow e Nicole Krachenski; Álvaro Krachenski e Sônia Batista Frade Krachenski.

Às famílias Stadler e Seib.

Aos meus amigos, Daniel Arpelau Orta (in memoriam); Tiago Bonato; Victor Puchalski e Fernanda Cruzetta; Ivan Gavioli e Vanessa Gavioli; Murilo Augusto; Gustavo Parizoto e Fernanda Basso; Vanessa Fronza e Danilo Gazzotti; Denise Mazocco; Guilherme Saccomori; Enzo Calgaro; Erickson Santos; Samon Noyama e Renata Tavares e Luluzinha; Charles Santiago e Valquíria; Everton Estevam e Fran.

Ao amigo e Mestre que me orientou dos 18 aos 30 anos, Renan Frighetto.

Aos professores que sempre serei grato, Miguel Spinelli, Fátima Fernandes, Marcella Lopes Guimarães, Darío Sánchez Vendramini, Bernardo Lins Brandão, Sérgio Odilon Nadalin, Carlos Alberto Lima, José Roberto Portella, Gilvan Ventura, Marcos Ehrhardt.

Aos colegas da Universidade Estadual do Paraná campus União da Vitória, tantos nomes entre professores, funcionários e meus inspiradores alunos.

A todas aquelas coisas que muitas vezes são esquecidas, mas que foram fundamentais na hora de estudar e escrever esta tese: composições de Beethoven, Rachmaninoff e Tchaikovsky; o inspirador som da chuva; músicas tibetanas; as inspiradoras estrelas.

Àquele que faz com que meu mundo ainda mantenha certo sentido.

Prefiro as feridas de uma vida vivida à pele alva de uma vida sonhada
(Autoria própria)

Por uma noção de História em Plínio, o Velho (séc. I d.C.)

RESUMO

Esta tese de doutorado foi construída através de alguns questionamentos: Como entender a *História Natural* de Plínio, o Velho como uma obra do gênero de História? Se o conceito de História aparece na obra pliniana, qual é o seu conteúdo/definição? É possível entender a *História Natural* por outro viés que não o do enciclopedismo? Para alcançar respostas satisfatórias foi preciso compreender como os autores que trabalharam com a História Natural a interpretaram. Isto se fez necessário para localizar o nosso objeto de estudo dentro da tradição historiográfica e entender no que a nossa tese poderia contribuir nos estudos sobre Plínio. Desse modo, estabelecemos a Primeira Parte como o local das discussões historiográficas; local de debate entre as visões do passado e o olhar que aqui propomos. Nosso trabalho não compactua com as noções mais difundidas sobre a *História Natural* como uma enciclopédia, mas expomos argumentos para compreendê-la como uma obra do gênero de História. Assim, a Segunda Parte da tese mostra a maneira como fizemos a leitura da obra pliniana. Leitura que nos proporcionou Quatro Argumentos que respondem como entendemos o conceito de História na obra pliniana e as propostas que a diferem de outras obras do gênero de História da Antiguidade. Aqui não encontramos o sangue, nem as guerras, nem as grandiosas conquistas militares de Roma, mas as conquistas do cotidiano. Uma História dos *pequenos feitos* – ou seria da paz?

Palavras-chave: História; História Natural; Plínio, o Velho.

For a concept of History in Pliny the Elder (I A.D.)

ABSTRACT

This doctorate thesis was constructed under the following questions: How can we understand Pliny the Elder's *Natural History* as a work of historical genre? If the concept of History appears in the work of Pliny, what is its subject/definition? Is it possible to understand the *Natural History* by another bias than the one of the encyclopedia? In order to achieve satisfactory answers it was necessary to comprehend how other authors that worked with the *Natural History* have interpreted it. It was required to do it to locate our object of study within the historiographical tradition and understand in what ways our thesis could contribute to the study of Pliny's work. Thereby, we have established the First Part of this work as the site for the historiographical discussions; a place for the debate between the visions of the past and the view we propose in here. Our work does not agree with the most disseminated ideas about the *Natural History* as an encyclopedia, but we expose arguments trying to comprehend it as a work of the historical genre. Therefore, the Second Part of this thesis shows how we have done the reading of Pliny's work. This reading has provided four arguments that answer how we understand the concept of History in Pliny's *Natural History* and the approaches that differ it from the other historical works in the Ancient world. Here we will not find the blood, nor the wars, nor the great military conquests of Rome, but the everyday conquests. A History of the little facts – or would it be a History of peace?

Key-words: History; Natural History; Pliny the Elder.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

PRIMEIRA PARTE – VOZ FALADA E VOZES INVENTADAS: PLÍNIO, O VELHO E A FORÇA DE UM CLÁSSICO

1	<i>Dimensão de Plínio, o Velho: muito consultado e pouco lido.....</i>	28
2	<i>Sobre a valorização de certos escritos da Antiguidade e a desvalorização da História Natural.....</i>	31
3	<i>Uma “aberração da prosa”: breves considerações sobre a escrita de Plínio, o Velho...42</i>	
4	<i>Sobre a desvalorização do sensível: a filosofia e seus descontentamentos.....</i>	48
5	<i>De homem sábio a compilador sem pensamento: leituras da História Natural.....</i>	55
6	<i>Velhos problemas e novos estudos sobre a obra pliniana.....</i>	67
7	<i>De sandálias e respiração forte: um homem sábio e tipicamente romano.....</i>	78

SEGUNDA PARTE – NOÇÃO DE HISTÓRIA EM UMA OBRA DE HISTÓRIA: A HISTÓRIA NATURAL ALÉM DO MARAVILHOSO

1	<i>Quem exagera o argumento prejudica a causa.....</i>	106
2	<i>Primeiro Argumento: Do emprego da palavra “história” no Prefácio Epistolar.....</i>	108
2.1	<i>Do emprego da palavra “história” no Livro I.....</i>	125
3	<i>Segundo Argumento: Das Musas.....</i>	132
4	<i>Terceiro Argumento: Da dinâmica das autoridades estrangeiras e latinas.....</i>	141
4.1	<i>Dos usos das autoridades estrangeiras e latinas.....</i>	153
4.1.1	<i>Dos estrangeiros.....</i>	155
4.1.2	<i>Dos latinos.....</i>	166
5	<i>Quarto Argumento: Da identidade.....</i>	188

PENSAMENTOS FINAIS.....	199
-------------------------	-----

FONTES.....	203
-------------	-----

<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	205
---	-----

<i>Apêndice 1: Tabela com os autores estrangeiros que aparecem no Livro I da NH</i>	211
---	-----

<i>Apêndice 2: Tabela com os autores latinos que aparecem no Livro I da NH</i>	222
--	-----

<i>Apêndice 3: Da busca pela origem identitária romana através dos pequenos feitos</i>	227
--	-----

<i>Apêndice 4: Mapa do Império Romano (locais vinculados a Plínio, o Velho)</i>	241
---	-----

INTRODUÇÃO

Tomarei a liberdade de escrever a Introdução na primeira pessoa do singular. De forma alguma tal escolha tem como objetivo excluir as inúmeras ajudas que tive na construção de meus saberes e do texto que aqui apresento. Da Introdução à Conclusão este trabalho carrega anos de leituras, de orientações e análises pautadas nos diversos *eles* ora historiadores, literatos e filósofos de meu tempo, ora historiadores, literatos e filósofos de tempos mais longínquos. As minhas influências estão explícitas no todo de minha tese, pois desde a forma de escrever até a maneira de encarar os problemas teóricos resultam da tradição que me precede – com o devido espaço para as minhas transformações. Justamente neste jogo de tradição *vs* inovação que percebo a valia de meu trabalho. Embora a sinceridade deva aparecer aqui: apesar da ciência que cada pesquisador carrega ao olhar para o próprio texto e compreendê-lo como uma contribuição nas discussões atuais – nos termos da *inovação* –, é, todavia, mais fácil ler e interpretar a *tradição* do que entender o local que o seu texto ocupa nos debates contemporâneos. Qual o impacto do que faço? Quem são os meus leitores? Quais as reais contribuições que meu trabalho apresentará para os debates historiográficos atuais? Dúvidas que devem atingir a todos que se propõem a escrever e expor suas ideias, pois, caso contrário, o texto estará fadado a ocupar as mais belas gavetas de um escritório! Daí a incessante preocupação em compreender o duo *tradição x inovação* dentro de cada trabalho, visto que a valia de um escrito não reside em sua característica novidadeira nem no mofo de uma tradição ultrapassada. Novas ideias podem estar carregadas de traços da tradição, assim como a tradição pode revigorar-se com boas doses de inovação.

Tais inquietações sugerem que por vezes a capacidade de remodelar em nossa mente as noções de tempo e de espaço parece mais paupável do que observar o processo de continuidade e alteração de nosso próprio pensar e escrever – Parmênides não aprovaria minha distinção entre pensar e escrever, mas aqui vejo valia na separação (coisas que penso e não escrevo). Por exemplo: é necessário certo grau de abstração e, por conseguinte, de remodelação mental, trabalhar com o espaço-tempo Roma/século I d.C. Primeiro que o espaço Roma não me é comum no sentido físico – vivo no Brasil e nunca estive em Roma – daí a necessidade de remodelar a noção de espaço para algo não vivenciado. Segundo que o tempo século I d.C. não nos pertence mais, ou seja, absolutamente inacessível pela experiência imediata, do contato, da visão, do apego. Logo, o remodelar da noção do tempo também exige

o trabalho mental que compreenda as sucessões de acontecimentos, linhas de tempo, memória, História e expectativas.

Notável que estas remodelações são alcançadas já nos primeiros anos de estudo por um historiador de ofício. Daí a minha constatação de que o trabalho com *outros tempos* e *outros espaços* é mais facilmente absorvido do que a percepção de que meu texto pertence a esta dinâmica construção de saberes acerca *daqueles tempos* e *daqueles espaços*. Talvez a escolha da escrita em primeira pessoa do singular também se encaixe nesse ponto: posicionar-me nos embates entre tradição vs inovação que constroem os saberes contemporâneos. Poderia almejar tal espaço com a tradicional escrita pautada no *plural majéstico*? Sim. Embora deva repetir aquilo que tantos outros já escreveram em tantos momentos anteriores: os acertos que porventura meu trabalho traga são devedores de uma longa tradição que esteve ao meu lado, mas os erros que aqui forem propagados são exclusivamente meus. Desse modo, deixarei claro nesta Introdução quais os principais pontos do trabalho que atendem mais ao *eu* e os tantos outros devedores dos diversos *eles* – transformados num egocêntrico e majéstico *nós*!

O primeiro ponto em que o *eu* apareceu em nesta tese foi num processo de negação. Minha primeira intenção de estudo ao entrar no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná foi o de abordar as perspectivas do estoicismo romano a partir dos Solilóquios do Imperador Marco Aurélio. Após várias leituras e orientações cheguei à conclusão de que meus estudos pouco poderiam contribuir para as discussões travadas em torno de Marco Aurélio. Não que as abordagens sobre o Imperador estariam esgotadas, pois afirmar isso seria um mero erro epistemológico. Todavia, tocado pelos amplos estudos da filologia – trabalhos tão pontuais que chegavam às abordagens acerca dos usos das preposições presentes nos Solilóquios¹ –, assim como da grande sombra colocada pelos estudos da filosofia acerca da “degenerada” filosofia estóica romana acabei negando a proposta de adentrar nos escritos de Marco Aurélio. Quase como uma amostra de teimosia e, não saberia eu, de possível arrependimento, propus um texto intitulado “Considerações sobre o Livro I dos Solilóquios de Marco Aurélio”² para finalizar os recém iniciados estudos sobre a obra.

¹ Por exemplo, o texto de Eva Vallines Menéndez intitulado “El uso de las preposiciones en Marco Aurelio: análisis funcional” de 1997.

² STADLER, Thiago David. **Considerações sobre o Livro I dos Solilóquios de Marco Aurélio**. In: LONGHI, Armino (org.) *Filosofia, Política e Transformação*. São Paulo: LiberArs, 2012.

Com poucas ideias e um enganoso “muito tempo” de doutoramento pela frente fiquei cerca de um semestre lendo e garimpando possíveis fontes e temas que pudessem originar uma tese que atendesse às exigências do Programa, de meu orientador e, obviamente, as minhas próprias expectativas. Foi neste processo que o nome de Plínio, o Velho entrou nas conversas das orientações. Primeiramente como uma provocação, pois sua monumental obra composta por trinta e sete volumes era um “desconvite”, assim como a variedade de temas lá tratados. Como desenvolvi em meu mestrado um trabalho sobre o Livro X de Plínio, o Jovem as possíveis alianças entre o sobrinho e o tio poderiam surtir algum efeito. Embora naquele momento fossem apenas elocubrações parentais – para quem estudou o sobrinho poderia estudar o tio! Num segundo momento, após pesquisar sobre a produção historiográfica acerca da História Natural pliniana o “desconvite” ganhou outros ares, pois, diferentemente dos Solilóquios de Marco Aurélio, os estudos recentes sobre a obra eram poucos. Assim, a ânsia de quase todo historiador, qual seja, a de estudar algo pouco explorado, estava diante de meus olhos. Os incentivos de meu orientador e a noção de ter encontrado algo que poderia causar uma boa tese foram o suficiente para assumir os estudos da História Natural como o novo projeto de doutoramento.

Entre dúvidas, leituras e a escrita de um novo projeto se passaram os doze primeiros meses de doutorado. O novo desafio era transformar o tormento de trinta e sete volumes em um trabalho que contemplasse o máximo de discussões, mas a principal dificuldade persistia: a ausência de uma problemática. Como mostrarei nas quatro primeiras subdivisões da Primeira Parte de minha tese os poucos estudos que havia encontrado sobre a obra pliniana transformaram-se numa avalanche de informações e críticas. Realmente os estudos sobre a NH³ foram reduzidos em vários momentos da contemporaneidade – principalmente depois das insanas disposições da filologia dos fins do século XIX e início do XX. Contudo, percebi que do momento da escrita da obra (metade do século I d.C.) até o século XVI a NH foi entendida como um guia, um manual, uma enciclopédia de consulta permanente nos mais diversos meios culturais da Europa ocidental e da América. Apenas com o advento da Ciência Moderna que os novos estudiosos passaram a ignorá-la e compreendê-la como um amontoado de informações inúteis e carente de comprovações empíricas. Logicamente exigências que descaracterizavam uma obra produzida num momento em que a construção dos saberes era pautada por outras bases que não a dos modernos.

³ A partir de agora doto esta abreviação que corresponde ao nome da obra em latim: *Naturalis Historia*.

A avalanche de informações gerou um efeito devastador no recém-criado projeto de pesquisa: a aparente impossibilidade de trabalhar com um texto atingido por séculos de uma tradição pró-pliniana (cerca de quinze séculos) e tantos outros séculos de uma tradição contra-pliniana (cerca de quatro séculos). Em uma das mãos estava o jugo da tradição e na outra a viseira que impedia olhar para a NH como uma obra passível de se historiar. Tantas afirmações de que a NH era uma enciclopédia; que era uma clara representante de um movimento pan-varronista; que se tratava apenas de informações sem nexo; etc. As minhas percepções estavam condicionadas e a sensação era realmente igual à de problematizar uma enciclopédia. Com um ano e meio transcorrido no curso de doutoramento eu estava absolutamente perdido nos labirintos de informações, críticas e receios que os escritos de Plínio, o Velho haviam gerado. Nenhum objetivo, nenhuma problemática, nenhuma ideia. Novamente diante dos problemas que assombraram os estudos de Marco Aurélio a solução encontrada foi a mesma: propor novo projeto de pesquisa e, dessa vez, voltaria a estudar Plínio, o Jovem e seu Panegírico a Trajano. Tema, autor e período absolutamente familiar. Nesse momento específico a presença do *eles* foi absoluta, ou melhor, do *ele*, pois foi unicamente por insistência do Prof. Dr. Renan Frighetto, meu orientador de monografia, dissertação e tese, que pediu calma nesse processo de idas e vindas, que o projeto de Plínio, o Velho manteve-se por mais um tempo. Eu deveria ler o máximo que pudesse da NH para só então descartá-la, pois ele insistia que eu poderia tirar algo de novo daquele texto esquecido pelos contemporâneos.

Após algumas tentativas frustradas de sistematizar a leitura cheguei à primeira conclusão relevante: o problema da *tradição* vinculada aos estudos plinianos era a falta de foco que suas críticas apresentavam. Devido à dimensão da obra, os acertos e problemas pontuados pelos estudiosos sufocavam qualquer tentativa de novos trabalhos. Os objetivos de grande parte dos estudiosos pareciam nublar-se em acusações e louvações da obra pliniana e não na compreensão do que ela poderia contribuir na construção dos saberes históricos. Desse modo, a impressão era a de estar diante de um gigante da Antiguidade que nada mais poderia nos dizer. Graças aos textos⁴ produzidos por Sorch Carey, Aude Doody, Roy Gibson e Ruth Morello (organizadores de um compêndio sobre Plínio), Fergus Millar, Trevor Murphy, Francisco de Oliveira e Guy Serbat a tarefa de ler a NH mostrou-se mais eficaz e interessante no que se refere às abordagens da História. Autores que negaram muitos dos preconceitos

⁴ Notadamente muitas foram as bases de pesquisa, mas estes autores contribuíram decisivamente na abordagem específica da História Natural.

propagados no final do século XIX e início do XX e propiciaram novas abordagens de um texto relegado às prateleiras empoeiradas dos antiquários. Se a tradição pró-pliniana viu a NH como uma obra de consulta útil às enfermidades, acidentes geográficos, clima, etc., esses novos estudos foram além: a obra de Plínio traria contribuições para as discussões culturais, políticas e sociais romanas do século I d.C.. A imagem de Plínio construída através destes estudos opôs-se àquela propagada por tantos pensadores anteriores que o viam como um homem de gabinete sem pensamento próprio e verborrágico.

Neste jogo de imagens que ora faz de Plínio um homem dotado de plena capacidade intelectual e militar ora a de um mero copista sem pensamento próprio lembrei-me de uma simples passagem de um dos maiores clássicos do século XX: *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry que expõe algo de importante para meus estudos. Em sua longa viagem na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330 o homenzinho extraordinário parava para conhecer cada um dos lugares. Foi assim que conheceu o rei que tudo ordenava; o vaidoso que só ouve elogios; o bêbado que bebia para esquecer que tinha vergonha de beber; o empresário que não tinha tempo para nada, pois era um sujeito sério e rico; o acendedor do lampião que só seguia o regulamento. Em sua última parada antes da Terra o príncipezinho se deparou com alguém que muito se assemelha ao que aqui discuto:

O sexto planeta era dez vezes maior. Era habitado por um velho que escrevia em livros enormes.

- Ora vejam! Eis um explorador! – exclamou ele, logo que avistou o pequeno príncipe.

O príncipezinho sentou-se à mesa, meio ofegante. Já viajara tanto!

- De onde vens? – perguntou o velho.

- Que livro é esse? – indagou-lhe o pequeno príncipe. – Que faz o senhor aqui?

- Sou geógrafo – respondeu o velho.

- Que é um geógrafo? – perguntou o príncipezinho.

- É um especialista que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos.

- Isso é bem interessante – disse o pequeno príncipe. – Eis, afinal, uma verdadeira profissão!

E lançou um olhar, ao seu redor, no planeta do geógrafo. Nunca havia visto planeta tão grandioso.

- O seu planeta é muito bonito. Há oceanos nele?

- Não sei te dizer – disse o geógrafo.

- Ah! (O príncipezinho estava decepcionado.) E montanhas?

- Não sei te dizer – disse o geógrafo.

- E cidades, e rios, e desertos?

- Também não sei te dizer – disse o geógrafo pela terceira vez.

- Mas o senhor não é geógrafo?

- É verdade – disse o geógrafo. – Mas não sou explorador. Faltam-me exploradores! Não é o geógrafo quem vai contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos, os desertos. O geógrafo é muito importante para ficar passeando. Nunca abandona a sua escrivaninha. Mas recebe os exploradores, interroga-os e anota seus relatos de viagem. E quando lhe parece mais interessante, o geógrafo faz um inquérito sobre a moral do explorador.

- Por quê?

- Porque um explorador que mentisse produziria catástrofes nos livros de geografia. Assim como um explorador que bebesse demais.

- Por quê? – perguntou o pequeno príncipe.

- Porque os bêbados veem em dobro. Então o geógrafo anotaria duas montanhas onde, na verdade, só há uma⁵.

Justamente a figura do geógrafo interrogado pelo pequeno príncipe é a aproximação quase perfeita do que grande parte da tradição viu em Plínio, o Velho. Um indivíduo que nada sabia a respeito daquilo que escrevia, pois seu mundo era sua escrivaninha; alguém ocupado demais com os escritos que não conseguia se quer conhecer as coisas ao seu redor e, por isso, apenas copiava o que outros coletavam/escreveram. Como apresentarei no decorrer de minha tese Plínio foi um homem que se dedicou aos estudos – apenas na parte da noite, diria ele, pois os dias eram dedicados ao Império. Também se pautou nos relatos de outros pensadores sendo esta característica uma das que me fez vê-lo como um historiador. A principal diferença entre o geógrafo do *Pequeno Príncipe* e Plínio é a formação pessoal, pois o exercício da carreira militar fez com que Plínio andasse por diversos locais por ele relatados. Nos termos do *Pequeno Príncipe*, Plínio seria o exato amálgama do geógrafo e do explorador. Nos termos de minha tese, Plínio foi o que um homem romano do século I d.C. almejava ser: um servidor do Império e um grande estudioso.

Partindo para as divisões propostas em minha tese. Ela foi construída a partir de dois blocos de questionamentos e por isso se apresenta em duas partes. O primeiro bloco: Como Plínio passou da posição de um grande erudito para a de um renegado? Será que nada – em termos historiográficos - se pode adicionar nas leituras da NH? Quem foi esse indivíduo amado e odiado de acordo com o passar do tempo? O segundo bloco: É possível compreender a NH como uma obra do gênero de História? Como o autor pode contribuir em nossas discussões sobre a noção de História, de autoridade, de legitimidade e, num último aspecto, de identidade romana? Questionamentos que são necessários para quem almeja conhecer a fundo o seu objeto de pesquisa. Ainda mais quando este objeto tem mais de mil e novecentos anos

⁵ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Trad. Dom Marcos Barbosa. – 48ed. – Rio de Janeiro: Agir, 2009, p.51-52.

de tradição. Ignorar aqueles que dedicaram o seu tempo de estudo para ler e entender a NH seria um erro.

Atento ainda para o fato dos poucos estudos feitos acerca da NH sendo assim, um bom momento para expor e problematizar as propostas de leitura acerca da obra pliniana. No que se refere a esta escassez de materiais cabe uma constatação dos editores da Editorial Gredos de Madrid feita em outubro de 2011 quando se publicou o livro *Plinio el Viejo* de Guy Serbat: “(...) desgraciadamente los trabajos monográficos en español sobre Plinio el Viejo no abundan”⁶ para depois citar *três* obras importantes que foram escritas entre 1995 e 2004⁷. Trabalhos em português são mais escassos ainda!

Sendo assim, minha proposta foi apresentar as discussões referentes às críticas e apoios que a obra pliniana recebeu desde o século I d.C. até as produções mais recentes nas cinco primeiras subdivisões da Primeira Parte. Esta proposta foi fundamental para localizar os meus estudos dentro da tradição historiográfica específica de Plínio. Pelo amplo recorte temporal e temático contemplado em tais subdivisões tive que optar por certos caminhos:

1º) *Dimensões de Plínio, o Velho: muito consultado e pouco lido*: algumas provocações em torno da maneira como a História Natural e o seu autor são vistos pela historiografia;

2º) *Sobre a valorização de certos escritos da Antiguidade e a desvalorização da História Natural*: parte dedicada às discussões em torno do gênero da obra, pois diversas abordagens historiográficas excluem a NH do rol das obras de caráter histórico. Assim, minha intenção foi apresentar e compreender alguns porquês de certas obras da Antiguidade ganharem facilmente o nome de “Histórias” e a NH não ser compreendida como partícipe do gênero histórico;

3º) *Um monstro da prosa: breves considerações sobre a escrita de Plínio, o Velho*: sobre as críticas vinculadas a forma de escrita pliniana. O meu espanto foi perceber que ao mesmo tempo em que certos estudiosos chamavam a NH de enciclopédia os mesmos exigiam da produção pliniana uma escrita bela – é quase uma contradição de termos! Ao comparar Plínio a Cícero, Quintiliano e Plínio, o Jovem alguns pensadores desconsideraram a NH pela sua rudeza e estilo pobre;

⁶ SERBAT, Guy. **Plinio el Viejo**. Madrid: Editorial Gredos, 2011, p.II.

⁷ Seriam elas: *Das Buch der naturgeschichte. Plinius und seine Lese rim Zeitalter dès Pergaments* (1995 de Arno Borst; *Pliny the Elder on Science and Technology* (1999) de John Healy e *Pliny the Elder's Natural History: the Empire in the Encyclopedia* (2004) de Trevor Murphy.

4º) *Sobre a desvalorização do sensível: a filosofia e seus descontentamentos*: esta parte refere-se aos problemas gerados pelos preconceitos de pensadores ancorados na filosofia grega que viam o estoicismo romano – corrente filosófica dominante no período do principado romano - como mera deturpação da *verdadeira* filosofia. Plínio não se filia abertamente a nenhuma corrente filosófica, mas basta iniciar a leitura da NH que aparecem traços estóicos, epicuristas e da filosofia pré-socrática. Assim sendo, trato de alguns assuntos que envolveram Plínio em uma aura de não-pensamento próprio;

5º) *De homem sábio a compilador sem pensamento: leituras da História Natural*: parte dedicada a interpretação de alguns grande nomes da tradição que escreveram sobre Plínio e suas obras. Fiz um levantamento de pensadores pró-plinianos e contra-plinianos e trabalhei com extratos de fontes de cada um deles, dentre eles: Quintiliano, Tácito, Suetônio, Aulo Gélcio, Isidoro de Sevilha, Paulo o Diácono, Hugo de São Victor, Dante Alighieri, Petrarca, Richard de Bury, etc. A seleção dos autores que trabalho nesta parte não seguiu nenhuma lógica específica – poderiam ser tantos outros nomes. Contudo, o objetivo não foi o de propor uma exaustiva leitura dos trechos selecionados, mas sim o de dar a dimensão que Plínio alcançou com o passar dos séculos ciente de que cada tempo possui suas especificidades e cada autor suas ambições – constatações que não invalidam a percepção de que todos os autores tiveram acesso ao texto ou as críticas referentes à obra pliniana⁸.

Na subdivisão seis – *Velhos problemas e novos estudos sobre a obra pliniana* - apresento a forma como encarei a História Natural. Vejo a impossibilidade de considerar os escritos de Plínio como a longa tradição – inclusive textos do século XXI - os considerou, ou seja, como uma enciclopédia. Apesar de não ser o objetivo de minha tese vi a necessidade de discutir sobre tal questão, pois muitos trabalhos que usei apresentam já em seus títulos a palavra “enciclopédia”. Defendo em meu texto a ideia de que a percepção da NH como uma enciclopédia deveu-se mais ao *uso* do que a própria *intenção* do autor. Umberto Eco ajudou-me neste ponto com seu texto *Os Limites da Interpretação* quando assim escreveu:

⁸ Tanto Umberto Eco quanto José Saramago recordam que as leituras de um texto podem ser feitas com a máxima liberdade de interpretação *desde que* não invalidem ou cancelem o que o texto traz literalmente escrito. Como não se faz possível conhecer nem escrever no espaço desta tese todas as ambições e contextos que circundam os autores pré-selecionados asseguro-me naquilo dito anteriormente: nenhuma leitura dos trechos expostos nesta parte da tese invalida, cancela ou ignora aquilo que os autores deixaram escrito em seus específicos contextos.

deve-se buscar no texto aquilo que o autor queria dizer;

deve-se buscar no texto aquilo que ele diz, independentemente das intenções do autor.

Só com a aceitação da segunda ponta da oposição é que se poderia, em seguida, articular a oposição entre:

(b1) é preciso buscar no texto aquilo que ele diz relativamente à sua própria coerência contextual e à situação dos sistemas de significação em que se respalda;

(b2) é preciso buscar no texto aquilo que o destinatário aí encontra relativamente a seus próprios sistemas de significação e/ou relativamente a seus próprios desejos, pulsões, arbítrios⁹.

Minha leitura não me permitiu entender a obra pliniana vinculada a qualquer sistema de significação que respaldasse a noção moderna de enciclopedismo. Deve-se lembrar de que o termo “enciclopédia” é construído apenas na Modernidade, pois a aproximação que muitos tentaram fazer entre o termo grego *enkýklios paideia*, usado por Plínio em seu Prefácio, e a palavra enciclopédia é deveras preocupante. Tomando por base que a palavra grega *enkýklios* se refere a “usual, corrente, vulgar, trivial, diário, circular” e *paideia* a “educação, formação” nada mais distante do que uma educação diária/circular e uma educação enciclopédica – nos termos modernos. Fora este ponto tem-se a ciência de que um texto enciclopédico deve visar à funcionalidade, ou seja, uma das características fundamentais de uma enciclopédia é a de informar e separar o ordinário do extraordinário, característica esta não encontrada na NH. Justamente uma das marcas mais visíveis da obra pliniana é a forte presença do maravilhoso – *mirabilia* – mesclado com assuntos considerados úteis e sérios.

Desse modo, a tradição que considerou a NH como o primeiro exemplar de enciclopédia apoiou-se, no meu entendimento, na parte (b2) apontada por Eco, a chamada intenção do leitor, ou seja, baseada nos sistemas de significação de seu próprio tempo viu-se a obra como um exemplar tipicamente enciclopédico. Conclusão facilitada é verdade, pelo caráter de consulta que a NH conserva até os dias de hoje e a fama de um livro com informações desconhecidas e úteis para ótimas notas de rodapé – espero que nos dias atuais ninguém a consulte mais para saber que medicamento tomar durante uma crise qualquer!

Fechando a Primeira Parte temos subdivisão sete - *De sandálias e respiração forte: um homem sábio e tipicamente romano* - escrita com o objetivo de apresentar o autor através de diversos olhares. Como a minha dissertação foi sobre Plínio, o Jovem – mais do que sobrinho foi adotado por Plínio, o Velho e herdeiro de grandes laços clientelares – parti das epístolas trocada entre ele e diversos homens de vida pública romana dos fins do século I d.C.

⁹ ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. – São Paulo: Editora Perspectiva, 2000, p.07.

Elas são as fontes mais próximas que relataram a erupção do Vesúvio em 79 d.C., tragédia responsável pela morte de Plínio, o Velho. Busquei relativizar o modelo de morte científica propagada por tantos séculos, o qual apresentava a morte de um naturalista, ou mesmo a de um cientista, que fora de encontro à morte devido às suas ambições de observador e estudioso. Além da narração dos últimos momentos da vida de Plínio, o Velho as epístolas de seu sobrinho oferecem várias características pessoais e a listagem completa das obras escritas por seu tio. Numa análise mais geral o que vi nos relatos de Plínio, o Jovem sobre seu tio obedeceu à mesma dinâmica do que observei na construção da imagem do Imperador Trajano: uma construção discursiva pautada em grande beleza estilística mesclada ao heroísmo e virtudes de um bom cidadão. Desse modo, Plínio, o Velho foi retratado como um exemplo a ser seguido por outros cidadãos que almejassem uma vida dedicada ao Império e aos estudos, pois, até no momento de sua morte, ele não sofreu das angústias inerentes aos humanos, mas a encarou com coragem – mesmo sufocado por gases!

Na Segunda Parte da tese surgem as discussões que chamei de *Argumentos* – num total de quatro. Essa foi a maneira mais objetiva que encontrei para tratar de assuntos dispersos e distantes das discussões costumeiras acerca da NH. Nesta parte percebe-se a importância dos questionamentos levantados no início do trabalho: como entender a História Natural como uma obra do gênero de História? Se o conceito de História aparece na obra pliniana, qual é o seu conteúdo/definição? É possível entender a NH por outro viés que não o do enciclopedismo? Por vários momentos as três inquietações tornavam-se apenas uma em minha mente – perigo que espero ter corrigido satisfatoriamente ao longo dos Argumentos. Talvez pelo peso da tradição algumas de minhas afirmações carecem de maior ênfase, pois o normal dentre os estudos acerca da NH é rotulá-la como uma enciclopédia e não como uma obra do gênero de História. Embora, é preciso reforçar, muitas das inquietações dos estudiosos que apontamos anteriormente ultrapassem as questões do enciclopedismo da NH – Francisco Oliveira e Guy Serbat são dois autores que não possuem nenhuma dificuldade em chamar Plínio de historiador, por exemplo, mas não deixam tão clara a inclusão da NH no rol das obras do gênero de História. Todavia, por precaução, intitulei a primeira subdivisão de *Quem exagera o argumento prejudica a causa*, visto que minha intenção é fomentar debates acerca de minhas propostas e não exagerar nas afirmações para tornar o texto intragável ou letra morta.

Desse modo, o *Primeiro Argumento: do emprego da palavra “História” no Prefácio Epistolar e no Livro I* apresenta os trechos em que Plínio usou o termo tão caro aos

historiadores, qual seja, *História*. Contudo, por não se tratar de uma tese filológica meu Argumento não é focado no mapeamento das ocorrências do termo História no texto pliniano. Neste momento a integração entre a palavra e o contexto foi exigida a todo o momento. Aqui percebi algumas nuances que permitiram aguçar a percepção do conceito de História para Plínio. Diferente de autores como Tito Lívio, citado por Plínio em seu Prefácio, as ambições e propostas que vi no texto pliniano contemplam outros assuntos, outros públicos e, por conseguinte, uma visão da História muito particular. Apesar destas particularidades que compõem o pensamento histórico de Plínio foi inevitável o esbarrar-se com os temidos *topoi* literários que alimentam muitos discursos da Antiguidade – principalmente os de viés histórico.

Embora não descarte a valia da noção de *topos* penso que a vida vivida do autor também deve ser considerada num trabalho historiográfico. O que pretendo com tal afirmação é atentar para a impossibilidade de afirmar categoricamente que um autor não poderia acreditar ou deixar de acreditar naquilo que escrevia apenas pelo fato daquela crença, ou mais apropriadamente, daquele discurso, ser um tipo de fala comum a outros pensadores ou a um tipo específico de gênero discursivo. Dou um rápido exemplo: Plínio afirma em seu Prefácio Epistolar que Tito Lívio buscou apenas glórias pessoais ao escrever sua obra de História. Tal postura carecia de honradez, pois um autor romano deveria escrever em nome das glórias do povo romano. Notável que o tipo de discurso de Plínio é típico de pensadores romanos da época republicana e do início do principado romano, contudo como poderíamos tirar de tal constatação a certeza de que Plínio apenas seguia o *topos* literário e não acreditava neste tipo de argumento? Muitas vezes o que vejo é o uso do *topos* como uma explicação preguiçosa que remonta ao pensamento cotidiano do “É assim, pois Deus assim quis”. Noutros termos: “É assim o discurso de Plínio, pois ele propaga o *topos* literário reinante em seu tempo”. Retomando o exemplo da crítica de Plínio à postura de Tito Lívio – considerado um *topos* literário – afirmo através das constatações da vida de Plínio que sua trajetória militar, política e literária condizem com a afirmação de “glórias ao Império e não ao indivíduo”. Claro que isto não impede o uso, por parte de Plínio, de recursos estilísticos ou retóricos em sua obra, mas não se chega a nenhuma das conclusões – acreditar ou não acreditar naquilo que escreve - por inferência.

Na sequência das discussões sobre os usos da palavra História no Prefácio e no Livro I propus o *Segundo Argumento: das Musas*. Falar sobre as Musas numa obra de História seria um impeditivo para sua veracidade? A inclusão deste tema que numa primeira leitura era

marginal em minhas leituras ganhou importância quando li nas primeiras linhas da NH o seguinte:

Estes livros de História Natural, nascidos de minha última criação/juízo e que são uma nova tarefa para as **Musas** de seus cidadãos romanos, resolvi oferecê-los a ti com esta informal epístola, Gracioso Imperador (tal é, de fato, o título que mais se ajusta à sua pessoa, já que o de Máximo corresponde à velhice de seu pai).¹⁰

A ideia de uma “nova tarefa para as Musas” foi o suficiente para que diversas ideias surgissem em minha cabeça. Da procura pelos limites do conhecimento das Musas que, num primeiro olhar, possuem como característica o não-limite, até a proposta de que o registro da memória e a consulta a outros escritos seria uma função tipicamente humana e muito bem pensada por Plínio, o Velho. Se as Musas inspiravam os aedos gregos com seus poderes de ver o passado, o presente e o futuro caberia ao historiador registrar os acontecimentos à sua maneira. Neste Argumento coloco em dúvida a primazia do *ver* e *estar presente* para que o registro tivesse maior credibilidade, pois a consulta e leitura ganham grande importância no trabalho de Plínio – apesar das viagens e registros destas viagens por parte do autor. Aqui também é perceptível a força da *tradição* para os historiadores da Antiguidade, pois aquilo que já foi dito merece ser retomado com a força da verdade.

Outro motivo para dedicar um Argumento às Musas é a noção difundida por muitos estudiosos de que Plínio foi um propagador de credices e superstições de sua época. Para resolver estes problemas tomei como base a distinção entre “histórias verdadeiras com objetos falsos” e “histórias verdadeiras com objetos verdadeiros”. Basta uma leitura atenta para entender que muitas das maravilhas descritas por Plínio compõem apenas o imaginário comum de sua época e não as crenças particulares do autor. Encarar a NH como uma obra que traz todas as crenças que Plínio propagava é uma leitura ultrapassada e cheia de pré-conceitos doutras épocas, pois a obra nos traz um panorama geral da sociedade romana do século I d.C. – com suas crenças “verdadeiras” e “falsas”¹¹. Basta uma simples provocação para excluir tais leituras da NH: um autor que escreve hoje sobre as teorias racialistas dos séculos XIX e XX é considerado um seguidor de tais ideias pelo fato de registrá-las e apresentá-las? Aos meus

¹⁰ (grifo do autor). Plínio, o Velho. *NH. Praef. 1*: “*Libros Naturalis Historiae, novicius Camenis Quiritium tuorum opus, natos apud me proxima fetura licentiore epistula narrare constitui tibi, iucundissime imperator – sit enim haec tui praefatio, verissima, dum maximi consenescit in patre*”.

¹¹ Se a crença exigisse a compreensão completa de todas as noções que a constituem, teríamos na verdade pouquíssimas crenças. (MOSER, Paul K. **A teoria do conhecimento**: uma introdução temática. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. – 2ªed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008, p.52)

ouvidos soa como um absurdo! Guy Serbat é mais taxativo nesta questão: “imaginar que Plínio se solidariza con las innumerables fábulas que recoge es tan ridículo como, por exemplo, imaginar a um Lévy-Strauss compartiendo las creencias de los índios del Amazonas”¹². Quem leu/lê a NH neste afã de correlacionar a escrita com a crença corre o risco de entendê-la mal além de ignorar posturas adotadas por outros pensadores da Antiguidade, tais como Heródoto¹³ e Pausânias¹⁴.

Justamente através da noção de registro e apresentação que o *Terceiro Argumento: da dinâmica das autoridades estrangeiras e latinas* foi escrito. Quando busquei compreender a noção de História na NH e como entendê-la como uma obra do gênero de História a quantidade de fontes citadas por Plínio chamou minha atenção. No Livro I Plínio apresentou um índice¹⁵ com os assuntos que ele desenvolveu em cada um dos outros 36 livros seguido por duas listas recheadas de nomes: a primeira referente às autoridades latinas e a segunda às autoridades estrangeiras. Uma característica peculiar e que dá forças para o texto ser visto como uma obra do gênero de História – principalmente se levadas em consideração às legitimações historiográficas que guiam o fazer História dos tempos atuais. Na tentativa de organizar os nomes que ali aparecem elaborei duas tabelas que estão expostas como Apêndice 1 (fontes estrangeiras) e Apêndice 2 (fontes latinas). Lá recolhi cada nome elencado por Plínio no Livro I apontando em quais livros ele as citou como autoridade e o número total de tais citações. O espantoso número de 308 autoridades gregas e 134 latinas era quase suficiente para entender que estava diante de um historiador antigo, pois de um erudito com certeza eu estava – limite difícil de mapear quando se fala de pensadores da Antiguidade.

No tocante a esta distinção entre historiador e erudito penso no texto de Paul Veyne *Os gregos acreditavam em seus mitos?* no qual o autor caracteriza o que seria o historiador da Antiguidade. Não se fazia necessária a nomeação das fontes usadas – característica que Plínio possui -, mas a ideia de que a *tradição* legitima a sua escrita. O historiador ao escrever sua obra coloca-se na linha da tradição esperando, um dia, ser lido e compreendido como partícipe de uma longa tradição que avalia as verdades propagadas na sociedade. Todavia,

¹² SERBAT, Guy. Op.cit., p.16.

¹³ “Limite-me a relatar o que dizem os próprios árgios”. (Heródoto. *História VII.152*) Passagem muito conhecida da obra herodiana em que fica clara sua postura diante do que lhe foi narrado – narra, mas disso não se retira que ele acredita no que escreve.

¹⁴ “Meu dever é dizer o que me disseram, e não acreditar em tudo, e o que acabo de declarar aqui vale para o resto da minha obra”. (Pausânias. *Descrição da Grécia VIII.8,3*).

¹⁵ Muitos autores chamam o Livro I de “tábula de conteúdos” - uma espécie de sumário/índice.

vejo certa confusão na argumentação de Veyne quando afirma que “um historiador antigo não utiliza fontes e documentos: ele próprio é fonte e documento; ou antes, a história não se elabora a partir de fontes: ela consiste em reproduzir o que os historiadores disseram dela, corrigindo ou completando eventualmente o que eles nos ensinam”¹⁶. O fato de reproduzir o que fora dito anteriormente não significa que o autor não partiu de fontes, mas tão somente que reproduziu tal fonte.

A partir da organização dos nomes e dos números de citações das autoridades alguns questionamentos apareceram: ali estava a lista de reais influências na escrita da NH? Como entender a disposição das autoridades vinculadas aos assuntos e, principalmente, vinculadas a uma obra de História? Desse modo, tomei outra decisão: selecionei alguns autores que poderiam contribuir para as discussões de minha tese – gregos e latinos – e procurei os seus nomes em toda a NH. Minha intenção foi a de recolher uma base consistente de informações comparativas, ou seja, os autores que foram citados no Livro I realmente eram citados em igual medida durante a escrita da NH? Note: não se trata de ignorar a influência das ideias em prol da simples citação nominal, mas sim, a de rastrear e entender a maneira como Plínio apresentou explicitamente as suas fontes. A partir disso elaborei outras duas tabelas que estão dentro do Terceiro Argumento: de um lado os números das citações no Livro I e do outro o total de citações nominais noutros 36 livros. Daí chamar o Argumento de “dinâmica das autoridades”, pois autores que foram muito citados no Livro I perdem praticamente toda a importância no decorrer da obra. Outrossim, autores que não possuíam importância no Livro I ganham citações honrosas e numerosas no todo da NH.

Por se tratar de uma tese tive que optar por certos nomes para comporem as tabelas que estão presentes no Terceiro Argumento, pois não haveria tempo hábil para realizar a “dinâmica das autoridades”¹⁷ com todas as 442 autoridades. Assim, escolhi quinze autoridades estrangeiras e quinze latinas para demonstrar como se dá essa alternância de importância entre o Livro I e os outros. As tabelas foram importantes para fomentar outra

¹⁶ VEYNE, Paul. **Os gregos acreditavam em seus mitos?**. Trad. Mariana Echalar. – 1º Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014, p.24.

¹⁷ Explico melhor a metodologia que usei para compor a “dinâmica das autoridades” – uma tarefa de levantamento de informações: busquei todos os nomes citados como autoridades no Livro I (espécie de sumário da obra). Por exemplo: Varrão foi citado 31 vezes num quadro que permitia o máximo de 36 citações (esse levantamento está apresentado nos Apêndices 1 e 2). De todas as autoridades citadas por Plínio escolhi 15 nomes gregos e 15 latinos para compor outro quadro que está presente no Terceiro Argumento. A tarefa foi a de rastrear em toda a NH os trechos em que Plínio citou nominalmente aqueles 30 nomes. Por exemplo: o nome de Varrão apareceu 98 vezes nos outros 36 livros da NH.

discussão: alguns estudiosos afirmam que por se tratar de uma “tabela de conteúdos” o Livro I é um resumo, ou melhor, um paratexto do que se encontra na NH. Dois pontos ficam confusos neste tipo de análise: 1º) vários conteúdos que aparecem no Livro I não aparecem em seus respectivos locais dentro da NH; 2º) autores muito citados no Livro I perdem toda importância nas citações nos outros 36 livros. Talvez a proposta de que o Livro I foi pensado como um *facilitador* e não um *resumo* seja mais correto desde que levado em consideração os erros e limites de tal índice.

Construída as duas tabelas de início às discussões teóricas, pois o que busquei foi a maneira como Plínio usou as autoridades por mim selecionadas. Conclusões interessantes foram tiradas dessa dinâmica de autoridades, visto que autores consagrados por suas letras bélicas, poesias heróicas, etc., foram usados e apresentados por Plínio através de outro prisma: o de uma História Romana sem o sangue podre das carnificinas, como diria o poeta brasileiro Augusto dos Anjos¹⁸. Outro ponto importante do Terceiro Argumento foi o fato de amenizar o discurso de que Plínio apenas repetia o que suas fontes diziam, pois em muitos momentos analisados é possível entender as dissonâncias de pensamento entre a autoridade representante da tradição e a escrita pliniana – uma renovação que buscou o estatuto da tradição. Postura igualmente seguida por outros historiadores da Antiguidade.

O Argumento que encerra a Segunda Parte é intitulado de *Da Identidade* e surgiu a partir da seleção apresentada no Apêndice 3. Lá se encontra uma tabela com nomes, feitos, funções sociais e observações de diversos trechos da NH. Minha proposta foi apresentar uma nova forma de leitura da obra – pelo viés histórico – que aponta para a maneira de escrever uma História nos moldes plinianos. Defendo no Quarto Argumento que a NH é uma obra de História diferente de uma História da Tito Lívio, por exemplo, pelo fato de apresentar a cultura romana – sua *humanitas* – pelo viés do cotidiano e não dependente das grandes conquistas e dos louvores externos. Feitos que um cidadão romano poderia ver e sentir como “seu” sem a fixação da guerra, do sangue, da conquista, do Outro. Desse modo, era possível forjar uma identidade romana pautada noutras bases que exaltavam o *âmbito interno* de Roma¹⁹ e não sua dimensão *externa de conquistadora*.

¹⁸ Um uso da poesia *Psicologia de um vencido*:

“(…) Já o verme – este operário das ruínas –

Que o sangue podre das carnificinas

Come, e à vida em geral declara guerra (…).”

¹⁹ Grande parte dos feitos diz respeito à cidade de Roma – parte do centro para a periferia.

Serão inquietações desta natureza que apresentarei em toda minha tese atendendo ao que foi dito noutra ocasião: *Quem exagera o argumento prejudica a causa*. Se a pergunta final a respeito do que escrevi fosse: “Sua intenção foi resgatar Plínio, o Velho para as discussões historiográficas contemporâneas?” não tardaria em responder positivamente a esta inquietação. Talvez corrigisse apenas um ponto: a minha intenção é o resgate da *obra* e não de Plínio – o tempo do autor e o tempo da obra são distintos por mais que se teime o contrário. Ao encerrar a NH Plínio inaugurou o *tempo de sua obra* e em 79 d.C. encerrou-se o *tempo do autor*. Por mais vontade que alguém tenha em conciliar ambos os tempos tal tarefa será frustrada por natureza – tão efêmero seria o tempo da obra se justaposto com o tempo do autor! Outro ponto que é preciso deixar claro: em nenhum momento desta tese ambiciono que minha visão da NH como uma obra do gênero de História seja exclusiva, ou seja, que as outras leituras tornem-se inválidas. Também reitero que não tenho a intenção de que Plínio seja considerado *exclusivamente* como um historiador da Antiguidade – o problema acerca da legalização da profissão de historiador deixo para os Comitês atuais, pois uso o termo²⁰ historiador no sentido cabível para a Antiguidade: historiador como aquele que escreve uma obra do gênero de História atento a *tradição*, cronologia e certas lições morais. Se Heródoto, Tucídides, Tito Lívio, Tácito dentre tantos outros pensadores da Antiguidade ganham sem mais delongas o título de historiadores pelo fato de tratarem seus temas de forma histórica, proponho que Plínio também possa assim ser chamado²¹. Assim, trago a NH para o debate

²⁰ Vários são os problemas sobre usos de palavras que foram cunhadas na posteridade, mas que se aplicam para o passado. Alguns chamam apressadamente de “anacronismo”, mas esquece-se que a “fobia do anacronismo” é tão danosa quanto o próprio anacronismo. Não vejo nenhum problema em utilizar o termo historiador, visto que é evidente que não abordo Plínio, o Velho e sua NH da mesma maneira que abordaria Jules Michelet e sua História de França. Poderia ser feita a pergunta: então qual a necessidade de chamar Plínio de historiador? Para aqueles que já leram textos sobre Plínio e não o compreendem como um simples copista ou enciclopedista, a importância é enorme. Chamá-lo de historiador, assim como se faz com Heródoto, Tucídides, Políbio, Xenofonte, Tácito, Tito Lívio, etc., é compreender que Plínio também deve ser visto pela historiografia atual como um autor que pensou seu tempo de forma histórica – preocupado com a cronologia, com as relações entre os acontecimentos, com as lições que seus escritos ofereceriam (pensamentos de um *historiador* da Antiguidade).

²¹ Em determinado momento da pesquisa – Qualificação de doutorado – Prof.Dr. Bernardo Brandão levantou a ideia de que a História Natural apresentava certas características de uma obra de base da gramática (no sentido grego, qual seja: servir de auxílio para o ensino e leitura dos textos que ali estavam dispostos – uma primeira fase da chamada *Paideia*). Contudo, aponto que num pequeno espaço do livro *Plinio el Viejo* de Guy Serbat existe um capítulo intitulado “El Gramático”. Todavia, nele não estão presentes as possibilidades levantadas no momento da Qualificação, mas sim, a perspectiva de que Plínio também seria um gramático pelas outras obras que escreveu – *Studiosus* e *Dubius sermo*. Assim, a questão contribui para a minha tese: não se trata de categorizar Plínio como gramático ou historiador, botânico ou filósofo, mas de proporcionar que nós, historiadores do século XXI, possamos ver estas diversas faces de Plínio. O problema é que a historiografia vem colocando impedimentos em determinadas faces autorizando apenas aquelas que inibem o desenvolvimento de outras boas possibilidades. Daí a necessidade de afirmar a face de historiador, no caso desta tese, e, quem sabe, a face de gramático – a partir da NH – em trabalhos futuros. Dessa forma, fica aqui o agradecimento pela

historiográfico de nosso tempo, pois a grandeza de Plínio é mantida por suas próprias letras e pela vontade dos que agora vivem.

* * *

E se tivesse acontecido (...). Muito provavelmente esta frase é uma das mais ouvidas pelos historiadores. A questão da dúvida vinculada à curiosidade é fértil para desenvolvermos nossos pensamentos, mas também impõe dificuldades metodológicas e epistemológicas ao historiador. Como trabalhar com o *se* dentro do discurso histórico? A afirmação “não existe *se* na História” é garantia de objetividade? Questões tão interessantes que mereceram destaque na obra *Arte poética* de Aristóteles: historiador escreve o que aconteceu e o poeta escreve o que poderia ter acontecido. Visivelmente temos nestas linhas provocações que podem se desenvolver por muitas páginas, mas não é este o nosso objetivo. Aqui o objetivo é mais modesto: apresentar nosso trabalho a partir dos espaços que o *se* nos expõe. Desse modo, inspirados por incontáveis exemplos²² de historiadores, filósofos e literatos, que apresentam os seus temas das formas mais criativas, propomos a nossa maneira de iniciar a exposição de nossa tese. Nas páginas que se seguem teremos uma conversa entre um senhor de 56 anos e um jovem de 18 anos: Plínio, o Velho e Plínio, o Jovem. Esta conversa se passa na noite de 23 de agosto de 79 d.C. no último momento em que ambos puderam conversar, pois dois dias depois Plínio, o Velho morreu na explosão do Vesúvio. Nossa intenção é apresentar um simples diálogo entre um jovem com muitas questões e curioso em relação ao mundo que o cercava e um senhor tão curioso quanto, mas com certa vivência a mais. Alguns podem se perguntar se esta conversa realmente aconteceu. A nossa resposta é simples: *com certeza* os dois conversaram naquela noite de 79 d.C.²³. Todavia, a forma como apresentamos o contexto

perspectiva levantada na Qualificação, mas apenas posso apresentá-la como possibilidade sem a capacidade de atendê-la nesta tese.

²² Damos destaque para o livro *Capítulos de História: o trabalho com fontes* da historiadora Marcella Lopes Guimarães publicado pela Aymará Educação em 2012. Nele a autora se colocou em franca conversa com o Estagirita: “Autora: As pessoas tendem a acreditar mais no possível, mesmo que não seja verdade?”

Aristóteles: O possível inspira confiança. O que não aconteceu, não acreditamos imediatamente que seja possível, por isso, na tragédia, por exemplo, os poetas recorrem a nomes de personagens que existiram (...). (GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Capítulos de História: o trabalho com fontes**. Curitiba: Aymará Educação, 2012, p.112)

²³ Plínio, o Jovem nos relata a convivência com seu tio naquela última noite em sua Epístola VI.16.

e a liberdade discursiva são unicamente anseios de quem aqui escreve em 2015. Assim começa a nossa história²⁴:

Nada encantava mais a jovem mente de Cecílio do que as estórias que seu tio contava sobre tempos passados e lugares distantes. Ainda era muito jovem para conhecer tantos lugares como seu tio, mas já nutria a mesma curiosidade e paixão pelas descobertas. Cecílio perdeu seu pai ainda jovem e por isso foi adotado por seu tio, Plínio. Do pouco tempo que passavam juntos, Cecílio aprendeu duas coisas rapidamente: a importância da leitura e a dedicação à Roma. Era fácil entender os porquês disso, pois seu tio era conhecido pelo alto grau de erudição dentre os cidadãos romanos e também pelos serviços prestados ao Império. Uma das frases que mais ouvia da boca de seu tio era: *Cecílio, dedicas os dias ao Império e as noites a ti mesmo*. Numa destas noites o silêncio necessário para tio e sobrinho dedicarem-se aos estudos rompeu-se com uma angustiante pergunta de Cecílio:

- Tio, uma coisa não me sai da cabeça e talvez o senhor possa me ajudar. Em que momento o senhor soube o que faria de sua vida? Tenho 18 anos e não consigo imaginar um caminho tão claro em minha frente. O senhor já fez tantas coisas que nem mesmo sei numerá-las ou nomeá-las, mas sempre foi assim?

A pergunta pegou Plínio despreparado. Apesar de sempre tomar suas decisões conscientemente sabia que em alguns momentos seus caminhos também não foram tão claros. Muitas coisas feitas nem sempre significam muitas coisas *bem* feitas, pensou. Mas não poderia deixar seu sobrinho com aquela expressão de preocupação sem oferecer algumas palavras:

- Vê bem, meu querido Cecílio. Nem sempre fui este homem que vês agora. Muitos sonhos e desejos, que com certeza atormentam a tua mente, também estiveram presentes nas cabeças de todos os velhos de hoje. É verdade, como dizes, que fiz muitas coisas. Mas nem sempre as coisas que fiz foram planejadas para que hoje estivesse aqui. Quando me encontrava nas campanhas da Germania Inferior e Superior pensava que aquelas funções eram as que eu exerceria por longos tempos. Mas tantas foram as pessoas e os locais que conheci depois daqueles dias! Não saberia dizer se minhas andanças ocupariam mais espaço que minhas leituras...

²⁴ Por uma questão de facilidade de leitura chamaremos Plínio, o Jovem de Cecílio – nome oriundo da família de seu pai (*Caecilius*). O nome completo de Plínio, o Jovem era *Caius Plinius Caecilius Secundus*.

- Entendo suas palavras, tio. Sei que está preocupado em não afirmar que ainda sou jovem demais para tomar tais atitudes, pois pouca ou muita idade significa apenas pouca ou muita idade, nada mais! Mas numa vida com tantas conquistas no campo das guerras e no campo das letras, cabe a dúvida? Como o senhor dizia, as coisas não planejadas dizem respeito aos seus textos escritos durante as campanhas, ou a outras situações que não conheço? Pois torno a dizer: sua vida parece muito bem planejada.

- Os textos foram planejados. Tiveste acesso a dois deles logo após a morte de teu pai. Lembras da biografia de Pompônio Segundo? Escrevi este texto em homenagem ao meu amigo que comandou a Campanha na Germania Superior. Momento complicado e agravado pelos insuportáveis ventos quentes sobre o Reno até Moguntiacum. A cada letra escrita, uma gota de suor tentava apagá-la. O outro texto a que te referes é sobre o lançamento de dardos a cavalo. Lembro-me do espanto em teu rosto quando soubeste que teu tio havia guerreado e escrito um texto sobre técnicas de guerra. Por isso tanto repito a ti: *um bom homem é aquele que se dedica às letras tanto quanto às necessidades do Império.*

- Tenho todos os seus textos guardados. Penso em um dia escrever algo como o senhor, mas preciso dar atenção ao que escrevo para não arruinar com a fama de nossa família. O problema é que ainda não entendi que coisas não planejadas aconteceram ao senhor.

Lentamente Plínio se levantou e colocou-se a caminhar pela varanda da casa em Miseno. Suas memórias atentavam contra as palavras que demoravam a sair pela boca seca. Tomou mais um pouco do vinho que sobrara do jantar e sem mais temores colocou-se a falar:

- Cecílio, eu e teus pais vivemos tempos complicados. Nem sempre tivemos no comando de nosso Império cidadãos tão destacados quanto os flavianos. Vespasiano e seu competente filho Tito nos proporcionam as melhores perspectivas. Mas os ventos já sopraram para outras direções! Muito sangue foi derramado para honrar pessoas desonradas. Num destes períodos é que as coisas não planejadas apareceram. Já ouviste falar de Nero?

- Como não haveria de ouvir. Muito se fala de suas loucuras. É verdade que se dependesse de ouvir este nome de sua boca nunca o teria ouvido. Sempre me questiono como Nero pôde se transformar naquilo que foi tendo Sêneca como tutor. O senhor consegue imaginar alguém que deveria ouvir noite e dia conselhos como *os vícios sufocam os homens e andam a sua volta, não lhes permitindo levantar nem erguer os olhos para distinguir a verdade* e, mesmo assim, ignorá-los por completo?

- Nesse caso não necessito de grande imaginação, Cecílio. Vi com meus próprios olhos tudo acontecer. É verdade que meu espanto em relação aos ensinamentos de Sêneca é menor. As ideias de Sêneca e Afrânio Burro eram a favor do poder absoluto. Diziam que o Imperador não poderia confundir este poder absoluto com a intervenção em todos os ambientes da política. O problema foi que ambos não levaram em consideração a juventude de Nero. Imaginas tu, Cecílio, com 17 anos e o Império em tuas mãos?

- Se já estou confuso com os rumos que devo tomar agora, imagine com a responsabilidade de um Imperador!

- E que responsabilidade! Pois bem, meu querido sobrinho, apesar dos bons cinco primeiros anos de governança do jovem Nero, os outros dez anos reservaram desagradáveis surpresas. Sua ânsia por riquezas, luxos e laudações o levou para caminhos sem volta. Matou sua mãe, senadores e todos aqueles que um dia estiveram ao seu lado. Como não vi nenhum desejo de mudança nos rumos que Roma levava, tive que tomar uma decisão que muito me doeu. Pela primeira vez deixei de prestar serviço ao Império e me retirei para o consolo dos livros.

Ao notar o silêncio de Cecílio frente à revelação de que deixara de servir Roma no período de Nero, Plínio puxou sua cadeira para perto de seu sobrinho e sentou-se. O rosto do jovem curioso parecia não compreender que as histórias que ouviu sobre os feitos e desfeitos do Imperador Nero atingiram frontalmente a seu tio. Bastou um sinal com a mão para Cecílio voltar a se concentrar nas palavras de seu tio:

- Não imaginavas isto, Cecílio? Confesso que na época também não imaginei que isto poderia acontecer. Embora hoje não reclame mais, pois graças à minha retirada consegui terminar a escrita de duas obras. Uma delas dei à tua mãe para que guardasses para ti. Chamei-a de *Sobre os Eruditos* e nela escrevi um guia para a formação de um bom orador. Vejo pelas tuas belas palavras que já iniciou a leitura! A outra obra chamei de *Problemas da língua*, mas dificilmente será lida. Nossos conterrâneos sempre recorrerão ao consagrado tratado da língua de Varrão. Não os culpo. Eu faria exatamente o mesmo!

Desconcertado pela sinceridade irônica de seu tio, Cecílio não segurou o riso. Como um homem marcado por tantas batalhas e problemas ainda conseguia usar do bom humor, era um enigma para Cecílio. Buscando manter o mesmo clima de tranquilidade que agora pairava na casa, Cecílio entrou num assunto que sabia que agradava a Plínio.

- Tio, vamos falar de coisas boas! Conte-me novamente como foi que o senhor conheceu o Imperador Vespasiano e seu filho Tito.

- Ah, querido sobrinho! Sabes como agradar seu velho tio. Responde-me uma coisa antes: quem é o escolhido de hoje para as leituras que fazias?

- Quer mesmo saber? Espero que não fique furioso com as letras de Tito Lívio, que encantam minha noite.

Desconcertado pela astúcia de Cecílio, Plínio colocou-se a rir. Altas risadas ocuparam o espaço e até mesmo a mãe de Cecílio, que era irmã de Plínio, ria noutro cômodo com a diversão de ambos os homens.

- Cecílio, Cecílio. Estás aprendendo muitas coisas com seus mestres, mas, a ironia, tu tens de casa! Antes de voltarmos aos assuntos que nos levaram a boas risadas, volta teus olhos para os céus e me diga: o que achas do brilho das estrelas?

- Questão difícil para mim. Confesso que ando preocupado mais com as coisas da terra do que com os desafios dos céus. Diria que o brilho tem relação com a vontade de alguma divindade, é isso?

- De maneira vulgar, dizem que as estrelas possuem grande aliança com os homens. Que cada estrela corresponde a um homem. A que mais brilha pertence a um rico; a que menos brilha, a um pobre. Já ouviste que quando uma estrela se apaga significa que alguém morreu, assim como quando uma estrela aparece significa que alguém nasceu?

- Todas as afirmações muito presentes em nossos dias, tio. E não é assim?

- É mais fácil acreditar que sim, mas na realidade as coisas são bem diferentes. Vês o lampião aceso?

- Sim. O que tem ele?

- As estrelas funcionam mais ou menos como ele. Quando estão muito brilhantes é porque possuem um líquido que lhes dá todo o brilho. Quando diminuem o brilho significa que este líquido que funciona como um *flash* de fogo está em falta. Ou seja, caro Cecílio, nada de divindades, de vontades do homem ou de ricos e pobres. Estes estudos sobre os céus não são comuns em nossos dias. Já leste algo sobre Sulpicius Gallus?

- Como não, tio! Foi um importante cônsul do período glorioso da República.

- Sim. Talvez fosse esta informação que os textos de Tito Lívio lhe deram. Mas sabias que ele foi o primeiro romano a prever um eclipse lunar? Ou só conhecias a história do grego Tales?

- Nossa, tio, não sabia desse feito de Sulpicius Gallus. Por que não vemos isto nas obras de História?

- Não vês nas obras de Tito Lívio, mas está na hora de conhecer a minha última obra, chamada *História Natural*. Nela não falo sobre guerras, conquistas, sangue e carnificina, mas apresento uma História dos romanos através dos feitos mais dignos do cotidiano. Falando sobre ela, respondo às suas duas perguntas e ainda à provocação com os textos de Tito Lívio!

Cecílio se ajeitou na cadeira para ouvir atentamente o que o tio iria dizer. Antes da morte de seu pai, ouviu em casa uma conversa sobre seu tio ter dedicado uma obra ao filho do Imperador. Seus pais contavam que Plínio prestou serviço militar juntamente a Tito, filho de Vespasiano, e que nas campanhas da Germania chegaram a acampar no mesmo local. Grande respeito cresceu entre Plínio e os flavianos. Aproveitando a animação de seu tio, Cecílio perguntou:

- Conte-me, tio. Qual a relação entre a sua *História Natural* e a sua proximidade com o Imperador e seu filho, futuro imperador Tito? Parece que eu sabia apenas a metade da história!

- Cecílio, se me permitires, irei recuar um pouco a conversa para que tenhas o real entendimento das coisas.

- Claro, tio. Tenho grande interesse em conhecer como foi a sua trajetória dentro dos labirintos de nosso Império.

- Como bem sabes, ocupei o cargo de procurador por quase doze anos. Entrei no mundo público nos bons tempos de Claudio. O único Imperador dos Júlio-claudianos que merece meu respeito. Neste tempo estive sempre em campanhas militares na Germania e graças a estas marcantes experiências escrevi uma obra sobre as guerras com os germanos. Claro que naqueles tempos nossa família foi agraciada pela forma como Claudio entendia a política. Nossa ordem dos equestres foi muito valorizada e incentivada a participar no funcionamento do Império.

- Interessante escutar estas coisas, tio.

- Após os planos de Agripina, irmã do falecido imperador Calígula e mãe de Nero, Claudio foi envenenado. Ao menos foi esta versão que Afranio Burro contou para os ventos. Realmente passamos pelo *quinquennium aureum*, os belos cinco primeiros anos de

governança de Nero, mas logo após retirei-me do cenário público e voltei para a nossa terra natal, Como.

- Nossa! Quanta coisa aconteceu em tão pouco tempo.

- É verdade, querido Cecílio. Mas após o suicídio de Nero os tempos ficaram mais confusos ainda. Parecia que uma maldição rondava aqueles que chegavam ao trono do Império. Alguns chamaram de os três imperadores malditos, outros de os três fracos e ainda alguns criaram a expressão “tríade da morte”. Fato é que Galba, Otão e Vitélio revezaram o poder de Roma em menos de dois anos. Sorte que nossas propriedades em Como continuavam bonitas e produtivas, pois de lá não saí.

- Que saudade de Como! Precisamos nos reunir com nossos amigos e parentes para ouvir boas histórias novamente. Fará bem para minha mãe. Mas conte-me o que aconteceu depois dos três imperadores malditos.

- Após a morte de Vitélio, foi nosso querido Imperador Vespasiano que trouxe a paz novamente. Sua maneira de entender a política e minha experiência com seu filho Tito nas campanhas militares trouxeram-me de volta ao mundo político. Cecílio, que diferença! Garantias na educação e nos alojamentos das tropas foram suas primeiras medidas. Diferentemente de seus antecessores, tomou como princípio de seu tempo o incentivo aos professores de gramática e retórica. Como eu já tinha escrito duas obras sobre estes assuntos, senti-me muito valorizado!

- Então foi assim que o senhor voltou para a política? Através das obras de gramática e oratória?

- Não, não. O que fez com que eu voltasse foi a restauração política de Vespasiano, que nos deu, como equestres, um bom posicionamento. Pouco a pouco, o Imperador substituiu os indignos membros do passado pelos capazes equestres do presente. Fomos nós, os provinciais, que ocupamos os cargos diretivos da administração central e as procuradorias responsáveis pela arrecadação de impostos nas províncias. Foi como procurador que Vespasiano me enviou à Gália Narbonense, depois para Hispania Terraconense e, por fim, à Gália Belga. Toda esta trajetória em questão de cinco anos!

- Tudo isto me faz pensar, tio, se o senhor tem noção da sua importância para o funcionamento do Império? Com certeza, muitos ficariam arrogantes com tantos cargos e obras escritas num curto período de tempo.

Nessa hora Plínio desviou o olhar de seu sobrinho e buscou na calmaria das estrelas a inspiração de que precisava. Tinha a plena certeza de que manter a cabeça em ordem com tantas conquistas e honrarias era uma missão para poucos. Isto o tornava um homem importante, especial?...*pensava*.

- Vê, Cecílio. Nunca busquei com meus afazeres e minha dedicação aos estudos quaisquer glórias pessoais, mas sempre a elevação do nome de Roma e dos romanos. É neste ponto que questiono seu gosto por Tito Lívio, e sabes disso. Um homem que escreve uma História para ganhar honrarias e glórias pessoais não merece minha admiração. Lerás exatamente estas palavras quando tiveres acesso à minha obra *História Natural*. Assim como o luxo desmedido prejudicial a qualquer homem, a busca incessante por glórias e honras faz dele um indigno. Prefere ler o grandioso Varrão e verás a diferença!

- Lerei o que for preciso para chegar próximo à sua erudição, tio. Um dia voltarei triunfante nos lábios da humanidade!

- Cuidado com tão grandes ambições, jovem Cecílio! Outras circunstâncias que mostram que não posso dar tanto valor ao que faço são as próprias ações do Imperador Vespasiano. Tens ido a Roma?

- Sim. Algumas orientações de Nicetas de Esmirna acontecem em Roma. Por que pergunta?

- Basta olhar para o esplendor de Roma que verás que as coisas importantes são feitas por Vespasiano e não por mim. A reconstrução do Templo de Júpiter, no Capitólio, ficou perfeita, não? E a construção do Anfiteatro Flávio, uma verdadeira obra de arte está nascendo ali!

- Realmente obras lindas! Dizem que o Anfiteatro acomodará mais de cinquenta mil romanos quando estiver finalizado. Inacreditável!

- E não podemos nos esquecer, Cecílio, que Vespasiano ampliou as políticas de distribuições gratuitas de trigo, repartição de ganhos e espetáculos para a plebe urbana. Um verdadeiro Imperador com interesses culturais e formativos.

Com estas palavras ficou claro para Cecílio que a postura de seu tio era irredutível em relação às glórias e honrarias. Passou a entender perfeitamente os traços da filosofia estoica que marcavam as falas de Plínio, pois o luxo e a grandeza eram o primeiro e o último passo para a decadência humana. Somente agora compreendia outra conversa que ouvira de seus pais sobre Plínio. Diziam que Larcio Licínio, procurador da Hispania, havia oferecido alguns anos atrás uma pequena fortuna pelas anotações de seu tio. Algo em torno de 400.000

sestércios! O que perturbava a cabeça de seus pais naquela época era o fato de seu tio ter negado a venda de cadernetas com anotações. Talvez fossem destas anotações que Plínio construiu a *História Natural*. Cecílio voltou a perguntar para seu tio:

- Duas coisas ainda não estão claras para mi, tio. Qual a relação entre a sua obra *História Natural* e Tito? E como chegou até aqui em Miseno? Será que conseguimos conversar sobre isso sem que minha mãe nos interrompa para dizer que já é tarde da noite e que precisamos descansar?

- Com certeza, Cecílio. Tua mãe é muito compreensiva conosco! Começo pela segunda pergunta, pois é de fácil resposta. Após eu terminar minhas atividades como procurador na Gália Belga, retornei a Roma e o Imperador Vespasiano ofereceu-me o posto de comandante da frota tirrena, ancorada aqui em Miseno. Foi com grande orgulho que aceitei o desafio e aqui estamos conversando sobre todas as coisas! Deixei as fronteiras e campos de batalha para os mais jovens e com melhores condições físicas. Sabes muito bem que hoje aprecio boas comidas, bons vinhos, boas leituras e, se assim posso dizer sem parecer um louco, bons roncos!

Risos e diversos acenos positivos com a cabeça foram feitos tanto por Cecílio quanto por sua mãe. Memoráveis noites ambos ficavam por longas horas sem conseguir dormir graças aos roncos fortes de Plínio. A saúde de seu tio era algo que os preocupava, mas nada fora da normalidade de um homem de quase sessenta anos, pensavam.

- Agora, quanto à relação entre minha obra *História Natural* e Tito. Na verdade duas coisas estão presentes aqui. A primeira é a relação que construí com Tito na segunda vez em que estive na Germania Inferior sob o comando de Duvio Avito. Boas conversas e um ótimo espírito fizeram de Tito um homem respeitado entre nós na campanha. Por isso escrevi já no início de minha obra *és um bom companheiro em nossos acampamentos*. O segundo motivo um dia entenderás com maior afinco, pois pretendi dedicar minha obra para alguém que pudesse julgá-la como boa ou como ruim. Esta pessoa, em minha opinião, deveria ser Tito.

- Esta obra é muito extensa?

- Sim. São trinta e sete livros que versam sobre a Natureza, ou, melhor dizendo, sobre a vida em seus aspectos menos brilhantes.

- E um futuro Imperador terá tempo para ler esta obra toda?

- Pensando nesta questão, coloquei no início da obra uma tábula de conteúdos de todos os livros da *História Natural*. Tito apenas precisará consultar esta tábula para se localizar em minha obra. Acredito que este recurso também ajudará outros leitores, como você, Cecílio!
- Assombra-me que um homem tão ocupado tenha terminado tantas obras detalhadas como as suas, tio. O senhor até mesmo se deu ao trabalho de escrever uma continuação da *História de Aufídio Basso*! Quando que teremos acesso a ela?
- Somente após a minha morte, Cecílio. Como escrevi sobre os flavianos, não quero parecer um bajulador e publicar um texto sobre eles ainda em vida. Querido sobrinho, está ficando tarde. Devemos descansar para o dia de amanhã.
- Antes de deitarmos, tenho uma última pergunta, se me permite.
- A última, Cecílio.
- Quais são as suas principais inspirações quando escreve nas noites e trabalha nos dias?
- Todos aqueles que entendem que a completude de um homem se dá na aliança entre a dedicação aos estudos e a dedicação ao trabalho. Três grandes homens da República foram marcantes nesse sentido: Catão, Varrão e Cícero. Não poderia esquecer Cipião Emiliano Africano. É claro, Cecílio, que incontáveis outros cidadãos romanos e tantos outros gregos poderiam ser citados por mim. Inclusive nosso Imperador Vespasiano também possui a mesma disciplina dos dias e noites!
- Obrigado, tio, por mais uma conversa fantástica! Tenho certeza de que o seu nome também já está entre as autoridades de nosso tempo. Isto não o faz ter medo do futuro? Daqueles que um dia o lerão?
- Jovem Cecílio, os futuros leitores é quem nos julgarão! Deixemos esta tarefa para eles, pois já temos muitos problemas com os incontáveis autores do passado. Só tenho medo de que nossas letras sejam apagadas nos papiros e não alcancem a glória eterna!

Depois desta resposta, Cecílio apenas viu sua mãe apontando para o alto, onde uma grande nuvem tomava um aspecto diferente. Foi o suficiente para Plínio calçar suas sandálias e subir num pequeno morro para ver melhor aquele maravilhoso fenômeno que estava acontecendo. Uma grande nuvem se desenhava sem ninguém saber de onde ela saía. Pouco tempo depois, viu-se que a nuvem advinha do Vesúvio. Algumas partes eram da cor branca e outras acinzentadas e marcadas pela cor de terra e cinza. Todas estas características eram o

suficiente para Plínio querer observar este fenômeno mais de perto. Eis que Plínio arrumou a embarcação e partiu em direção ao desconhecido.

Um desconhecido que coloca fim à nossa história. *Oh Morte, tu és tão imprevista assim!?*

PRIMEIRA PARTE – VOZ FALADA E VOZES INVENTADAS: PLÍNIO, O VELHO E A FORÇA DE UM CLÁSSICO

1 *Dimensão de Plínio, o Velho: muito consultado e pouco lido*

*A sociedade moderna me parece uma celebração
de todas as coisas que nos afastam da verdade.
(Sogyal Rinpoche. O livro tibetano do viver e do morrer)*

Historiadores que usam e historiadores que leem Plínio, o Velho. Talvez esta reflexão proposta por Aude Doody em sua obra *Pliny's Encyclopedia: the reception of the Natural History* esteja entre as mais provocativas e inquietantes para aqueles que almejam estudar Plínio, o Velho (23-79 d.C.) e sua *História Natural*. A sutil, porém existente, diferença que Doody propõe em sua obra tem como objetivo nos alertar para algo importante: os *usos* de Plínio foram mais marcantes que as *reflexões* sobre seus escritos. Alguns poderiam tomar tal afirmação como contraditória, pois o uso não seria uma forma possível de reflexão, visto que àquele não estaria isento de certa significação mental? Que tal interpretação pode ser feita, sem dúvida – quais seriam os verdadeiros limites da interpretação já nos perguntava Umberto Eco²⁵ -, mas a partir do momento em que nos deparamos com a forma da obra pliniana a inquietação de Doody²⁶ ganha sentido.

Ousamos afirmar que nenhuma obra do mundo antigo pode fornecer tantas informações, conhecimentos, fantasias, tradições, pré-conceitos e por esta característica a *Naturalis Historia* foi consultada até o século XVI como um inventário de informações úteis²⁷. Conteúdos que vão desde geografia, antropologia, zoologia, biologia, medicina até agricultura, arte e mineralogia. Justamente por esta abrangência de áreas do conhecimento torna-se difícil encontrar um livro que aborde quaisquer aspectos de Roma que não incluía, ao menos em nota de rodapé, a *História Natural*. Contudo, quando as informações transmitidas

²⁵ Vide: ECO, Umberto. **Os limites da Interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

²⁶ Outro estudo que também apresentou uma questão próxima a de Doody foi o de Sorch Carey no livro intitulado *Pliny's catalogue of culture: Art and Empire in the Natural History*. Aqui a inquietação aparece nos termos “consultado vs lido”: “Yet in its similarity to modern-day encyclopedias, it has remained a work which is frequently consulted, yet rarely read”. (CAREY, Sorch. **Pliny's catalogue of culture: Art and Empire in the Natural History**. Oxford: Oxford University Press, 2003, p.01)

²⁷ DOODY, Aude. **Pliny's Encyclopedia: the reception of the Natural History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p.02.

por Plínio, o Velho²⁸ perderam a eficácia/utilidade na sociedade moderna seus escritos foram desvalorizados²⁹.

Seguramente os paradigmas do *fazer História* que compuseram os séculos vindouros da contemporaneidade desvalorizaram muito mais do que os volumes da NH: o currículo formativo do historiador sofreu forte amnésia no tocante ao conhecimento da cultura clássica responsável pela formação da cultura de nossa civilização.³⁰ Tal amnésia nos parece ser um traço marcante dos homens da contemporaneidade, mas o grave desses esquecimentos contemporâneos é a ausência quase completa da percepção de que tais esquecimentos existam. A consequência de tamanha desatenção foi a busca por novas orientações em áreas que não são capazes de responder satisfatoriamente os questionamentos de um historiador: “Buscam-se soluções definitivas para o profundo mal-estar do homem moderno em campos onde elas não podem estar: na economia, na tecnologia, nas ciências, nos movimentos ecológicos ou revolucionários”.³¹

Assim, amplia-se uma falsa interdisciplinaridade sem nos atentarmos para a necessária ampliação das discussões sobre novos métodos que contemplem os reais ganhos de uma interdisciplinaridade saudável – aqui se acrescentam outras áreas mais próximas da História, tais como Filosofia, Sociologia, Antropologia, Filologia, todas inseridas nas mesmas preocupações anteriormente citadas. Da mesma forma perigosa, vemos em momentos diversos a fixação dos estudiosos por “ismos”³² quaisquer que possam, quase magicamente, explicar e ornamentar belos pensamentos – praticamente uma frenética gana em dar cidadania ao pensamento. Assim, a confusão entre pensamento original e pensamento novidadeiro – um pensamento deve ter validade, não necessariamente vigência - atinge frontalmente os estudos da disciplina de História, incluindo as abordagens da historiografia antiga:

²⁸ A partir de agora iremos sempre utilizar apenas o nome Plínio. Quando for necessária a distinção entre Plínio, o Velho e seu sobrinho Plínio, o Jovem faremos os devidos apontamentos. Da mesma forma, passamos a usar a sigla NH para referenciar a obra *Naturalis Historia*.

²⁹ A gradual emergência da Ciência Moderna pensada por Francis Bacon (1561-1626) apresentou novas formulações no estudo da História Natural – baseada no experimento -, sendo um dos fatores que contribuiu para a exclusão de Plínio do cenário científico.

³⁰ ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Trad. Andréa Dore. - Bauru: Edusc, 2006, p.51.

³¹ LAUAND, Luiz Jean & SPROVIERO, Mario Bruno. **Tomás de Aquino: vida e pensamento** (estudo introdutório geral). In: Tomás de Aquino. Verdade e Conhecimento. – 2º Ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p.02.

³² GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. Curitiba: Criar Edições Ltda, 2006, p.70.

É preciso insistir: ser novo é um acidente do original. Original é o que lida com as origens, não o último no tempo. (...) Faltando-nos originalidade verdadeira, agarramos-nos à novidade na ilusão de que nela se encontre a verdade. (...) O que constrói uma verdade é sua perspectiva. O dito por último pode ser perfeitamente repetitivo.³³

Certos de que esses primeiros apontamentos atingiram os estudos da NH – desvalorização pela falta de utilidade; amnésia contemporânea; interdisciplinaridade forçada – buscamos elencar alguns porquês da NH ser posta de lado a partir do período moderno e chegamos a três momentos: a) a valorização de partes seletas da História do pensamento clássico; b) as crenças depositadas nos julgamentos da Filologia; c) a dificuldade em aceitar que a obra carrega características da Filosofia Antiga. Logo, a rede tecida entre estas três instâncias contribuiu para que a NH se transformasse em um objeto de coleção, mas não de estudos sobre as suas propostas. Como veremos, grande parte dos trabalhos do século XIX até os anos oitenta do século XX ficaram presos na ânsia de deslegitimar os estudos feitos por Plínio no século I d.C. baseados na perspectiva contemporânea do que *pode* ou *não pode* ser encarado como uma obra de História.

Apesar das críticas que serão levantadas a determinados posicionamentos de outras áreas e também em relação aos historiadores que fizeram pouco dos escritos plinianos concordamos com a afirmação categórica de Antoine Prost: “Queiram ou não os historiadores, a História não resume em si mesma o conjunto das ciências do homem e da sociedade. É uma disciplina entre outras e tributária, como as demais, das evoluções que afetam o conjunto desse campo científico”.³⁴ Desse modo, com a clareza que se espera de um trabalho acadêmico-científico, mas dotado de firmes posicionamentos que se abrem às críticas de possíveis leitores passamos às discussões anteriormente prometidas.

³³ GOMES, Roberto. Op.cit., p.71.

³⁴ PROST, Antoine. **As palavras**. In: René Remond (org.). Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p.295.

2 *Sobre a valorização de certos escritos da Antiguidade e a desvalorização da História Natural*

*Um clássico é um livro que nunca terminou
de dizer aquilo que tinha para dizer.
(Ítalo Calvino. Por que ler os clássicos?)*

No tocante à História do pensamento clássico vimos que até o século XVI a validade dos escritos plinianos vinculou-se à característica de inventário de informações úteis. Todavia, quando Francis Bacon traçou um real limite entre o conhecimento da natureza adquirido pelos *antigos* e a sua própria percepção da natureza tivemos a dicotomia *tradição vs inovação* posta em evidência. Lemos em Bacon:

(...) Se pudesse haver uma associação entre nós e os antigos, é com este gênero filosófico [a quem apraz o nada saber] que estaríamos mais ligados; pois estamos de acordo com muitos dizeres prudentes e observações feitas por eles acerca das variações dos sentidos e da falta de firmeza do juízo humano, e acerca da contenção e da suspensão do assentimento. A estes poderíamos ainda acrescentar diversos outros pontos pertinentes, a tal ponto que entre nós e eles reste apenas esta diferença: eles afirmam, sem mais, que nada se sabe, e nós afirmamos que nada se pode verdadeiramente saber pela via que até aqui percorreu a raça humana.³⁵

Daí decorre uma das principais causas da perda de validade científica do texto de Plínio e tantos outros indivíduos que abordaram temáticas ligadas à natureza, qual seja “o sentimento de confiança/otimismo metodológico quanto à obtenção de um método de interpretação da natureza, capaz de conhecer verdadeiramente as Formas das coisas”³⁶. Se até então não poderia se saber quase nada da natureza era pelo fato da via que estava em uso não ter eficácia garantida e não pelo limite do intelecto humano. Tanto metodologicamente quanto epistemologicamente a virada do século XVI para o XVII mostrou que nos assuntos ligados à natureza as obras da Antiguidade deveriam ser reavaliadas e, graças a nossa vantagem temporal nos é possível afirmar, descartadas. Isso não significa que a admiração pelos *antigos* foi posta em cheque, o próprio Bacon continuou a escrever com o auxílio dos mesmos³⁷, mas sim que as perspectivas deveriam sofrer alterações.

³⁵ BACON, Francis. *Scala Intellectus sive Filum Labyrinthi*. II, 688. APUD: EVA, Luiz. **Francis Bacon: ceticismo e doutrina dos ídolos**. Cad. Hist. Fil. Ci. Jan-jun/2008; Série 3, v.18, n.1, p.47-84.

³⁶ EVA, Luiz. Op.cit.

³⁷ “Mas a despeito da alusão ao mito platônico (mantido, assim, num plano alegórico, diverso daquele em que os próprios ídolos são descritos), Bacon ilustra tais ídolos, no *Novum Organum*, empregando uma citação de Heráclito, segundo o qual ‘os homens buscam as coisas no pequeno mundo, e não no grande, que lhes é comum’”. (EVA, Luiz. Op.cit.)

Numa visão ligeira, temos bons motivos para compreendermos a desvalorização da NH por parte daqueles que pensavam o mundo natural ao seu redor, pois com os avanços obtidos na área das ciências a falta de comprovação empírica de muitas premissas antigas as deixava fracas e facilmente desmanteladas. A consequência direta de tal derrocada foi a postura adotada e reproduzida pelas ditas ciências até os nossos dias: o que nós das áreas de humanas vemos como *passado* as ciências veem como *ultrapassado*. Entretanto, esta constatação não engloba a totalidade dos textos advindos do passado, pois mesmo com as inovações científicas *certos textos da Antiguidade* mantiveram o grau de valorização dentre os pensadores modernos. Ora, escrito que não se desvaloriza é escrito que traz contribuições que não se alteram com os novos experimentos, poderiam dizer os modernos! Assim, nossa exposição recua alguns séculos antes de Bacon na tentativa de compreender a manutenção e valorização que *certos antigos* receberam por parte de pensadores que outrora seriam consultados.

Partimos do período em que a valorização dos antigos é sempre festejada por inúmeros estudiosos: o momento da criação de uma nova mentalidade anticlerical medieval. Nas palavras de Jacob Burckhardt:

A grande e geral tomada de partido dos italianos pela Antiguidade começa, no entanto, apenas no século XIV (...) tão logo pretendesse libertar-se das fantasias do mundo medieval, não poderia subitamente abrir caminho até o conhecimento do mundo físico e intelectual através do mero empirismo; ela necessitava de um guia, e foi enquanto tal que a Antiguidade clássica, com toda sua enorme bagagem de verdades objetivas e luminosas em todas as áreas do conhecimento, se apresentou.³⁸

No trecho percebemos as distinções entre o que Bacon propôs cerca de dois séculos depois – descartar os *antigos* em certas áreas do conhecimento – e o que queremos chamar a atenção: a retomada dos *antigos* durante o período do Renascimento buscou retomar os valores daquela civilização em que se julgava que o homem conseguira sua melhor realização (a civilização greco-romana). Daí o porquê de Plínio continuar figurando dentre os pensadores renascentistas, mas absolutamente vinculado à característica de inventário e não como representante dos valores e verdades objetivas da cultura romana. Ora, se Bacon descartou a NH devido a sua falta de precisão científica, os renascentistas não lhe renderam tantas glórias como a outros *antigos*. Não foi através das páginas da NH que Petrarca (1304-1374) encheu

³⁸ BURCKHARDT, Jacob C. **A cultura do Renascimento na Itália**: um ensaio; trad. Sérgio Tellaroli. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.180-181.

os seus pulmões de ares da Antiguidade e buscou opor o seu tempo ao, por ele chamado, período de *tenebrae* – mesmo sendo um leitor de Plínio, como veremos adiante.

A tão difamada “espessa noite gótica” de François Rabelais (1483-1553) foi receptiva à obra pliniana, mas tal circunstância não se mostrou problemática no caminho que marcou a separação entre *antigos*, medievais e modernos, pois os *usos* da NH feitos pelos criticados medievais eram os mesmos dos renascentistas. O importante era revalidar o humanismo e as concepções políticas, daí a importância em retomar *certos antigos* que pudessem fornecer valores elevados de humanidade e formas históricas originárias de instituições sociais – manter um dos autores mais lidos durante a noite de mil anos desde que suas contribuições não passassem de partos de elefantes e ervas medicinais, não era um problema para os renascentistas!

É com essa retomada de certos antigos como arautos da civilidade e erudição que percebemos a ânsia dos pensadores renascentistas em trazer à tona a jovialidade envelhecida de gregos e romanos que, nas encantadoras palavras de Jacob Burckhardt³⁹, “não significava imitação ou compilação fragmentária [das obras antigas], e sim o nascer de novo”⁴⁰. Nesse sentido, a valorização dos *antigos* por parte dos renascentistas ganhou uma marca que priorizava a oposição entre o período vivido por eles e o período anterior (medieval). Noutras palavras, o que estava em jogo não era apenas a retomada do sublime espírito de humanidade dos *antigos*, mas também a necessidade da desvalorização da produção medieval – objetivos interligados, mas diferentes. Com isso não descartamos a possibilidade de “verdadeiro amor à Antiguidade” nutrido por tantos pensadores renascentistas, mas salientamos que os usos de *certos antigos* tinham uma função específica além do sentimento amoroso.

A importância da leitura de um Virgílio, Ovídio, Lucano, Estácio ou Claudiano por indivíduos renascentistas, ou envoltos pelo espírito renascentista e pela chama da racionalidade, estava voltada para a tarefa de deplorar o momento da “Infame” voltaireana, e, quase como um subproduto, trazia novamente aos olhos a produção clássica, vista por alguns, como mera questão de erudição. Tarefa que não fora desempenhada com louvor, ao menos nas duras palavras de Montaigne (1533-1592):

³⁹ “A interpretação do Renascimento oscilou entre os dois extremos de uma oposição radical estabelecida entre o Renascimento e a Idade Média ou de sua continuidade intrínseca. A primeira oposição foi tomada por Jacob Burckhardt (*Die Kultur der Renaissance in Italien*, 1860). A segunda concepção inspira-se sobretudo na obra de K. Burdach (*Vom Mittelalter zu Reformation, Renaissance, Humanismus*, 1926)”. (ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. – 2º ed. – São Paulo: Mestre Jou, 1962, p.820)

⁴⁰ BURCKHARDT, Jacob C. op.cit., p.180.

É preciso ter rins sólidos para andar em companhia dessa gente. Os escritores sem discernimento de nosso tempo, e que em seus livros sem valor vão semeando trechos inteiros dos autores antigos para se enfeitarem, fazem o contrário; porque a infinita dessemelhança de brilho entre o que lhes é próprio e o que tomam de empréstimo dá um aspecto tão pálido, desbotado e feio ao que é deles que perdem muito mais do que ganham.⁴¹

Quiçá um dos momentos em que o pensamento clássico foi retomado sem a indelével marca política, incluindo Plínio e sua NH, foi no período das navegações ao Novo Mundo.⁴² A partir do século XV houve um movimento de recuperação dos textos fundamentais da História Natural grega e latina:

La obra de Plinio tuvo gran cantidad de ediciones desde el siglo XV y fue traducida al castellano, aunque no editada, en tiempos de Felipe II por el médico Francisco Hernández, el enviado por el rey al Nuevo Mundo para hacer un estudio de las plantas medicinales americanas y de su naturaleza em general.⁴³

Novamente percebemos que a retomada da NH esteve vinculada ao seu caráter *útil* de inventário, pois Plínio aparecia como um modelo de “História Natural” – em termos diferentes da proposta original pliniana. Outro rápido exemplo encontra-se na obra *Naufragios* de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca que segue a mesma lógica da citação anterior, qual seja, retira a carga política de certos textos da Antiguidade para repousar as crônicas em autoridades que serviam aos projetos de um século XVI – o mundo continuava para além das colunas de Hércules! Por isso obras como a NH ganharam vivacidade:

(...) nos parece pertinente establecer una relación comparativa entre la obra de Cabeza de Vaca y los libros de la *Naturalis Historia* que tratan sobre la antropología (VII), los animales terrestres (VIII), los insectos (XI), la botánica (XII-XIX) y las propiedades terapéuticas de las plantas (XX-XXVII) con el fin de resaltar aquellos temas y conceptos (*topoi*) que persisten en ambos textos (...) como establece Mariano Nava en *La curiosidad compartida*, ‘es posible demostrar que los mecanismos frecuentes en la historia antigua (...) se repiten en la Crónica de Indias’⁴⁴.

Assim, os interesses em Plínio fundamentavam-se em suas classificações de plantas e animais e a autoridade do autor não adentrava o espaço da grande História, ou seja, não se buscava na NH valores morais e políticos que pudessem inspirar os renascentistas em suas

⁴¹ MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios**. São Paulo: Nova Cultural, 2001, vol.1, p.148 (Coleção Os pensadores).

⁴² As obras de Aristóteles sobre os animais, a *História das Plantas* de Teofrasto, a *Sobre a matéria médica* de Dioscórides também foram retomadas com as “descobertas” do Novo Mundo.

⁴³ ÁLVAREZ PELÁEZ, Raquel. **La Historia Natural em tiempos del emperador Carlos V**. La importancia de la conquista del Nuevo Mundo. Revista de Indias, 2000, vol.LX, núm.218, p.18.

⁴⁴ UZCÁTEGUI, Laura M. **El saber transmitido. De la Naturalis Historia de Plinio el Viejo a Naufragios de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca**. Lemir. 2010; v.14: 247-258.

atividades de elevação do espírito de civilidade – seja a civilidade na própria Europa ou relacionada à aculturação nas Américas.

Dos renascentistas partimos para outro momento em que os *antigos* são retomados com outra marca: o uso de seus escritos como legitimadores de uma História das nações europeias no século XIX⁴⁵. Certamente nos repetimos quando escrevemos que a NH não teve espaço em tais discussões, porém diferente do que aconteceu com os renascentistas, aqui, nem mesmo o seu caráter de inventário útil manteve-se, pois as propostas levadas a cabo por Bacon foram cruciais e longevas. A valorização de *certos antigos* consagrou os autores com pensamentos elaborados em torno de temas políticos, bélicos, grandes homens e grandes acontecimentos – temas que importavam para os debates nacionais. Foram pensadores como Políbio⁴⁶, Cícero, Salústio, Tito Lívio, Tácito e Plutarco que constituíram os pilares da legitimação política-cultural através de máximas morais e sistemas políticos⁴⁷ – em ardorosos conflitos com os modernos.

Talvez a figura de Rousseau (1712-1778) nos seja suficiente para entender tais conflitos: “Rousseau foi o primeiro e, pode-se dizer, o mais importante propulsor da vontade e da ideia de nação”⁴⁸. Os escritos de Rousseau influenciaram diversos pensadores do século XIX, inclusive inspiraram o projeto de nação norte-americana associado a Thomas Jefferson (1743-1826), com uma característica determinante para a proposta aqui desenvolvida: “Leitor e entusiasta dos grandes pensadores políticos da Antiguidade clássica e das virtudes cívicas dos antigos e do humanismo cívico renascentista, (...) Com efeito, com Rousseau constitui-

⁴⁵ Não entraremos no tema sobre a legitimação das nações européias através do “colapso” do racionalismo proposto pelo Classicismo do século XVII, mas deixamos uma passagem esclarecedora sobre o *uso* do período Medieval como legitimador romântico das nações européias do século XIX: “(...) o equilíbrio e a harmonia na literatura e nas artes, que o Renascimento e o Classicismo do século XVII tinham buscado, cedia lugar à paixão, à exuberância e à vitalidade encontráveis na Idade Média”. (GUARINELLO, Norberto. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013, p.13)

⁴⁶ “Políbio teria – com a concepção do sistema de pesos e contrapesos, apoiadas em seu estudo histórico de Esparta e Roma – não só concebido uma forma mais elaborada e refinada de governo misto que os seus sucessores, como também se tornado referência para os teóricos do constitucionalismo antigo que lhe sucedera (Cícero em Roma; Tomás de Aquino e Ptolomeu de Lucca, na Idade Média; Maquiavel, Francesco Guicciardini, Bartolomeo Cavalcanti, Niccolò Sabellico, Gerolamo Garimberto, Giovanni Maria Memmo, Giasone de Nores, Pompeo Caimo, Donato Giannotti, Gasparo Contarini, Paolo Paruta, no Renascimento italiano; John Fortescue, Thomas Starkey, John Ponet, Thomas Smith, John Aylmer, Thomas Cartwright, Robert Parsons, Carlos Stuart, Philip Hunton, James Harrington, na Inglaterra; entre tantos outros)”. (LEVORIN, Paulo. **A República dos antigos e a República dos Modernos**. 2001. Tese (Doutorado de Ciência Política) – Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, p.05)

⁴⁷ Já no século XVIII o escocês David Hume (1711-1776) nos ensaios morais e políticos retomava Cícero, Salústio, Tácito, etc., para lhes conferir a *última palavra* em assuntos políticos.

⁴⁸ VOSSLER, Otto. **L’idea di nazioni dal Rousseau al Ranke**. Firenze: G.C. Sansoni-Editore, 1949, p.13.

se não só uma idéia de república democrática, quanto esboçou-se uma nação”⁴⁹. Mesmo lendo os iluministas, a força exercida por *certos antigos* marcou o pensamento nacionalista do século XIX, mas Plínio continuou fora dos círculos prioritários de leitura – reservado alguns suspiros de curiosidade e erudição.

Esta vinculação entre os *antigos* e as ideias nacionalistas européias ganhou força com a criação e institucionalização da disciplina de História Antiga nas Universidades

O aprendizado da História Antiga, feito nos moldes tradicionais, como Histórias separadas de nações vistas em sucessão, atuava como contexto para a contemplação e compreensão dos textos ‘clássicos’ escritos em latim e grego. (...) Participar dessa cultura ilustre, de difícil aprendizado, legitimava a superioridade das elites (...) produzia, além disso, uma memória do ‘Ocidente’, uma identidade ‘ocidental’, que explicava e justificava o domínio dos países capitalistas, mais desenvolvidos tecnologicamente, sobre o restante do globo.⁵⁰

Se no pensamento europeu os *antigos* apareciam com cores de nacionalismo também temos, saindo do espaço geográfico europeu, o exemplo de Alexis de Tocqueville (1805-1859) que em sua obra *A Democracia na América* pensou os *antigos* dentro da dinâmica social norte-americana: “traçava paralelos entre a participação política no sistema democrático em desenvolvimento nos Estados Unidos e a democracia dos gregos antigos (...) considerou que os puritanos da Virgínia agiam como se fossem os contemporâneos de Aristóteles na Ágora”⁵¹.

A ativa participação dos textos da Antiguidade em momentos marcantes da História Contemporânea nos leva a compreender a afirmação de Marcos Antônio Lopes:

Em numerosos casos o Moderno não vai muito além de uma continuação do Antigo. Mas, pensar assim seria simplificar demais o campo das controvérsias (...) as ideias dos Modernos não eram completamente suas, como muitos dentre eles tenderam a pensar. Os Modernos detinham sobre as suas ideias uma propriedade intelectual apenas parcial. Muitas delas foram visões residuais de um passado distante acrescidas de bem poucas novidades, sem querer dizer com isto que nada mudou no panorama intelectual dos séculos XVI, XVII e XVIII.⁵²

Claramente a passagem diz respeito à comparação entre autores da Modernidade e Antiguidade – tradicionalmente assim definidos – e não ao período das nacionalidades. Talvez

⁴⁹ ANTÔNIO DE PAULA, João. *A ideia de nação no século XIX e o marxismo*. Estudos Avançados. 2008; 22 (62), p.219-235.

⁵⁰ GUARINELLO, Norberto Luiz. Op.cit., p.26-27.

⁵¹ LOPES, Marcos Antônio. **Apresentação**. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). *Ideias de História: tradição e Inovação de Maquiavel a Herder*. Londrina: EDUEL, 2007, p.12.

⁵² LOPES, Marcos Antônio. Op.cit., p.14.

numa leitura apressada da passagem alguns pudessem sugerir que o autor e, por conseguinte o nosso posicionamento coloca-se como mero propagandista pró-Antiguidade. A leitura não é essa, pois não queremos com nossas letras afirmar que os *usos* que os diversos pensadores fizeram dos *antigos* não apresentaram acréscimos na História do pensamento Ocidental⁵³ – seria uma clara demonstração de *amnésia* do autor -, pois cientes estamos que para muitos pensadores os *antigos* não foram apenas um marco a ser imitado, mas uma fonte de inspiração para novas criações teóricas. Talvez o importante seja o reconhecimento de que muitas matrizes herdadas por nós tiveram a origem em épocas que já escapam de nossos olhos, mas não de nosso pensar. Além do que, se os embates entre tradição e inovação não gerassem novas perspectivas teríamos uma solidificação do conhecimento desde os tempos mais remotos, pois desde a Antiguidade existiam os “antigos e contemporâneos” que empunhavam suas penas da discórdia e concórdia – Plínio foi um exemplo, pois ao mesmo tempo em que retoma toda uma tradição latina e grega também se apresenta como um inovador.

Juntamente com a união entre os textos clássicos e as identidades nacionais europeias tivemos como fruto da chamada institucionalização da disciplina de História Antiga a produção de grandes obras que reforçaram e divulgaram o caráter de escrita centrado nos grandes homens, nas grandes guerras e na História do Estado: George Grote (1846-1856) e sua *História da Grécia*; Barthold Niebuhr (1776-1831) e Theodor Mommsen (1817-1903) e as *Histórias de Roma*. Via-se a História da Grécia como a de uma nação politicamente dividida, cuja unidade fora cultural, assim como a História de Roma foi normalmente relatada como a de um Estado-nacional expansionista, de um povo dotado de virtudes especiais⁵⁴. Assim, o formato da narrativa histórica sobre guerras e conflitos no século XIX mantinha uma íntima, mas reformulada relação com os temas da Antiguidade:

A erudição acadêmica ainda continuava solidamente plantada em raízes clássicas, pois, desde os primórdios a educação escolar até o cume da formação intelectual das elites europeias, voltada para a política (portanto, para a guerra e diplomacia), Cícero, César e Tito Lívio continuavam incólumes como bases didáticas. Os modelos políticos de Esparta, Atenas e da Roma republicana serviam também como referenciais para os movimentos liberais e nacionalistas na esteira da queda de Napoleão.⁵⁵

⁵³ A reformulação dos pensamentos anteriores pede grande conhecimento de quem propõe tal empreitada. Devemos ter ciência de que “continuidade, entretanto, não equivale a repetição inalterada”, pois se assim o fosse, Plínio estaria absolutamente enterrado nos cemitérios de ideias históricas. (LACERDA, Sonia. **Metamorfose de Homero: História e Antropologia na crítica setecentista da poesia épica**. Brasília: Editora da UnB, 2003, p.55)

⁵⁴ GUARINELLO, Norberto Luiz. **Uma morfologia da História: as formas da História Antiga**. POLITEIA: Hist. e Soc. 2003; v.3, n.1, p.41-61.

⁵⁵ MARQUES, Juliana Bastos. **A história magistra vitae e o pós-modernismo**. Rev. História da Historiografia. Agosto/2013; n.12: 63-78.

Assim, os dois momentos que abordamos apresentam certa convergência de pensamento: a retomada dos *antigos* como possuidores de saberes que poderiam guiar o tempo presente. Contudo, os objetivos mostram-se diferentes: enquanto os primeiros usavam os *antigos* com o intuito de *desvalorizar* o período anterior (medieval), os segundos buscavam nos *antigos* a gênese de suas nacionalidades (mito fundador) – com notáveis usos dos anteriormente desvalorizados medievais⁵⁶. Como veremos adiante, a NH foge destas características que proporcionavam a solidificação de identidades nacionais - apesar da notável exaltação a Roma, traço comum dos escritos do período republicano e do principado. Já entre os próprios *antigos* o gênero da NH estava fora do âmbito da chamada grande História, logo os seus inúmeros aspectos de cunho histórico não foram reconhecidos e incorporados pelos intelectuais que forjaram as nacionalidades e identidades europeias - limitando-se a *usos* pontuais. Foram os *Annales*, os *exempla* e *historiae* que encantaram e ocuparam as mentes dos homens modernos e contemporâneos.

Já nas discussões mais recentes que envolvem a escrita da História e suas dívidas com a historiografia antiga alguns posicionamentos mostram-se caducos. Se no século XIX o uso dos *antigos* desempenhou um papel “importante” nas letras de vários pensadores mesmo que marcado pelo característico veneno nacionalista, na primeira década do século XXI, para autores bem referenciados em vários círculos, a historiografia antiga é inútil⁵⁷. Note que tal categoria é ainda mais inferior que a desvalorização e os usos conturbados dos antigos, pois a não serventia (não apenas de Plínio, mas de toda a historiografia antiga) é o primeiro passo, ou o primeiro gole, das águas do rio Lethe. Claro que posicionamentos como este levam as discussões para locais não quistos pela maioria dos estudiosos, pois apelam para uma das características marcantes de nossos tempos, qual seja: o espetáculo discursivo, a disputa dos bufões.

Sorte a nossa que a historiografia contemporânea não se resume à postura anteriormente citada. Desse modo, seria inocência ou meramente polêmica acadêmica

⁵⁶ Jules Michelet (1798-1844) é um exemplo: em sua *Histoire de France* dedica seis volumes à Idade Média – com o passar do tempo algumas ideias sobre o medieval foram alteradas pelo autor.

⁵⁷ Aqui pegamos emprestado de Juliana Bastos Marques um breve exemplo de como as discussões sobre o *fazer história* que envolve o pensar sobre o “antigo” podem gerar desconfortos e posicionamentos questionáveis: “[numa palestra com Jörn Rüsen na Unirio em 2010] inquiri a respeito da relação dos estudiosos atuais com a historiografia antiga, haja vista que muitas categorias da divisão dessa matriz disciplinar me remetiam a pressupostos da escrita da história tal como a historiografia antiga os delimita. A resposta seca e objetiva do palestrante à minha pergunta me deixou perplexa: ‘a historiografia antiga hoje é inútil, pois a ruptura moderna é total e irreversível’. (...) acredito que sua resposta partiria da proposição do tipo, ‘a historiografia antiga é inútil simplesmente porque não é a nossa’”. (MARQUES, Juliana Bastos. Op.cit.)

desconsiderar o esforço e os trabalhos realmente significativos de Sir Ronald Syme (1903-1989), Keith Hopkins (1934-2004), Rostovtzeff (1870-1952) e Momigliano (1908-1987) dentre inúmeros outros totens da historiografia recente que mantiveram posturas contrárias à inutilidade e a desvalorização da historiografia antiga. As próprias palavras de Momigliano que não foram dirigidas às críticas apontadas anteriormente nos dão o tom de um discurso centrado e não de um espetáculo discursivo:

O que é novo em nosso tempo [1979] é que existem importantes correntes de pensamento que relativizam todos os historiadores – seja os do mundo clássico ou os de outras eras – e os consideram meros expoentes de ideologias, ou mesmo mais restritivamente, de centros de poder. (...) acredito que seja a combinação do declínio na autoridade dos historiadores clássicos como guias do mundo clássico com o declínio da autoridade de qualquer historiador como transmissor potencial da verdade, que realmente caracteriza nossa situação⁵⁸.

Como alertamos noutro momento nosso texto busca afirmar alguns posicionamentos que estão abertos às críticas, pois não pretendemos assumir a postura “Estou satisfeito com o que fiz” e não nos atentar para os diversos problemas que o pensamento alheio nos impõe. Dessa forma, antecipamos o questionamento que poderia nos ser feito: se temos alguns teóricos europeus atuantes no século XXI que colocam em cheque a utilidade da historiografia antiga, como pensar estas questões quando nos atentamos para o fato de sermos representantes da historiografia antiga *brasileira* frente às realidades vividas em solo europeu? Quais seriam as perspectivas e contribuições que podemos dar? Tal questionamento definitivamente não é simples, mas deve ser posto abertamente, pois a aceitação silenciosa de modelos explicativos importados sem o posicionamento crítico nos coloca na posição de expectador e não de produtor de conhecimento.

De modo geral, pensamos nossas contribuições a partir da interessante noção do distanciamento geográfico. Devemos esclarecer que esta distância física não se confunde com uma *incompreensão* de objetos de estudo, primeiro porque os objetos de estudo históricos não possuem natureza demonstrável apenas em seu território de origem e, segundo, que tal distanciamento não se confunde com um ostracismo teórico, ou seja, nos dias de hoje as informações adquirem a forma líquida – talvez com olhos positivos acerca da impossibilidade de manter o conhecimento com a mesma forma, pois assim nos é possível desmanchar o grau de hegemonia eurocêntrica frente ao Nós (recusamos abertamente o uso do termo “Outro” cunhado para demarcar a distinção entre o Eu – naturalmente o europeu - vs Outros).

⁵⁸ MOMIGLIANO, Arnaldo. **The place of ancient historiography in modern historiography**. In: den BOER, W. (ed.) *Les Études Classiques aux XIXe. et XXe. siècles: leur place dans l'histoire des idées*. Genève: Vandoeuvres/Fondation Hardt, 1979, p.148.

Assim, o real distanciamento estabelece a possibilidade de notar as querelas de uma História do Principado Romano, por exemplo, sem sucumbir aos grandes modelos explicativos dominantes no solo europeu – o que nós chamamos de uma *cultura cristalizada*. Também é significativo retomar a noção de que a produção europeia sobre História Antiga/Medieval apresenta-se carregada de valores identitários nacionais, fator que o distanciamento geográfico pode ultrapassar – para muitos estudiosos europeus deve-se perguntar se estudam História Antiga ou História Regional? Dessa maneira, torna-se possível acrescentar nas discussões o específico *olhar de fora*, não hierarquizado como melhor ou pior, mas considerando-o como *diferente* e, por isso, participe dos ricos debates historiográficos. São estas participações recíprocas que favorecem a dinâmica construção do saber histórico – mudanças de perspectiva.

Notadamente a boa produção historiográfica brasileira sobre a Antiguidade/Medievalidade começa a abrir caminhos para que os debates internacionais aconteçam efetivamente. Reproduzimos a fala da historiadora brasileira Aline Dias da Silveira durante o 1º Encontro NEMED-VIVARIUM *Historiografia, Poder e Identidade: da Antiguidade a Idade Média* ocorrido nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2013 na cidade de Curitiba: “O próximo passo da historiografia européia deveria ser na direção dos estudos feitos por não europeus sobre a Europa”. Talvez em campos da História Contemporânea este direcionamento seja mais bem compreendido graças a autores que se posicionaram contra o domínio intelectual europeu afirmando que são absolutamente capazes e independentes do que os europeus pensam a respeito de suas produções⁵⁹. Claro deve ficar: não pretendemos defender a ideia de que a produção europeia deva ser ignorada pelos estudantes de História Antiga – seria um discurso puramente ufanista -, mas buscamos expor os problemas e soluções que os representantes da historiografia brasileira podem propor nos círculos outrora dominados pelo pensamento europeu.

Importante salientar que em relação aos estudos plinianos a historiografia brasileira também sofreu/sofre dos mesmos *esquecimentos* que atingiram o além-mar (visto por olhos brasileiros), ou seja, muitos dos historiadores brasileiros também estiveram centrados noutros

⁵⁹ Um dos exemplos mais fortes é do ensaísta Frantz Fanon nascido em Martinica na América Central – até hoje um departamento ultramarino insular francês. Em sua obra intitulada *Os condenados da Terra* escrita em 1961 fez um chamado aos cidadãos do “Terceiro Mundo” para não aceitarem a racionalidade de colonização europeia.

autores que ficaram consagrados pelos pensamentos eminentemente políticos e bélicos, ou por tantas outras desvalorizações anteriormente citadas⁶⁰.

Um olhar sobre o conjunto de ideias que foram apresentadas até aqui nos mostra que a presença dos textos da Antiguidade ora adornaram os pensamentos de modernos e renascentistas, ora tiveram uma serventia pública – a tão visada utilidade da História! – nas elaborações nacionalistas do século XIX. Contudo, o ponto comum que mais nos interessa é outro: Plínio e sua NH foram *usados* enquanto gozavam da utilidade de um inventário e as características históricas, filosóficas, etc., foram eclipsadas pela força da tradição e pela leitura fragmentada da obra. Vejamos agora como as crenças depositadas nos julgamentos da Filologia contribuíram para a desvalorização dos estudos acerca da NH.

⁶⁰ Lembramos um trecho do “Discurso recitado no acto de estatuir-se o Instituto Histórico e Geographico Brasileiro” de Januario da Cunha Barbosa: “Este ramo de estudo, tão necessário à civilização dos povos, faltava aos patrícios. Mas consolamo-nos de um tal descuido, porque também o célebre Rollin, nos tempos em que a França já muito florescia por suas letras, lamentava sacrificar-se o estudo da história nacional ao de outras histórias antigas, como se só na Grécia e em Roma tivessem aparecidos fatos heróicos e varões prestantes, que merecessem ser imitados”. De acordo com Rodrigo Turin tais palavras serviam para alertar que *não apenas eles, mas também nós* tínhamos fatos memoráveis: “Essa estratégia de *heroicização* por meio de um paralelo entre o *antigo* e o *nacional*, poderia, por fim, ser estendida aos personagens dessa história em construção, como o fez, entre outros, o Visconde de Sapachay, então presidente do IHGB, ao justificar a falta de escritos históricos durante a época da Independência do Brasil – ‘os Tácitos estavam pois no senado e não podiam ainda escrever a história’”. (TURIN, Rodrigo. **Os antigos e a nação**: algumas reflexões sobre os usos da antiguidade clássica no IHGB (1840-1860). *Revue électronique du CRH*. 2011.; v.07.

3 Uma “aberração da prosa”: breves considerações sobre a escrita de Plínio, o Velho

*Se alguém compuser em verso um tratado de Medicina ou de Física,
esse será vulgarmente chamado de “poeta”; na verdade, porém,
nada há de comum entre Homero e Empédocles, a não ser a metrificação.
(Aristóteles. Poética I.5)*

É significativo o fato de que por um longo período a Filologia Clássica nada viu de excepcional nas letras de Plínio. Sua escrita sem rigor métrico, com características de anotações e com inúmeras lacunas não o tornou um grande literato. Notadamente este posicionamento leva em consideração alguns pontos que fogem do *fazer História* como entendemos neste trabalho – nada mais justo, pois se tratam dos apreciadores da Filologia, ou seja, sem o olhar do historiador. Todavia, quando conscientes do contexto histórico do século I d.C e, por consequência, da inevitável vinculação entre literatura e poder que marca a produção latina deste período, alguns reconhecimentos devem surgir. Talvez o mais importante em relação a Plínio é a perspectiva social e cultural admitida em seus escritos e menos política que a habitualmente divulgada noutras obras⁶¹. Com esta constatação podemos abordar a NH com argumentos que reconheçam sua diferenciação em relação aos *diálogos*, por exemplo, e outros gêneros mais “belos”.⁶²

Outro ponto que atinge a escrita da NH é a produção, principalmente a partir de Augusto (63 a.C-14 d.C), de obras voltadas para a formação geral do indivíduo – não apenas focadas nas virtudes republicanas -, mas na alcunha da *enkýklio paideia*. Aqui, novamente, alguns problemas surgem, pois muitos estudos construíram um elo ininterrupto entre a *enkýklio paideia* e as enciclopédias modernas. Sabe-se, entretanto, que nenhuma obra da Antiguidade e da Medievalidade foi intitulada⁶³ com esta expressão – e algumas sim e outras não desde o Renascimento.⁶⁴ Mantendo uma posição prudente quanto a estas discussões que

⁶¹ BARRIGÓN FUENTES, M. Carmen & IBÁÑEZ, Jesús M. Nieto. **Introducción**. In: AULO GÉLIO. Noches áticas. Trad. M. Carmen Barrigón Fuentes y Jesús M. Nieto Ibáñez. Madrid: Ediciones Akal, 2009, p.12.

⁶² Já no prefácio da NH Plínio afirma que seu texto não daria grande prazer na leitura, pois a aridez do assunto não permitia digressões nem relatos gostosos de contar e ler. Plínio, o Velho. *NH, praef.12-13*: “*Meae quidem temeritati accessit hoc quoque, quod levioris operae hos tibi dedicavi libellos: nam Nec ingenii sunt capaces, quod alioqui in nobis perquam mediocre erat, neque admittunt excessus aut orationes sermonesve aut casus mirabiles vel eventus varios, iucunda dictu aut legentibus blanda*”.

⁶³ O primeiro livro do século XVI a usar o termo *Encyclopedia* foi *The Governor* (1531) de Thomas Elyot (1490-1546): “The circle of doctrine...is in one word of greke Encyclopedia”. Rabelais em 1532 é o próximo a usar o termo, em francês, em seu *Gargantua*: “En quoy jê vous puisse asseurer qu’il m’a ouvert Le vrays puy et abisme de encyclopedie”. É apenas em 1541 que o termo, em grego, aparece em um título: *Lucubrationes vel potius absolutissima kuklopaideia* de Joachimus Fortius Ringelbergius – latinização de Joachim Sterk van Ringelbergh. (RUIZ DE ELVIRA, Antonio. **Universitas y Encyclopaedia (II)**. Sevilha: Revista Habis, n.29, 1998, p.363).

⁶⁴ RUIZ DE ELVIRA, Antonio. Op.cit., p.368.

tomam muito espaço quando se trata da NH pensamos que categorizá-la como uma enciclopédia acarreta vantagens e desvantagens. Vantagens pelo fato de não ficarmos perdidos numa produção que, sem dúvida, apresenta inúmeras semelhanças com as enciclopédias modernas. Até mesmo o *uso* proposto por Plínio em seu prefácio nos dá o tom que o autor buscava – não era preciso ler a obra completa, mas apenas consultá-la de acordo com as necessidades, ou seja, algo próximo das propostas de enciclopédias modernas. Todavia, também acarreta desvantagens, pois caímos nos riscos de creditar à obra pliniana uma característica impensada pelo autor: dar conta de todos os assuntos concernentes à formação do homem. Se assim fosse, estaríamos afirmando que Plínio não considerava oportuno que os cidadãos romanos tivessem em seu horizonte a gramática, aritmética, oratória, geometria, etc. Antonio Ruiz de Elvira posiciona-se nessa questão:

Em la Antigüedad son auténticas Enciclopedias: la de Sexto Pompeyo Festo (englobando do en ella a su predecesor Verrio Flaco y a su epitomador Paulo Diácono, pero no extensa, y bastante limitada a lo más arcaico y recóndito, y aun así preciosa) y la de Plinio (*Naturalis Historiae libri XXXVII*, amplísima, em número de datos y de temas, aunque muchos muy sumariamente).⁶⁵

Dessa forma, não nos é estranho que diversos estudos sobre Plínio debruçaram-se insistentemente sobre a classificação de sua obra como uma enciclopédia– inclusive exigindo de uma “enciclopédia” uma escrita bela! Em nosso trabalho a NH não será tratada como uma enciclopédia, pois pensamos que este enquadramento não contribui com as discussões aqui abordadas. Pelo não ou pelo sim, afirmamos que não estamos falando de como a *tradição usou a História Natural de Plínio*, mas que a *enkýkliō paideia*, no mundo latino, deve ser vista como “instrução geral, um saber básico que conjugasse a *curiositas* com a aplicação prática dos conteúdos doutrinários”⁶⁶ para a formação do homem e não como uma sistematização de todos os conhecimentos e de todas as áreas do saber – como uma enciclopédia moderna se propõe.

Entender a NH nos termos modernos do enciclopedismo é um claro exemplo de anacronismo, pois a obra de Plínio não aborda todos os temas que circundavam a sociedade romana do século I d.C e, uma das características principais das enciclopédias modernas, qual seja, a distinção “do que é necessário e do que é suplementar”⁶⁷ não é atendida na obra

⁶⁵ RUIZ DE ELVIRA, Antonio. Op.cit.

⁶⁶ BARRIGÓN FUENTES, M. Carmen & IBÁÑEZ, Jesús M. Nieto, op.cit., p.16.

⁶⁷ MURPHY, Trevor. **Pliny the Elder's Natural History: the Empire in the Encyclopedia**. Oxford: Oxford University Press, 2004, p.01.

pliniana. Assim sendo, concordamos com os estudos de Aude Doody que conclui sobre esta discussão: “Examinei a relação entre *enkýklio paideia* e o conceito de enciclopédismo e considero que não houve um gênero enciclopédico na Antiguidade ao qual Plínio pertenceu: se a *História Natural* é uma enciclopédia, esta é uma função adquirida em sua História da receptividade”.⁶⁸ Também o posicionamento de Marrou nos é caro para encerrarmos tal discussão:

Com efeito, nos escritores da época helenística e romana encontram-se numerosas menções deste termo [*enkýklio paideia*], que não caberia transcrever literalmente por ‘enciclopédia’, noção esta bem moderna e não corresponde, absolutamente, a expressão antiga. ‘Enciclopédia’ evoca, para nós, um saber universal: por mais elástico que possam ter sido os limites, a *enkýklio paideia* jamais pretendeu abarcar a totalidade do saber humano: na verdade de acordo com o sentido que reveste normalmente o vocábulo *enkýklios* no grego helenístico, *enkýklios paideia* significa simplesmente ‘educação vulgar, corrente e comumente transmitida’.⁶⁹

Entretanto, esta questão se faz presente, pois o termo *enkýklio paideia* aparece no prefácio da NH – na escrita grega, *ἐγκυκλίου παιδεία*. Contudo, ao nos atermos na passagem que Plínio utiliza o termo não o vemos indicar explicitamente que a *sua obra* teria a natureza de uma *enkýklio paideia*, mas sim, que através de suas leituras, Plínio revisitou tudo o que os gregos chamaram de *enkýklio paideia*:

Merecedores de tratamento antes de todas as coisas são os temas incluídos pelos gregos sob o nome de *ἐγκυκλίου παιδεία*; e, mesmo assim, eles são desconhecidos, ou porque foram obscurecidos por sutilezas, ou porque foram tão publicados que se tornaram obsoletos (...) Assim, mesmo se não conseguirmos – **executar a tarefa de falar sobre todas as coisas** [grifo do autor] – é honrado e glorioso na medida em que tentamos ao máximo resolver.⁷⁰

A consequência de tal atitude diante da produção grega foi magistralmente definida com a célebre frase: “[quero] dar novidade ao velho, autoridade ao novo, brilho ao antiquado, luz ao escuro, graça ao tedioso, credibilidade ao duvidoso”⁷¹, ou seja, Plínio almejava dar o tom romano para algo grego. Reforçamos que “falar sobre todas as coisas” não se refere ao *conhecimento completo* do seu tempo, pois Plínio afirma que trataria sobre a “vida, mas em

⁶⁸ “I examine the relationship of *enkýklios paideia* to the concept of encyclopedism and argue that there was no ancient genre of encyclopedia to which Pliny belonged: if the *Natural History* is an encyclopedia, this is a function of its reception history”. (DOODY, Aude, op.cit., p. 8)

⁶⁹ MARROU, Henri Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: E.P.U., 1973, p.276.

⁷⁰ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 15*: “*Ante omnia attingenda quae Graeci ἐγκυκλίου παιδεία vocant; et tamen ignota aut incerta ingeniis facta, alia vero ita multis prodita ut in fastidium sint adducta. (...) itaque nobis etiam non assecutis voluisse abunde pulchrum atque magnificum est*”.

⁷¹ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 15*: “*res ardua vetustis novitatem dare, novis auctoritatem, obsoletis nitorem, obscuris lucem, fastiditis gratiam, dubiis fidem, omnibus vero naturam et naturae sua omnia*”.

seu aspecto menos brilhante” e abre a possibilidade de sua obra ser amplamente complementada com outras informações. Neste ponto até mesmo provoca os estoicos, dialéticos, epicuristas e gramáticos afirmando que há mais de dez anos tentam escrever uma resposta para o seu livro de gramática (mais demorado que o parto de elefante!)⁷².

Sabe-se que tal empreitada – a escrita de um livro que abarcasse grandes conhecimentos – também foi ambicionada por autores romanos anteriores a Plínio. Os escritos de Varrão (116 - 27 a.C) – *Antiquitates rerum humanorum et divinarum* e *De re rustica* – já bastariam para validar nossa afirmação, pois a variedade temática e a erudição apresentada em suas letras foram dignas das mais altas laudações.⁷³ Cornélio Celso (25 a.C - 50 d.C) também nos aparece como outro autor romano que dedicou muitas páginas ao ensino do homem romano como, por exemplo, sua obra *De artibus*, na qual temas das mais diversas modalidades aparecem - agricultura, ciência militar, medicina, oratória, jurisprudência, filosofia, medicina.⁷⁴

Aqui poderíamos cair no senso comum quando o assunto é a NH e Plínio: tendo Varrão e Celso escrito obras gigantescas e tão variadas, Plínio “nada pensou” e apenas utilizou o que viera anteriormente. Antes de qualquer coisa é uma afirmação que somente pode ser propagada por aqueles que desconhecem por completo a forma como os romanos escreviam e pensavam suas obras – principalmente os que escreviam obras de História. Pautar-se nos antecessores; reproduzir aquilo que fora dito anteriormente e legitimar a tradição são traços compartilhados por todos os pensadores da Antiguidade romana. Um bom estudioso trazia à tona aqueles que pensaram sobre os seus temas em tempos anteriores – não muito diferente do que fazemos hoje com nossas longas citações e listas de bibliografia que dão fé ao nosso trabalho! Outros dois erros permeiam a afirmação de que Plínio nada pensou por ele mesmo:

1º) ao afirmar isto desconsideramos que Plínio estava absolutamente consciente da grandeza daqueles dois autores. A afirmação feita por parte da historiografia contemporânea sugere que Plínio teria aplicado um golpe injusto em Varrão e Celso, quase como um “ladrão de ideias”.

⁷² Plínio, o Velho. *NH. Praef.* 28-29: “Ego plane meis adici posse multa confiteor, nec his solis, sed et omnibus quos edidi, ut obter caveam istos Homeromastigas (ita enim verius dixerim), quoniam audio et Stoicos et dialecticos, Epicureos quoque (nam de grammaticis semper expectavi) parturire adversus libellos quos de grammatica edidi, et subinde abortus facere iam decem annis, cum celerius etiam elephanti pariant”.

⁷³ Considerado por Quintiliano (35-95 d.C) como “Vir romanorum eruditissimus” - o homem mais erudito dos romanos. (*Quintiliano, Instituto oratória*, X,1,95). Seus temas abrangeram: dialética, retórica, gramática, aritmética, geometria, astronomia, música, arquitetura, medicina, agricultura.

⁷⁴ De toda a obra de Cornélio Celso apenas uma parte pode ser lida em nossos dias: a chamada *De Medicina*.

Contudo, o próprio Plínio cita no Livro I da NH trinta e uma vezes o nome de Varrão e outras vinte vezes o nome de Celso, ou seja, no seu rol de *autoridades latinas* os dois ocupam o mais alto patamar – seguidos de *Sextius Niger* (dezenove vezes); *Licinius Mucianus* (dezoito vezes); *Hyginus* (dezessete vezes);

2º) a nossa leitura da NH nos faz afirmar que Plínio conjugou de maneira mais explícita a *curiositas e utilidade* dando a sua obra o tom de uma *enkýklios paideia latina* – Varrão e Celso estariam mais preocupados com a *utilidade* e menos com a *curiositas*. Olhando por este viés o recurso retórico utilizado por Plínio em seu prefácio – “esta empreitada não foi conduzida por nenhum romano e nenhum grego tratou de todas estas questões”⁷⁵ – pode ganhar vivacidade com as devidas proporções de um trabalho que clama pelo ineditismo, mas apoia-se numa tradição sólida e nominada.

Dessa forma, abrimos a possibilidade de entender a NH como o cumprimento de uma *enkýklios paideia latina*, ou seja, a conjugação entre a *curiositas* – que em Plínio ganha corpo através das *mirabilias* – e o saber prático necessário para um homem romano – talvez visando um grupo específico, os equestres do século I d.C. Vemos esta realização plena da *enkýklios paideia latina* na NH através do rompimento com a produção literária republicana tardia que ainda digeriria todo o conhecimento coletado dos gregos e buscava acrescentar alguns novos conhecimentos da cultura romana. Plínio, assim nos parece, apesar da admiração pelos gregos, colocou a *humanitas* romana em supremo destaque – o que não o diferenciava de tantos outros autores do início do principado romano –, *mas elegeu os pequenos feitos, a aversão às “histórias de sangue e carnificina”⁷⁶ e os homens comuns⁷⁷ como pilares da civilização romana, em termos mais ousados, da História Romana – diferente de tantos outros autores do início do principado romano.*

⁷⁵ Plínio, o Velho. NH. Praef. 14: “*nemo apud nos qui idem temptaverit invenitur, nemo apud Graecos qui unus omnia ea tractaverit*”.

⁷⁶ Plínio, o Velho. NH. 2.159: “*(...) a natureza mostra sua bondade em relação a nós (...) quando os ossos insepultos estão molhados com o nosso sangue, e, quando nossa loucura finalmente foi descarregada, ela chama a si mesma como um véu, e esconde até mesmo os crimes mortais*”. “*Placatiore tamen dea utimur ob hoc (...) quamque sanguine nostro rigamus insepultis ossibus tegimus, quibus tamen velut expurgato furore tandem ipsa se obducit et scelera quoque mortalium occultat*”.

⁷⁷ Por não encontrarmos outra expressão mais adequada devemos apontar alguns cuidados no uso de “homens comuns”. Não se trata de aproximações tolas com o “povo” que hoje compreendemos, mas está voltada à ideia de *homens destacados*, mas que não estavam ligados aos maiores feitos romanos. Estes mesmos indivíduos quando possuíam enorme destaque social, Plínio os apresenta em cenas cotidianas ou em narrativas que envolvem forças da natureza e outras situações que não as de sangue e carnificina.

Quem sabe estas constatações de cunho histórico possam abrandar as críticas feitas à escrita de Plínio, pois seus escritos ganham destaque quando visam assegurar o interesse e o ensino do saber especificado em termos de erudição e instrução geral. Se estas não bastam para redimir a posição literária de Plínio entre alguns estudiosos – o que diriam da afirmação de Serbat: “Plínio oferece um verdadeiro tesouro léxico”⁷⁸ – mesmo estes não podem negar a riqueza documental que a NH representa. Cabe agora discutirmos o processo de desvalorização pelo qual a NH passou através de certas abordagens da Filosofia Antiga.

⁷⁸ SERBAT, Guy. **Introducción General**. In: PLINIO EL VIEJO. *Historia Natural – libros I-II*. Trad. Antonio Fontán, Ana Maria Moure Casas (*et all...*). Madrid: Editorial Gredos, 1995, p.138.

4 *Sobre a desvalorização do sensível: a filosofia e seus descontentamentos*

*O homem afastou-se da natureza;
sente-a, sofre e não pode voltar atrás.
(Montaigne. Ensaios)*

O descontentamento de certas escolas filosóficas também atingiu a obra *História Natural*. Apesar de abordar temas típicos da filosofia pré-socrática, do estoicismo, do epicurismo, como por exemplo, a cosmologia, as preocupações com o agir humano (acúmulo de riquezas, bens materiais, luxúria, etc.) e a carga do moralismo vemos a exclusão/desconsideração que a tradição filosófica colocou sobre o autor no tocante àqueles assuntos – poucos são os estudiosos que se quer o consideram como representante do chamado estoicismo imperial ou estoicismo pragmático⁷⁹. Esta exclusão desconsidera a formação da elite romana que se baseava em grande medida nos suportes estoicos e na força deste ramo da filosofia vinculada à oratória. Que as adaptações e transformações na estrutura básica da filosofia original estoica aconteceram no mundo romano, isso é claro. Contudo, não é argumento válido para desconsiderar o conteúdo da releitura romana acerca das obras e pensamentos dos gregos.

Basta olharmos para as gerações de estoicos gregos posteriores a Zenão de Cítio (333 – 263 a.C.) e Crisipo de Solis (280 – 208 a.C.) que veremos ao menos dois nomes que estão intimamente ligados tanto a Roma quanto aos assuntos expressos na NH pliniana: Panécio de Rodes (sucessor de Antípatro de Tarso na “escolarca” estóica entre os anos 129-110 a.C.) e Posidônio (pupilo de Panécio). Ambos viveram nos fins do século II a.C. e faziam do diálogo platônico de *Timeu* um objeto de grandes estudos – diálogo que aborda questões sobre a ordenação do Universo, mundo físico e mundo eterno. Alguns estudos apontam que a leitura de tal diálogo tinha como foco a identificação do porta-voz de Platão no *Timeu* com um pitagórico – o que sugeria uma aproximação dos estoicos à figura de um dos grandes sábios do passado, Pitágoras. Ao analisar a lista de autoridades escrita por Plínio em seu Livro I temos Antípatro figurando uma vez, Panécio outras duas vezes; Posidônio cinco vezes; Pitágoras oito vezes e Platão está ausente na lista de autoridades de Plínio.

No tocante ao envolvimento com Roma, tanto Panécio quanto Posidônio estiveram próximos a homens proeminentes: Cipião, o Jovem, no caso de Panécio, e Pompeu e Cícero

⁷⁹ A própria denominação “estoicismo imperial ou pragmático” já reserva um lugar à sombra para esta corrente filosófica – no sentido prejudicial, rebaixando a filosofia praticada por tais indivíduos.

no caso de Posidônio⁸⁰. Outro estoico que manteve relações entre os romanos e divulgou suas ideias entre os pensadores da República romana tardia foi Antíoco de Áscalon – também esteve em contato com Cícero. Apesar de não estar citado entre as autoridades externas plinianas suas ideias conquistaram Varrão⁸¹ que foi a fonte mais citada entre as autoridades latinas de Plínio.

Mesmo diante dos inúmeros labirintos de “quem leu quem” e da clara tradição estoica encontrada nos escritos de Plínio ainda persistem, como dito anteriormente, as acusações de falta de originalidade⁸² da filosofia estoica desenvolvida em solo romano ou mesmo das comparações entre o estoicismo, platonismo e aristotelismo – em claras tentativas de hierarquização da filosofia. Jean-Pierre Vernant já desmonstrava preocupações quando o assunto era a filosofia estoica:

O estoicismo se apresentaria, em contraste, como uma filosofia da ação? Para dizer a verdade, não estamos convencidos disso. Entre Platão e Aristóteles, de um lado, e os estoicos de outro, existe ao menos um ponto em comum. O agente só é concebido como verdadeiramente ativo quando não há distância entre sua atividade e o produto dessa atividade.⁸³

Notadamente as transformações que os estoicos gregos propuseram para o novo filosofar mostrou-se conflitante com várias ideias platônicas e aristotélicas – “tempo como uma simples seção de um capítulo da física”; “ambição de reabilitar o sensível”; “tempo apreendido pela categoria exclusiva do presente”; “moral estoica nos traz os meios para agir e vivenciar o tempo presente”, etc. -, mas o que nos atormenta é a contínua repercussão de um discurso que difunde a ideia de uma “romanização do estoicismo” como algo pejorativo e normalmente interpretado como uma negação do *curriculum* estoico proposto por Zenão. Segundo esta visão estereotipada, o estoicismo foi filosoficamente pouco criativo durante o Império romano:

A exemplo do que ocorre com todos os estereótipos, também esse contém um elemento de verdade, mas obscurece aspectos importantes, como o estoicismo ter permanecido força filosófica atuante pelo menos durante os dois primeiros séculos da era cristã (...) o currículo

⁸⁰ GILL, Christopher. **A Escola no período imperial romano**. In: INWOOD, Brad (org.). Os estóicos. São Paulo: Odyseus Editora, 2006, p.23.

⁸¹ GILL, Christopher. Op.cit., p.24.

⁸² “Que, nesse contexto, significa ‘originalidade’? O tipo relevante de ‘originalidade’ não é, julgo, avançar um conjunto completamente novo de ideias, mas sim realizar uma jogada nova e significativa em um debate persistente baseado em uma estrutura de pensamento (estoica) preexistente”. (GILL, Christopher. Op.cit., p.41)

⁸³ VERNANT, Jean-Pierre. **Entre Mito e Política**. Trad. Cristina Muracho. – 2º ed. – São Paulo: Edusp, 2002, p.436.

educativo estóico, com suas três partes características, manteve-se, com importantes obras de continuidade nas três áreas (isto é, em lógica, ética e física).⁸⁴

Que era próprio da realidade romana centrar-se nos assuntos concernentes à ética, sabemos. Contudo, afirmar que o destaque dado a ética é uma negação às bases do estoicismo – natureza, lógica, ética – é ignorar ao menos dois pontos:

1º) a ética trabalhada pelos romanos é parte genuína e historicamente constituinte dos ensinamentos desde os tempos de Zenão e Crisipo. Inclusive, certos estudos afirmam que se não fosse a presença de Crisipo a lógica não teria o necessário valor dentro do estoicismo de Zenão: “Zenão admitia que ‘viver agindo segundo a natureza’ – uma máxima da escola – era bem mais importante que elaborar *lógoi*”⁸⁵. Também devemos levar em consideração que apesar do destaque de Zenão como fundador do estoicismo é de Crisipo que a essência do *corpus* estóico imperial é formada⁸⁶ - no Livro I da NH Zenão não aparece se quer uma vez como autoridade, mas Crisipo é citado dez vezes;

2º) novas abordagens apontam para estudos sobre a natureza, tais como os de Cornutus “*Sumário da tradição da teologia grega*”, de Sêneca “*Questões Naturais*”, Cleomedes “*Caelestia*”, e discussões de lógica em Epitecto, Sêneca e Marco Aurélio.⁸⁷ Sem nomear, evidentemente, as abordagens estoicas na NH de Plínio.

A negação da importância destas discussões – Filosofia em terras romanas - ganhou força quando entramos na conjuntura da filosofia pós-kantiana em que o foco das reflexões passou a girar em torno do “transcendental” ou “subjetivo” ou “absoluto” – corrente romântica alemã com Fichte (1762 – 1814) e Schelling (1775 – 1854). Notadamente, pensar que seria através da Filosofia que veríamos as maravilhas do mel das abelhas, enquanto a ciência poderia demonstrar apenas suas propriedades, assim como, mesclar discussões sobre metais e a moralidade, não faziam parte das ambições dos filósofos dos séculos XVIII e XIX. Entretanto, estas aproximações entre o mundo natural e as ações do homem expunham os tradicionais temas filosóficos do *bem x mal* permeados pela antítese *natureza/luxúria* muito apregoada por Plínio em sua NH, ou seja, o autor nos oferece bons traços da doutrina estoica

⁸⁴ GILL, Christopher. Op.cit., p.35.

⁸⁵ GAZOLLA, R. **O ofício do filósofo estoico**: o duplo registro do discurso da Stoá. São Paulo: Loyola, 1999, p. 15.

⁸⁶ GILL, Christopher. Op.cit., p.38.

⁸⁷ PAPAARAZZO, Ernesto. **Philosophy and science in the Naturalis Historia**. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) Pliny the Elder: themes and contexts. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.107.

em que o conhecimento é um ingrediente essencial para alcançarmos o *summum bonum* – e este bem não estava no acúmulo de riquezas, por exemplo. Este posicionamento que apresentava a noção de riqueza e auge do poderio intimamente ligado à degeneração dos costumes e instituições era comum aos estoicos romanos. Daí os maiores problemas em aceitar os luxos orientais responsáveis pela degeneração externa⁸⁸ e os tão avisados vícios que degradavam Roma internamente.

Indissociável destas novas conjunturas filosóficas é a sólida concepção do papel secundário que toda a tradição filosófica relegou aos autores romanos, sempre vistos como absolutamente sem expressão diante do gigantismo filosófico grego. Esta posição pauta-se em questões que estão além de nossa proposta, pois envolve a definição da própria Filosofia. Se Filosofia é unicamente o que os gregos originariamente fizeram, fica evidente o descarte de quaisquer posturas adotadas pelos romanos. Contudo, se Filosofia na Antiguidade pode ter familiaridade com o bem viver, condutas humanas, crítica de costumes, etc., não podemos ignorar a contribuição dos romanos. Dessa maneira, as propostas de Plínio sobre a origem do cosmos e sobre a postura do homem diante das coisas da natureza ou são vistas como meras reproduções sem pensamento próprio ou não atendem as demandas filosóficas da contemporaneidade e não ganham respaldo de uma tradição acostuada a encarar argumentos de Parmênides, Heráclito, Platão, Aristóteles, etc. Todavia, seríamos meros propagandistas se movêssemos nossos esforços em prol da equiparação entre Plínio e os gigantes acima citados - no tocante à filosofia -, pois não almejamos colocar nosso autor nos cursos de Filosofia, mas salientar alguns motivos de cunho epistemológico que levaram ao abandono da NH.

Temos como hipótese que este desinteresse dos estudiosos da Filosofia pela obra pliniana tenha raízes nas leituras da *Metafísica* aristotélica feitas pelas longas tradições filosóficas que definiam a figura de “sábio” de acordo com as propostas do estagirita – além de todas as outras circunstâncias já levantadas. No *Livro A, II-982* Aristóteles assim define as duas primeiras características de um sábio:

⁸⁸ Um dos exemplos dados por Plínio sobre a degradação via luxúria encontra-se no Livro 11.150: “[com a ideia] de que nada poderia faltar, a luxúria surgiu simultaneamente, com a queda de Cartago, uma coincidência fatal que nos deu a um e ao mesmo tempo o gosto pelos vícios e a oportunidade para se entregar a eles”. “*ne quid deesset, pariter quoque luxuria nata est et Cathago sublata, ita congruentibus fati, ut et liberet amplecti vitia et liceret*”.

- 1º) Consideramos, em primeiro lugar, que o sábio conheça todas as coisas, enquanto é possível, mas não que ele tenha ciência de cada coisa individualmente considerada;
2º) Ademais, reputamos sábio quem é capaz de conhecer as coisas difíceis ou não facilmente compreensíveis para o homem (de fato, o conhecimento sensível é comum a todos e, por ser fácil, não é sapiência)⁸⁹.

Como a NH propõe uma abordagem quase exclusiva do sensível a tradição filosófica a colocou como algo “sem sapiência”. Alguns estudiosos chegaram ao absurdo de afirmar que as *Questões Naturais* de Sêneca mostram um raciocínio estoico diante do mundo sensível, enquanto a NH coloca-se como um livro vazio de pensamentos e puramente descritivo, outorgando a Plínio a posição de um obsoleto copista – quase o antagonismo mais radical com a figura do sábio apresentada neste trecho da *Metafísica*. Esta desvalorização também ganha o aval se lembrarmos das discussões que abrem o mesmo livro aristotélico:

(...) nós preferimos o ver, em certo sentido, a todas as outras sensações. E o motivo está no fato de que a visão nos proporciona mais conhecimentos do que todas as outras sensações e nos torna manifestas numerosas diferenças entre as coisas. (...) Ora, enquanto os outros animais vivem com imagens sensíveis e com recordações, e pouco participam da experiência, o gênero humano vive também da arte e de raciocínios.⁹⁰

Como a NH, uma obra com fortes características do gênero de História da Antiguidade, apresenta em determinados momentos o apelo ao “ver”, inclusive como um dos critérios para a veracidade do narrado, as críticas acabam enfatizando a falta do raciocínio na obra de Plínio. Todavia, estes posicionamentos devem ser ponderados de ambos os lados, primeiramente pelo motivo da NH não ser uma obra de filosofia e, dessa maneira, não possuindo a necessidade de tocar em amplos temas de domínio específico. Em segundo, também não se trata de uma obra desprovida de quaisquer raciocínios ou pensares de Plínio e de tantos outros que ali estão. Ambas as posições pecam pelo excesso – talvez uma adaptação da justa medida aristotélica acalmasse os ânimos mais exaltados e sedentos por classificações pejorativas ou laudatórias.

Tomadas em conjunto as ponderações realizadas até o momento percebemos que muitos reveses podem ser atribuídos a NH. Entretanto, se a História do pensamento clássico, a Filologia e as discussões da filosofia clássica não concederam um lugar privilegiado aos escritos de Plínio dentre as grandes obras de estudo, isto não significa que a obra não tenha gozado de muito prestígio noutros campos: não político, nem de beleza, nem filosófico, mas

⁸⁹ Aristóteles. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.9.

⁹⁰ Aristóteles. *Metafísica*, A.I-980.

de curiosidades, consultas medicinais, zoologia, etc. É verdade que este prestígio acabou esquecido, como dito anteriormente, com o advento da Ciência Moderna e a NH passou a enfeitar as prateleiras dos antiquários sendo apagado quaisquer vestígios de História, Filosofia ou Filologia.

Assim como em nossa Introdução nos recordamos de outro texto de literatura que pode nos ajudar neste momento. Se no início de nossa tese utilizamos a imagem do geógrafo do livro *O Pequeno Príncipe* para apresentar o problema da imagem de Plínio durante os séculos aqui, neste momento, expomos a imagem comum do leitor da NH após o advento da Ciência Moderna. O título do conto é *O Leitor* do húngaro Dezsö Kosztolányi (1885-1936) e reproduzimos um trecho:

Entrei no barraco. No único quarto, com piso de terra, um cheiro de barro úmido golpeou o meu nariz, com um hálito de bolor, de mofo, de linfa. O meu amigo estava sentado em uma cadeira e lia a Grande Enciclopédia recém-publicada.

- Já estou no décimo primeiro volume – anunciou – só faltam cinco.

- E você leu eles todos?

- É claro.

- Você não pulou nada?

- Nada.

Seu relógio de bolso tiquetaqueava sobre a mesa à sua frente. Percebi que ele olhava as horas.

- Está tudo aqui – disse triunfante, e apontou para o livro. – Tudo. Vou terminar no fim das férias.

(...) Certa tarde, ele arrumava a biblioteca. Ajeitava livros em cima, na estante mais alta, sobre uma escada. Quis tirar uma enciclopédia inglesa grossa, encadernada em couro, com cantos de aço. O livro não se moveu. Nisso ele se irritou um pouco. Riu numa careta, como um disciplinador e, de repente, o arrancou do lugar. Na esteira dele outros livros caíram. (...) Durante algum tempo os livros continuaram desabando, zunindo, como as folhas da mata virgem na tempestade, um ou outro volume mais encorpado despencava, em silêncio caía uma ou outra edição preciosa. Em seguida, fez-se silêncio.

István jazia no piso. De sua cabeça corria sangue. Uma enciclopédia o matou com o canto de aço.

Foi mais forte que ele.⁹¹

Neste breve trecho do conto temos explícita a imagem do que neste trabalho denominamos de *antiquário* – o típico detentor da NH nos tempos modernos. István desde jovem lia tudo o que encontrava, mas sem nenhum foco, nenhum interesse específico além de acumular conhecimentos internos sem relação com o mundo externo. Chama-nos a atenção o fato de István propor a leitura integral de uma enciclopédia e, posteriormente, a morte pelo impacto em sua cabeça de um livro da mesma natureza. Talvez pudéssemos sugerir inúmeras interpretações através desta passagem – o conhecimento em excesso mata; a leitura sem atenção é um perigo; não leia uma enciclopédia (*ironia*). Fato é, que antes da NH acabar

⁹¹ DEZSÖ, Kosztolányi. *O Leitor*. In: Contos húngaros. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Hedra, 2010, p.30;33.

numa estante de um antiquário – húngaro? – e exercer este fascínio pelo acúmulo de *curiositas* sem *utilidade* ela proporcionou o enriquecimento de debates ao longo do percurso histórico. Não era apenas o *antiquário* que tinha em suas mãos a obra de Plínio, mas diversos pensadores por ele passaram para elaborar seus próprios escritos e pensamentos.

Desse modo, convidamos o nosso leitor, mais atento e menos acumulativo que István, a pensar sobre a *dimensão* de Plínio através da seleção de alguns pensadores que ajudaram na árdua tarefa de forjar o pensamento ocidental⁹² e, entre tantos outros temas, deixaram seus testemunhos sobre a NH e seu autor – todos os pensadores são anteriores aos problemas até aqui levantados, pois relembramos que as mais fortes amnésias ocorreram na contemporaneidade. Não ambicionamos com a seleção de autores proposta dar conta de todas as minúcias históricas de cada período. Sabemos que cada pensador está dotado de ambições, vontades, ideais e perspectivas quando escreve sobre determinados temas ou cita determinados autores. Contudo, nossa intenção ao apresentar os autores que citaram Plínio num longo percurso histórico é simples: demonstrar que a NH foi uma obra presente nos mais diversos ambientes literários da Europa Ocidental. Cada pensador com seu tipo de leitura, mas todos, invariavelmente, divulgaram as imagens que fizeram de Plínio e sua magna obra.

⁹² A apresentação será cronológica. Já adiantamos que Plínio, o Jovem – sobrinho de Plínio, o Velho – não será visto neste momento. Suas cartas que falam sobre o tio serão analisadas noutro momento deste trabalho.

5 *De homem sábio a compilador sem pensamento: leituras da História Natural*

*Existe, na tua opinião, algo mais nobre do que
a mente dotada de razão e sabedoria?
(Agostinho de Hipona. Livre Arbítrio)*

Justamente o primeiro pensador que aqui apresentamos é um dos maiores nomes da retórica romana e, por mais paradoxal que pareça nos deixou um enigma em suas palavras. Quintiliano (35-95 d.C) sempre é lembrado por seu talento e esforço em construir uma obra completa para a formação básica no campo da retórica. Sua obra *Institutio Oratoria* é um marco da sociedade romana do século I d.C e, mais importante para o nosso trabalho, é um marco na educação de Plínio, o Jovem – sobrinho de Plínio, o Velho. É através dos ensinamentos de Quintiliano que o sobrinho aprimorou sua postura, tanto na forma de falar quanto na escrita, e buscou seu lugar nos cargos de prestígio na administração do principado de Trajano⁹³. Quanto ao tio – Plínio, o Velho – encontramos explicitamente uma citação de Quintiliano em sua obra *Institutio Oratoria*, livro três: “Sobre o mesmo [assunto] escreveu Cornificino [sobre retórica], algumas coisas Estertínio e Gallio, o pai; mas com mais cuidado que todos Celso e Lenas, anteriores a Gallio, e em nossos dias Virginio, Plínio e Rutilio”. Nota-se que esta citação não apresenta ligação com a obra NH, pois a discussão que Quintiliano travava era em relação ao ensino da retórica – com absoluta reverência a Cícero. Contudo, devemos apontar que Plínio não escreveu apenas a NH, mas quando Nero assumiu o principado romano (de 54 até 68 d.C) o pensador se retirou da cena pública e dedicou-se somente aos estudos. Neste período escreveu duas obras: *Sobre os eruditos* e *Problemas da língua*. Pelo teor da citação de Quintiliano acreditamos que suas palavras direcionavam-se a estas obras plinianas.

O enigma deixado por Quintiliano encontra-se no livro dez da *Institutio Oratoria* em que o autor propõe uma espécie de contraposição entre autores gregos e latinos, por exemplo, Tucídides a Salústio; Heródoto a Tito Lívio. Contudo, após elogiar os escritos de Servílio Noviano e Aufídio Basso, Quintiliano apenas relata algo sobre um autor não nominado: “Falta um que é o decoro e glória de nossos tempos, digno de memória dos séculos vindouros, de quem em outra ocasião se fará menção; agora já se entende quem é ”.⁹⁴ Através desta citação alguns estudiosos proclamam que o autor não nominado seria Plínio, o Velho. Contudo, tantos

⁹³ HIDALGO DE LA VEGA, Maria José. **El intelectual, la realeza y ele poder político en el Imperio Romano**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, p.105.

⁹⁴ Quintiliano. *Institutio Oratoria*. 10, VI.2.

outros creditam tal passagem a Tácito sendo esta interpretação mais bem aceita⁹⁵. Fato é que Quintiliano e Plínio viveram no mesmo período e desfrutaram de circunstâncias de mesma origem – retiro no período de Nero; escreveram textos sobre as palavras; um foi tio e outro foi mestre de Plínio, o Jovem. Dessa forma, a admiração de Quintiliano – doze anos mais jovem do que Plínio – se faz absolutamente possível. Alguns poderiam sugerir que um autor das proporções de Quintiliano – no tocante à escrita – nunca teria admiração por alguém com a linguagem pouco especializada, corrente e vulgar.⁹⁶ Todavia, estes posicionamentos estão limitados à escrita da NH, pois nenhuma das outras obras plinianas chegou até nós. E, mesmo levando apenas em consideração a NH, Plínio não usou uma linguagem “bárbara” por desconhecer os cânones da língua latina – seria um abuso um autor que não conhecesse tais cânones e, mesmo assim, ousasse escrever tratados sobre os eruditos e os problemas da língua. Alguns autores, como Healy, pensam que a NH teve sua linguagem pensada através da necessidade de construir uma síntese sobre “toda a natureza” e, assim como Lucrécio recorreu a termos “estrangeiros”, Plínio também o fez devido à escassez do vocabulário técnico latino.⁹⁷

Sendo a citação de Quintiliano sobre Plínio ou Tácito o interessante é que o próprio Tácito (56-117 d.C) apresenta algumas facetas de Plínio que também não se remetem à NH, mas mostram a *autoridade* do autor em temas gerais e de importância política. Lemos:

Uma mulher de espírito heróico, assumiu os deveres, de maneira geral, durante estes dias, e distribuiu roupas e remédios para os soldados, conforme eles eram feridos ou destituídos. De acordo com *Gaius Plinius*, o escritor das guerras germanas, ela estava na extremidade da ponte e deu louvor e gratidão quando as legiões retornaram.⁹⁸

Neste pequeno estrato dos *Annales* de Tácito temos o uso de Plínio como uma fonte sobre a guerra contra os germanos. Seguramente, Tácito enviou uma carta para Plínio, o Jovem pedindo informações sobre a vida e as produções de seu tio. Reunindo esta carta com as outras epístolas – *Plínio, o Jovem. Epístolas: I,19; III,5; V,8; VI,16; VI,20* - que constroem

⁹⁵ Nota adicionada pelos tradutores da *Institutio Oratoria* na seguinte versão: *Institutiones Oratoria (tomo II)*. Trad. Ignacio Rodríguez e Pedro Sandier. Madrid: imprenta de Perlado Páez y compañía (Biblioteca Clásica), 1916, p. 470).

⁹⁶ Este posicionamento não é o pensado neste trabalho. Apenas retomamos o “senso comum” das críticas feitas no século XIX por grande parte dos filólogos.

⁹⁷ HEALY, J.F. **Pliny the Elder on Science and Technology**. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.79-82.

⁹⁸ Tácito. *Annales* 1.69: “sed femina ingens animi munia ducis per eos dies induit, militibusque, ut quis inops aut saucius, vestem et fomenta dilargita est. tradit C. Plinius Germanicorum bellorum scriptor, stetit apud principium ponti laudes et grates reversis legionibus habentem”.

diretamente ou indiretamente a figura de seu tio reconhecemos o porquê de Tácito referenciar Plínio, o Velho em assuntos que escapam à NH. Assim como vimos no testemunho de Quintiliano o espaço ocupado por Plínio dentro das discussões sobre retórica, em Tácito, o uso de Plínio como *autoridade* quando o assunto era a guerra contra os germanos justifica-se através da obra “*Das guerras com os germanos*” em vinte volumes⁹⁹ - obra pliniana que não chegou até os nossos dias.

Plínio aparece nos *Annales* ao menos outras duas vezes¹⁰⁰ como *autoridade* sem referência explícita à NH, ou seja, talvez seus outros escritos¹⁰¹ ganharam maior importância no próprio século I d.C. Ainda nos escritos de Tácito temos uma breve passagem em suas *Histories* (3.28) colocando Plínio como um autor de grande importância conflitante com alguns testemunhos de Messala¹⁰² – sem citar a NH nem outra produção pliniana.

Com outras intenções, mas no mesmo período de Quintiliano e Tácito, o testemunho de Suetônio (69-130 d.C) mostra-se apenas como uma rápida apresentação sobre quem foi Plínio. Não se utiliza dos escritos e ideias, mas praticamente repete – de maneira mais superficial – as informações que Plínio, o Jovem nos brinda em suas cartas. Vejamos:

Plínio originário de Como, exerceu com diligência os cargos militares próprios dos equestres, e desempenhou sem interrupção, de forma íntegra e esplêndida, cargos de procurador; também deu grande atenção aos estudos liberais que mesmo os que gozavam do ócio pleno não escreveram tanto quanto ele. Por exemplo, escreveu 20 volumes sobre todas as guerras contra os Germanos, além dos trinta e sete volumes da História Natural. Perdeu sua vida no desastre da Campania. Estava comandando a frota de Misenio durante a erupção do Vesúvio e investigava o fenômeno que ali ocorria, mas foi incapaz de voltar devido aos fortes ventos. Ele foi sufocado pela poeira e cinzas, embora alguns pensem que foi morto por um escravo, a quem pediu para apressar o seu fim, quando foi dominado pelo intenso calor.¹⁰³

⁹⁹ Plínio, o Jovem. *Ep.* 3.5: “*Bellorum Germaniae viginti; quibus omnia quae cum Germanis gessimus bella collegit. Incohavit cum in Germania militaret, somnio monitus: astitit ei quiescenti Drusi Neronis effigies, qui Germaniae latissime victor ibi periit, commendabat memoriam suam orabatque ut se ab iniuria oblivionis assereret*”.

¹⁰⁰ Tácito. *Annales*. 13.20; 15.53.

¹⁰¹ Obras escritas por Plínio, o Velho e citadas na Epístola 3.5 de Plínio, o Jovem para Baebio Macro: 1º) Sobre o lançamento de dardos à cavalo; 2º) Sobre a vida de Pomponio Secundo; 3º) Das guerras com os germanos; 4º) Sobre os eruditos; 5º) Problemas da língua; 6º) Continuação da história da Aufúdio Basso; 6º) História Natural.

¹⁰² Tácito. *Histories*. 3.28: “*Hormine id ingenium, ut Messala tradit, an potior auctor sit C. Plinius, qui Antonium incusat, haud facile discreverim, nisi quod neque Antonius neque Hormus a fama vitaeque sua quamvis pessimo flagitio degeneravere*”.

¹⁰³ Suetônio. *De Viris Illustribus*: “*PLINIUS SECUNDUS Novocomensis equestribus militiis industrie functus procuraciones quoque splendissimas et continuas summa integritate administravit, et tamen liberalibus studiis tantam operam dedit, ut non temere quis plura in otio scripserit. Itaque bella omnia, quae unquam cum Germanis gesta sunt, XX voluminibus comprehendit, itemque "Naturalis Historiae" XXXVII libros absolvit. Periit clade Campaniae; cum enim Misenensi classi praeesset et flagrante Vesubio ad explorandas propius causas liburnica pertendisset, nec adversantibus ventis remeare posset, vi pulveris ac favillae oppressus est, vel ut quidam existimant a servo suo occisus, quem aestu deficiens ut necem sibi maturaret oraverat*”.

Esta descrição de Suetônio sobre a vida de Plínio não aparece “ao acaso”, visto que ele pertencia ao seleto grupo de amigos¹⁰⁴ de Plínio, o Jovem, assim como Tácito. Diferentes das epístolas de Plínio, o Jovem, neste testemunho de Suetônio aparecem algumas divergências em relação à morte de Plínio, o Velho – a tradição privilegiou a morte pelas poeiras e cinzas, pois dava todas as cores e formas da apregoada “morte científica”. Cronologicamente mais próximos dos tempos de Plínio, o Velho, estes três pensadores – Quintiliano, Tácito e Suetônio – nos fornecem indicações da vida e das ideias de Plínio propagadas entre a elite romana. Além desta curta biografia, Suetônio cita rapidamente o posicionamento de Plínio no que tange ao local de nascimento do imperador Calígula, mas não deposita tantas glórias como em sua curta biografia:

Cn. Lentulus Gaetulicus pretende que Calígula nasceu em Tibur; Plínio em Tréveris, em um vilarejo de Ambiancino, além de Coblença, e ainda acrescenta como prova, que há ali um altar com a seguinte expressão: *Ob Agrippinae puerperium*. (...) Plínio afirma que *Gaetulicum* por adulação disse uma mentira que devia lisonjear a vaidade de um jovem príncipe apaixonado pela glória, dando-lhe uma cidade consagrada a Hércules (...). A inscrição que Plínio fala tampouco prova nada a favor de seu sentimento, posto que Agripina deu a luz a duas filhas no local onde se veem este altar, e que a palavra *puerperium* se aplica a todos os partos sem distinção do sexo do nascido, tendo chamado, frequentemente, nossos antepassados às filhas *puerae* e aos filhos *puelli*.¹⁰⁵

O princípio de *autoridade* aparece neste trecho, mas nota-se que Suetônio não se posicionou definitivamente ao lado de Plínio, pois propõem o embate entre as afirmações de *Gnaeus Lentulus Gaetulicus* – que esteve envolto em conspirações contra o imperador Calígula – e Plínio. Novamente não aparece o nome da NH como referência das discussões ligadas ao ambiente político romano o que nos direciona, talvez, para a força de outras obras plinianas no século I d.C.

Outro indivíduo que esteve mais distante temporalmente, mas mais próximo da NH, foi Aulo Gélcio (125-180 d.C). Em sua obra intitulada *Noctes Atticae* encontramos diversas

¹⁰⁴ Encontramos em uma das cartas de Plínio, o Jovem para o imperador Trajano um forte indicativo de amizade entre o sobrinho e Suetônio: “*Suetonium Tranquillum, domine*, não é apenas um erudito competente, mas também um homem da mais alta integridade e distinção. Admiro há muito tempo seu caráter e sua capacidade literária, e desde que se tornou meu amigo próximo, tendo agora a possibilidade de conhecê-lo mais intimamente, aprendi a estimá-lo mais ainda (...)”. Plínio, o Jovem. *Ep. 10.94*: “*Suetonium Tranquillum, probissimum honestissimum eruditissimum virum, et mores eius secutus et studia iam pridem, domine, in contubernium assumpsi, tantoque magis diligere coepi quanto nunc propius inspexi*”.

¹⁰⁵ Suetônio. *De vitiis Caesarum – Caligula*: “*Cn. Lentulus Gaetulicus Tiburi genitum scribit, Plinius Secundus in Treveris vico Ambitarvio supra Confluentes; addit etiam pro argumento aras ibi ostendi inscriptas ob Agrippinae puerperium. (...) Gaetulicum refellit Plinius quasi mentitum per adulationem, ut ad laudes iuvenis gloriosique principis aliquid etiam ex urbe Herculi sacra sumeret (...) Nec Plini opinionem inscriptio arae quicquam adiuverit, cum Agrippina bis in ea regione filias enixa sit, et qualiscumque partus sine ullo sexus discrimine puerperium vocetur, quod antiqui etiam puellas pueros, sicut et pueros puellas dictitarent*”.

passagens que remetem à autoridade de Plínio e de sua NH. Diferentemente dos exemplos anteriormente apresentados, Aulo Gélíio reproduz trechos da obra pliniana e eleva o espírito de Plínio às alturas, pois o considera “o homem mais dotado de talento e prestígio de sua época”.¹⁰⁶ Encontramos ao menos seis passagens na obra *Noctes Atticae* que exaltam a figura de Plínio e sua História Natural. Nestas, duas dão o tom dos títulos de dois capítulos da obra de Aulo Gélíio: “Capítulo XVI. Plínio, o Velho, homem sábio, não se deu conta e deixou passar um defeito de argumento que os gregos chamam *antistréphon*”¹⁰⁷ e “Capítulo XII. Sobre os presságios fabulosos que Plínio, o Velho atribuiu indignamente ao filósofo Demócrito; no mesmo capítulo uma invenção voadora que lembra um pombo”¹⁰⁸. Juntamente aos elogios que Aulo Gélíio imprime na figura de Plínio temos a explícita confirmação dos objetivos de uma *enkyklios Paideia latina*. Notemos neste trecho:

Mas, como falamos sobre o ano de nascimento, de que Homero fala (...) acho conveniente não esquecer o que li no sétimo livro da *Historia Natural* de Plínio, o Velho. E como o que ele disse parece incrível, preferi transcrever as próprias palavras de Plínio: ‘Assegura Masurio que o pretor Lucio Papirio, em um pleito movido pelo segundo herdeiro sobre uma herança, abriu mão da herança em favor da parte contrária, embora a mãe dizia que havia dado a luz no décimo terceiro mês, porque a ele não parecia haver uma data exata de produzir um parto’. No mesmo livro de Plínio, o Velho está escrito o seguinte: ‘O bocejo durante o parto é letal, assim como o espirro durante a relação sexual é abortivo’.¹⁰⁹

O autor cita literalmente os escritos de Plínio para ganhar legitimidade em sua fala. Como o trecho trata de um assunto que envolve as instâncias da justiça mescladas com discussões sobre o tempo de gestação humana percebemos que a utilidade da NH – prevista por Plínio, o Velho em seu *prefácio*¹¹⁰ – não se mostra accidental, mas puramente intencional e

¹⁰⁶ Aulo Gélíio. *Noctes Atticae*, Livro 9, IV.13-14: “(...) quod Plinius Secundus, vir in temporibus aetatis suae ingenii dignitatisque gratia auctoritate magna praeditus”.

¹⁰⁷ Aulo Gélíio. *Noctes Atticae*, Livro 9, XVI: “Quod Plinium Secundum, non hominem indoctum, fugerit latueritque vitium argumenti, quod antistrephon Graeci dicunt”.

¹⁰⁸ Aulo Gélíio. *Noctes Atticae*, Livro 10, XII: “De portentis fabularum, quae Plinius Secundus indignissime in Democritum philosophum confert; ibidem de simulacro volucris columbae”.

¹⁰⁹ Aulo Gélíio. *Noctes Atticae*, Livro 3, XVI.22-24: “Sed quoniam de Homérico annuo partu ac de undecimo mense diximus quae cognoveramus, visum est non praetereundum, quod in Plinii Secundi libro septimo naturalis historiae legimus. Id autem quia extra fidem esse videri potest, verba ipsius Plinii posuimus: “Masurius auctor est L. Papirium praetorem secundo herede lege agente bonorum possessionem contra eum dedisse, cum mater partum se tredecim mensibus tulisse diceret, quoniam nullum certum tempus pariendi statutum ei videretur.” In eodem libro Plini Secundi verba haec scripta sunt: “Oscitatio in nixu letalis est, sicut sternuisse a coitu abortivum”.

¹¹⁰ Plínio, o Velho. *Praef.* 33: “(...) não é preciso ler [a obra] – inteira, mas que cada um busque o que deseje e saiba onde encontrar [alusão ao Livro I]”. “(...) sed ut quisque desiderabit aliquid id tantum quaerat, et sciat quo loco inveniatur”.

legítima. Noutros trechos da *Noctes Atticae* encontramos os mesmos posicionamentos¹¹¹ – com ênfase no Livro 7 da NH, considerado hoje como “antropológico”.

Ampliando a *dimensão* de Plínio temos a necessidade de apontar os escritos de Isidoro de Sevilha (570?-636 d.C) que também contemplam a NH. Em suas *Etymologiarum* é possível encontrar uma definição de História que num primeiro momento parece distante da proposta pliniana: a História “é a narração dos fatos acontecidos, pela qual se conhecem os sucessos que tiveram lugar em tempos passados”.¹¹² Contudo, como afirma o historiador Renan Frighetto:

De fato, para o hispalense [Isidoro], as *Historias* eram destinadas aos leitores preparados para ‘verem’ com os próprios olhos os acontecimentos narrados pelos historiadores e transcrito pelos copistas, pois era muito melhor e mais verdadeiro ler e comprovar que simplesmente escutar e duvidar (...) Dessa forma a História, na concepção isidoriana, destinava-se à formação e à educação do conjunto da sociedade política hispano-visigoda.¹¹³

Ao aproximar a concepção de História à formação e educação da sociedade, eis o papel desempenhado por Plínio em sua obra. Contudo, Isidoro não apresenta Plínio em questões como as de Tácito e Suetônio – envolvidos em política -, mas aproxima-se mais aos escritos de Aulo Gélcio. Prova desta afirmação é o Livro XII das *Etimologias* que concentra todas as citações isidorianas acerca da NH. Tal livro é intitulado “Sobre os animais” e Plínio é citado ao menos seis vezes.¹¹⁴ Vejamos algumas:

O leopardo, que nasce da união de uma leoa e um pardo, pertence a terceira classe [classe de leões]. Na opinião de Plínio, em sua *Historia Natural* (8,42), procede do cruzamento de um leão com uma parda, ou um pardo com uma leoa, mas, em ambos os casos, o resultado da união é um produto híbrido, como a mula e o bardoto.¹¹⁵

Os lince, segundo Plínio (NH 8,43), não admitem mais que um parto.¹¹⁶

¹¹¹ Outras citações que aparecem Plínio, o Velho na obra *Noctes Atticae* de Aulo Gélcio: 9, IV.7; 9, IV.13-14; 9, IV.16

¹¹² Isidoro de Sevilha. *Etymologiarum*. I,41: “*Historia est narratio rei gestae, per quam ea, quae in praeterito facta sunt, dinoscuntur (...)*”.

¹¹³ FRIGHETTO, Renan. **Historiografia e poder: o valor da história, segundo o pensamento de Isidoro de Sevilha e de Valério do Bierzo (Hispania, século VII)**. Ouro Preto: Revista História da Historiografia, núm.05, 2010, p.75.

¹¹⁴ Citações que aparecem informações sobre a NH de Plínio nas *Etimologias* de Isidoro de Sevilha: Livro XII, II.9-13; XII, II.20; XII, II.28; XII, IV.43; XII, VI.45; XII, VI.63.

¹¹⁵ Isidoro de Sevilha. *Etymologiarum*. XII. II, 9-12: “*Leopardus ex adulterio leaenae et pardi nascitur, et tertiam originem efficit; sicut et Plinius in Naturali Historia (8,42) dicit, leonem cum parda, aut pardum cum leaena concumbere et ex utroque coitu degeneres partus creari, ut mulus et burdo*”.

¹¹⁶ Isidoro de Sevilha. *Etymologiarum*. XII. II, 20: “*Lynce dicit Plinius Secundus (cf. N. H. 8,43) extra unum non admittere fetum*”.

Lemos em Gênesis (3,1): ‘a serpente era a mais sábia entre todos os animais da terra’. Se damos crédito a Plínio, a serpente continua com vida quando busca salvar a cabeça e dois dedos do corpo. Daí que, para defender a cabeça, joga todo o seu corpo a quem a fere.¹¹⁷

Devemos salientar que Isidoro estava envolto por questões religiosas e temos um claro exemplo no último trecho citado. Notem que primeiro aparece as informações da Sagrada Escritura para depois, quase como um aval mundano, o conteúdo da NH corroborando com a intenção do autor cristão. A serpente seria sábia (*Gênesis*) e tão sábia que preservaria a sua cabeça em detrimento do corpo (*NH*). No início do Livro XII das *Etimologias* também temos a afirmação de que “foi Adão o primeiro a colocar nomes a todos os seres animados (...) os povos, por sua parte, foram chamando a cada um com nomes característicos de sua própria língua”.¹¹⁸ Ao menos na língua latina um dos animais foi nomeado por Plínio, de acordo com Isidoro: “Chamam-se cachorros-lobos (*lycisci*), na opinião de Plínio (8,148), aos cachorros nascidos a partir do cruzamento entre lobos e cachorros”.¹¹⁹

Pensamos que estas citações de Plínio não seriam o que um príncipe ideal isidoriano deveria lembrar a todo o momento – com certeza os *exempla* de sua *História dos godos* eram mais importantes -, mas atentamos para o fato da NH ter conservado o prestígio de um modelo de verdade sobre assuntos do mundo natural - no século VII e por um cristão. Além do mais, Isidoro nos ajuda quando propõe que “a recordação e a preservação do passado deviam ser eternizados, como autêntico monumento, ‘pelas letras’”¹²⁰, ou seja, por mais que as citações de Plínio não atingiram o *status* dos *exempla* apregoados por Isidoro, as suas próprias letras ajudaram a preservar o monumento chamado História Natural.

Não tão lembrado como os testemunhos de Isidoro de Sevilha acerca da NH, a solitária lembrança de Paulo, o Diácono (720-800) em sua *Historia Langobardorum* descreve apenas uma situação particular: “Plínio, o Velho também faz menção a esta ilha [Escandinávia] nos livros que compôs sobre as coisas da natureza. Esta ilha, de acordo com os

¹¹⁷ Isidoro de Sevilha. *Etymologiarum*. XII. IV,43: “‘Vnde et legitur in Genesi (3,1): ‘Serpens autem erat sapientior omnibus pecoribus terrae.’ Dicit autem Plinius, si creditur, quod serpentis caput etiam si cum duobus evaserit digitis, nihilominus vivit. Vnde et totum corpus obicit pro capite ferientibus”.

¹¹⁸ Isidoro de Sevilha. *Etymologiarum*. XII. I,1: “Omnibus animantibus Adam primum vocabula indidit (...) gentes autem unicuique animalium ex própria língua dederunt vocabula”.

¹¹⁹ Isidoro de Sevilha. *Etymologiarum*. XII. II,28: “‘Lycisci autem dicuntur, ut ait Plinius (cf. 8,148), canes nati ex lupis et canibus, cum inter se forte miscuntur”.

¹²⁰ FRIGHETTO, op.cit. e citação completa: Isidoro de Sevilha. *Etymologiarum*. I. 41,2: “(...) Haec disciplina ad Grammaticam pertinet, quia quidquid dignum memoria est litteris mandatur. Historiae autem ideo monumenta dicuntur, eo quod memoriam tribuant rerum gestarum (...)”.

relatos daqueles que a examinaram (...).¹²¹ Sem o rigor apresentado por Aulo Gélíio e Isidoro de Sevilha, muito menos com assuntos de Tácito e Suetônio, Paulo, o Diácono ao abordar a NH dá uma amostra do que o futuro reservaria aos escritos de Plínio: curtas citações, com pouca autoridade e muito perto do desnecessário.

Ainda na linha dos pensadores cristãos que tiveram acesso à NH incluímos o saxão Hugo de São Victor (1096-1141) com sua obra *Didascalicon*¹²². Nela o teólogo e místico buscou construir um “manual para o cristão” baseado nos estudos da Sagrada Escritura – alguns autores apontam para uma possível continuidade dos trabalhos de Isidoro de Sevilha. Na única citação que encontramos Hugo de São Victor recoloca Plínio num local de destaque:

Linus foi teólogo entre os gregos, entre os Romanos, Varrão; e em nosso tempo, João Escoto com seu “*A respeito das dez categorias em relação a Deus*”. Tales de Mileto, um dos sete sábios, iniciou os estudos sobre a natureza entre os gregos; enquanto entre os latinos, Plínio tratou.¹²³

É aqui que percebemos como alguns pensadores dimensionaram Plínio, o Velho. Vemos que diferentemente de Aulo Gélíio, Hugo de São Victor não explicita o talento, prestígio, inteligência de Plínio, mas os apresenta a Tales – sábio. Todavia, coloca a NH e Plínio como *precursores* dos estudos latinos sobre a natureza desprezando, consciente ou inconscientemente, as obras de Varrão e Celso, anteriormente citadas. Fato no mínimo interessante, pois coloca o autor da *De re rustica* como um teólogo latino. Podemos através do trecho acima apresentado expor uma das nossas impressões sobre a NH, pois Plínio no Livro II também cita Tales como um dos sete sábios e recorda a primeira previsão de um eclipse atribuída ao grego. Contudo, logo em seguida, apresenta *Sulpicius Gallus* – cônsul em 166 a.C – como o primeiro romano a prever um eclipse lunar.¹²⁴ Façanha atingida, como

¹²¹ Paulo, o Diácono. *Historia Langobardorum*. I, 2: “*Cuius insulae etiam Plinius Secundus in libris quos De natura rerum composuit, mentionem facit. Haec igitur insula, sicut retulerunt nobis qui eam lustraverunt (...)*”.

¹²² Tal nome tem como origem o termo grego *Didásko*: “ensinar, derivado de *di-da-sko*, associado à raiz *dek* (agarrar, ter às mãos) indica uma atividade bastante repetida [...] com tendência a ser aceita: fazer aceitar alguma coisa a alguém. O termo é usual a partir de Homero: ‘De *didáskalos* (mestre) deriva substantivo *didaskalía*, que em grego indica a atividade do ensinamento’: ‘*didake* [...] está presente no grego desde os tempos de Heródoto e de Tucídides com o significado de ensinamento e de doutrina comunicada por meio da instrução – *didásko*’”. (L. Coenen, E. Beyreuther & H. Bietenhard APUD SPINELLI, Miguel. **O nascimento da filosofia grega e sua transição ao medievo**. Caxias do Sul: Educs, 2010, p.153)

¹²³ Hugo de São Victor. *Didascalicon*. Livro 3. cap.2: “*Theologus apud Graecos Linus fuit, apud Latinos, Varro, et nostri temporis, Ioannes Scotus de decem categoriis in Deum. physicam naturalem, apud Graecos, Thales Milesius unus de septem sapientibus repperit, apud Latinos, Plinius descripsit*”.

¹²⁴ Plínio, o Velho. NH. 2.53: “*Et rationem quidem defectus utriusque primus Romani generis in vulgum extulit Sulpicius Gallus (qui consul cum M. Marcello fuit, sed Tum tribunus militum)*”.

Plínio faz questão de mencionar, quando ocupava o cargo de tribuno militar. Um dos incontáveis exemplos que encontramos na NH sobre os feitos dos romanos que não envolvem política, nem guerras, sangue, ou grandes homens.

Se Hugo de São Victor colocou Plínio como o precursor dos estudos sobre a natureza, Dante Alighieri (1265-1321) elogiou a prosa pliniana. Num trecho de sua *De vulgari eloquentia*, Dante cita alguns nomes dos indivíduos “padrões” da poesia e da prosa para que seus leitores desenvolvessem o hábito de lê-los:

Não é de se admirar, leitor, que eu chame a atenção para tantos autores; pois eu só posso mostrar o que quero dizer através dos maiores exemplos de construções [de linguagem]. Talvez fosse muito útil para adquirir o hábito de tal construção olhar para os poetas padrões, Virgílio, Ovídio na *Metamorfose*, Estácio e Lucano; bem como, outros indivíduos que usaram da mais alta prosa, como Lívio, Plínio, Frontino, Orósio e muitos outros que nos convidam a consultá-los.¹²⁵

Acréscimo interessante quando pensamos neste trecho de Dante Alighieri é uma anedota contada por Petrarca (1304-1374) que expõe a fama de Plínio em pleno século XIV, mas nem sempre acompanhada de conhecimento. No trecho retirado de *Contra medicum quendam* Petrarca estava discutindo alguns fazeres médicos quando nos relata o seguinte:

Ele estava murmurando em vez de falar, como um médico faz; e em sua longa diatribe contra os poetas, chamou tanto Cícero e Plínio de poetas. Então perguntei o que ele entendia pela palavra ‘poeta’. Quando ele confessou que não sabia, para se adequar à ocasião, contei a ele uma história divertida que um grande autor contou. Considere isto para você também, caso consiga ouvir qualquer coisa que não envolva [a palavra] febre”.¹²⁶

Se em Dante os elogios a prosa pliniana saltam aos olhos do leitor, em Petrarca a confusão estabelecida entre ele um médico chega ao ponto do último colocá-lo entre os poetas. Relembrando o nosso antiquário húngaro, István, talvez o médico até tivesse algum exemplar da NH em sua estante, mas não fazia ideia do que estava escrito. Outra leitura que podemos fazer é a gradual perda da importância da NH como um manual de consultas para circunstâncias que envolviam a saúde do homem. Em ambos os casos, para o médico de

¹²⁵ Dante Alighieri. *De vulgata eloquentia*. Livro 2, VI.7: “Nec mireris, lector, de tot reductis autoribus ad memoriam: non enim hanc quam supremam vocamus constructionem nisi per huiusmodi exempla possumus indicare. Et fortassis utilissimum foret ad illam habituandam regulatos vidisse poetas, Virgilium videlicet, Ovidium Metamorfoseos, Statium atque Lucanum, nec non alios qui usi sunt altissimas prosas, ut Titum Livium, Plinium, Frontinum, Paulum Orosium, et multos alios quos amica sollicitudo nos visitare invitat”.

¹²⁶ Petrarca. *Contra medicum quendam*: “Itaque peropportune audies quod cuidam nuper tue professionis homunculo, cum assensu et approbatione multorum, dixi. Cum enim, vestro more, multa contra poetas hisceret potiusquam diceret, nunc poetam Ciceronem nunc Plinium affirmans, quesivi ab eo quid poete nomine crederet importari. Quod cum se nescire non negasset, pro tempore historiam dixi non inamenam cognitu, magnis ab auctoribus relatum, quam tibi quoque dictam puta, siquid omnino aliud quam de febribus audire potes”.

Petrarca, Plínio estava em baixa. Noutra passagem do mesmo texto, Petrarca provoca o médico citando o que seria uma fala de Plínio. Vejamos:

Plínio, o amigo dos médicos e que por sua ignorância você o rejeita, cita esta causa dizendo: ‘Esta é a única profissão em que alguém que professa ser médico é ao mesmo tempo confiável e digno da mais perigosa mentira. Em seguida, falando como alguém do *populus*, acrescenta: ‘Mas nós não prestamos atenção ao perigo, tão grande é para nós a sedutora doçura de pensar em tais coisas’.¹²⁷

A partir deste trecho compreendemos a importância que Petrarca deu a Plínio – sem citar o nome da História Natural. O médico confundir a prosa pliniana – elogiada por Dante – com a poesia já era algo grave, mas Petrarca deu o golpe final ao afirmar que somente pela ignorância o seu interlocutor não conhecia os escritos de Plínio, pois este era “o amigo dos médicos”. Baseando-se neste segundo trecho a hipótese de que a NH perdia espaço nas circunstâncias da saúde do homem fica abalada.

Por último, citamos a obra *Philobiblon* de Richard de Bury (1287-1345) considerado um dos primeiros colecionadores de livros da Inglaterra – também de ordem religiosa. Em verdade, esta passagem tem como foco a grandeza de Aristóteles, considerado como um homem modelar da razão humana e ligeiramente inferior aos anjos. Para Richard de Bury graças ao pensamento encontrado no Livro II da Metafísica aristotélica indivíduos como Avicena, Plínio e Ptolomeu puderam desenvolver seus trabalhos:

Com efeito, Aristóteles – ainda que gozasse de um prodigioso talento, em quem a Natureza teve o prazer de modelar a medida da razão humana e a quem o Altíssimo criou apenas ligeiramente inferior aos anjos – não produziu da ociosidade suas admiráveis obras, obras estas que contêm nada menos do que o universo. Ademais, leu e releu com suas atentas pupilas os livros sagrados dos babilônicos, dos egípcios, dos caldeus, dos medos e dos persas, que a sábia Grécia tinha entre seus tesouros. E, recolhendo suas verdades, limou suas asperezas, os despojou de suas superfluidades e preencheu suas lacunas. Acreditou piamente, como ele mesmo afirma no segundo livro de sua *Metafísica*, que devemos tantas graças àqueles que nos dizem a verdade e nos instruem com ela quanto àqueles que erraram, posto que nos indicam o caminho mais adequado para chegarmos à verdade. Foi assim que vários jurisconsultos produziram as *Pandectas*, os médicos fizeram os *Tecnos*, Avicena criou seus *Cânones*, Plínio pode dar cabo de sua monumental *História Natural* e Ptolomeu deu a luz ao seu *Almagesto*. Além, disso, não é difícil provar que os escritores posteriores se apoiam sobre aqueles que os precederam e estes, por sua vez, sobre outros, etc., sem o que não se poderia construir a história de tempos passados.¹²⁸

¹²⁷ Petrarca. *Contra medicum quendam*: “Eorum vero que a talibus fiunt, frustra ratio inquiritur. Si penitus causam petis, illa vera est quam affert amicus medicorum, Plinius—quem tu spernis ignotum—et quam ego olim posui in epystola illa ad Clementem papam unde tota ista lis oritur. “In hac” enim ait “sola artium evenire, ut unicuique se medicum profitenti statim credatur, cum sit periculum in nullo mendacio maius”. Mox ex persona populi loquens: “Non tamen” inquit “illud intuemur, adeo blanda est sperandi pro se cuique dulcedo”.

¹²⁸ Richard de Bury. *Philobiblon*. Cap.10: “Neque enim Aristoteles, quamvis ingenio giganteo floreret, in quo naturae complacuit experiri quantum mortalitati rationis posset annectere, quemque paulo minus minoravit ab angelis Altissimus, illa mira volumina, quae totus vix capit orbis, ex digitis suis suxit. Quinimmo Hebraeorum, Babyloniorum, Aegyptiorum, Chaldaeorum, Persarum etiam et Medorum, quos omnes diserta Graecia in

Claramente os elogios estão todos voltados a Aristóteles, pois seus pensamentos teriam ajudado outros gigantes. Vimos que algumas críticas direcionadas a Plínio estão ligadas ao fato deste se apoiar nos seus predecessores – acusado, inclusive, de *pan-varronismo* –, talvez Richard de Bury mostrava-se mais consciente destas circunstâncias históricas, pois seria esta dinâmica a responsável pela “construção da História”. Outro ponto de destaque neste trecho é a relação entre o conhecimento Aristotélico de “dar valor ao erro” e a famosa passagem da epístola de Plínio, o Jovem referente a seu tio: “E dizia [Plínio, o Velho] que não existia um livro tão ruim que não fosse possível aproveitar nenhuma parte”.¹²⁹ Um erro poderia levar Aristóteles ao acerto, assim como, um livro ruim poderia oferecer uma boa anotação para Plínio, o Velho. Por fim, este contato de Plínio com Aristóteles citado por Richard de Bury é confirmado através da lista de “autores estrangeiros” apresentada no Livro I da NH. Lá encontramos o nome de Aristóteles citado quatorze vezes e de seu discípulo, Teofrasto, outras vinte e sete vezes.

Poderíamos seguir com uma lista incontável de outros indivíduos que apresentaram, usaram, estudaram a NH e Plínio – Papa Pio II (1405-1464) em sua *Epistula Sigismundo*¹³⁰; Erasmo de Roterdã (1466-1536) em *De Laude Matrimonii*¹³¹ e *Libri Antibarbarorum*¹³²; Johannes Kepler (1571-1630) em *De nive Sexangula*¹³³; Robert Burton (1577-1640) em sua obra *Anatomy of Melancholy*¹³⁴; Johann Hildebrand Withof (1694-1769) em *De scientarium, in animi corporique enervando robore, damnosa efficacia*¹³⁵; Denis Diderot (1713-1784) na

thesauros suos transtulerat, sacros libros oculis lynceis penetrando perviderat. Quorum recte dicta recipiens, aspera complanavit, superflua rescavit, diminuta supplevit et errata delevit; ac non solum sincere docentibus sed etiam oberrantibus regrantandum censuit, quasi viam praebentibus veritatem facilius inquirendi, sicut ipsemet secundo Metaphysicae clare docet. Sic multi jurisperiti condidere Pandectam, sic medici multi Tegni, sic Avicenna Canonem, sic Plinius molem illam Historiae Naturalis, sic Ptolemaeus edidit Almagesti. Quemadmodum namque in scriptoribus annalium considerare non est difficile quod semper posterior praesupponit priorem, sine quo praelapsa tempora nullatenus enarrare valeret”.

¹²⁹ Plínio, o Jovem. Ep. 3.5: “dicere etiam solebat nullum esse librum tam malum ut non aliqua parte prodesset”.

¹³⁰ Eneas Silvius Piccolomini (Papa Pio II). *Epistula Sigismundo*: “assit Plinius de naturalis historia”.

¹³¹ Erasmo de Roterdã. *De Laude Matrimonii*. “Plinio autore certissimo”.

¹³² Erasmo de Roterdã. *Libri Antibarbarorum*. 57.201: “Porro bliteis istis poetae sunt et Quintilianus et Plinius et Aulus Gellius et Titus Liuius, breuiter, quicunque Latine scripserunt”.

¹³³ Johannes Kepler. *De nive Sexangula*. “De Polyxena, cum ad sepulchrum Achillis immolaretur, hic apud Euripidem versus est: ὀϊστὶς δὴν ἔτι ἀβ-ᾶί ἀγὸς-ζὺδ δᾶόᾶεί. Eundem accommodat Plinius jun. in epistolis virgini cuidam Vestali, quam Domitianus vivam defodit”.

¹³⁴ Robert Burton. *Anatomy of Melancholy*. “I would censure all [of] Pliny...lies”.

¹³⁵ Johann Hildebrand Withof. *De scientarium...* “Caius olim Plinius secundus arbitrabatur, vir perfectissimi ingenii”.

*Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*¹³⁶; W.S. Landor (1775-1864) na *Simonidea*¹³⁷ -, contudo a nossa intenção cumpre-se com os autores até aqui citados. Outros serão apresentados durante o trabalho, mas o que ambicionamos com a “dimensão de Plínio” é mostrar as diversas facetas que este autor e sua obra ganharam no percurso histórico.

Do “homem mais dotado de talento e prestígio de sua época” de Aulo Gélíio; do “amigo dos médicos” de Petrarca; do comparativo com o Gênesis bíblico de Isidoro de Sevilha; do historiador das guerras germanas de Tácito; do exemplo de prosa de Dante Alighieri; do seguidor de Aristóteles de Richard de Bury – até mesmo Shakespeare teria usado Plínio para confundir seus leitores de Otelo¹³⁸! Tantas máscaras dadas ao nosso autor que chegam ao ponto da absoluta oposição de opiniões. Bastaria continuar com as definições de Plínio até chegarmos a Schopenhauer (1788-1860), por exemplo, e suas pesadas críticas sobre o “afluxo contínuo de pensamento alheio” encontrado na NH e o estilo repugnante da escrita pliniana – absoluta oposição a muitos autores anteriormente citados, Dante, por exemplo.

Sendo assim, após percorrermos este caminho de autores que comentaram sobre Plínio, o Velho propomos outro conjunto de reflexões que retoma a frase de abertura de nosso trabalho – *historiadores que leem e historiadores que usam a NH*. Notadamente, uma reflexão contemporânea e preocupada com os estudos atuais sobre Plínio e sua obra. Auxiliados pela tradição que ora julga positivo ora julga negativo a NH almejamos o “não-julgamento” desta obra, mas a compreensão de seus diversos aspectos. Não se trata de nos colocarmos ao lado ou contrário à NH, mas pensá-la como uma obra que contém inúmeros aspectos da sociedade romana do século I d.C. Entretanto, esta postura não foi adotada por vários grupos de estudiosos da nossa contemporaneidade. Assim sendo, tomamos a provocação de Aude Doody – *os historiadores que leem e usam Plínio* – como um norteador, mas ampliamos a proposta.

¹³⁶ No artigo intitulado *L'Histoire naturelle* Diderot assim define Plínio: “*un des plus grands philosophes de l'antiquité*”.

¹³⁷ W.S. Landor. *Simonidea*. “*Eosdem paene crederem Gallos esse, de quibus Plinius (...)*”.

¹³⁸ “Could Shakespeare be using Pliny to signal playgoers not to believe everything the general says? Until recently, the implications of Horace Howard Furness’s incredulity on this subject went largely unexplored: ‘if Shakespeare had ever read this chapter in Pliny, brimming over as it is with monstrosities, he would not have selected as a striking item in Othello’s ‘trauels history’ such a trifling distortion as a man with his face in his breast’”. (COLLINGTON, Philip D. *Othello the Traveller*. Early Theatre. 2005; v.8: 73-100)

6 Velhos problemas e novos estudos sobre a obra pliniana

O historiador de ofício deve, prioritariamente, estar atento às novas perspectivas, abordagens e conceitos que surgem no panorama historiográfico.
(Renan Frighetto. *A Antiguidade Tardia*)

Da mesma maneira que os pensadores anteriormente citados possuíam as mais variadas formações, ideologias e posicionamentos, aqui, nesta nova reflexão, apresentamos um plantel geral sobre a atitude dos pesquisadores diante da NH – não apenas dos *historiadores*. Talvez esta disposição peque pela simplicidade, mas o intento não é cansar as mentes que, por ventura, possam encontrar aqui, algo de frutífero. Apenas exercemos um dos direitos do pesquisador que é apontar certas posturas que noutros momentos constituíam o pensar sobre Plínio. Naturalmente, tais posturas são vistas como desfavoráveis, ou mesmo prejudiciais para a compreensão da NH que aqui apresentamos, mas não ambicionamos uma posição que nos coloque fora do direito anteriormente citado, qual seja, o da crítica vindoura.

Assim, elencamos cinco grupos que se distinguem pela maneira de abordar os escritos de Plínio, contudo unidos pela semelhança do *uso* da NH:

1^a) os que tentam mostrar os erros e incoerências de Plínio julgando sua obra como se esta fosse réu da cultura romana do século I d.C, ou tratando o autor como se este fosse um oráculo fora do seu tempo. Neste grupo estão os estudiosos que não entenderam a NH como um produto da sociedade romana, mas que usaram os conhecimentos posteriores, apoiando-se na vantagem temporal, para afirmar que Plínio não tinha credibilidade, pois suas informações careciam de comprovação empírica. Exemplo: Plínio aponta em seu Livro 11 que os insetos não possuíam aparelho respiratório. Este é apenas um exemplo dos “erros” contidos na NH. Este caso específico é interessante pelo fato de Plínio revisar os apontamentos que Aristóteles teria feito, pois para o filósofo grego os insetos se quer respiravam. Já para o naturalista romano a ausência de pulmões não cancelaria a função respiratória¹³⁹;

2^a) os que não encontram na História Natural nada além de curiosidades e tornaram Plínio em um autor de *rodapé* – citações rápidas e sem compromisso com a obra. Aqui poderíamos citar inúmeros trabalhos que apenas atentam para a “morte científica” de Plínio, outros tantos que o consideram apenas como tio de Plínio, o Jovem. Fato é que os

¹³⁹ NAAS, Valérie. *Imperialism, Mirabilia and Knowledge: some paradoxes in the Naturalis Historia*. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) *Pliny the Elder: themes and contexts*. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.58.

historiadores contemporâneos não se debruçaram tantas vezes sobre a monumental obra composta por 37 volumes restringindo-se a usá-la pontualmente. Tivemos um movimento substancial de estudos sobre a NH a partir da década de oitenta do século XX, pois desde o século XVIII, devido aos fatores anteriormente citados, a obra era usada de forma parcial e interesseira – não como um “conjunto”. Exemplo: No que se refere aos poucos estudos sobre Plínio, no cenário da historiografia brasileira o caso é mais latente, pois temos um vazio de produções. Fato interessante é a visibilidade que a obra ganhou em outras áreas, tais como Letras, Artes, Biologia, Geografia, Medicina, etc., mas no terreno da História temos muitos rodapés e poucos artigos, dissertações e teses¹⁴⁰. Podemos pensar no espaço dedicado a Plínio em grandes obras, como a “*Latin Literature, a History*” de Gian Biagio Conte que aborda em cinco páginas a vida e obra do autor.

3ª) aqueles que usam os escritos como sinônimo de erudição, mas algo vazio, sem conhecer a obra, o autor, o período – algo próximo de um *coleccionador de saberes*. Aqui estão indivíduos das mais diversas áreas que usam a NH para pretensamente legitimar suas pesquisas, mas estão alheios a toda problematização que envolve os estudos plinianos. Exemplo: Neste grupo temos grandes *usos* da NH nas áreas médicas. Tal fato comprova que a NH preserva o status de um amontoado de informações que foram úteis em determinado momento, mas nos dias de hoje serve somente para ilustrar situações pontuais. Como exemplo: “Caius Plinius Secundus, conhecido como Plínio, o Velho, em sua obra clássica, *Naturalis historia*, faz menção em um de seus capítulos ao ensurdecimento das pessoas que viviam próximas às cataratas do Nilo, constituindo-se esta, talvez, na primeira referência escrita correlacionando surdez e exposição ao ruído. Com a modernidade, os níveis de ruído têm sido crescentes não só nas atividades laborais (...)”¹⁴¹. Texto que em seguida ignora por completo o que fora dito sobre Plínio e parte para a especificidade estudada pela autora.

4ª) os que usam os escritos de Plínio como se estes fossem meras reproduções de autores mais consagrados – carência total de originalidade. Este último grupo condena Plínio ao status de compilador principalmente nos moldes de um pan-varronismo. Além de

¹⁴⁰ Como exemplo de um estudo feito no Brasil temos: LOPES TEIXEIRA, Ivana. **Romanidade em Plínio, o Antigo, e a *Naturalis Historia* como um “projeto” político-pedagógico**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, 2012, p.13.

¹⁴¹ MORAES E SILVA, Nadejda Maria Ávila Varginha. **Estudo da ação do nível elevado de pressão sonora e do extrato seco de *Ginkgo biloba* EGb761 na citoarquitetura da cóclea de cobaias adultas**. 2005. Tese (Doutorado em Medicina) - Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia, Universidade de São Paulo, 2005, p.18.

exagerado, tal posicionamento não leva em conta dois fatores: a) elaborar um trabalho de síntese a partir de fontes diferentes não é uma tarefa nem simples nem depreciável - além de ignorar que o recolhimento e organização do posicionamento de seus antecessores faz com que o autor, necessariamente, passe/enfrente os mesmos problemas anteriores, mas como um trabalho sempre renovado; b) classificá-lo como compilador traz consigo a ideia de um trabalho de segunda-mão e exclui qualquer possibilidade de subjetividade trabalhada pelo autor¹⁴². Exemplos: sobre a ideia de pan-varronismo temos o posicionamento de F. Della Corte: Plínio seria um “neo-Varrão”. Como vimos, seria um exagero dizer que a NH restringe-se à Varrão. No que se refere a ideia dos escritos plinianos ganharem a força do depreciável e desprezível damos como exemplo o 2º aforismo de Schopenhauer em seu texto *Sobre a erudição e os eruditos*:

Até mesmo quando se relata, a respeito de Plínio, o Velho, que ele lia sem parar ou mandava que lessem para ele, seja à mesa, em viagens ou no banheiro, sinto a necessidade de me perguntar se o homem tinha tanta falta de pensamentos próprios que era preciso um afluxo contínuo de pensamentos alheios, como é preciso dar a quem sofre de tuberculose um caldo para manter sua vida. E nem a sua credulidade sem critérios, nem o seu estilo de coletânea, extremamente repugnante, difícil de entender e sem desenvolvimento contribuem para me dar um alto conceito do pensamento próprio desse escritor.

5º) indivíduos que depreciam a NH no tocante à beleza de sua escrita, ou seja, a *usam* como baixo comparativo em relação a outros escritos mais afamados da antiguidade¹⁴³. Neste grupo podemos até identificar uma “tradição” de estudiosos que castigaram Plínio devido a seu estilo literário. Alguns comentários comparavam a escrita de Plínio com a de seu sobrinho – “Plínio, o Jovem teria sofrido ao ler o imenso e deselegante livro de seu tio”. Exemplos: Norden em seu “Die Antike Kunstprosa” de 1915 afirma que o estilo de escrita de Plínio estaria entre os piores do mundo; D. J. Campbell no “Oxford Classical Dictionary” de 1979 também condena a prosa de Plínio; F. R. D. Goodyer em “Cambridge History of Classical” de 1980 afirma que Plínio seria uma espécie de monstro incapaz de escrever uma frase coerente.

O que une os cinco grupos? A ausência de reflexão da NH tomada como um todo e a acuidade de visão do historiador de ofício

¹⁴² CAREY, Sorchia. Op.cit., p.10.

¹⁴³ Como nosso foco não é a filologia citamos apenas três autores para exemplificar a questão: Norden em seu “Die Antike Kunstprosa” de 1915 afirma que o estilo de escrita de Plínio estaria entre os piores do mundo; D. J. Campbell no “Oxford Classical Dictionary” de 1979 também condena a prosa de Plínio; F. R. D. Goodyer em “Cambridge History of Classical” de 1980 afirma que Plínio seria uma espécie de monstro incapaz de escrever uma frase coerente.

O que importa, no final das contas, é considerar o essencial: Plínio é um homem de seu tempo, que também suporta o peso de um pensamento totalmente impregnado de sua pré-história e influenciado, acima de tudo, por uma onda de superstições, sobretudo orientais. É o ponto capital que os estudiosos positivistas do século XIX, inclusive do XX, descuidaram ao julgar sumariamente a Plínio, sem compreendê-lo, segundo os critérios da ciência moderna.¹⁴⁴

Erros e incoerências podem ser levantados em toda a obra de Plínio, mas isto é um posicionamento em nossos termos – errado/certo. A NH não aponta, necessariamente, as respostas corretas, pois seria um erro crasso exigir de um autor do século I d.C que use o aparato linguístico, conceitual, cultural, etc. dos nossos dias – esperamos, por exemplo, que ninguém hoje em dia busque recomendações medicinais na NH. Contudo, a obra nos oferece as respostas romanas e, com isso, nos é dada a possibilidade de compreender o mundo que se abria diante dos olhos daqueles homens. Talvez tal afirmação não seja reconhecida pelos propagadores dos discursos técnico-científicos, ou mesmo dos que usam a disciplina e o saber histórico como algemas postas pela *tiranía do presente* – Leonardo Ordóñez Díaz sentencia “el dios del presente no puede construir sentido, no puede ofrecer explicaciones: em ello reside su radical limitación”¹⁴⁵. Todavia, para aquele que traz em seus olhos o deslumbramento gerado pela imensidão do conhecimento histórico e não apenas pela brevidade do instante, do agora, do presente verá em Plínio a possibilidade de refletir sobre a construção do saber histórico. Lembrar que este posicionamento não nos faz estudiosos do passado, mas, com certeza, um “estudioso que analisa e interpreta o passado”¹⁴⁶, ou seja, afirmamos o papel do historiador no labor com o temporal e, ao menos que repensemos as noções de tempo-espço, Plínio e sua História Natural constituem um objeto legítimo no campo historiográfico contemporâneo.

Justamente por entender a legitimidade dos estudos sobre a NH que propomos o “outro lado da moeda” neste momento. Até aqui vimos autores de quase todos os séculos desde o momento da escrita de Plínio. Muitas foram as críticas e comentários sobre os *usos* que acompanharam a obra pliniana. Todavia, como dito noutro momento, a partir dos anos oitenta do século XX a produção sobre a NH ganhou outras cores. Logo, dedicamos alguns parágrafos para nomear e comentar certos trabalhos que tornaram as discussões mais profícuas e diferenciadas – não necessariamente de historiadores. Começamos com a obra de

¹⁴⁴ SERBAT, Guy. *Introducción General*. Op.cit., p.182.

¹⁴⁵ ORDÓÑEZ DÍAZ, Leonardo. **Historia, literatura y narración**. Historia Crítica. Julio-diciembre/2008; n°36: 194-222.

¹⁴⁶ FRIGHETTO, Renan. **Antiguidade Tardia**. Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras numa época de transformações (séculos II – VIII). Curitiba: Juruá Editora, 2012, p.13.

Francisco de Oliveira intitulada “*Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo*” (1986) que já em seu prefácio tira muitas decepções e enganos que um estudioso da NH geralmente enfrenta:

Ofuscados pelo cientista, ou pelo não-cientista, os estudiosos digladiavam-se. Curavam de saber como morreria. Heroicamente? Naturalmente? O peso das cartas do sobrinho asfixiava. Como a sombra do Vesúvio. Decidi libertar-me das tutelas, da vida e morte e fontes e procuratelas. Li e reli o texto.¹⁴⁷

Encontramos nos questionamentos de Francisco de Oliveira os labirintos que cercam a obra de Plínio, pois se trata de um autor consagrado por muitos séculos, mas com uma dificuldade de encaixe na tradição antiga. Quando retomamos as discussões propostas pelos autores anteriormente citados vemos uma tentativa – que se concretiza – de Francisco de Oliveira apresentar um Plínio “político”. O mérito do autor foi buscar esta faceta na NH, pois ao lembrarmos-nos de Tácito e Suetônio temos comentários sobre a guerra contra os germanos e o período do imperador Calígula, mas com a impressão de que estes autores consultavam outras obras de Plínio que não a NH. Já no texto do português Francisco de Oliveira a busca pelas formas de constituição¹⁴⁸, a imagem do governante e as ações do governante foram conduzidas através dos componentes disponíveis na História Natural.

Aude Doody, autora que abre nossa exposição, igualmente nos fornece muitas reflexões sobre a NH em seu livro “*Pliny’s Encyclopedia: the reception of the Natural History*” (2010). Nesta obra Doody faz uma enorme imersão em temas que tornaram a NH em um formidável trabalho de sucesso. Como vimos, até o século XVI os estudiosos voltavam-se a Plínio para pesquisar informações sobre medicina e natureza, mas o autor é taxativo ao afirmar que hoje, homens do século XXI, devem voltar os olhos para a NH e notar que “Plínio desenvolveu a capacidade de nos fornecer uma ideia dos interesses e competências de um homem romano do primeiro século”¹⁴⁹ – quase um sistema de cultura comum a todos os romanos. Sua obra, como o próprio título já esclarece, possuiu como foco a receptividade da NH, ou seja, totalmente diferente da proposta de Francisco Oliveira. Aqui as discussões sobre o conceito de “enciclopédia” ganham destaque, visto que um capítulo inteiro é dedicado às

¹⁴⁷ OLIVEIRA, Francisco de. **Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986, p.IX.

¹⁴⁸ “Em nenhum ponto da História Natural Plínio se propõe tratar as várias formas de constituição. Todavia, ele enumera algumas delas. Aí no catálogo das invenções humanas, inclui a monarquia, a democracia e a tirania”. (OLIVEIRA, Francisco. Op.cit., p.3)

¹⁴⁹ DOODY, Aude. Op.cit., p.4.

políticas da enciclopédia e o papel de Diderot na formação de um “Plínio enciclopedista”. Assim como a maior parte dos estudos sérios sobre Plínio a partir da década de oitenta do século XX, Aude Doody explicita sua preocupação em recolocar a NH em discussão, pois tornar uma obra das proporções como esta em simples notas de rodapé mostra-se como um grande erro. É preciso lê-la respeitando suas singularidades no espectro da *historia* antiga e compreendê-la dentro da cultura romana do século I d.C.¹⁵⁰

Dentre as produções mais recentes destacamos o livro organizado por Roy K. Gibson e Ruth Morello intitulado “*Pliny the Elder: Themes and Contexts*” (2011). Contando com doze capítulos escritos cada um por especialistas em Plínio, o Velho e sua História Natural esta obra propõe se aproxima da visão que pretendemos transmitir neste trabalho. Assim como a obra de Aude Doody, esta também apresenta discussões diferenciadas dos escritos de Francisco Oliveira, pois retoma diversas outras fontes e abordagens que extrapolam a própria NH. Talvez esta variedade de assuntos levantados em “*Pliny the Elder: Themes and Contexts*” corresponda à afirmação encontrada logo no início do trabalho: “A natureza como o lugar da Humanidade”.¹⁵¹ Logo, temas que abordam as diversas construções de uma sociedade romana – tida como a representante máxima da civilidade – engrossam o coro da “humanidade romana”. Assim, os autores levantam discussões sobre: atitudes de Plínio diante das faces da guerra (*Rhiannon Ash*); imperialismo, *mirabilia* e conhecimentos na NH (*Valérie Naas*); filosofia e ciência em Plínio (*Ernesto Paparazzo*); discussões sobre a natureza da enciclopédia (*Ruth Morello, Clemence Schultze*); a História Natural através das epístolas de Plínio, o Jovem (*Roy K. Gisbon*), etc.

Longe de considerar a NH como um amontoado de informações inúteis, ou mesmo de um simples inventário objetivo da natureza, estes autores propuseram a seguinte questão: *O que Plínio queria que seus leitores admirassem?* Cada qual buscou respostas nas diversas áreas de conhecimento, mas de maneira unânime uma resposta se sobressaiu “a NH pode ser vista como um inventário dos recursos e das maravilhas que estão *sob o controle do Império Romano*”¹⁵², ou seja, Roma como o centro que absorve e revela as “maravilhas” da periferia. Notadamente esta conclusão não se diferencia da produção literária do período de Plínio, mas o coloca dentro dos estudos ligados à sociedade romana, não apenas aos assuntos de

¹⁵⁰ DOODY, Aude. Op.cit., p.173.

¹⁵¹ GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth. **Preface.** In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) *Pliny the Elder: themes and contexts*. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.VII.

¹⁵² GIBSON, Roy K. & MORELLO. Op.cit., p.IX.

medicina, zoologia, geografia, etc. Ou melhor, mesmo a geografia, medicina e zoologia passam a construir a imagem que Plínio nos deixou de seu próprio tempo. Por fim, também são reforçadas as novas maneiras de olhar para a NH – diferente de toda a tradição que a condenou, tanto pelo conteúdo como pela escrita -: “a *Historia Naturalis* não deve ser entendida como uma ‘História natural’ no sentido moderno”¹⁵³; “a aparição do *maravilhoso* na NH deve ser visto como um estímulo ao leitor”.¹⁵⁴

Outro estudo que se encaixa nas novas pesquisas sobre Plínio, o Velho é a obra “*Pliny the Elder’s Natural History: the Empire in the Encyclopedia*”(2004) de Trevor Murphy. Uma das boas ideias levantadas pelo autor é a de ver a NH como um símbolo do *triunfo* romano, ou seja, pelas páginas da História Natural muitas conquistas e espólios desfilariam para o leitor mostrando a absoluta autoridade dos romanos sobre o mundo. A legitimidade de tal *triunfo literário* estaria na carta-prefácio que Plínio dirige ao futuro imperador romano Tito. Esta postura estava dentro dos parâmetros de produção literária do século I d.C, os quais identificavam o papel fundamental do imperador na legitimação do que se tornaria um conhecimento para o Império.¹⁵⁵ Em conformidade com o autor, destacamos o não alinhamento de nossos pensamentos no tocante à afirmação “a NH foi escrita por um homem que nunca pisou fora de sua biblioteca”. Pensamos que a NH carrega grande peso de outras obras – alguns afirmam que ela seria um livro sobre outros livros -, mas com o claro objetivo de outorgar autoridade ao escrito. Além do mais, Plínio foi um típico équite romano gastando muito tempo de sua vida em viagens, expedições e servindo ao Império Romano. Afirmar que ele nunca saiu de sua biblioteca e usar o “livro sobre outros livros” retira todo o viver e as experiências de Plínio – por exemplo, exerceu o cargo de oficial de cavalaria e escreveu um livro intitulado *Sobre o lançamento de dardos a cavalo*.

Como ponto provocativo do texto Trevor Murphy afirma que o leitor da NH não deve procurar um “Plínio unitário”, mas várias vozes e mãos que mostram toda a autoridade da História Natural. Qualquer leitor que pegue uma parte isolada do texto e afirme “isto é o que Plínio pensava” corre sérios riscos de cair nas armadilhas das diversas vozes que compõem a

¹⁵³ GIBSON, Roy K. **Elder and Better: the Naturalis Historia and the letters of the Younger Pliny**. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) *Pliny the Elder: themes and contexts*. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.187.

¹⁵⁴ BEAGON, Mary. **The curious eye of the Elder Pliny**. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) *Pliny the Elder: themes and contexts*. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.84.

¹⁵⁵ MURPHY, Trevor. Op.cit., p.198.

NH.¹⁵⁶ Dessa maneira, questionamentos como “o que Plínio viu?” ou “no que ele acreditava?” são perigosos de acordo com Murphy. Todavia, nosso trabalho terá como objetivo responder algumas destas questões, mesmo sabendo da transitoriedade das respostas.

Cabe apontar outra obra de valor nos estudos recentes sobre a NH intitulada “*Pliny’s Catalogue of Culture: Art and Empire in the Natural History*” (2003) de SORCHA CAREY. Torna-se interessante reafirmar a preocupação que os estudiosos de Plínio, o Velho mostram em toda abertura de seus trabalhos: “[A História Natural] permaneceu como um trabalho que era frequentemente consultado, e raramente lido. A proposta central de nosso livro, entretanto, é mostrar que somente considerando a obra em seu todo é que transformaremos a NH numa fonte valorosa de pesquisa sobre o mundo antigo”.¹⁵⁷ Esta necessidade de afirmar o valor da NH para as pesquisas de História Antiga recai em todo aquele rol de críticas – *História do pensamento clássico privilegiando apenas os autores que legitimavam futuras nacionalidades; filologia tornando Plínio num monstro estético; filosofia desconsiderando os romanos, os temas do século I d.C e categorizando o estoicismo romano como uma deturpação do estoicismo original* - que a obra sofreu durante os séculos – com ênfase no século XIX.

Na obra de SORCHA CAREY temos como tema central a História da arte ligada ao contexto da produção da NH, contudo no capítulo “*The problem of totality: collecting Greek art, Wonders, and Luxury*” temos uma excelente discussão sobre a automática ligação entre luxúria/decadência proposta por Plínio – a luxúria seria uma perversão da razão e da Natureza.¹⁵⁸ Neste ponto Plínio está totalmente vinculado à tradição dos finais da república e início do principado romano que via como resultado da expansão de Roma o declínio do *mos maiorum* – modo de viver tradicional do romano¹⁵⁹. Este discurso contrário à luxúria está de acordo com as propostas do estoicismo anteriormente citadas e, com um exemplo do próprio Plínio, temos ideia das causas que ele apregoava: queria que Roma voltasse “ao tempo em que os romanos usavam anéis de ferro, e não ouro, como um símbolo da virtude da guerra”.¹⁶⁰

¹⁵⁶ MURPHY, Trevor. Op.cit., p.11.

¹⁵⁷ CAREY, SORCHA. **Pliny’s Catalogue of Culture: Art and Empire in the Natural History**. Oxford: Oxford University Press, 2003, p.I.

¹⁵⁸ CAREY, SORCHA. Op.cit., p.76.

¹⁵⁹ CAREY, SORCHA. Op.cit., p.78.

¹⁶⁰ Plínio, o Velho. NH. 33.9: “*manus et prorsus sinistrae maximam auctoritatem conciliavere auro, non quidem Romanae, quarum in more ferrei erant ut virtutis bellicae insigne*”.

Ronald Syme em seu trabalho “*Pliny the Procurator*” (1969) realiza um ótimo estudo sobre o *cursus honorum* de Plínio. Intercalando diversos outros pensadores que conjugaram uma vida ativa no mundo político romano – Licinius Mucianus, Tácito - com a produção de grandes obras de pesquisa, Syme apresenta as obras plinianas juntamente com os cargos exercidos pelo pensador. Com esta proposta temos a possibilidade de pinçar informações da NH que dão o tom dos cargos ocupados por Plínio. Nesta tarefa, Syme se apoia nos estudos de F. Münzer – *Die germanische Urgeschichte in Tacitus Germania*, por exemplo – e por meio das descrições da geografia retira as possíveis informações que Plínio acrescentou na NH através de suas experiências vividas naqueles locais. Logo, os cargos ocupados por Plínio na Germania Inferior e Germania Superior são confirmados por alusões da própria NH – a visível aliança entre *educação e viagem* já exaltada desde os tempos de Pitágoras e outros.

Tantas outras produções poderiam ser rapidamente apresentadas aqui¹⁶¹, mas o nosso intuito foi mostrar alguns estudos que romperam com os cinco grupos apresentados anteriormente – *os que usam a NH*. Dessa forma, é possível notar os esforços de todos os autores em desmistificar a NH e mostrar as vastas possibilidades que esta fonte proporciona para os estudiosos do século I d.C. Perceber que não se trata mais de colocar-se como discípulo ou adversário de Plínio, mas de observar sua obra como objeto de trabalho. Isso equivaleria a pronunciar-se sobre a dimensão histórica da NH o que nos obriga, como historiadores, a evidenciar o papel da temporalidade aliada às experiências e manifestações individuais e coletivas – o que Aróstegui chamaria de *imersão no tempo*.¹⁶² De que *tempo* aqui falamos? Se apoderássemos das palavras de Plínio poderíamos dizer que se trata do período em que “os postes de cedro do templo de Apolo de Útica aguentam 1178 anos decorridos desde a fundação da cidade”¹⁶³, ou seja, estaríamos falando do ano 77 d.C em pleno principado romano. Através dessa localização temporal percebemos o porquê de uma afirmação aparentemente simples como à feita por Aróstegui – “é preciso uma imersão no tempo” – torna-se central na tarefa do historiador de ofício. Essa dedicação própria do historiador e, muitas vezes, aguda nos que dedicam seus esforços na compreensão dos

¹⁶¹ Logicamente a bibliografia do trabalho apresenta vários outros estudos. Contudo, citamos a recente tese defendida por Ivana Lopes Teixeira no Departamento de História da Universidade Estadual de São Paulo, em 2012. Intitulada: “*Romanidade em Plínio, o Antigo, e a Naturalis Historia como um ‘projeto’ político-pedagógico*” a pesquisadora centrou suas discussões nos livros 33-37 da NH focando suas discussões na aliança entre a cultural material e as identidades político-culturais.

¹⁶² ARÓSTEGUI, op.cit., p.88.

¹⁶³ Plínio, o Velho. NH. 16.

momentos históricos mais antigos pede que dominemos o ambiente que estudamos, para depois, “chegarmos ao ‘cerne’, ao ‘centro’ do trabalho do historiador, a leitura da fonte”.¹⁶⁴

Claramente tais aspectos podem causar certo constrangimento sobre aqueles indivíduos que propagam a impossibilidade de se conhecer a realidade passada, pois o objeto de estudo, por pertencer ao passado, não se encontraria mais acessível à percepção imediata. Enquanto questionamento epistemológico tais proposições podem ser levadas em consideração, mas no tocante à construção do conhecimento histórico, não. Nesse tipo de argumento percebemos o que chamamos anteriormente de *tiranía do presente*, pois não se leva em conta que a função do historiador não é acessar o passado – realmente não está acessível à percepção imediata –, mas oferecer explicações e interpretações do mesmo, o que pede o domínio do ambiente estudado e das fontes analisadas, para, assim, evitar os absurdos históricos que lemos e escutamos diariamente. Constatação que ganha dramaticidade quando falamos de Plínio, o Velho e sua História Natural, pois os vários *usos* que foram feitos de sua obra deram conta de torná-lo um mago, um aficionado por magias, um irrelevante copista quando, na realidade, percebemos nesse autor uma verdadeira proposta de tornar compreensível o desconhecido e remoto.¹⁶⁵

Com essas reflexões percebemos que a atual construção do discurso histórico estrutura-se a partir de uma tensão: de um lado temos o *deslumbramento com a imensidão do conhecimento* e do outro lado um *estranhamento com a temporalidade*. Se nos basearmos apenas na primeira condição podemos nos tornar reféns do acúmulo desmedido de informações que preenchem o nosso interior, mas não possuem ligações com o nosso exterior – os *coleccionadores do saber*. Por isso, se faz necessário que esse deslumbramento esteja acompanhado por uma reflexão rigorosa, objetiva e fundamentada. Se, por outro lado, não questionarmos a construção temporal podemos cair no comodismo do *agora*¹⁶⁶ ou ficarmos reféns do passado sem percebermos o vínculo natural entre o pensar e o nosso próprio tempo. Logo, entendemos que o historiador que se propõe a compreender o seu objeto de estudo fica num permanente *estado de desconforto* diante da necessária tensão aqui apresentada. Nota-se

¹⁶⁴ FRIGHETTO. Op.cit., p.14.

¹⁶⁵ NAAS, Valérie. **Imperialism, Mirabilia, and Knowledge**: Some paradoxes in the Naturalis Historia. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) Pliny the Elder: themes and contexts. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.64.

¹⁶⁶ A busca e o aprisionamento que o *agora* oferece ao homem contemporâneo talvez se expliquem pela necessidade da novidade/novo. Contudo, é pouco salientado – pelo encurtamento intelectual contemporâneo – que a busca e a valorização do *agora* estão paradoxalmente ligadas à morte, ao esfarelar do tempo (o novo tão logo se torna velho morre através das mesmas mãos que o tornaram novo anteriormente).

que essa tensão não contraria as exigências da construção do saber histórico e, muito menos constitui um paradoxo, mas deixa visível a necessidade de especialização e aprimoramento contínuo do historiador de ofício.¹⁶⁷

¹⁶⁷ FRIGHETTO. Op.cit., p.15.

7 *De sandálias e respiração forte: um homem sábio e tipicamente romano*

*“E, então, a seus olhos, a natureza se torna o pano de fundo
de uma obscuridade que fala sem palavras”.
(Karl Jaspers. Introdução ao pensamento filosófico)*

Normalmente o espaço reservado para a apresentação do indivíduo estudado fica marcado por sequências de datas, cargos políticos ocupados, grandes momentos retratados quase desvinculados do contexto vivido pelo autor. Isso ocorre devido às dificuldades construídas na relação entre o olhar do pesquisador – “o homem sujeito” – e o seu “homem objeto”, pois acreditar que um indivíduo do século I d.C, como é o caso de Plínio, também andava pelas ruas, banhava-se, comia e roncava, vai contra à imagem construída em nossa mente de um erudito que gastava seu tempo de vida com afazeres inalcançáveis por homens como nós. Alguns indivíduos podem se sentir diminuídos com o “inalcançável por homens como nós”, mas não se trata de diminuição apenas uma constatação de nossos tempos. Talvez a compreensão do *ócio produtivo* que tais indivíduos desfrutavam nos sirva de consolo para obstinarmos nas imagens ideais que tanto nos agradam, ou, menos confortável e mais realista, seria pensarmos sobre as facilidades e os comodismos que o homem contemporâneo criou e que não exigem a atenção e erudição que homens do passado tinham em seu horizonte.

De exceções não vivem as regras! Logo, os pensadores contemporâneos que brindaram a humanidade com suas vastas obras foram – nem todos, é verdade – humildes o suficiente para atestar a grandeza dos antigos. Basta olharmos para a totalidade da obra de indivíduos como Platão, Aristóteles, Plínio, Cícero, Isidoro de Sevilha, Agostinho de Hipona, etc., para entendermos o quão longe o horizonte destes homens se apresenta para os nossos binóculos – quem sabe só com um protótipo fictício deste alongador visual/mental possamos vislumbrar a obra completa de pensadores como os citados anteriormente. Fato inegável: escrevia-se muito e com enorme qualidade. E o mais intrigante: usavam sandálias!

Tal conclusão não deve ser levada tão a sério, é claro. Mas enganam-se aqueles que veem nessa irônica afirmação algo vazio e sem sentido, pois ela nos fornece algo de fundamental: a necessidade de “humanizar” nossa fonte de pesquisa. Para ocorrer essa revolução epistemológica é preciso compreender que termos como “subjetividade” e “imaginação” fazem parte do vocabulário do historiador de ofício – apesar de muitos considerarem que tais posturas atestariam a não seriedade dos estudos históricos. Todavia, são elementos dessas categorias que trazem o *homem* para dentro da História, se não esse pode se perder em meio a

tantos emaranhados de estatísticas, estruturas, fatalismos, classes e determinismos.¹⁶⁸ A aspiração a uma História totalmente objetiva, amplamente criticada durante o século XX, apaga um ponto fundamental da percepção histórica: os homens que aqui estiveram e que aqui estão são formados de carne, ossos, contradições internas e usam sandálias! Logo, devemos dar espaço para a imaginação e a subjetividade, pois essas fazem parte do nosso ser, mas atenção, esta abertura deve respeitar os limites do próprio objeto de estudo.¹⁶⁹ Jaime Aurell em seu texto “Los grandes relatos, el fin de la historia y la historiografía reciente” encerra esta questão de forma convincente apresentando uma tendência recorrente, mas errônea nos estudos históricos:

(...) tendemos a identificar subjetivismo e imaginación con ficción, sin caer en la cuenta de que ficción es una categoría relacionada con *realidad*, no con las otras dos dicotomías verdad-mentira y objetividad-subjetividad. Se puede ser muy subjetivo sin abandonar en absoluto del ámbito de lo *real*.¹⁷⁰

Realidade é quase uma obsessão dos historiadores. Atualmente dá-se preferência pela expressão “representação da realidade”, mais correta em nossa concepção. Entender essa representatividade do real como algo construído e produzido não meramente “percebido”¹⁷¹ é um caminho para fugir dos muros sufocantes do cemitério de ideias da História¹⁷². Essa construção/produção da realidade histórica também deve levar em conta a diversidade documental que possua aspectos subjetivos e imaginativos. Com elas podemos aproveitar as experiências dos homens do passado, suas dúvidas, suas incertezas, por fim, sua existência. O intelecto do homem tem esta capacidade de estender-se a todo ser, ainda mais ao *ser-que-foi* – esse intelecto é praticamente o espírito agostiniano com sua distensão ao passado (memória), ao futuro (expectativa/desejo), mas unidos na situação presente da vida de cada um.¹⁷³ Aproveitar outras formas de fonte histórica e de abordagem histórica é dar valor a este intelecto, o qual por natureza é uma mescla de objetividade e subjetividade. É através dessa

¹⁶⁸ AURELL, Jaime. **Los grandes relatos, el fin de la historia y la historiografía reciente**. In: El fin de la Historia. Universidad Adolfo Ibáñez: Ediciones Altazor, 2008, p.24.

¹⁶⁹ “Lo cierto es que hay una verdad objetiva, y un pasado real, que há existido, al que podemos acceder a través de diversas fuentes de conocimiento – orales, escritas, iconográficas. Lo que muchas veces olvidamos, y parece también de sentido común, es que hay muchas maneras de acceder a ese único pasado, u no tiene por qué ser mejores unas que otras, sino simplemente diferentes”. (AURELL. Op.cit, p.26)

¹⁷⁰ AURELL. Op.cit., p.26

¹⁷¹ ARÓSTEGUI, Julio. **Símbolo, palabra y algoritmo**. Cultura e historia em tiempos de crisis, 1993, p.205.

¹⁷² STADLER, Thiago David. **Considerações sobre o Livro I dos Solilóquios de Marco Aurélio**. In: LONGHI, Armindo José (org.) Filosofia, Política e Transformação. São Paulo: LiberArs, 2012, p.162.

¹⁷³ PEGORARO, Olinto A. **Sentidos da história**: eterno retorno, destino, acaso, desígnio inteligente, progresso sem fim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.29.

díade¹⁷⁴ que o homem consegue repensar, “re-presenciar” a vida, as experiências e os atos dos homens de outras épocas.¹⁷⁵ Dessa forma, ampliam-se os elementos sociais capazes de construir a inteligibilidade que os homens pretendem extrair da sua própria existência.¹⁷⁶

Vê-se que esboçamos algumas rápidas reflexões inquietantes que acompanham a todos que pretendem compreender um pouco do que se passou – o “contato” com a temporalidade, não apenas com o passado. Como dito noutro momento de nossas pesquisas¹⁷⁷, quem sabe a nossa vontade seja a de interagir com os indivíduos que tanto conhecemos em nossos livros, mas que nunca saberemos ao certo como foram. Melhor assim, pois, talvez, se os conhecêssemos como de fato eram, o encanto que nos fez escolhê-los para as nossas pesquisas naufragaria em águas turvas e sem o brilho que concedemos. Ou pior, veríamos que os grandes déspotas e usurpadores também tinham sua parcela de carisma, o que tememos aceitar¹⁷⁸. Mas não podemos temer as lacunas, as subjetividades e a imaginação, pois sem estas palavras carregadas de intenções a compreensão do processo histórico fica comprometida.

Mas, e as sandálias? Qual a intenção dessas aparecerem no espaço dedicado à apresentação de Plínio? Talvez com certa dose de pretensão nos espelhamos na inusitada obra de Robert Darnton intitulada “Os dentes falsos de George Washington” onde o autor traz provocações em torno dos dentes de um dos maiores ícones norte-americano:

O Pai da pátria lutando contra a dor de dente? Não foi a menor de suas batalhas, e ele a acabou perdendo. Após derrotar os britânicos e vencer a primeira eleição à presidência, foi empossado em 1789 com um único dente na boca, um pré-molar inferior esquerdo (...) possuía uma vasta coleção de dentes falsos, feitos de todo tipo de material: de marfim a presas de morsa, de presas de hipopótamo a dentes de outros homens¹⁷⁹.

¹⁷⁴ Aceitar esta díade é imperativo para compreender o homem como ser histórico. Devemos levar em conta que a imprevisibilidade e a arbitrariedade também participam do cotidiano do homem, visto que o homem é livre em suas decisões. Porém, como afirma Leo Elders em seu texto *La Historia, su sentido y su fin*: “(...) pero lo que se ha hecho o lo que no, forma parte ya del pasado y está fijado para siempre”, sejam arbitrários ou não, logo, passíveis de ser estudados pelos historiadores. (ELDERS, Leo J. **La Historia, su sentido y su fin**. In: *El fin de la Historia*. Universidad Adolfo Ibañez: Ediciones Altazor, 2008, p.33)

¹⁷⁵ ELDERS. Op.cit.

¹⁷⁶ ARÓSTEGUI. Op.cit., p.206.

¹⁷⁷ Reflexões desenvolvidas no período de mestrado e que hoje se encontram no livro *O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta* (Plínio, o Velho e Trajano 98/117 d.C).

¹⁷⁸ STADLER, Thiago David. **O Império romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta (Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C)**. Curitiba: Juruá Editora, 2013, p.15.

¹⁷⁹ DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.07.

Nada comum dedicar a abertura de um texto para esclarecer as batalhas dentárias de um líder político. Nossa leitura é a de que o autor deu espaço para o inesperado, captou o singular, ou seja, ousou! Já as nossas *sandálias* foram responsáveis por levar Plínio até o local que lhe proporcionou a visão do inesperado, do singular, do inusitado. Com os pés protegidos por suas sandálias Plínio avistou aquilo que tanto o fascinava: as maravilhosas manifestações naturais. Deixamos para seu sobrinho Plínio, o Jovem apontar o que ocorreu naquele momento:

Meu tio estava estacionado em Miseno como comandante da frota. Era 24 de agosto, ainda no início da noite, quando minha mãe mostrou ao meu tio a aparição de uma nuvem, com tamanho e aparência anormal. Ele havia, segundo seu costume, tomado sol, depois um banho de água fria e havia comido algo e se encontrava naquele momento ocupado com seus livros. Pediu então que lhe alcançasse suas sandálias e subiu até um local de onde podia ver melhor aquele prodígio.¹⁸⁰

De pés descalços Plínio lia seus livros, mas diante de um prodígio suas *sandálias* o acompanhavam. Até então apenas fatos do cotidiano haviam acontecido – banho de sol, banho de água fria, refeição, estudos – cotidiano, é verdade, que nos indica alguns porquês da imagem de Plínio ganhar força de sedentarismo no decorrer da História. Algumas teorias chegam a apontar problemas cardíacos e respiratórios gerados pela obesidade de Plínio¹⁸¹. Contudo, o anoitecer reservou um momento diferente. As nuvens disformes anunciavam duas situações que para toda a tradição ocidental desde o século I d.C. andariam inseparáveis: a erupção do Vesúvio e a morte de Plínio, o Velho. Não tão inseparáveis foram as imagens de um “Plínio com sandálias” e outro “Plínio sem sandálias” para a mesma tradição ocidental. Grande parte da tradição enfatizou a imagem de Plínio como erudito, compilador, homem dos estudos, sedentário, ou seja, a de “Plínio sem sandálias”. Contudo, justamente o momento mais lembrado, citado, rememorado e, até mesmo, exemplar científico, foi o de um “Plínio com sandálias”, pois suas observações e mesmo a posterior expedição para morte foram acompanhadas por seu par de *sandálias* e não por seus livros. Aqui temos uma marca fundamental para entendermos Plínio e suas obras: a união entre a figura do homem político (funcionário, administrador, almirante) e a de homem das letras (escritor de inúmeras obras e apaixonado pela erudição).

¹⁸⁰ Plínio, o Jovem. *Ep.* 6.16: “*Erat Miseni classemque imperio praesens regebat. Nonum Kal. Septembres hora fere septima mater mea indicat ei apparere nubem inusitata et magnitudine et specie. 5 Usus ille sole, mox frigida, gustaverat iacens studebatque; poscit soleas, ascendit locum ex quo maxime miraculum illud conspici poterat*”.

¹⁸¹ SERBAT, Guy. *Op.cit.*, p.39.

É interessante destacar que em um dos raros monumentos¹⁸² levantados em memória de Plínio, o Velho (Catedral de Como, século XV) temos o retrato de ambas as figuras: tanto a imagem de Plínio cercado por assistentes com livros e pensativo em torno de sua NH quanto à representação da erupção do Vesúvio. As duas esculturas foram feitas a partir da *epístola* 3.5 que Plínio, o Jovem enviou para Baebio Macrino. Cabe aqui o trecho que nos mostra ambas as imagens de Plínio, o Velho:

Quando regressava para casa destinava o tempo restante a seus estudos. Depois de sua refeição (que todos os dias eram simples e leves como mandavam os velhos costumes), frequentemente no verão, se tivesse tempo livre, tomava sol enquanto lia e fazia anotações de algum livro. Fazia isto todos os dias e costumava dizer que não existia um livro tão ruim que não se pudesse aproveitar nenhuma parte. Depois do sol geralmente tomava um banho frio para logo comer e dormir um pouco, depois estudava como se um novo dia tivesse começado, até a hora do jantar, durante o qual também era lido um livro em voz alta, do qual tomava rapidamente algumas notas. (...) em seus aposentos só parava seus estudos no tempo de seu banho, ou melhor, de suas imersões, pois enquanto se secava fazia com que algo fosse lido.¹⁸³

É a partir deste trecho que grande parte da tradição teceu as críticas mais mordazes sobre a ausência completa de pensamento na obra pliniana. Seria ele um homem que só lia e anotava o que outros escreviam? Para nós a passagem mostra um homem em busca da máxima erudição que o tempo livre poderia proporcionar. O conhecimento da tradição não era visto como um congelamento do pensamento – como muitos dos modernos e contemporâneos profetizaram -, mas como um respeito e valorização do que viera antes. Notadamente a imagem que Plínio, o Jovem construiu em sua epístola chega próximo do absurdo, mas não podemos nos esquecer de que ao propagar uma imagem tão erudita como a de seu tio, Plínio, o Jovem vinculava-se ao mesmo. Guy Serbat indica que além de exaltar a imagem de seu tio e colocar-se ao seu lado, Plínio o Jovem divulga a mesma imagem de erudito para si mesmo na epístola VI.20. Este mesmo recurso discursivo foi percebido quando estudamos a vinculação entre Plínio, o Jovem e o imperador Trajano e talvez aquelas palavras ditas noutro momento sejam válidas aqui:

¹⁸² Vide Anexos 1, 2 e 3.

¹⁸³ Plínio, o Jovem. *Ep.* 3.5: “*Reversus domum quod reliquum temporis studiis reddebat. Post cibum saepe - quem interdum levem et facilem veterum more sumebat - aestate si quid otii iacebat in sole, liber legebatur, adnotabat excerpebatque. Nihil enim legit quod non exciperet; dicere etiam solebat nullum esse librum tam malum ut non aliqua parte prodesset. Post solem plerumque frigida lavabatur, deinde gustabat dormiebatque minimum; mox quasi alio die studebat in cenae tempus. Super hanc liber legebatur adnotabatur, et quidem cursim. (...) In secessu solum balinei tempus studiis eximebatur - cum dico balinei, de interioribus loquor; nam dum destringitur tergiturque, audiebat aliquid aut dictabat*”.

Mas como Plínio construiu uma imagem modelar de Trajano através das virtudes? Em nosso entendimento, isso foi possível devido aos vários fatores apresentados até aqui: reconhecimento, palavras certas, apoio, *fides e amicitia*. Contudo, acreditamos que propagar essa imagem a ponto de estudarmos até hoje a otimização da imagem imperial de Trajano só foi possível devido à real crença de Plínio, o Jovem em seu tempo. Um homem crente nas ações de seu soberano, capaz de entendê-las e repassá-las, com a vontade de preservar seu amigo à frente do Império e com a certeza de querer manter-se ao seu lado.¹⁸⁴

Quando lemos os testemunhos de Plínio, o Jovem sobre seu tio temos a certeza de que o orgulho familiar deveria estar presente e, por conseguinte, o quase natural exagero de elogios. Nas próprias palavras de Plínio, o Jovem: “Aprendi, além do mais, com os sábios, que não existe maior mérito do que seguir os passos de seus próprios antepassados, sempre que tenham transmitido um caminho reto”¹⁸⁵. Da mesma maneira, com belas palavras e vários exageros, foi graças a Plínio, o Jovem que temos uma das narrativas mais conhecidas sobre a morte de um homem da antiguidade – imagem muito propagada na modernidade e contemporaneidade¹⁸⁶. Em suas epístolas temos registros dos acontecimentos do dia 25 de agosto de 79 d.C. – dia posterior a citação feita anteriormente acerca do uso das sandálias – em que desgraças e tristezas são expostas para que Tácito pudesse compreender aquele momento:

Apenas nos sentamos [Plínio, o Jovem e sua mãe] e caiu a noite, porém não escura como uma noite sem lua, mas como uma moradia completamente fechada e sem nenhuma lâmpada acesa. Era possível ouvir os gritos das mulheres, o choro das crianças, os clamores dos homens... alguns chamavam aos gritos a seus pais, outros a seus filhos, outros, enfim, a seus cônjuges, e tentavam localizá-los por suas vozes. Alguns choravam sua própria desgraça, outros a de seus queridos. Estavam os que, por medo da morte, invocavam à morte mesma; os que erguiam as mãos aos deuses, e outros que diziam que esses já não existiam e interpretavam aquela noite como o fim do mundo, e não faltavam os que acrescentavam aos perigos reais outros fictícios e inventados.¹⁸⁷

¹⁸⁴ STADLER, Thiago David. Op.cit, p.159

¹⁸⁵ Plínio, o Jovem. Ep. 5.8: “*Invenio autem apud sapientes honestissimum esse maiorum vestigia sequi, si modo recto itinere praecesserint*”.

¹⁸⁶ Vemos um paralelo interessante: nos parece que quanto mais referenciada foi a morte de Plínio, o Velho menos foi exaltada a sua autoridade como erudito. Exemplo: durante o período antigo e medieval a imagem que mais circulou de Plínio foi o de erudito e escritor da NH. Com o advento da modernidade e, posteriormente dos nossos tempos, a imagem que mais se propagou foi a da “morte científica” e, como dito, a desvalorização da figura de erudito veio no mesmo passo.

¹⁸⁷ Plínio, o Jovem. Ep. 6.20: “*Vix consideramus, et nox — non qualis illunis aut nubila, sed qualis in locis clausis lumine extincto. Audires ululatus feminarum, infantum quiritatus, clamores virorum; alii parentes alii liberos alii coniuges vocibus requirebant, vocibus noscitabant; hi suum casum, illi suorum miserabantur; erant qui metu mortis mortem precarentur; multi ad deos manus tollere, plures nusquam iam deos ullos aeternamque illam et novissimam noctem mundo interpretabantur. Nec defuerunt qui fictis mentisque terroribus vera pericula augerent*”.

Percebemos a atmosfera de medo e desespero que tomou conta de Miseno¹⁸⁸ quando os efeitos da erupção do Vesúvio alcançaram a região em que Plínio, o Jovem e sua mãe estavam hospedados. Este clima de pânico não foi vivenciado por Plínio, o Velho, pois como comandante da frota imperial de Miseno deslocou-se até o local da erupção. De acordo com seu sobrinho Plínio seguiu até o local para cumprir duas missões: 1º) algo importante poderia estar ocorrendo que merecesse algum estudo – Plínio, o Velho é descrito por seu sobrinho como um “apaixonado científico”; 2º) ajudar toda a população do local caso a situação estivesse fora do controle¹⁸⁹. Os relatos de seu sobrinho prosseguem e nos informam que o estado da região em que Plínio, o Velho atracou era de grande perigo. Contudo, apesar de todo o estado de calamidade narrado por Plínio, o Jovem vemos em suas cartas uma característica estilística presente em quase todo o seu *corpus* epistolar: o fato ocorrido usado como base para a construção de uma imagem ideal¹⁹⁰ – neste caso a de Plínio, o Velho.

Segue um pequeno trecho que contrasta com a passagem anterior e nos mostra mais um pouco sobre *quem* seria Plínio, o Velho:

Para atenuar o temor de Pomponiano [amigo de Plínio, o Velho] com o exemplo de sua própria tranquilidade [Plínio, o Velho] direcionou-se ao banho e, uma vez terminado com este, sentou-se e comeu alegremente, ou (o que não pressupõe uma grandeza de ânimo menor) fingiu estar alegre.¹⁹¹

Notável seria a absoluta tranquilidade de seu tio diante da catástrofe vesuviana, ou mesmo, o fingimento de tal estado de espírito enquanto alguns quilômetros dali os deuses já eram postos na berlinda! Até mesmo o habitual banho que no dia anterior também fora relatado aconteceu sem maiores problemas. Assim como noutros tempos nos perguntamos o

¹⁸⁸ O porto de Miseno no extremo norte da Baía de Nápoles era a base de uma das frotas imperiais, a *classis misenensis*. (MÁRQUEZ, Diego & SÁNCHEZ, Darío. **Plínio el Jovem**. Epistulae II. Córdoba: Alción Editora, 2005, p.118)

¹⁸⁹ Esta ideia é posta em dúvida por alguns estudiosos dentre eles Guy Serbat. Duvida-se que Plínio tivesse condições de saúde para ajudar os necessitados – ele estaria apenas cumprindo sua função como almirante (SERBAT, Guy. Op.cit., p.40)

¹⁹⁰ Hoje temos toda a produção epistolar pliniana distribuída em dez livros. Os nove primeiros livros são compostos por cartas escritas apenas por Plínio, o Jovem para uma rede de destinatários – destes nove livros foram retiradas as cartas que até aqui trabalhamos. O último livro – Livro X – é composto por cartas escritas por Plínio, mas também com respostas do imperador Trajano, num total de 124 cartas. Foi a partir de estudos mais aprofundados deste último livro que sugerimos a “construção ideal” presente nas epístolas plinianas, pois nelas encontramos a imagem ideal de um *princeps*. Para maiores discussões vide: STADLER, Thiago David. **O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta – Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C.** Curitiba: Juruá Editora, 2013.

¹⁹¹ Plínio, o Jovem. *Ep. 6.20*: “*Quo tunc avunculus meus secundissimo invectus, complectitur trepidantem consolatur hortatur, utque timorem eius sua securitate leniret, deferri in balineum iubet; lotus accubat cenat, aut hilaris aut — quod aeque magnum — similis hilari*”.

que levou Plínio, o Jovem a idealizar a figura do imperador Trajano com todos os sinais e virtudes de um *optimus princeps*, nos perguntamos agora: o que Plínio, o Jovem poderia passar para a posteridade, visto que tal consciência de continuidade era extremamente marcante naquele tempo¹⁹², com a imagem tranquila de seu tio diante do desespero de tantos outros? Guy Serbat propôs que esta imagem foi construída para compensar a “falta de poder glorificar honradamente a su tio con los altos hechos que en propiedad se le imponían, el sobrino se esforzó en describir las últimas horas de un sabio impávido y como insensible a los elementos desencadenados”¹⁹³. Para nós a resposta mais convincente e atenta à tradição seria a retomada da figura do *sábio* perante o perigo e o fim iminente. Lembramos-nos da reformulação da narrativa estética da morte que Platão propôs em seu diálogo *Fédon* quando relatou a morte de Sócrates:

(...) Ora, meu bom homem, tu que conheces bem esse procedimento, diz-me: o que devo fazer? [perguntou Sócrates ao homem que ia administrar a cicuta] Nada, ele disse, a não ser beber o veneno, caminhar até sentires tuas pernas pesadas e, em seguida, deitar. O veneno então produzirá seu efeito. Ao mesmo tempo em que falava ofereceu a taça a Sócrates. Este a tomou de sua mão, e muito suavemente, Equécrates, sem esboçar qualquer temor, qualquer mudança da cor de sua tez ou da expressão de sua fisionomia (...) ergueu a taça aos lábios e, com um ar misto de jovialidade e tranquilidade, sorveu o seu conteúdo totalmente.¹⁹⁴

O *sábio* diante do inevitável fim não demonstraria remorso nem medo, pois não poderia afirmar com certeza o que viria após a vida e, mais importante, estaria satisfeito com a sua vida e ciente do final da mesma. Por isso, nas belas palavras de Platão, Sócrates toma sua dose de cicuta, deita-se, relata suas últimas experiências sensoriais, pede para quitar sua dívida de um galo com Asclépio e morre. Não seria estranho Plínio, o Jovem recuperar o estilo platônico e mesmo a temática, pois ele mesmo prestou glórias ao modo de Platão escrever: “[sobre o filósofo Eufrates] Seus discursos possuem um estilo brilhante, majestoso e elegante, e frequentemente adotam, inclusive, àquele tom elevado e sublime de Platão”.¹⁹⁵

Assim sendo, Plínio, o Jovem deu o mesmo tom de tranquilidade para a morte de seu tio, mas com um agravante: Sócrates ao cumprir sua pena de morte deveria tomar uma dose

¹⁹² Talvez uma das mais belas frases do epistolário pliniano – com forte influência de Virgílio – faça juz ao que chamamos de “consciência de continuidade”, pois nela lemos a vontade do autor em vencer a morte através das letras e voltar glorioso nos lábios da humanidade. Plínio, o Jovem. *Ep. V.8*: “*diebus ac noctibus cogito, si 'qua me quoque possim tollere humo'; id enim voto meo sufficit, illud supra votum 'victorque virum volitare per ora'; 'quamquam o-': sed hoc satis est, quod prope sola historia polliceri videtur.*”

¹⁹³ SERBAT, Guy. *Op.cit.*, p.41.

¹⁹⁴ Platão. *Fédon 117b-c*.

¹⁹⁵ Plínio, o Jovem. *Ep. 1.10*: “*Disputat subtiliter graviter ornate, frequenter etiam Platoniam illam sublimitatem et latitudinem effingit.*”

de cicuta, enquanto Plínio morreu sufocado pelos gases de um vulcão, mas com a calma de um Sócrates. Temos a plena consciência de que nenhum ser humano pode morrer tranquilamente tendo sua garganta trancada e sufocada por gases e fumaça, mas é exatamente com esse estado de espírito que Plínio, o Jovem tenta nos convencer que seu tio morreu. Talvez as palavras de Plínio, o Jovem também enfatizem a íntima relação que seu tio mantinha com a Natureza, ou seja, Plínio, o Velho conhecia a Natureza e não se colocaria na posição instintiva diante da força natural da morte.

Ainda sobre a famosa morte de Plínio temos um breve relato de Suetônio que ganha ares de maior veracidade e menor beleza, é verdade, mas para tal pensador a morte tranquila de Plínio, o Velho teria, de acordo com alguns, sido apressada por um escravo: “Ele foi sufocado pela poeira e cinzas, embora alguns pensem que foi morto por um escravo, a quem pediu para apressar o seu fim, quando foi dominado pelo intenso calor”¹⁹⁶. É preciso lembrar que o suicídio com assistência não acarretava nenhuma marca negativa no relato de Suetônio, pois tal ato não era reprovado moralmente.

Retomando o relato de Plínio, o Jovem lemos:

(...) porque os densos vapores obstruíram sua respiração e fecharam sua garganta, que por natureza era fraca e estreita e se inflamava com facilidade. Quando reapareceu ali a luz do sol (três dias depois) seu corpo foi descoberto íntegro e ileso, todavia coberto com suas vestes, e refletia antes, a aparência de estar dormindo do que da morte.¹⁹⁷

Essas palavras foram remetidas a Tácito, pois de acordo com o início da carta tal pensador buscava informações para compor um relato verídico sobre aquele dia. Dessa forma, Plínio, o Jovem transmitiu o testemunho sobre a morte de seu tio que, de acordo com ele, alcançaria a *glória imortal* a partir das palavras de Tácito (mesmo ciente de que as obras de seu próprio tio já seriam suficientes para perpetuar sua memória). Interessante apontar que Plínio, o Jovem foi “vítima” dos *quereres e haveres* da História, pois foi justamente através de suas cartas que a narrativa da morte de Plínio, o Velho tornou-se marcante e não pelos escritos de Tácito - talvez pela linguagem emocionada e tomada por boas lembranças e

¹⁹⁶ Suetônio. *De Viris Illustribus*: “(...) vi pulveris ac favillae oppressus est, vel ut quidam existimant a servo suo occisus, quem aestu deficiens ut necem sibi maturaret oraverat”.

¹⁹⁷ Plínio, o Jovem. *Ep.* 6.16: “(...) ut ego colligo, crassiore caligine spiritu obstructo, clausoque stomacho qui illi natura invalidus et angustus et frequenter aestuans erat. Ubi dies redditus — is ab eo quem novissime viderat tertius -, corpus inventum integrum illaesum opertumque ut fuerat indutus: habitus corporis quiescenti quam defuncto similior”.

elevações morais¹⁹⁸. Nas palavras de Tácito foi a morte de Sêneca, contemporâneo de Plínio, o Velho, que ganhou a glória imortal. Nos *Annales* XV. 62-64 também nitidamente inspirados pelos últimos momentos de Sócrates, Tácito relatou a morte dolorosa, mas triunfante de Sêneca em 65 d.C. Talvez a semelhança com o caso Sócrates seja maior ainda no relato de Tácito sobre Sêneca, pois ambos foram condenados à morte – Sócrates acusado por Ânito, Meleto e Lícon e condenado por um grupo de cidadãos atenienses e Sêneca pelo imperador Nero – e ambos não realizaram os ritos fúnebres habituais em suas sociedades¹⁹⁹.

Retornando ao relato pliniano nem o fogo, pedras, medo, gases de enxofre e destruição foram suficientes para atingir o físico de Plínio, o Velho, nem a tranquilidade de sua alma. Seu sobrinho ainda adiciona ao relato a perspectiva de que os indivíduos que estavam em Pompéia e Herculano – localidades destruídas pela erupção do Vesúvio – agiram através da substituição de um temor por outro temor, enquanto seu tio agiu através da substituição de uma razão por outra razão²⁰⁰. Podemos relativizar as palavras comoventes de Plínio, o Jovem, mas sem dúvida seu tio foi uma das vítimas da erupção do Vesúvio em 79 d.C. Talvez o posicionamento de um historiador do século XXI diante de tais relatos vá em direção à pergunta: no que tais testemunhos de Plínio, o Jovem podem nos ajudar quando o assunto é a vida de seu tio?

Cientes de que os relatos sobre a morte foram habilmente construídos com intenções – afinal de contas todo escrito tem boas e más intenções! – de deixar a imagem de seu tio para a posteridade, já retiramos algo importante: a aguda percepção temporal que aqueles indivíduos possuíam. Não apenas o *duo* de Plínios, mas de maneira geral os pensadores romanos – e aqui nos limitaremos ao século I d.C. – expressavam suas vontades de ficarem marcados na História da humanidade – que confundia-se com a própria História romana. Não interpretamos as belas palavras de Plínio, o Jovem sobre o seu tio como um simples exercício retórico, pois os escritos eram pensados como verdadeiras heranças para a posteridade, logo quão melhor fossem elaborados melhor seriam aceitos pelos indivíduos vindouros. Daí a notável preocupação de Plínio, o Jovem repassar as informações para Tácito, pois o

¹⁹⁸ Plínio, o Jovem inclusive atenta para o fato da escrita de uma carta ser diferente de uma história: “Você [Tácito] seleciona o mais importante [de meus testemunhos], pois uma coisa é escrever uma carta e outra uma história, uma coisa escrever para um amigo e outra para todos”. (Plínio, o Jovem. *Ep.* VI,16: “*Tu potissima excerptes; aliud est enim epistulam aliud historiam, aliud amico aliud omnibus scribere*”).

¹⁹⁹ Tácito. *Annales* 15.64: “(*...*)*exim balneo inlatus et vapore eius exanimatus, sine ullo funeris sollemni crematur. ita codicillis praescripserat, cum etiam tum praedives et praepotens supremis suis consuleret*”.

²⁰⁰ Plínio, o Jovem. *Ep.* 6.16: “(*...*)*et apud illum quidem ratio rationem, apud alios timorem timor vicit*”.

coroamento para um homem romano estaria na produção de uma obra de História²⁰¹ – Tácito escrevendo, Plínio, o Jovem como fonte confiável e seu tio como integrante desta história. Aqui retomamos outra epístola de Plínio, o Jovem:

Nada chama mais a minha atenção que o amor e o desejo de transcender; (...) estaria o fato de voltar, vencedor, através dos lábios da humanidade. Oh, sim! Só uma obra histórica pode prometer tal feito, pois a oratória e a poesia concedem pouco alcance (...) impulsiona-me a empreender tal esforço [escrever uma obra de história] o exemplo de minha própria família: meu tio – a quem considero, por adoção, como meu pai – deixou escritas obras históricas e, na verdade, de grande volume.²⁰²

Somente através de uma obra de História um homem poderia transcender; voltar nos lábios da humanidade – clara citação virgiliana – e tal empreitada Plínio, o Velho já teria feito. Seu sobrinho nos ajuda a entender esta dinâmica cultural do século I d.C. em que determinadas obras gozavam de maior prestígio que outras. Justamente no período de Plínio, o Velho o traço que destacava uma obra era à força de difusão da cultura romana a todo o âmbito do Império. Uma consequência da extensão da cultura romana às províncias de Ocidente através da expansão das instituições políticas e culturais de Roma²⁰³.

De Plínio sabemos que escreveu sete obras que nos dão o panorama de suas preocupações e afinidades, mas destas apenas duas foram consideradas como obras de História – nossa proposta é ampliar o rol para três. Apesar de não chegarem até nós as suas *Das guerras com os germanos* e *Continuação da História de Aufídio Basso* (sobre os anos 50 a 71 d.C.) são encaradas como aquilo que normalmente poderíamos entender como obras políticas, militares, dos grandes homens, ou seja, obras de História para a Antiguidade. Da primeira obra sabemos que Plínio a escreveu durante seus serviços militares em Rin inspirado por sonhos que pediam para ele não deixar os acontecimentos da guerra perecerem e se tornarem esquecidos²⁰⁴ – postura de um historiador que atende aos seus sonhos! Pelo viés menos imaginativo, lembramos que o período de Plínio foi marcado pela produção de obras

²⁰¹ Plínio, o Velho também comenta sobre a noção da imortalidade do homem, mas cita algo mais “técnico”: a invenção do pergaminho seria responsável por disseminar a imortalidade humana. (NH. XIII.70: “postea promiscue patuit usus rei qua constat immortalitas hominum”).

²⁰² Plínio, o Jovem. Ep. 5.8: “diebus ac noctibus cogito, si ‘qua me quoque possim tollere humo’; id enim voto meo sufficit, illud supra votum ‘victorque virum volitare per ora’; ‘quamquam o-’: sed hoc satis est, quod prope sola historia polliceri videtur. Orationi enim et carmini parva gratia, nisi eloquentia est summa (...) Me vero ad hoc studium impellit domesticum quoque exemplum. Avunculus meus idemque per adoptionem pater historias et quidem religiosissime scripsit”.

²⁰³ ROLDÁN HERVÁS, José Manuel. **História de Roma**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, p.377.

²⁰⁴ SERBAT, Guy. Op.cit., p.45.

históricas, por exemplo, uma História dos etruscos escrita pelo imperador Cláudio²⁰⁵; as obras de Tito Lívio; textos de Augusto; etc.

Sobre a segunda obra temos o próprio testemunho de Plínio, o Velho no Prefácio da NH dizendo que a mesma fora dedicada à “nossa época” – Vespasiano, Tito e seu irmão Domiciano –, mas seria publicada apenas depois de sua própria morte para não cair no erro da bajulação (*praef.*20). Sobre o conteúdo da obra pouco se sabe, apenas de que foi uma terceira continuação de uma obra de História – Aufídio Basso continuou a escrever a História de Tito Lívio e Plínio continuou a História de Aufídio Basso. Numa rápida passagem da própria NH Plínio alude a esta sua obra: “Mesmo a nossa geração viu os rios recuarem nos últimos momentos da vida de Nero, como já registrado em nossa História daquele imperador”²⁰⁶. Outras produções como: *Sobre o lançamento de dardos a cavalo*, *Sobre a vida de Pompônio Segundo*, *Sobre os eruditos* e *Problemas da língua* ganham espaço dentro das produções específicas do autor – algumas delas escritas no período em que Plínio, o Velho retirou-se do mundo público, ou seja, no tempo de Nero (54-68 d.C.).

Uma das boas discussões sobre as características e importância das obras de Plínio, o Velho foi proposta por Roy K. Gibson numa comparação entre o prefácio da NH e a epístola III.5 de seu sobrinho. Na carta Plínio, o Jovem elenca toda a produção de seu tio para Baebio Macrino com a finalidade de situá-lo cronologicamente, pois tal indivíduo manifestou interesse em ler todas as obras de seu tio. Contudo, a exposição de tal distribuição cronológica (qual obra foi escrita primeiro e assim por diante) é acompanhada por certos comentários de Plínio, o Jovem e um notável aumento no número de volumes das obras. Assim, a primeira obra citada, *Acerca do lançamento de dardos a cavalo* foi escrita em um volume; seguida pela *Sobre a vida de Pompônio Segundo* com dois volumes; culminando na *História Natural* e seus trinta e sete volumes.

Outro ponto interessante que Roy K. Gibson aponta sobre essa exposição das obras completas de Plínio, o Velho é o fato da “grande obra” – *Continuação da História de Aufídio Basso* - aquela que tratava sobre o tempo de Plínio, o Velho ter sido colocada na penúltima posição quando Plínio, o Jovem elencou todas as obras de seu tio. Notadamente, a NH foi a última obra *escrita* por Plínio, contudo como podemos perceber pelo prefácio da própria NH

²⁰⁵ Nos sonhos de Plínio a imagem de Druso César, morto na Germania, aparecia insistentemente: “Druso muerto en acto de servicio en el 9 d.C., era un personaje altamente simbólico de la lucha entre Roma y los bárbaros del noroeste. Por otra parte es, como Tiberio, hijo adoptivo de Augusto; y padre del emperador Claudio. Ahora bien, son conocidas las simpatías de la corriente pro flaviana hacia este último”. (SERBAT, Guy. Op.cit., p.45)

²⁰⁶ Plínio, o Velho. NH 2.232: “*amnes retro fluere et nostra vidit aetas Neronis principis supremis, sicut in rebus eius retulimus*”.

foi a “História do tempo presente” (Aufídio Basso) que seria *publicada* por último – uma obra póstuma. Da mesma maneira, Roy K. Gibson chama a atenção para o fato de que todas as obras que Plínio, o Jovem elenca estão acompanhadas de certa descrição, menos a *Continuação da História de Aufídio Basso*²⁰⁷. Acompanhamos aqui o trecho da carta referente a essa discussão:

Sobre o lançamento de dardos a cavalo, em um volume, que compôs com igual sagacidade e cuidado enquanto servia como prefeito da cavalaria;

Sobre a vida de Pomponio Segundo, em dois volumes. Pomponio queria muito bem a meu tio, e por isso ele rendeu essa homenagem póstuma à memória de seu amigo.

Sobre as guerras com os germanos, em vinte volumes, nos quais reuniu as histórias de todas as guerras que tivemos com esse povo. Começou a redigir quando realizava o serviço militar na Germania instigado por um sonho em que aparecia o rosto de Druso, ele o mais grande dos vencedores dos germanos havia aparecido ali, encomendou-lhe sua memória, pedindo-lhe que reivindicasse o insulto do esquecimento.

Sobre os eruditos, em três volumes, divididos em seis partes segundo sua extensão, nas quais forma o orador desde o berço até o ápice.

Problemas da língua, em oito volumes. Escritos no último ano do reinado de Nero, quando a servidão da época fazia perigoso qualquer gênero de estudo livre e elevado.

Continuação da história de Aufídio Basso, em trinta e um volumes.

História Natural, em trinta e sete volumes. Obra extensa e erudita, não menos variada que a própria natureza.²⁰⁸

As conclusões que podemos retirar desse ordenamento de Plínio, o Jovem são todas de caráter especulativo, mas não nos omitiremos em dá-las: 1º) devemos lembrar que a obra póstuma tinha como um dos personagens o irmão de Tito, Domiciano e que tal governo de acordo com os testemunhos de Plínio, o Jovem foi funesto. Daí a dificuldade em terminar a lista culminando os escritos de seu tio numa obra que carregava o principal opositor virtuoso nas construções ideológicas do período de Plínio, o Jovem e do imperador Trajano; 2º) Plínio, o Jovem quis chamar a atenção para o gênero literário da NH, pois foi a única obra chamada de “erudita” e tão variada quanto a própria natureza; 3º) talvez a resposta menos especulativa é a que leva em consideração apenas a data cronológica da escrita das obras.

Se retomarmos os testemunhos de Tácito e Suetônio anteriormente citados veremos que dentre as obras mais lembradas pelos contemporâneos de Plínio, o Jovem não estava a

²⁰⁷ GIBSON, Roy K. Op.cit., p.197.

²⁰⁸ Plínio, o Jovem. *Ep.* 3.5: “De iaculatione equestri unus; hunc cum praefectus alae militaret, pari ingenio curaque composuit. De vita Pomponi Secundi duo; a quo singulariter amatus hoc memoriae amici quasi debitum munus exsolvit. Bellorum Germaniae viginti; quibus omnia quae cum Germanis gessimus bella collegit. Incohavit cum in Germania militaret, somnio monitus: astitit ei quiescenti Drusi Neronis effigies, qui Germaniae latissime victor ibi periit, commendabat memoriam suam orabatque ut se ab iniuria oblivionis assereret. Studiosi tres, in sex volumina propter amplitudinem divisi, quibus oratorem ab incunabulis instituit et perficit. Dubii sermonis octo: scripsit sub Nerone novissimis annis, cum omne studiorum genus paulo liberius et erectius periculosum servitus fecisset. A fine Aufidi Bassi triginta unus. Naturae historiarum triginta septem, opus diffusum eruditum, nec minus varium quam ipsa natura”.

NH de seu tio. Apesar de constituir a maior das obras, com tons de erudição e tão vasta quanto à própria natureza nos parece que tal obra não foi apreendida de forma eficaz no período que fora escrita. O próprio sobrinho não explorou as obras de seu tio mesmo incitando que os leitores o fizessem – “[não deveria apenas ler os livros de meu tio], mas também produzir algo semelhante”.²⁰⁹ Assim, pensamos que a localização da NH naquela relação das obras de Plínio, o Velho contida na epístola III.5 de seu sobrinho ganha destaque mais pela extensão da mesma que propriamente pelo conteúdo ali explicitado. Temos a impressão que todos os testemunhos que Plínio, o Jovem nos deixou acerca de seu tio são tomados por grande gratidão, sem nenhuma marca de vício, pois, apesar de pouquíssimo tempo – nem mesmo um ano – devemos levar em conta a *adoptio* que marcou a carreira de Plínio, o Jovem. No mesmo ano da erupção do Vesúvio (79 d.C.) e, por conseguinte, da morte de Plínio, o Velho, esse adotou seu sobrinho devido a morte de seu pai²¹⁰. Ao se tornar *tutor legitimus* de Plínio, o Jovem seu tio o alçou às grandes redes de clientelismo que dispunha – talvez o nome de Virgílio Rufo fosse o mais marcante da carreira de Plínio, o Jovem e tal indivíduo estava vinculado às redes clientelares de Plínio, o Velho. Dessa forma, os relatos deixados sobre seu tio são dotados da mais bela exaltação e apreciação²¹¹ – muito longe das imagens construídas posteriormente, como, por exemplo, do copista, do homem sem pensamento, etc.

O interessante desta seleção de testemunhos de Plínio, o Jovem voltada à exaltação, glórias e imortalidade do nome de seu tio – pois o homem é mortal! – é a postura do próprio Plínio, o Velho que encontramos no prefácio da NH. Lá, ao lado das críticas feitas a Tito Lívio e suas “Histórias”, Plínio afirma que não se devem buscar glórias pessoais com a composição de uma obra, mas apenas a glória voltada ao nome de Roma e aos romanos²¹². Alguns diriam que é pura técnica retórica discursiva, com certo grau de razão, mas se esvaziarmos todos os discursos nesse argumento caímos no perigo das respostas preguiçosas e ignoramos a vivacidade com que tais discursos eram proferidos. Claro que o fator do convencimento e da paradoxal exaltação da humildade é efetivo, contudo não podemos nos

²⁰⁹ Plínio, o Jovem. *Ep.* 3.5: “(...)quae te non tantum ad legendos eos verum etiam ad simile aliquid elaborandum possunt aemulationis stimulis excitare”.

²¹⁰ SERBAT, Guy. *Op.cit.*, p.13.

²¹¹ Reforçamos a noção temporal daqueles indivíduos com outra passagem epistolar de Plínio, o Jovem: “Que mais se pode dar a um homem que um tributo que lhe trará fama e imortalidade?” (*Ep.* 3.21). Aqui o autor se refere à marca que uma obra escrita pode outorgar ao indivíduo. Talvez daí o cuidado com a construção da imagem de seu tio nas epístolas que vimos.

²¹² Plínio, o Velho. *NH. Praef.* 16: “profecto enim populi gentium victoris et Romani nominis gloriae, non suae, compusuisse illa decuit”.

esquecer do posicionamento filosófico de Plínio, o Velho, ou seja, seu estoicismo era marcante – a ligação do luxo/glórias com a decadência era vívida -, assim como o “método” de seu trabalho exigia certas posturas que eram compreendidas por aqueles que estavam ao seu redor. Como bem pontuou Ivana Lopes Teixeira:

Plínio ao descrever seu ‘método’ de trabalho como leitura e escrita exaustiva, autorrenúncia e autodisciplina, na expectativa de que sua vida e seu trabalho servissem ao bem público, invocou autoridades, sobretudo romanas (...) que exibiam discursos políticos-culturais baseados na tradição e nos costumes, na ideia de grandeza de Roma e do Império e na sua *humanitas*.²¹³

Da mesma forma, as obras monumentais e dispendiosas que tivessem unicamente como meros fins a propaganda pessoal e o cálculo político deveriam ser condenadas. Em diversas passagens da NH encontramos exemplos das construções que serviam à melhoria pública – meios de navegação inventados por Éritras, Semíramis, Alexandre Magno, Ptolomeu Sóter, Demétrio, Ptolomeu Filadelfo, Ptolomeu Filopator e Minos²¹⁴, por exemplo -, mas também situações que desagradavam ao autor – aberturas de canais entre mares, golfos e baías²¹⁵. Estas posturas de Plínio nos revelam algumas heranças aristocráticas em cuja memória estaria a visão do tirano como promotor de grandes obras, a par com a ligação do fomento de obras públicas em Roma à figura dos políticos *populares*²¹⁶. Apesar de não encontrarmos tentativas de fundamentação filosófica sobre formas de governo – clara apenas a posição preferencial ao governo de um só – Plínio insere-se na tradição da Geórgica de Virgílio, qual seja: necessidade de coesão cívica; deveres da comunidade; sentido de ordem; utilidade²¹⁷.

Tais características são marcantes tanto na NH quanto na posição social que Plínio ocupava. Notadamente sua pertença à ordem dos equestres já fora apontada noutro momento,

²¹³ LOPES TEIXEIRA, Ivana. Op.cit., p.91-92.

²¹⁴ Plínio, o Velho. NH. 7.206-209: “*Nave primus in Graeciam ex Aegypto Danaus advenit; antea ratibus navigabatur inventis in Mari Rubro inter insulas a rege Erythra. Reperiuntur qui Mysos et Troianos priores excogitasse in Hellesponto putent cum transirent adversus Thracas (...) longa nave Iasonem primum navigasse Philostephanus auctor est, Hegesias Parhalum, Ctesias Samiramin, Archemachus Aegaeonem (...) sex ordinum Xenagoras Syracusios, ab ea ad decemremem Mnesigiton Alexandrum Magnum, ad duodecim ordines Philostephanus Ptolomaeum (...)*”

²¹⁵ Justamente estas construções foram muito exaltadas por seu sobrinho. Na epístola X. 41 Plínio, o Jovem propõe ao imperador Trajano a construção de uma conexão entre um rio e o mar. Nessa carta o autor deixa claro o seu desejo de que Trajano superasse o que os reis locais da Bitínia não conseguiram realizar. (STADLER, Thiago David, Op.cit., p.171.

²¹⁶ OLIVEIRA, Francisco de. Op.cit., p.51.

²¹⁷ Tais características aparecem na IV Geórgica de Virgílio, mas ligadas ao governo monárquico. (OLIVEIRA, Francisco de. Op.cit., p.09)

mas as funções desempenhadas por Plínio nos indicam quem é o homem que escreveu a NH com tantas *letras romanas*. Afirmamos no título desta seção que nosso autor é um típico homem romano do século I d.C., ou seja, um homem devoto às funções públicas do principado; ciente dos deveres e sóbrio em relação aos momentos de ócio. Assim, apesar das dificuldades em precisar a carreira de Plínio expomos alguns dados que nos aproximam da personagem. De acordo com as regras da ordem equestre²¹⁸ Plínio deveria cumprir uma série de funções militares antes de almejar as funções civis (*procuraciones*). Sua carreira começou na Germania Inferior e Superior ocupando diversos cargos de oficial do exército – às ordens de Domício Corbulão, Pompônio Paulino, Duvio Avito e Pompônio Segundo, esse último, inclusive, ganhou uma obra biográfica escrita por Plínio. As idas e vindas entre Germania Inferior e Superior podem ser divididas em três momentos específicos²¹⁹:

1º) Germania Inferior: Plínio esteve no território de Ubii, mas precisamente a leste da foz do rio Reno. Deste período encontramos na NH algumas descrições sobre as condições terríveis das tribos locais, assim como alguns comentários sobre grandes árvores que cresciam nas margens do rio causando problemas para as embarcações romanas – “quando pareciam estar impulsionados pelas ondas [as embarcações] (...) foram inevitavelmente obrigadas a se envolver em uma batalha naval com árvores”.²²⁰ Aqui temos a afirmação de que se tratava do período de campanha de Domício Corbulão contra os caucos no ano 47 – envolveu batalhas navais;

2º) Germania Superior: Plínio comenta sobre os ventos quentes de *Aquae Mattiacae* sobre o Reno até Moguntiacum e também nos fala sobre os peixes da região. Aqui Plínio esteve entre os anos de 50 e 52 acompanhado de seu amigo Pompônio Segundo;

3º) Germania Inferior: parece ser neste terceiro momento que houve o encontro entre Plínio e o filho de Vespasiano, Tito – para quem a NH foi dedicada. No prefácio da obra Plínio nos dá a pista: “és um bom companheiro em nossos acampamentos [militares]!”.²²¹ Aqui, Fergus Millar apresenta um rápido cálculo da faixa etária de Tito (nascido em 30 de

²¹⁸ “Al lado de los senadores, también el segundo estamento privilegiado de la sociedad romana, el orden ecuestre, fue llamado a participar en las tareas públicas. Los caballeros constituían una fuerza económica y social, que el fundador del Principado creyó conveniente reorganizar para su mejor control y para su utilización al servicio del Estado”. (ROLDÁN HERVÁS. Op.cit., p.264)

²¹⁹ Tal divisão encontra-se no texto: MILLAR, Fergus. **Pliny the Procurator**. Harvard Studies in Classical Philology, vol.73, 1969, p.205-206.

²²⁰ Plínio, o Velho. NH. 16.2: “cum velut ex industria fluctibus agerentur in proras stantium noctu inopesque remedii illae proelium navale adversus arbores inirent”.

²²¹ Plínio, o Velho. NH. Praef. 3: “et nobis quidem qualis in castrensi contubernio!”.

dezembro do ano 39) e concordamos que a data mais possível da estada de Plínio e Tito na Germania Inferior tenha sido entre os anos de 57 e 58 servindo à Duvio Avito. Interessante apontar que na NH Plínio relata um eclipse solar que teria acontecido na Campania em abril de 59, ou seja, ainda é possível encontrar problemas cronológicos quanto a ocupação dos cargos de Plínio– “Um eclipse solar aconteceu no dia 30 de abril no consulado de Vipstanus e Fonteius há alguns anos atrás e foi visível na Campania entre 13 e 14 horas”.²²²

Vimos que entre 46 e 58/59 Plínio exerceu três postos de *procurator*, mas também ficou cerca de quatro anos “afastado” – no período entre sua saída da Germania Superior e sua volta à Germania Inferior – sendo provável que tenha retornado ao seu regimento de cavalaria. Nota-se que foi no período do imperador Nero (54-68 d.C.) que se deu o retiro dos cargos militares e, possivelmente, Plínio retornou algum tempo à sua cidade natal de Como²²³ para redigir sua obra de gramática e de oratória.

Aqui cabe uma pequena reflexão que ganhou corpo com conversas entre historiadores de ofício do século XXI²²⁴: no mesmo período que Plínio se retirou da vida pública Sêneca assumia as funções de conselheiro de Nero. Talvez por este fato não encontramos testemunhos de Plínio, o Velho nas obras senequianas e na NH pliniana foram apenas três citações com grau de autoridade no Livro 1 – Sêneca aparece como autoridade romana usada por Plínio nos livros 6, 9 e 36. Tal constatação pode ser feita, pois Sêneca também escreveu uma obra intitulada *Naturales Quaestiones* – anterior a NH de Plínio – e que não recebeu atenção de Plínio. Outro ponto desta pouca referência pliniana à obra senequiana vem da percepção de que as questões tratadas por Sêneca encontram-se desenvolvidas no Livro 2 da NH – cosmologia – e Plínio não o cita neste livro, como vimos anteriormente

de los treinta y siete libros de la *NH* es sólo el segundo (el que trata de la Cosmología) el que incluye la mayoría de los puntos desarrollados en las *Naturales Quaestiones*. En ambos casos, es decir, en el libro II de la *NH* y en las *NQ* completas, el plan de conjunto responde a la ordenación tradicional de los manuales de cosmología, una estructuración que corresponde a la distinción de los cuatro elementos fundamentales: fuego, aire, tierra y agua.²²⁵

²²² Plínio, o Velho. *NH*. 2.180: “*solis defectum Vipstano et Fonteio coss., qui fuere ante paucos annos, factum pridie kalendas Maias Campania hora diei inter septiman et octavam sensit*”.

²²³ *Novum Comum* – extremo sul do *Lacus Larius*.

²²⁴ Como nada foi escrito a partir daquelas conversas apenas cito os participantes responsáveis por suscitar tal reflexão: Prof.Dr. Renan Frighetto e Prof.Dr. Marcos Luis Ehrhardt. Debate ocorrido no 1º Encontro NEMED-VIVARIUM *Historiografia, Poder e Identidade: da Antiguidade a Idade Média* nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2013 na cidade de Curitiba, Universidade Federal do Paraná.

²²⁵ RAMOS MALDONADO, Sandra. **Plinio el Viejo y Séneca ante la Naturaleza**. *Excerpta Philologica* 10-12, 2000-2002, p.392.

Como dito, tais constatações carecem de maior profundidade, mas nos mostram que os posicionamentos políticos de dois importantes cidadãos romanos podem chegar até ao ponto dos *usos* como autoridade literária²²⁶. Com isso, queremos dizer que Plínio poderia “ignorar” os escritos de Sêneca – e vice-versa – de acordo com a vinculação politicamente pretendida, pois a postura de Plínio diante dos imperadores Júlio-Claudianos apresentava certa predisposição negativa contra Nero e Calígula – talvez com exceção do próprio Cláudio²²⁷. Tal afirmação não nos é estranha, visto que:

Los lazos entre el intelectual y el poder han sido siempre un aspecto de las relaciones político-sociales no definido de manera cierta, lo que ha permitido la existencia de un trato ambiguo por ambas partes en una relación de amor y odio; pues mientras los primeros oscilan entre la torre de marfil y el compromiso político, el segundo sabe que los necesita a la vez que los detesta al considerarlos peligrosos por mor de su actitud crítica.²²⁸

Na citação Juan Manuel Cortés retoma a relação ambígua entre o intelectual e o imperador, contudo não nos esqueçamos que a figura central do poder estava rodeada por intelectuais que respondiam e propagavam as ideias e ideologias vigentes no período. Assim como Plínio, o Jovem foi partícipe do círculo de *amicus*²²⁹ de Trajano, Sêneca ganhou destaque ao lado de Nero nos primeiros anos de reinado “transitando entre os ‘papéis de intelectual/ator e de ‘intelectual/autor’. Ele atua nos bastidores imperiais tendo praticamente o principado em suas mãos durante a administração neroniana”²³⁰. Tendo em vista os diferentes posicionamentos políticos frente à figura de Nero ficam mais claros os possíveis motivos de Plínio, o Velho praticamente ocultar os escritos sobre a natureza de seu contemporâneo. Dito

²²⁶ Como são poucas as referências desse embate entre Plínio e Sêneca reproduzimos um dos testemunhos sobre esse assunto: “Por último, no podemos descartar que la incorporación de Ennio responda a una sutil reacción de Plinio contra los gustos de Sêneca, frente al que mantiene a veces una actitud de distanciamiento”. (GONZÁLEZ MARÍN, Susana. **Una lista de autores literarios en Plinio el Viejo**: Natvralis Historia VII 107-117. Emerita. 2003; LXXI 1: pp. 95-114). A autora comenta em seu texto alguns dos porquês de Plínio colocar o poeta Ênio como uma das autoridades latinas quando, no período augustiniano, sua posição já é decadente – valorização da *ars* ao invés do *ingenium* (principal característica de Ênio).

²²⁷ OLIVEIRA, Francisco. Op.cit., p.51.

²²⁸ CORTÉS, Juan Manuel. **Notas sobre la política educativa de los Flavios y Antoninos**. Periodico Habis 26, 1995, p.165.

²²⁹ “El círculo asume la estructura relativamente informal de un grupo de amigos con intereses, gustos e ideas comunes, unidos por la afinidad personal que de estas coincidencias deriva. (...) Para los antiguos romanos la amistad implicaba um vínculo social estable que representaba numerosos beneficios, pero también muchas obligaciones, y que era necesario trabajar primero para ganar y luego para conservar”. (SÁNCHEZ, Darío & MÁRQUEZ, Diego. **Plinio el Joven – Epistulae (Tomo I)**. Córdoba: Alción Editora, 2011, p.16.

²³⁰ EHRHARDT, Marcos Luis. **O arquiteto do social: Sêneca e a construção de modelos para a sociedade romana nos tempos do principado a partir da historia magistra vitae**. 2008. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, 2008, p.09.

noutro momento: a necessária ligação entre literatura e poder ganhou diversos nós nos emaranhados do principado romano²³¹.

Feitas estas considerações retomamos a discussão acerca da carreira de Plínio, o Velho. Após o ano conturbado que sucedera a morte de Nero (69 d.C.) – ascensão e queda de Galba, Otão e Vitélio – Plínio retorna a Roma num período marcado por uma exceção ligada à forma de escolha do governante:

De fato, a adoção estava presente entre os primeiros príncipes, como Augusto que adotara a Tibério, e este a Calígula, mas dera lugar à sucessão hereditária durante a dinastia dos Flávios, de Flávio Vespasiano a seus filhos Tito e Domiciano. Contra e esta prática hereditária, que na opinião de pensadores e historiadores como Plínio, o Jovem, Tácito e Suetônio gerou o modelo de *mau soberano* na figura de Domiciano, que trouxe consequências nefastas à vida política e pública de Roma (...).²³²

Claro que a caracterização que seu sobrinho fez da figura funesta de Domiciano comparada à figura virtuosa de Trajano não atingiu a vida de Plínio, o Velho, pois tanto Plínio, o Velho quanto o Imperador Vespasiano morreram no mesmo ano (79 d.C.). Contudo, é importante salientar que vemos com a dinastia dos Flávios um esforço restaurador ligado à educação e privilégios sociais. Assim, um edito imperial no período de Vespasiano renovou as garantias de alojamento às tropas; retirou alguns tributos que, devido à precariedade da documentação que chegou até nós, conturba as explanações sobre os beneficiários de tal medida; assim como benefícios de asilo e licenciamento.²³³ Estas medidas ganham importância em nossas discussões, pois certos privilégios dados por Vespasiano eram voltados aos *professores* de gramática e retórica.²³⁴ Notadamente não podemos dar tal “título” a Plínio, mas foram sobre obras daquela natureza que nosso pensador debruçou-se durante o período de retiro – anos de Nero – e foi no período dos Flávios que a política imperial se fez mais evidente com medidas de proteção ao intelectual²³⁵ (“título” que podemos dar a Plínio). Fato é que seu retorno a Roma durou pouco tempo, pois logo assumiu o cargo de *procurator* (serviço administrativo relacionado às finanças) na Gália Narbonense (70 d.C.), na Hispania Terraconense (72-74) e na Gália Belga (75 d.C.). Alguns destes cargos foram referenciados nas epístolas de seu sobrinho como, por exemplo, a procuradoria na Hispania Terraconense

²³¹ Veremos adiante a seleção de autoridades latinas que Plínio elencou/nomeou para compor sua monumental História Natural. Vide apêndices.

²³² FRIGHETTO, Renan. Op.cit., p.37.

²³³ CORTÉS, Juan Manuel. Op.cit., p.168.

²³⁴ CORTÉS, Juan Manuel. Op.cit., p. 170.

²³⁵ CORTÉS, Juan Manuel. Op.cit, p.166.

(Ep.3.5) e tais cargos teriam proporcionado algumas visitas e observações que aparecem na NH – Africa, Gália Belga e possivelmente Gália Narbonense²³⁶. Como vimos anteriormente, Plínio morreu enquanto era comandante da frota tirrena, ancorada em Miseno – encerrando também seu *cursus* no mundo político romano.

Seu percurso dentro das instâncias políticas romanas nos mostra a faceta de homem de ação – a clássica imagem que diversos estudos pintam acerca do típico homem romano quase sempre em oposição à imagem do homem grego. Talvez somente seus cargos não fossem o suficiente para atrair a nossa atenção para um estudo de grande fôlego, mas a aliança entre o mundo político e o labor literário nos traz todas as inquietações possíveis. Novamente nos valeremos dos testemunhos idílicos de seu sobrinho,

Acaso não te pareces, recordando quanto leu e quanto escreveu [Plínio, o Velho], que não é possível que tenhas desempenhado algum cargo ou mantido amizade com o imperador? E, pelo contrário, agora que conheces quanto se consagrou a seus trabalhos e estudos, não te pareces que não escreveu nem leu o suficiente? Suas ocupações oficiais colocaram todos os obstáculos possíveis, e não havia nada, todavia, que sua energia não pudesse superar.²³⁷

Plínio, o Jovem na sequência desta carta afirma que todos aqueles que dedicam a vida inteira às letras ficariam roxo de vergonha se comparados a seu tio. Mesmo com toda a vida agitada no mundo da “ação”, Plínio, o Velho conseguiu desenvolver um grande plantel de escritos que, inclusive, teria um ótimo valor de venda: Larcio Licínio, procurador da Hispania, teria oferecido para Plínio, o Velho a quantia de 400.000 sestércios por 160 cadernos de anotações²³⁸ – com letras pequenas e escrito frente e verso! Diante de toda a produção e da vida política ativa de Plínio resta-nos a mesma inquietação que atormentava outros indivíduos dos séculos passados: Como concretizar num curto tempo de vida²³⁹ tantas obras e tantas funções públicas? Ou nas palavras de seu sobrinho: “Não te assombras de que um homem

²³⁶ CAREY, SORCHA. Op.cit., p.15.

²³⁷ Plínio, o Jovem. Ep. 3.5: “*Nonne videtur tibi recordanti, quantum legerit quantum scripserit, nec in officiis ullis nec in amicitia principis fuisse; rursus cum audis quid studiis laboris impenderit, nec scripsisse satis nec legisse? Quid est enim quod non aut illae occupationes impedire aut haec instantia non possit efficere*”.

²³⁸ Plínio, o Jovem. Ep. 3.5: “*Hac intentione tot ista volumina peregit electorumque commentarios centum sexaginta mihi reliquit, opisthographos quidem et minutissimis scriptos; qua ratione multiplicatur hic numerus. Referebat ipse potuisse se, cum procuraret in Hispania, vendere hos commentarios Larcio Licino quadringentis milibus nummum; et tunc aliquanto pauciores erant*”.

²³⁹ Talvez a pergunte nos atormente, mas se levássemos em consideração as sábias palavras de Sêneca – visto anteriormente num “embate” político com Plínio – nosso questionamento poderia carecer de fundamento. Diz ele: “não temos exatamente uma vida curta, mas desperdiçamos uma grande parte dela (...) se desperdiçada no luxo ou na indiferença, se nenhuma obra é concretizada, por fim, se não se respeita nenhum valor, não realizamos aquilo que devíamos realizar, sentimos que ela [a vida] realmente se esvai”. (Sêneca. **Sobre a brevidade da vida** (Cartas a Paulino). Porto Alegre: L&PM, 2007, p.26.

ocupado tenha terminado tantas obras e tão detalhadas?”²⁴⁰. No prefácio da NH Plínio responde – com certo ar que nos custa respirar:

(...) não temos dúvidas de que muitas coisas nos escaparam [assuntos]; pois somos apenas humanos, e cercados de deveres, e levamos a cabo este tipo de interesse [os estudos; escrita da obra] apenas em nossos momentos de folga, ou seja, à noite – para que ninguém dos seus pense que nossas horas da noite são dadas ao nada. Os dias nós devotamos a você, e o nosso sono é visto apenas nos termos de nossa saúde (...) para estar vivo é preciso estar acordado.²⁴¹

Devotar os dias aos afazeres do mundo político e as noites aos estudos e escrita de suas obras. Através desta dinâmica descobrimos mais alguns traços de Plínio, pois tal postura seria louvada por nosso autor. Não era apenas ele que utilizava o tempo de seu dia dessa maneira, mas era o que ele esperava de qualquer indivíduo que buscasse glórias a Roma. Através destes traços podemos propor a exclusão de Salústio (86-34 a.C.) dentre as autoridades que Plínio usou na escrita de sua NH. Além dos problemas entre Cícero e Salústio – o primeiro citado seis vezes como autoridade no Livro I da NH– devemos nos lembrar da postura que Salústio adotou ao se retirar do mundo político, com todas as suas riquezas, e dedicar-se tão somente aos escritos. Pequenas afirmações corroboram com este pensamento, pois de acordo com Plínio, o Jovem, o próprio imperador Vespasiano ocupava suas noites com estudos e tão logo amanhecia já estava disposto a trabalhar²⁴² – diferente dos indivíduos que dedicavam todo o seu tempo para a escrita. Por isso, nomes como os de Catão, Varrão e Cícero são muito presentes e admirados por Plínio, visto a grandeza dos homens da República e também de suas monumentais obras literárias.

A devoção aos homens da República, assim como a necessária aliança entre o mundo político e o mundo das letras também transparece na NH através das observações pretensamente bem informadas que Plínio repassa dos fatos e figuras históricas²⁴³, por isso as afirmações de que Plínio era apenas um compilador ou um singelo estudioso da natureza são

²⁴⁰ Plínio, o Jovem. *Ep.* 3.5: “*Miraris quod tot volumina multaque in his tam scrupulosa homo occupatus absolverit?*”.

²⁴¹ Plínio, o Velho. *NH. Praef.* 18: “*Nec dubitamus multa esse quae et nos praeterierint. homines enim sumus et occupati officiis subsicivisque temporibus ista curamus, id est nocturnis, ne quis vestrum putet his cessatum horis. dies vobis inpendimus, cum somno valetudinem computamus, vel hoc solo praemio contenti, quod, dum ista, ut ait M. Varro, musinamur, pluribus horis vivimus. profecto enim vita vigilia est*”.

²⁴² Plínio, o Jovem. *Ep.* 3.5: “*Erat sane somni paratissimi, non numquam etiam inter ipsa studia instantis et deserentis. Ante lucem ibat ad Vespasianum imperatorem - nam ille quoque noctibus utebatur -, inde ad delegatum sibi officium*”.

²⁴³ Por exemplo, quando Plínio refere-se aos luxos e aparatos de Cleópatra: “houve duas pérolas que foram as maiores da história: ambas eram propriedades de Cleópatra, a última rainha do Egito – haviam chegado até ela através das mãos dos reis do Oriente”. Plínio, o Velho. *NH.* 9,63-119: “*duo fuere maximi uniones per omne aevum; utrumque possedit Cleopatra Aegypti reginarum novissima per manus orientis regum sibi traditos*”.

difíceis de sustentar²⁴⁴. Temos, por exemplo, as glórias e louvores dados a Cipião Emiliano Africano que “deixou trinta e duas libras de prata em sua procissão triunfal após a conquista de Cartago”²⁴⁵; Catão, o Censor também ganha seus elogios sobre a ligação que teve com Africano e os louros que colheu com sua inteligência “Marcus Cato, tendo sua autoridade pouco reforçada através de seu triunfo, mas muito mais engrandecida pela sua personalidade”²⁴⁶; inclusive o confronto César/Pompeu em que Plínio expressa recusa à figura de César – omite seu nome da lista dos Césares (NH 11.143-144) e atesta um prodígio prenunciador de fome quando da vitória de César²⁴⁷. Ernesto Paparazzo assim comenta: “That Pliny is the typical ancient thinker [Conte’s comment] whose physics (i.e. the study of *natura*) cannot be *episteme* but only *praxis* (a term standing for ‘practical, technological activities’) is, again, ambíguos”²⁴⁸, ou seja, apesar da notável preocupação com que Plínio expressou em seu prefácio acerca da *utilidade* de sua obra não podemos desconsiderar a construção de conhecimentos ali proposta.

Interpretamos as preocupações que Plínio demonstrou com as informações corretas como uma aproximação do crível e não necessariamente do verdadeiro, pois o vemos como um comentador do mundo ao seu redor e não como um crítico das feitura, crenças e assuntos que pediriam um posicionamento focado na veracidade das circunstâncias. Aqui a análise feita por François Hartog acerca de Dionísio pode nos ajudar: “[sobre os escritos de Dionísio] a operação ‘arqueológica’ consistia em retirar o ‘mítico’ e aumentar a porção do verossímil, para tender ao relato ‘o mais semelhante à verdade’ que se pudesse escrever”²⁴⁹. Talvez em nossos dias a expressão “mais semelhante à verdade” possa recair em problemas, pois

²⁴⁴ Juliana Bastos em sua tese intitulada “Tradição e Renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito” apresentou problemas similares aos nossos a partir da leitura da historiografia que abordou as obras de Tito Lívio. Talvez sufocados pela *Quellenforschung* – método de leitura comparada- diversos autores latinos sofreram dessas acusações: “a abordagem [*Quellenforschung*] geralmente apresentada neles sobre Tito Lívio nos oferece uma visão muito negativa: ele aparece como pouco mais do que um compilador irrefletido de suas fontes, e seu valor como historiador deve-se, para esses estudos, mais ao seu aspecto estilístico do que propriamente histórico”. (BASTOS, Juliana. **Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, 2007, p.29)

²⁴⁵ Plínio, o Velho. NH. 33.141: “*L. Triginta duo libras argenti Africanus sequens heredi reliquit idemque, cum de Poenis triumpharet*”.

²⁴⁶ Plínio, o Velho. NH. 29.13: “*quod clarissime intellegi potest ex M. Catone, cuius auctoritati triumphus atque censura minimum conferunt, tanto plus in ipso est*”.

²⁴⁷ De acordo com Plínio a maior baixa do Rio Nilo foi em 48 a.C. “como se o rio estivesse tentando evitar o assassinato de Pompeu por uma espécie de presságio”. Plínio, o Velho. NH 5.58: “*Pharsalico bello, ueluti necem Magni prodigio quodam flumine auersante*”.

²⁴⁸ PAPARAZZO, Ernesto. Op.cit., p.105

²⁴⁹ HARTOG, François. Op.cit., p.86.

estamos acostumados ao falso linguajar jornalístico que se propõe à “verdade nua e crua”. Contudo, tal posicionamento não significa que Plínio desconsiderou as verdades de seu tempo – seria um absurdo imaginar que uma obra perdurou como manual de consulta por quase quinze séculos se o assim fosse -, mas que na figura de intelectual ele deu preferência para abordar certos pontos através do crivo da veracidade (degeneração dos costumes; oposição à divinização do imperador; posição geográfica de diversas regiões; indivíduos e seus feitos, etc.) e tantos outros pontos através da produção do crível (chuvas de leite e sangue; períodos excepcionais de gravidez; realizações supremas, etc.)

Justamente por alguns pontos da NH levarem mais em consideração uma perspectiva emotiva que propriamente filosófica²⁵⁰, ou numa visão mais historiográfica, a NH ser composta por um posicionamento moralista que era a base do pensamento político romano do século I d.C. que pensamos a figura de Plínio como a de um sábio distinto do que o legado dos gregos nos deixou. Esta figura – sábio – era representada por três expoentes máximos na cultura grega: o aedo, o adivinho e o rei de justiça e todos estavam intimamente ligados à noção da verdade (*aletheia*). Se aqueles indivíduos “[aedo e adivinho] mostram-se capazes, graças à potência religiosa da *Mnemósine* (Memória), de ter acesso direto ao além de perceber o invisível e formular ‘o que foi, o que é, o que será’”²⁵¹, e a fala do rei da justiça “possui um valor oracular; resolve sem apelação os litígios, elevando o que estava rebaixado; ao formular exatamente a palavra justiça, realiza a equidade nos fatos, conferindo a cada um a parte que lhe cabe”²⁵² teremos a necessidade de construir outra tipologia de sábio para o período aqui estudado (séc. I d.C.) Devemos compreender que já em meados dos séculos VII-VI a.C. com Tales de Mileto e Pitágoras a figura do sábio tende a rivalizar com a nascente concepção do *philosophos*, ou seja, ainda que mantendo alguns traços oraculares – a figura de Pitágoras é um grande exemplo da filosofia mística – temos um distanciamento daquele discurso profético.

Fato é que a partir dessa discussão que envolve a palavra verdadeira; a noção do crível; as concepções morais como fundamento discursivo e o acesso ao que foi, é e será temos como pensar a caracterização de Plínio como um sábio – Tácito o considerava um historiador; Aulo Gélcio o chamou de o homem mais sábio de sua época, etc. Se lembrarmos da diferença que anteriormente levantamos entre a figura de sábio citado na obra da

²⁵⁰ OLIVEIRA, Francisco. Op.cit., p.108.

²⁵¹ VERNANT, Jean-Pierre. Op.cit, p.286.

²⁵² VERNANT, Jean-Pierre. Op.cit.

Metafísica da Aristóteles (aquele que se volta para o que não se vê) e o que encontramos em Plínio partindo, principalmente, da noção de personalidade política andando a par com o labor literário teremos uma boa definição nos termos romanos: “[sábio é aquele que possui] conhecimentos úteis e transmite os mesmos”²⁵³ – nas próprias palavras de Plínio. Contudo, outra passagem da NH complementa esta definição de maneira interessante, eis o que Plínio afirma no Livro 11:

Nenhuma outra parte do corpo [os olhos] fornece maiores indicações da mente/alma – isto é assim com todos os animais, mas especialmente com o homem – isto é, os indícios de moderação, clemência, misericórdia, ódio, amor, tristeza, alegria. Na verdade, os olhos são a morada da mente/alma. (...) Na verdade, é a mente/alma que é o verdadeiro instrumento de visão e de observação; os olhos funcionam como uma espécie de embarcação que recebe e transmite a porção visível da consciência.²⁵⁴

Nesta passagem não vemos aquela figura construída por longas tradições que tornaram quase inviável alguém pensar que Plínio fazia tais distinções entre *o que se vê* e *como se vê*. Apesar da forte característica de utilidade e moralidade que encontramos em seus escritos não podemos despir toda sua produção sem encontrarmos tantos outros traços marcantes, como a extrema racionalidade – seja em aspectos como os apresentados na passagem anterior, seja em concepções religiosas²⁵⁵. Além disso, ao colocar-se na posição de que o verdadeiro instrumento da visão é a mente/alma Plínio alia-se a outros indivíduos – Cícero e mesmo Sêneca²⁵⁶ – que podem nos servir de base para entendermos o *pensar histórico* daquele período. Cientes de que os gregos legaram o “ver” como autoridade legitimadora dos fatos históricos temos outras tantas possibilidades na interpretação da mente como instrumento de visão como, por exemplo, a imaginação, o pensar, não apenas o relato. Notemos que mesmo diante desta perspectiva não excluimos a noção do “ver” como legitimador das letras plinianas, apenas refutamos as ideias de que a NH não carregaria nada de instigante, problemático (no sentido de inquietante), e mesmo digno de ser estudado pela disciplina de História – mesmo se considerado um trabalho de compilação temos que levar em conta a

²⁵³ Plínio, o Velho. NH. 5.16: “studiorum claritate memorabilior etiam quam regno”.

²⁵⁴ Plínio, o Velho. NH. 11.146-147: “neque ulla ex parte maiora animi indicia cunctis animalibus, sed homini maxime, id est moderationis, clementiae, misericordiae, odii, amoris, tristitiae, laetitiae. Profecto in oculis animus habitat. (...) Animo autem videmus, animo cernimus; oculi ceu vasa quaedam visibilem eius partem accipiunt atque tramittunt”.

²⁵⁵ SERBAT, Guy. Op.cit., p.190.

²⁵⁶ Sêneca. *Questões Naturais* 7.30.4: “as maiores coisas do universo podem ser vistas pela mente”. “cogitatione uisendus est”.

necessidade de consciência do autor em interagir as diversas vozes ali presentes (combinação de vontades análoga à vontade que o autor da compilação queria passar).

Assim como Paparazzo não defendemos que Plínio foi um adepto e frequentador das discussões filosóficas²⁵⁷ de seu tempo, principalmente do estoicismo²⁵⁸, mas como partícipe das camadas superiores romanas do século I d.C. estava exposto às doutrinas que ali circulavam. Trazemos um questionamento seguido de resposta para concluirmos este ponto da discussão: ciente de que os olhos apenas recebem as observações feitas pela mente poderíamos nos perguntar o porquê de Plínio ater-se aos conhecimentos mais terrenos e não sobre assuntos que pudessem exigir da mente algo supremo, ou em palavras mais acertadas, algo de metafísico? A resposta encontramos no Livro 7 da NH: “todos os homens estão no mesmo estado a partir de seu último dia [de vida] em diante, assim como eram antes de seu primeiro dia de vida, e nem corpo nem a mente possuiu qualquer sensação após a morte (...)”²⁵⁹.

Assim, o homem que nada sabia, via ou vivia antes de nascer voltaria ao mesmo estado após a morte²⁶⁰, logo os assuntos terrenos eram os de máxima importância na investigação humana. Erram aqueles que encaram tal posicionamento como um encurtamento mental, pois Plínio deixa aberta a possibilidade de outros pensarem sobre coisas diversas, pois como ele mesmo escreveu “todos os assuntos contém alguns altos mistérios que cada pessoa deve usar sua inteligência para penetrá-los”²⁶¹, mas não deveríamos nos enganar abertamente visto que “não nos é surpreendente que não tenhamos explicações para tudo”²⁶². Logo, usar a mente como instrumento de visão era aperfeiçoar os seus poderes – *velocitas, celeritas*,

²⁵⁷ PAPARAZZO, Ernesto. Op.cit., p.106.

²⁵⁸ Numa leitura mais atenta da NH é possível encontrar traços do eleatismo e focos do epicurismo.

²⁵⁹ Plínio, o Velho. NH. 7.188: “*omnibus a supremo die eadem quae ante primum, nec magis a morte sensus ullus aut corpori aut animae quam ante natalem (...)*”.

²⁶⁰ Interessante notarmos como alguns críticos modernos de Plínio convergiam com certos posicionamentos filosóficos do mesmo. O filósofo Schopenhauer que teceu críticas virolentas sobre a questão da erudição pliniana – se afogaria em tantas leituras que não teria tempo de pensar por si mesmo – converge com as ideias de morte propagadas por Plínio em sua NH: “Se o que faz com que a morte nos pareça tão assustadora fosse a ideia do não ser, deveríamos pensar com o mesmo horror no tempo em que ainda não existíamos. Pois é incontestavelmente certo que o não ser após a morte não pode ser diferente daquele antes do nascimento, portanto, tampouco nos poderia afligir mais”. (SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a morte**: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p.07)

²⁶¹ Plínio, o Velho. NH. 17.29: “*omnium rerum sunt quaedam in alto secreta et suo cuique corde pervidenda*”.

²⁶² Plínio, o Velho. NH. 2.55: “*neque omnium rerum afferri posse causas minus mirum est quam constare in aliquis*”.

*varietas*²⁶³ - através da percepção de que o mundo sublunar seria compreendido quando o homem reconhecesse a sua volatilidade e variabilidade²⁶⁴.

Tais reconhecimentos seriam necessários para que o indivíduo desenvolvesse a dupla missão de estudioso e homem político, pois estaria atento à dinâmica da natureza sem se manter longe da dedicação a Roma. Cientes da finitude da vida, da não influência dos astros no dia-a-dia dos homens²⁶⁵ e da variabilidade da natureza o homem deveria dedicar-se àquilo que realmente tivesse valor. No caso das palavras de Plínio o valor repousaria na aliança entre labor literário e política e com um ponto que merece atenção: quase sempre pensamos que esta aliança deveria ocorrer apenas com os funcionários imperiais, mas Plínio não propõe isso

(...) parece o autor [Plínio, o Velho] querer sugerir que nem o número de vassalos, sujeitos ou cidadãos, nem a extensão territorial do reino ou império devem impedir o governante de se dedicar também à ciência. Mesmo durante as actividades militares pode haver lugar para a descoberta e subsequente exploração, como fez Ptolomeu, segundo NH 31.78, com as minas de sal encontradas durante a construção de um acampamento.²⁶⁶

Ousamos afirmar que justamente por pensar que um indivíduo não deveria se manter longe das ciências, dos estudos, assim como da dedicação a Roma, é que Plínio dedicou sua NH ao imperador romano Tito²⁶⁷ – chamado por Plínio de *iucundissime imperator*. Aqui vale uma observação: Plínio dedicou a obra para o filho de Vespasiano, mas seu público alvo era muito mais amplo “isto foi escrito para as pessoas comuns, a multidão de agricultores e artesãos e, depois deles, para os estudantes”²⁶⁸ e citando a Cícero completa “[não escrevo] para os muito letrados. Não quero Manio Pérsio de leitor, mas quero Junio Congo”²⁶⁹. Ao dedicar a obra ao imperador e visar a um público tão vasto seu trabalho ficou “sem limites”, objetivando a todos. Daí que Sorcha Carey sentencia que “Se Plínio dedica sua obra a todos os cidadãos do império, então sua NH é uma tentativa de catalogar tudo o que o império

²⁶³ Plínio, o Velho. NH. 7.52: “(...) *ideoque plures in homine quam in ceteris omnibus animalibus differentiae quoniam velocitas cogitationum animaque celeritas et ingeni varietas multiformes notas imprimunt*”

²⁶⁴ BEAGON, Mary. Op.cit., p.86.

²⁶⁵ Plínio, o Velho. NH. 2.27: “*per quae declaratur haut dubie naturae potentia, idque esse quod deum vocemus*”.

²⁶⁶ OLIVEIRA, Francisco. Op.cit., p.46.

²⁶⁷ A obra foi dedicada a Tito antes de Vespasiano morrer. Desde 71 d.C. Tito já estava associado ao poder tribunício.

²⁶⁸ Plínio, o Velho. Praef. 7: “*humili vulgo scripta sunt, agricolarum, opificum turbae, denique studiorum*”.

²⁶⁹ Plínio, o Velho. Praef. 7: “*nec doctissimis. Manium Persium haec legere nolo, Iunium Congum volo*”.

contém”²⁷⁰. Certamente o público alvo ganha contornos retóricos no discurso pliniano, mas a figura de Tito prevalece como um símbolo de destaque e merecedor de algumas exaltações, tais como: poder da oratória, da eloquência, da poesia, de espírito; além da explícita apresentação do *cursus honorum* de Tito:

(...) recebeu um triunfo em seu nome, seis vezes cônsul, partícipe do poder tribúncio e – o serviço que te fez muito ilustre, tornando-o igual a seu pai e a toda ordem dos equestres – comandante da guarda pretoriana; e tudo isso em sua vida pública – além de ser um grande companheiro em nossas campanhas militares.²⁷¹

Novamente tal postura nos mostra algo a mais de Plínio: temos aqui um funcionário imperial influenciado por uma perspectiva imperial. Afirmção mais do que esperada diante do contexto aqui estudado, mas vamos além desta afirmação, pois vemos na imagem de Plínio uma dualidade interessante, qual seja: apesar de ser um indivíduo altamente qualificado e com uma produção considerável de obras até o momento em que escreveu a NH (demonstrando ser um funcionário imperial) sentimos certa insegurança ao dedicar sua nova obra a Tito. Naturalmente aqui está um de nossos pontos principais, pois argumentaremos a seguir sobre a tipologia da NH – talvez aí nós entenderemos melhor a insegurança de Plínio. Aqui basta o seguinte: Plínio afirma que publicar uma obra é absolutamente diferente do que publicar e dedicá-la a alguém. No caso de sua NH ele escolheu o juiz que melhor poderia validar sua obra, Tito, como vimos. Aqueles que apenas publicavam e esperavam as críticas de quaisquer locais não possuíam o “atrevimento” necessário para sentirem-se julgados por alguém capacitado. Tal escolha não se faz inocentemente, pois a figura do imperador como juiz poderia garantir-lhe um lugar destacado dentre os destacados:

(...) o imperador era mais do que um registrador de fenômenos naturais marcantes (...) o imperador era concebido como um intérprete de fatos estranhos e uma autoridade eficaz para digerir novos conhecimentos. Com efeito, o pensamento romano via seu imperador como uma testemunha singular e central de prodígios, e também uma válvula de segurança contra eles, pois confiavam nele [imperador] para julgar o que poderia ser assimilado pelo império e anexado ao corpo de conhecimento recebido.²⁷²

Apesar de Plínio dedicar a NH para o melhor juiz – talvez mais acertadamente no sentido de perpetuação da obra do que de entendimento – a dualidade anteriormente citada

²⁷⁰ “If Pliny addresses his work to all the citizens of empire, then the *Natural History* is an attempt to catalogue all that the empire contains”. (CAREY, Sorcha. Op.cit., p.16)

²⁷¹ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 3*: “*Triumphalis et censorius tu sexiesque consul ac tribuniciae potestatis particeps et, quod his nobilius fecisti, dum illud patri pariter et equestri ordini praestas, praefectus praetorii eius omniaque haec rei publicae es: nobis quidem qualis in castrensi contubernio, nec quicquam in te mutavit fortunae amplitudo, nisi ut prodesse tantundem posses et velles*”.

²⁷² MURPHY, Trevor. Op.cit., p.199.

aparece na insegurança com que Plínio termina seu Prefácio: o medo das críticas. Medo que não se liga à possível avaliação de Tito, mas de prováveis outros leitores. Apesar de usar da ironia ao citar o tempo do parto de um elefante como parâmetro de comparação às críticas que ele esperava dos estoicos, dialéticos, epicuristas e gramáticos sobre a sua própria obra de gramática, na sequência ele enumera alguns exemplos de indivíduos que se viram vítimas de críticas feitas apenas para alguns ganharem fama rebaixando o saber dos outros²⁷³.

Certamente Plínio foi um funcionário imperial influenciado por uma ideologia imperial – a tal ponto que dedica sua última obra a quem poderia melhor julgá-lo -, mas tanto a proximidade com os imperadores, seus diversos postos de comando, assim como a longa produção literária não foi suficiente para acalmar seu espírito na hora de publicar e dedicar a obra que o tornou maior que um fenômeno físico, - tão caro ao nosso autor! Tal conclusão nós retiramos da própria escrita do Prefácio da NH, pois Plínio praticamente só deu validade à sua obra por estar aliada ao nome de Tito “não ousei fazer nenhuma promessa; as muitas palavras que aqui escrevo são fornecidas a você mesmo. Isto garante o meu trabalho, e isto lhe dá valor”.²⁷⁴ A insegurança, ou medo de Plínio ganha as mais vívidas cores com a frase marcante quase ao final de seu Prefácio: “Apenas os fantasmas lutam com os mortos”. Aqui a precaução retirada das palavras de Asinius Pollio de que nada mais trágico do que criticar os mortos, pois os mesmos não poderiam se defender das críticas feitas pelos inimigos. Postura estranha para quem usou cerca de cento e quarenta e cinco autores latinos e mais outros trezentos e dez autores estrangeiros como autoridades e em sua maioria mortos – e nós aqui criticando e renovando a postura de um Plínio morto. Mais uma traição!

Encerramos este capítulo com uma frase de H.L. Axtell que nos dá duas possibilidades de interpretação – absolutamente divergentes: “Plínio não é mais para nós um homem, mas um volume coberto de poeira”²⁷⁵. Ou temos alguém que perdeu sua humanidade por tantos anos decorridos e só restou alguns breves bocejos em estantes empoeiradas, ou alguém que superou a mortalidade e transcendeu através de sua obra – que livro não fica coberto por poeiras? Para nós a resposta é clara.

²⁷³ Plínio, o Velho. NH. Praef. 30: “*paratos fuisse istos, qui obtrectatione alienae scientiae famam sibi aucupantur*”.

²⁷⁴ Plínio, o Velho. NH. Praef. 19: “*Quibus de causis atque difficultatibus nihil auso promittere hoc ipsum tu praestas, quod ad te scribimus. haec fiducia operis, haec est indicatura. multa valde pretiosa ideo videntur, quia sunt templis dicata*”.

²⁷⁵ AXTELL, H.L. *apud* CAREY, Sorcha. **Pliny's Catalogue of Culture: Art and Empire in the Natural History**. Oxford: Oxford University Press, 2033, p.01.

SEGUNDA PARTE – NOÇÃO DE HISTÓRIA EM UMA OBRA DE HISTÓRIA: A HISTÓRIA NATURAL ALÉM DO MARAVILHOSO

1 *Quem exagera o argumento prejudica a causa*

Um cego procurando a luz na imensidão do paraíso.

(Zé Ramalho. Sinônimo)

Quando nos propomos a escrever um trabalho que tem como efeito o *desconforto* e certa dose de *temor acadêmico* devemos nos amparar naquilo que acreditamos ser o correto, no nosso caso, são as palavras de Plínio, o Velho: “só resta-me o atrevimento”²⁷⁶. Tal atrevimento foi pensado por Plínio como o único sentimento possível para mostrar o respeito que nutria por Tito e, mais importante para o nosso trabalho, o sentimento necessário para dedicar uma obra para o futuro Imperador e para todos os romanos²⁷⁷. Se nos resta o mesmo atrevimento para oferecer as nossas palavras aqui dispostas – não dedicadas a nenhum Imperador, mas também não redigidas por mãos hábeis e mente erudita como a de Plínio – falta-nos a grandeza e a fecundidade de espírito para sustentar nossas ideias sem as cicatrizes causadas pela navalha hegeliana que talha: quem exagera o argumento prejudica a causa. Como vimos no decorrer de nossa tese, as leituras da NH efetuadas ao longo da tradição historiográfica Ocidental privilegiaram determinados argumentos que prejudicam a *nossa causa* em torno da mesma obra. Notadamente os novos estudos realizados principalmente a partir dos anos 1980 nos ajudaram a refletir sobre os longos trinta e sete volumes dos escritos plinianos, mas talvez a *causa* que aqui levantamos ganhe cores diferentes da habitual aquarela dos historiadores.

Sejamos diretos: o domínio geográfico e cultural romano possuía características que necessitava, naturalmente, do apelo às armas. Dessa maneira, quando os pensadores romanos registravam o seu próprio tempo ou o passado glorioso o faziam recheado de histórias *contadas pelas armas* e pelos belos triunfos. Daí a necessidade de relatar os grandes homens, os grandes feitos, as grandes conquistas e grandes guerras. O papel legitimador da História era coroado com os exemplos e guias que conduziam os homens aos tempos e espaços dominados

²⁷⁶ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 4*: “(...) nobis ad colendum te familiaris audacia sola superest”.

²⁷⁷ Sabemos das dificuldades que o termo nos coloca: seriam os romanos de Roma; os romanos provinciais; os romanos letrados; os romanos não letrados, etc. Contudo, usamos o termo da maneira mais geral: os romanos que estavam sob o apanágio do Império.

pela postura – quase a *essência* – romana da *humanitas*. Urbanidade, civilidade, educação, instrução! Contudo, quando imaginamos que todo domínio carece doutras legitimações que não a armamentista – sabidamente as armas não propagam instrução- entendemos que construções discursivas que usassem ou apresentassem outras “lutas”, que não as de carne e sangue, poderiam contribuir para a propagação da *humanitas* romana e, por conseguinte, do fortalecimento do poder dominante. Se além das armas, as ideias, imagens, fantasias, realizações que um cidadão comum pudesse vislumbrar como suas podem contribuir para a legitimação geográfica e cultural, temos na NH uma excelente amostra de como transformar *sangue e carnificina* numa História legitimadora dos feitos comuns romanos, ou como alguns espíritos irão proclamar, feitos ligados a uma História do cotidiano romano. Assumindo o grau de plausibilidade de tal proposta percebemos que Plínio apresentou um verdadeiro trabalho de investigação com características que colocam seus escritos no rol das obras de História e, além disso, inseriu elementos que podem nos levar a repensar alguns pontos sobre o conceito de História na Antiguidade. A partir dessa afirmação exporemos nossa tese com o intuito de buscar bons argumentos – absolutamente pautados na fonte – que possam retirar Plínio do purgatório historiográfico.

2 *Primeiro Argumento: Do emprego da palavra “história” no Prefácio Epistolar*

*Por certo que as obras históricas e as de oratória
possuem muitas coisas em comum,
mas ao mesmo tempo, dentro dessas coincidências,
fundamentam-se muitas diferenças.
(Plínio, o Jovem. Ep.V.8)*

Nosso primeiro argumento diz respeito aos usos que Plínio imputou à palavra “História” tanto no prefácio epistolar dedicado ao futuro Imperador Tito quanto no Livro I – o dito sumário/índice – da NH. Aqui apresentaremos a nossa interpretação acerca de alguns pontos da NH que pode gerar desacordos futuros, mas seguimos a risca o aviso taxativo de Umberto Eco: “o leitor não pode dar nenhuma interpretação simplesmente com base em sua imaginação, mas deve ter certeza de que o texto de certo modo não apenas legitima, mas também encoraja determinada leitura”²⁷⁸. Desse modo, a nossa leitura não excede os limites encorajadores da NH!

Como vimos no primeiro capítulo, Plínio esteve intimamente ligado às atividades práticas que um cidadão romano de destaque poderia gozar. Contudo, sua formação no âmbito das letras também ganhou projeção em sua trajetória como funcionário imperial – não apenas com a NH, mas com todas as suas outras obras. Assim, vemos Plínio como um agente a serviço da política, claramente delimitado em seu espaço de atuação, mas também um estudioso capaz de escrever sobre os mais distintos assuntos, inclusive sobre as transformações ocorridas em seu próprio tempo. Francisco Oliveira em sua obra *Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo* constatou que Plínio possuía um bom olhar no tocante às evoluções/transformações políticas do passado romano: “A propósito da República Romana, Plínio assume a posição de um historiador que observa o evoluir de uma forma específica de constituição ao longo de vários séculos”²⁷⁹. Percebemos que o autor usou o termo “historiador” para se referir a Plínio e a sua tarefa exercida na escrita da NH, ou seja, a percepção das evoluções políticas e sociais colocam-se como uma das funções que Francisco Oliveira deposita na figura do historiador romano do século I d.C. Já percebemos que longe está a percepção de que todos os estudiosos da NH e de Plínio não o consideram como um autor digno de ser chamado de historiador. Além do mais, devemos reforçar que apenas a NH

²⁷⁸ ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p.35.

²⁷⁹ OLIVEIRA, Francisco. Op.cit., p.105.

chegou até os nossos dias, ou seja, é unicamente a partir deste testemunho que os autores contemporâneos podem entendê-lo como um historiador ou um copista de luxo.

Para fortalecer o argumento de que Plínio possuiu diversos traços de um historiador também nos apoiamos nos escritos de Guy Serbat que deu ênfase na característica cronológica desenvolvida por Plínio, pois “como bom historiador, se preocupou com a cronologia exata, procurando, por exemplo, estabelecer uma ligação precisa entre olimpíadas gregas e anos romanos”²⁸⁰. Se a percepção das evoluções políticas e sociais aliadas ao apego à cronologia exata não são suficientes para outorgar o título de historiador a Plínio, é algo que envolve grandes debates e tantos outros argumentos²⁸¹, contudo certo é que a palavra “História” foi usada em quatro momentos distintos no prefácio epistolar e, a partir destes usos, teremos boas indicações para qualificar a NH como uma legítima representante do gênero histórico.

A primeira aparição da palavra “História” acontece no início do prefácio epistolar:

Estes livros de **História** Natural, nascidos de minha última criação/juízo e que são uma nova tarefa para as Musas de seus cidadãos romanos, resolvi oferecê-los a ti com esta informal epístola, Gracioso Imperador (tal é, de fato, o título que mais se ajusta à sua pessoa, já que o de Máximo corresponde à velhice de seu pai).²⁸²

Empregado pela primeira vez o termo “História” já nos indica o título escolhido por Plínio para sua obra de maior durabilidade. Ora, a pergunta que é reconhecidamente válida nesse momento é: qual o propósito de intitular a obra de *Naturalis Historiae*? Se tal questionamento ainda é feito fica-nos claro que o simples uso da terminologia não apaziguou os problemas anteriormente levantados e, muito menos, incluiu a NH no rol das obras de História da Antiguidade. Justamente uma das dificuldades em compreender a obra pliniana foi potencializada pelo problema de não se encontrar uma pronta relação entre o título da obra, seu conteúdo e seu gênero literário. Buscamos nas próprias palavras de Plínio um possível caminho para compreendermos este primeiro caso:

²⁸⁰ SERBAT, Guy. Op.cit., p.41.

²⁸¹ Para muitos pesquisadores a NH não oferece conhecimentos de História – notadamente contrário ao posicionamento de nossa tese. Por exemplo: “Das *artes* que geralmente são apresentadas é possível reconhecer o conhecimento médico, fatos astronômicos e informações de agricultura abordados na obra de Plínio, mas nada de gramática, história ou música”. (DOODY, Aude. **Pliny’s Natural History**: Enkuklios Paideia and the Ancient Encyclopedia. Journal of the History of Ideas. Janeiro/2009; vol.70, n.1: p.1-21)

²⁸² (grifo do autor). Plínio, o Velho. *NH. Praef. 1*: “*Libros Naturalis Historiae, novicium Camenis Quiditium tuorum opus, natos apud me proxima fetura licentiore epistula narrare constitui tibi, iucundissime imperator – sit enim haec tui praefatio, verissima, dum maximi consenescit in patre*”.

[nestes livros] Se descreve a natureza, ou em outras palavras, a vida, mas em seu aspecto menos brilhante e, em muitos pontos, recorri a termos rústicos ou estrangeiros, inclusive bárbaros, termos que realmente devem ser introduzidos com um pedido de desculpas²⁸³.

Ao perceber a explicação dada por Plínio de que sua obra descreve a natureza, ou melhor, a *vida*, percebemos algo relevante: o título da obra pode ser interpretado como “História da Vida”, pois o importante não seria apenas a exposição do mundo natural, mas a abordagem estaria voltada para outro patamar, o da “natureza histórica”. Assim, o emprego do termo “História” no título da obra pliniana nos sugere o seguinte raciocínio: 1º) Através de um trabalho de investigação histórica Plínio buscou tornar a natureza um objeto histórico; 2º) Para tornar a natureza um objeto histórico foi preciso equipará-la à vida²⁸⁴; 3º) A noção de vida ameniza a característica de que a obra era apenas sobre o mundo natural, pois a sociabilidade urbana também está inserida no que se entende como vida; 4º) O papel do homem ganha destaque na construção do que podemos chamar de “mundo histórico”; 5º) Para a natureza se tornar histórica foi preciso destacar o papel do homem *na* natureza. Desse ponto de vista, o uso da expressão “História Natural” ganha um significado específico, pois o relato/discurso pliniano tem como referente os feitos dos homens *na* natureza, os usos da natureza *pelo* homem, ou seja, o conteúdo da NH está voltado para o valor que o homem – principalmente o romano – dá aos objetos/fenômenos ali descritos.

Justamente por se tratar de um conteúdo tão amplo que a NH foi encarada como um amontoado de informações, ou em termos mais modernos, uma enciclopédia. Ciente de que sua empreitada era ousada Plínio justificou-se: “Ninguém entre nós tentou [levar a cabo tal tarefa] e ninguém entre os gregos tratou sozinho de todas as questões [aqui apresentadas]”²⁸⁵. Não nos é estranho pensar que Plínio empenhou seus maiores esforços na produção da NH, embora saibamos do exagero retórico na frase anterior – vimos que Plínio não foi o primeiro a intentar a “totalidade” da vida em uma obra escrita. O interessante é perceber que sua ânsia pela totalidade e ineditismo também são traços marcantes das obras consideradas históricas – ambições que até hoje guiam muitos historiadores em seus ardorosos caminhos. Como ele

²⁸³ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 12*: “*Sterilis materia, rerum natura, hoc est vita, narratur, et haec sordidissima sui parte, ac plurimarum rerum aut rusticis vocabulis aut externis, immo barbaris, etiam cum honoris praefatione ponendis*”.

²⁸⁴ A carga da filosofia estóica deve ser vista nestas relações, pois sabidamente os estóicos sustentam a íntima relação entre a doutrina da física com a ética: a *natureza* vincula-se a doutrina da física e a *vida* ao lado da ética. Daí a máxima estóica: “viver em conformidade com a natureza”.

²⁸⁵ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 14*: “*nemo apud nos qui idem temptaverit invenitur, nemo apud Graecos qui unus omnia ea tractaverit*”.

mesmo afirma “dar novidade ao velho” era algo que sua NH poderia oferecer aos seus leitores.

Ainda refletindo sobre o uso do termo “História” no título de sua obra temos a clara impressão de que o discurso específico e o trabalho de investigação pliniano foram reforçados pela consciência histórica dominante no período do século I d.C. Talvez em uma das mais belas passagens da NH Plínio reforça o traço característico encontrado em diversas obras históricas do primeiro século: o vínculo entre tradição e inovação. Lemos:

Esta árdua tarefa de dar novidade ao velho, autoridade ao novo, brilho ao antiquado, luz ao escuro, graça ao tedioso, credibilidade ao duvidoso: em uma palavra, a todas as coisas sua natureza e à natureza tudo o que lhe pertence. Por isso, para nós, mesmo que não tenhamos conseguido, és belo e magnífico termos proposto [tal tarefa].²⁸⁶

Escrever sobre a vida era atentar-se para o natural vínculo entre o que passou e o que se mostrava como presente. Daí compreende-se as preocupações típicas de um historiador com a cronologia, assim como com as mudanças sociais que em Plínio contrariam a teoria triunfalista, pois para ele o próprio engrandecimento do Império era a causa da decadência moral de Roma. O vínculo entre tradição e inovação deixou seus traços mais fortes na NH quando percebemos o uso das autoridades²⁸⁷ de um passado remoto ou mesmo de um passado recente como fundamento para o desenvolvimento desta “nova tarefa” tão justificada por Plínio em seu prefácio epistolar. Assim, percebemos que o primeiro uso da palavra “História” nos indica que o autor almejava com seus trinta e sete volumes algo além de um amontoado de informações sem nexos, sem sentido, etc. A composição de uma “História da Vida”²⁸⁸, apesar da exagerada pretensão, não pode descaracterizar-se como integrante do gênero de História por esse fator, visto que outras obras do mesmo período também exageraram na ambição e nem por isso foram desconsideradas como exemplares válidos da História romana.

A segunda aparição do termo “História” no prefácio da NH está ligada ao nome de Tito Lívio (59 a.C – 17 d.C). Nas palavras de Quintiliano em sua obra “Institutio Oratoria” encontramos verdadeira admiração pela eloquência e clareza dos escritos de Tito Lívio:

²⁸⁶ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 15*: “*res ardua vetustis novitatem dare, novis auctoritatem, obsoletis nitorem, obscuris lucem, fastiditis gratiam, dubiis fidem, omnibus vero naturam et naturae sua omnia. Itaque nobis etiam non assecutis voluisse abunde pulchrum atque magnificum est*”.

²⁸⁷ Assunto desenvolvido no Segundo Argumento de nossa tese.

²⁸⁸ Retomamos rapidamente uma discussão do primeiro capítulo: o problema de considerar a HN como uma *enkýkliō paideia*. Em suas Noites Áticas (Praef. 6-9), Aulo Gélcio caracterizou a NH com a expressão *pantodapes historia*, ou seja, uma “História geral da terra”. Notem que essa definição também retira a carga geográfica do título História Natural, pois integra o espaço urbano e a sociabilidade humana.

Que Heródoto não me leve a mal ao igualá-lo a Tito Lívio, o qual não apenas em sua narração tem uma estranha suavidade e pureza acompanhada de muita clareza, mas também em seus discursos é mais eloquente do que é possível descrever (...) no que toca às emoções, especialmente aquelas que requerem mais doçura, para dizer em uma palavra, nenhum dos historiadores lhes deu maior realce.²⁸⁹

A comparação entre Heródoto e Tito Lívio nos aponta para a importância que os escritos de Lívio tiveram na formação do pensamento dos eruditos do século I d.C em Roma. Sua obra mestra “*Ab urbe condita*” teve como objetivo compor uma História desde a fundação de Roma até meados do século I d.C – grande ambição! - com a marca característica das produções daquele período: o culto a Roma. Inclusive, em uma das epístolas que Plínio, o Jovem endereçou a Tácito contando a respeito do desastre que matou seu tio temos uma citação direta que mostra a presença de Tito Lívio nos círculos intelectuais do século I d.C: “Agora duvido que eu chame de constância de estudo sendo mais adequado chamar de imprudência o que fiz na época (tinha apenas dezenove anos): tomei um livro de Tito Lívio e, como se não tivesse outra coisa para fazer, comecei a ler e a copiar fragmentos”²⁹⁰. Contudo, o que encontramos nos escritos de Plínio, o Velho não são as destacadas qualidades exaltadas por Quintiliano nem a admiração de seu sobrinho e sim, a presença de críticas relacionadas à postura adotada por Tito Lívio em buscar glórias pessoais ao invés de glórias a Roma. É justamente nessa passagem que a palavra “História” aparece pela segunda vez em nossa fonte:

De minha parte penso que na composição do saber é particularmente meritória a causa dos que tem preferido o serviço útil de superar as dificuldades do que apenas buscar aquilo que dá prazer. Tenho praticado tal postura em outros estudos. E por isso declaro que me surpreendo de que Tito Lívio, o célebre autor, em um determinado volume de sua **história** que começa da fundação da urbe, tenha começado dizendo que ele havia alcançado muitas glórias e que poderia descansar se a inquietude de seu espírito não se alimentasse de trabalho. Porque deveria ter composto esses escritos para a glória do povo vencedor do mundo e do nome de Roma, não para glória pessoal.²⁹¹

²⁸⁹ Quintiliano. *Institutio Oratoria*. Livro 10.1: “*nec indignetur sibi Herodotus aequari Titum Livium, cum in narrando mirae iucunditatis clarissimique candoris, tum in contionibus supra quam enarrari potest eloquentem (...) adfectus quidem, praecipueque eos qui sunt dulciores, ut parcissime dicam, nemo historicorum commendavit magis*”.

²⁹⁰ Plínio, o Jovem. *Ep.* 6.20: “*Dubito, constantiam vocare an imprudentiam debeam — agebam enim duodevicensimum annum -: posco librum Titi Livi, et quasi per otium lego atque etiam ut coeperam excerpto*”.

²⁹¹ Plínio, o Velho. *NH. Praef.* 16: “*Equidem ita sentio, peculiarem in studiis causam eorum esse, qui difficultatibus victis utilitatem iuvandi praetulerint gratiae placendi, idque iam et in aliis operibus ipse feci et profiteor mirari me T. Livium, auctorem celeberrimum, in historiarum suarum, quas repetit ab origine urbis, quodam volumine sic orsum: iam sibi satis gloriae quaesitum, et potuisse se desiderare, ni animus inquietus pasceret opere. profecto enim populi gentium victoris et Romani nominis gloriae, non suae, composuisse illa decuit*”.

De fato, Plínio se remete a Tito Lívio como o “célebre autor”, mas também nos revela um traço oculto pelas palavras de Quintiliano: o gosto pela glória pessoal. Cícero em um trecho das Filípicas afirmou que a glória era traduzida pela “fama e pelos bons e grandes atos com a *res publica*, que se comprovam quer pelo testemunho dos homens notáveis, quer pelo da multidão”²⁹², ou seja, Tito Lívio teria registrado em sua História os grandes atos dignos de glória, mas fazendo isto buscou a glória para si – o ato de escrever uma obra do gênero de História lhe proporcionaria glórias. Como vimos no primeiro capítulo, a escrita de uma obra de História era uma das maneiras de colocar o nome de seu autor nos lábios da humanidade. A crítica feita por Plínio sugere que o autor estava preocupado em dedicar seus esforços e sua obra para todos os cidadãos romanos – apesar da clara dedicatória ao futuro imperador. Notadamente tal recurso discursivo era comumente utilizado, pois com a elevação de Roma os indivíduos que assim a propagavam também ganhavam lugar de destaque político e social. Fica-nos a dúvida do por que Plínio atacar o célebre autor com uma questão pessoal, pois colocar o seu nome (Plínio) ao lado do nome do futuro imperador na dedicatória de uma obra histórica também era um traço que reconhecidamente lhe traria glórias pessoais.

Cabe-nos a pergunta: o uso da palavra “História” no caso da obra de Tito Lívio nos ajuda de que maneira? Se analisarmos a sequência do prefácio veremos que antes da citação da obra de Tito Lívio, Plínio comentava sobre os usos das obras gregas e do embate entre tradição e inovação que seu trabalho geraria. Em seguida, chama a atenção do leitor – num primeiro momento o imperador, num segundo os romanos, num terceiro a humanidade – para a postura deplorável de um célebre autor romano que através de *sua obra de História* buscou a glória pessoal. Tal atitude não seria perpetrada por ele – Plínio – em sua obra *História Natural*, pois como um cidadão acostumado com os cargos de ação sabia o valor da preservação e glorificação do nome de Roma. Talvez ciente de que sua crítica a Tito Lívio pudesse gerar certo desconforto naqueles que o admiravam, sentenciou logo em seguida:

São vinte mil as informações dignas de atenção (porque como disse Domicio Pisão, deve-se construir *thesauros oportet* e não livros), lidas em cerca de dois mil livros (alguns dos quais poucos estudiosos se deteram devido aos assuntos difíceis de entender), obra de autores bem selecionados, que estão apresentadas em trinta e seis volumes.²⁹³

²⁹² Cícero. *Filípicas*, I.29: “*Est autem gloria laus recte factorum magnorumque in rem publicam meritorum, quae cum optimi cuiusque, tum etiam multitudinis testimonio comprobatur*”.

²⁹³ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 17*: “*XX Rerum dignarum cura—quoniam, ut ait Domitius Piso, thesauros oportet esse, non libros—lectione voluminum circiter VV, quorum pauca admodum studiosi attingunt propter secretum materiae, ex exquisitis auctoribus centum inclusimus XXXVI voluminibus, adiectis rebus plurimis, quas aut ignoraverant priores aut postea invenerat vita*”.

Assim, Plínio deixou claro que sua obra não se tratava de algo pequeno e sem importância. Seu trabalho investigativo ganhou números altos e com isso, respeito. As críticas feitas à obra de História de Tito Lívio seriam tecidas por um indivíduo que leu incontáveis obras e tinha uma vívida vida vivida, ou seja, na NH estaria aliada a tradição escrita com o papel dos *olhos* de Plínio. Talvez outra grande ambição pliniana, mas novamente não passível de desconsiderar o trabalho por esta característica. Ao analisarmos as duas passagens em conjunto (*Praef.16-17*) percebemos que Plínio utilizou termos diferentes que podem destacar o papel proeminente de sua NH. Quando se referiu a noção de preferir os serviços difíceis aos prazerosos Plínio completou a afirmação dizendo: “tenho praticado tal postura em outros *estudos*”. Contudo, ao se referir a NH não consegue nem mesmo limitá-la ao padrão de *livros* – que dirá de estudos! -, mas concorda com Domicio Pisão e a chama de *thesauros oportet*, numa tentativa de tradução aproximada, um armazém/depósito. Diferente das interpretações comumente realizadas não vemos nessa definição um valor pejorativo, mas a aproximamos daquilo que anteriormente apontamos: para compor uma *História da Vida* precisava-se de espaço. Logo, as críticas feitas a Tito Lívio e sua obra de História seriam validadas por um autor erudito e com grande vivência, mas, principalmente, por um indivíduo que produziu uma obra de História de maior fôlego e com temas dignos de lembrança.

Seguindo a máxima do início deste capítulo – “quem exagera o argumento prejudica a causa” – encerramos as considerações acerca do segundo uso do termo “História” com a disposição dos principais autores usados por Tito Lívio em sua “História de Roma a partir da fundação da urbe”:

AUTORES LATINOS	
Fábio Pictor	Cíncio Alimento
Acílio	Calpúrnio Pisão
Cláudio Quadrigário	Valério Anciate
Asínio Polião	Licínio Macro
Élio Tuberão	Marco Varrão
Catão, o Censor	Célio Antípatro
César	Rutílio Rufo

AUTORES ESTRANGEIROS	
Arato de Sicião	Sileno de Calas
Timagenes	Alexandria
Políbio	

A partir desta pequena lista de autoridades romanas e estrangeiras (gregas) podemos retirar algumas informações preciosas para a nossa tese. Que a beleza da escrita dos textos de Tito Lívio ganham mais louros que a escrita pliniana não nos restam dúvidas. Contudo, o que nos importa é a semelhança entre as autoridades usadas por Tito Lívio para compor suas *Histórias* e a lista de autoridades apresentadas por Plínio em seu Livro I que guiaram a escrita de sua *História*. Elencamos o número de vezes que cada uma das principais fontes usadas por Tito Lívio aparece na lista de autoridades do Livro I de Plínio:

AUTORES LATINOS	
Fábio Pictor: 3	Cíncio Alimento: 1
Acílio: 0	Calpúrnio Pisão: 15
Cláudio Quadrigário: 0	Valério Anciate: 9
Asínio Polião: 1	Licínio Macro: 7
Élio Tuberão: 3	Marco Varrão: 31
Catão, o Censor: 16	Célio Antípatro: 1
César: 1	Rutílio Rufo: 0

AUTORES ESTRANGEIROS	
Arato de Sicião: 1	Sileno de Calas: 0
Timagenes: 1	Alexandria: 0
Políbio: 4	

A discussão mais profunda sobre a lista de autoridades latinas e gregas contidas no Livro I de Plínio será abordada em nosso Segundo Argumento, todavia a comparação efetuada entre os dois pensadores consiste em mostrar que Plínio apoiou-se em autoridades que foram trabalhadas numa obra de História da virada do século I a.C para o século I d.C – obra de grande prestígio e autor igualado a Heródoto, nas pomposas penas de Quintiliano. Numericamente temos como resultado a equiparação de 78% dos principais autores latinos e 60% dos autores estrangeiros utilizados por Tito Lívio em sua *Ab urbe condita* e contidos no Livro I da NH. Desse ponto de vista, percebemos que as críticas plinianas voltadas à postura de Tito Lívio frente à glória pessoal não são repetidas quando o assunto é a legitimação do conteúdo de sua obra²⁹⁴. Sendo assim, nos parece que o uso do termo “História” neste segundo momento demonstra a indicação do gênero da obra de Tito Lívio – filologicamente inegável -, mas também sugere uma possível comparação entre os escritos de Tito Lívio e a proposta de sua própria obra, ou seja, uma obra de História. Deixemos claro: não aludimos ao conteúdo de ambas as obras, mas da proposta da obra, ou seja, ser uma obra de História.

O terceiro momento em que a palavra “História” aparece no prefácio da NH corrobora com a imagem de Plínio como um historiador. No seguinte trecho é possível imaginar o momento em que o autor estava justificando – para o imperador ou para si mesmo? – as suas intenções de escrita:

De todos vocês, de seu pai, de ti e de seu irmão, tratamos em uma obra como era o esperado: ‘**História** de nosso tempo’, começando a partir do final dos escritos de Aufídio. Perguntarás onde está. Terminada há um bom tempo, está num lugar seguro e com a decisão de confiá-la a meu herdeiro para que não se pense que dediquei minha vida à adulação. Com isso deixo aberto o caminho para aqueles que queiram ocupar esse terreno e também favoreço aqueles que virão depois, pois sei que eles irão competir conosco assim como nós fizemos com nossos predecessores.²⁹⁵

A partir deste trecho não nos restam dúvidas de que Plínio escreveu uma obra pertencente ao gênero de História na Antiguidade. Leia-se: com grandes homens, grandes feitos, acontecimentos, guerras, intrigas, política, com a clara perspectiva do *exempla*. A obra

²⁹⁴ Ao que tudo indica Plínio utilizou as datações propostas por Tito Lívio: “Segundo o Livro 33.148-149, a grande crise moral deu-se entre 189 e 132 a.C, num período de 57 anos que viu chegar todas as formas de luxo oriental. De igual modo, os casos apontados no Livro 33.142-143 como ilustrativos da tradicional parcimônia romana, são datáveis de um período que vai de 275 a 168 a.C. Esta cronologia apresenta-se na linha da tradição analística romana e é perfilhada por Tito Lívio, que põe especial ênfase na data de 188-187 a.C., data de regresso da Ásia de Gneu Mânlio Vulso”. (OLIVEIRA, Francisco. Op.cit., p.71)

²⁹⁵ Plínio, o Velho. NH. Praef. 20: “*Vos quidem omnes, patrem, te fratremque, diximus opere iusto, temporum nostrorum historiam orsi a fine Aufidii. ubi sit ea, quaeres. iam pridem peracta sancitur et alioqui statutum erat heredi mandare, ne quid ambitioni dedisse vita iudicaretur. proinde occupantibus locum faveo, ego vero et posteris, quos scio nobiscum decertaturos, sicut ipsi fecimus cum prioribus*”.

referida neste trecho do prefácio seria uma continuação dos escritos do historiador Aufídio Baso que colocou o ponto final de sua narrativa entre os anos 31 a 50 d.C. Desse modo, o lapso temporal permite inferir que a obra pliniana “História de nosso tempo” poderia abarcar desde o período de Tibério (14 d.C – 37 d.C) até os tempos de Vespasiano (69 – 79 d.C), ou menos ampla, a partir de Cláudio (41 d.C – 54 d.C) até Vespasiano. Em ambas as possibilidades Plínio não abordou todo o período de Vespasiano, pois a obra foi escrita²⁹⁶ antes da NH e, além disso, Plínio morreu meses antes de Vespasiano.

Na epístula 3.5 de Plínio, o Jovem endereçada a Baebio Macrino está elencada entre as sete obras de Plínio, o Velho a “Continuação da História de Aufídio Baso”. Temos como suspeita a falta de aceitação ou divulgação desta obra, pois o seu próprio sobrinho não gastou muita tinta em sua descrição: “Continuação da História de Aufídio Baso, em trinta e um volumes”²⁹⁷. Na descrição de todas as outras produções de Plínio, o Velho aparece comentários positivos como, por exemplo, da própria NH: “História Natural, em trinta e seis volumes. Obra extensa e erudita, não menos variada que a própria natureza”²⁹⁸. Contudo, a proposta anteriormente levantada também ganha valia, pois se Plínio, o Velho escreveu sobre o irmão de Tito – o futuro imperador Domiciano – Plínio, o Jovem teria motivos de sobra para não louvar a obra de seu tio. O mesmo acontecendo com os estudiosos do círculo de amizade de Plínio, o Jovem – Tácito e Suetônio, principalmente – que viveram os tempos de Domiciano como imperador. Todavia, bem aceita ou não a obra foi referenciada por ambos os Plínios e publicada após a morte de Plínio, o Velho.

Paralelo interessante entre este trecho e aquele referente à busca de glórias pessoais de Tito Lívio diz respeito às preocupações de Plínio com a sua reputação. Ora, as glórias alcançadas por Tito Lívio através de sua História não poderiam ser visadas por Plínio. Será mesmo? O simples fato de Plínio dedicar a NH para um membro da casa imperial romana já relativiza essa faceta anti-glórias pliniana. Sua fama imortal e seus escritos ganhariam destaque se estivessem aliados ao poder dominante e, nada melhor, do que dedicar sua obra para uma espécie de “mestre das verdades” romana. São as próprias palavras de Plínio que nos apresentam a legitimidade de Tito como um receptor capaz de entender a sua obra: “De

²⁹⁶ Já abordamos a discussão sobre a cronologia das obras plinianas. Aqui vale a lembrança: a obra “História de nosso tempo” foi escrita antes da NH, mas publicada apenas após a morte de Plínio, o Velho. Assim, temos a publicização da NH em 77 e a “História de nosso tempo” após o ano 79 d.C.

²⁹⁷ Plínio, o Jovem. *Ep.* 3.5: “*A fine Aufidi Bassi triginta unus*”.

²⁹⁸ Plínio, o Jovem. *Ep.* 3.5: “*Naturae historiarum triginta septem', opus diffusum eruditum, nec minus varium quam ipsa natura*”.

ninguém se tem dito com mais verdade que o poder da oratória resplandece (...) com que vigorosa palavra cantas como um trovão os méritos de seu pai!, e a fama de seu irmão!, que grande és na poesia!, ó grande fecundidade de espírito!”²⁹⁹. Só o fato de louvar as qualidades de Tito e considerá-lo o leitor por excelência de sua NH já alçava Plínio entre os escritores que gozavam de glórias e respeito entre os pares.

Como dito noutro momento de nossas pesquisas: um homem romano do século I d.C também tinha suas crenças e, talvez uma das mais fortes entre os eruditos, era a crença nas ações de seu soberano e a certeza de querer manter-se ao seu lado³⁰⁰. Desse ponto de vista, colocar o próprio nome ao lado do nome do futuro imperador romano Tito num prefácio epistolar de uma monumental obra não era inocência! Nas próprias palavras de Plínio: “não me atrevo a prometer nada, tua pessoa me oferece a oportunidade de escrever. Isto é o que garante minha obra, o que lhe dá valor”³⁰¹.

Notadamente, o uso do termo “história” neste último caso é o mais explícito, pois se remete a uma obra de História escrita pelo próprio Plínio. Embora não faça referência à obra aqui analisada a aparição da palavra “história” no contexto específico já nos dá suporte para pensar a produção pliniana com outras ferramentas. Se foi intencional ou não nos será sempre inacessível, mas a sequência do Prefácio reforça nosso argumento de que não somente a palavra “história” se faz presente, mas algumas posturas de historiador também marcam os escritos plinianos. Logo após comentar sobre a sua obra “História de nosso tempo” Plínio entra em dois assuntos espantosamente atuais: o método de investigação e, como chamamos em nossos dias, o plágio. Notemos que tais comentários de Plínio não dizem respeito à produção da obra “História de nosso tempo”, mas sobre a sua pesquisa para elaborar a NH. O que nos chamou a atenção foi o local escolhido para falar sobre estes assuntos, qual seja, logo após a apresentação de sua obra de História e de sua percepção do *fazer História*, em suas palavras: “[os futuros pensadores] irão competir conosco assim como nós fizemos com nossos predecessores”³⁰². Eis a descrição de como ele desenvolveu sua obra NH:

²⁹⁹ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 5*: “*Fulgurare in nullo umquam verius dicta vis eloquentiae, tribunicia potestas facundiae. quanto tu ore patris laudes tonas! quanto fratris amas! quantus in poetica es! o magna fecunditas animi! quem ad modum fratrem quoque imitareris excogitasti*”.

³⁰⁰ STADLER, Thiago David. *Op.cit.*, p.159.

³⁰¹ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 19*: “*nihil auso promittere hoc ipsum tu praestas, quod ad te scribimus. haec fiducia operis, haec est indicatura*”.

³⁰² Plínio, o Velho. *NH. Praef. 20*: “*quos scio nobiscum decertaturos, sicut ipsi fecimus cum prioribus*”.

A prova do esforço que tive com estes volumes está nos nomes dos principais autores que estão no princípio [da obra]. É, penso eu, uma prova de cortesia e cheia de simplicidade e decência confessar de quem te beneficiastes, coisa que não foi feita pela maior parte dos autores que usei. Porque tens de saber que comparando autores descobri que os mais apreciados dentre os contemporâneos tem transcrito literalmente os antigos sem nomeá-los.³⁰³

Tudo isto aparece claríssimo no prefácio da NH: enquanto os autores célebres de seu tempo apenas faziam fama à custa da genialidade dos antigos, Plínio apontou a enorme lista de autoridades que ele usou para elaborar sua obra. Fica claro que o problema levantado por Plínio não era o do apoio dado pelos antigos – a admiração do velho e a audácia do novo andavam juntas –, mas a falta de decência em ocultar tal ajuda. Plínio cita o exemplo de Cícero que se declarava discípulo de Platão e colocava-se numa posição de comentador do filósofo³⁰⁴: “candura de Cícero que em sua República declarava-se discípulo de Platão”³⁰⁵. Já a outra característica proposta por Plínio dizia respeito ao seu método de investigação que ultrapassava a concepção da força do *olhar*, do *estar presente* para redigir uma obra de História, pois a *comparação de autores* o levou a enriquecer sua obra e a perceber os engodos de seu tempo.

Estas posturas investigativas que encontramos na NH indicam que Plínio sabia como se posicionar perante os estudos históricos. Como a sua “História do nosso tempo” foi escrita antes da NH podemos pensar que tais posturas já eram adotadas nos estudos anteriores a sua História Natural. Dessa maneira, a partir do emprego da palavra “História” indicando outra de suas produções pensamos sobre a possibilidade de Plínio munir-se de instrumentos teóricos e formais capazes de realçar a postura investigativa da NH. Mesmo os autores que o consideram um copista devem atentar-se para as dificuldades em conjugar diversas obras e não se pode ignorar a presença da investigação num trabalho dessa natureza.

O último uso da palavra “História” no prefácio epistolar proporciona uma excelente discussão especulativa. Após criticar a postura de meros copiadores sem decência de seus contemporâneos Plínio passou a justificar o título de sua obra. Vimos que o primeiro uso do termo “História” foi justamente no momento de nominar a sua produção e dedicá-la às musas

³⁰³ Plínio, o Velho. NH. Praef. 21: “*Argumentum huius stomachi mei habebis quod in his voluminibus auctorum nomina praetexui. est enim benignum, ut arbitror, et plenum ingenui pudoris fateri per quos profeceris, non ut plerique ex iis, quos attigi, fecerunt. Scito enim conferentem auctores me deprehendisse a iuratissimis ex proximis veteres transcriptos ad verbum neque nominatos*”.

³⁰⁴ Cícero. *De re publica* I.43: “[Platão se expressa brilhantemente] Eu, se puder, acrescento, o explicarei em latim”.

³⁰⁵ Plínio, o Velho. NH. Praef. 22: “*qui de re publica Platonis se comitem profitetur*”.

e ao futuro imperador Tito. Contudo, já ao final de seu Prefácio Epistolar surgem diversas inquietações e, em nossa visão, diversas justificativas para empregar o título de História Natural. Plínio nos mostra certos desconfortos ou mesmo dificuldades em aceitar alguns títulos de outras obras, principalmente dos gregos, que não dizem nada ou prometem tudo – outra semelhança com os nossos tempos! Vejamos:

Há entre os gregos uma admirável riqueza de títulos: uns usaram de título *keríon*, querendo que se entendesse ‘favo de mel’; outros, *kéras Amaltheías*, que é cornucópia³⁰⁶, de modo que você pode esperar encontrar um projeto de leite de galinha em seus volumes; também *Ia, Musai, Pandectai, Encheiridia, Leimon, Pinax, Schedion* (‘Violetas’, ‘Musas’, ‘Recompilações’, ‘Manuais’, ‘Prado’, ‘Mesa’, ‘Improvisação’), títulos que quaisquer pessoas poderiam até esquecer-se de seus objetivos. Mas, por todos os deuses e deusas, quando você os lê, não há nada dentro!³⁰⁷

A imprecisão dos títulos levantados por Plínio proporcionava até mesmo o impossível: leite da galinha. Hoje, com o passar de tantos séculos e tantas críticas acerca da NH, percebemos que a preocupação pliniana em não se aproximar dos problemas que ele mesmo detectava em seu tempo não foi eficaz. Um dos pontos mais criticados sobre a estrutura e conteúdo da NH foi justamente o de tratar sobre inúmeros assuntos sem, de acordo com alguns críticos, o cuidado da seleção e ordenamento. Claramente a seleção dos conteúdos e a estrutura da NH foram pensadas por Plínio – o que muitos teimam em aceitar, pois não é a ordenação e seleção *esperada*! Se o próprio autor em seu Prefácio Epistolar critica a tradição dos gregos em vislumbrar diversos temas e no fundo “não ter nada dentro” é possível esperar um posicionamento diferente em sua obra. Em termos de estrutura a NH obedece a uma ordenação vertical – do céu para a terra -, assim como os juízos de valores de Plínio também seguem a verticalidade – todas as maravilhas estariam voltadas para a glória romana em detrimento das outras regiões.

O importante é perceber o *desconforto* de Plínio em nomear o que seria a sua última produção, pois parece que o autor não estava confiante naquilo que propunha. A enumeração dos títulos não ficou restrita aos gregos, mas alguns títulos latinos também foram citados:

³⁰⁶ Nota de tradução: no original encontra-se *copiae cornu*. Esta expressão dizia respeito a um “corno de abundância”. Na mitologia greco-romana a fertilidade do solo, abundância poderia ser representada por um tipo de vaso na forma de um chifre. Tanto na tradução da edição Gredos em espanhol quanto na tradução da LOEB inglesa os tradutores usaram a expressão: “cuerno de la abundancia” e “Horn of Plenty”. Contudo, no português existe uma expressão para tal: cornucópia.

³⁰⁷ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 24*: “*Inscriptionis apud Graecos mira felicitas: khrion inscripsere, quod volebant intellegi favum, alii keraV AmalgeiaV, quod copiae cornu, ut vel lactis gallinacei sperare possis in volumine haustum; iam ia, Mousai, pandectai, egceiridia, leimwn, pinax, scediwn: inscriptiones, propter quas vadimonium deseri possit; at cum intraveris, di deaeque, quam nihil in medio invenies!*”.

Os mais sérios dos nossos [autores] tem intitulado ‘Antiguidades’, ‘Exemplos’, ‘Tratados’; os mais engenhosos, ‘Elucubrações’. Suponho que é porque o autor era um bêbado e se chamava *Bibaculus*. Varrão é menos pretencioso em suas sátiras ‘Ulisses e meio’, ‘Mesa dobrável’.³⁰⁸

Mesmo elencando alguns títulos comuns às produções latinas percebemos que o seu título não se enquadrava em nenhum dos citados, embora saibamos que o conteúdo da NH correspondia aos vários temas suscitados pelos títulos por ele elencados. De forma clara e concisa Clemence Schultze em seu texto “*Encyclopaedic exemplarity in Pliny the Elder*” contempla esta constatação:

Ao longo da História Natural, Plínio se envolve com o passado mais amplo da humanidade, lidando com a história cultural: arte, invenções e realizações. Ele faz isso de uma forma que consegue combinar situações políticas como guerras, conquistas e triunfos e as mudanças e maravilhas que elas trazem (...) ele explora os *exempla* como uma rota para atingir o passado.³⁰⁹

Não concordamos que Plínio tenha buscado “leite de galinha” em sua NH, mas o vasto plantel de assuntos abordados em sua obra nos permite encontrar um pouco de “antiguidades”, de “exemplos”, de “tratados”, de “sátiras” e, inclusive, de “favos de mel”³¹⁰. Um claro exemplo encontramos no Livro 2 quando Plínio relata diversos prodígios naturais que acompanharam acontecimentos políticos, ou seja, no mesmo trecho encontramos abordagens pertencentes a *mirabilia* e questões que remetem a vida política romana:

Há também luzes meteóricas que somente são vistas ao cair, por exemplo, um desses atravessou o céu ao meio-dia aos olhos de todo o público quando *Germanicus Caesar* estava proporcionando um espetáculo de gladiadores (...) outras semelhantes luzes meteóricas são ‘raios’, em grego *dokoi*, por exemplo, uma apareceu quando os espartanos foram derrotados no mar e perderam o império da Grécia.³¹¹

Estrelas também são vistas durante o dia na companhia do sol e normalmente aparecem, na verdade, em torno do orbe do sol como guirlandas feitas de espiga de milho e anéis que mudam

³⁰⁸ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 24*: “*nostri graviores Antiquitatum, Exemplorum Artiumque, facetissimi Lucubrationum, puto quia Bibaculus erat et vocabatur. paulo minus asserit Varro in satiris suis Sesculixe et Flextabula*”.

³⁰⁹ SCHULTZE, Clemence. **Encyclopaedic exemplarity in the Pliny the Elder**. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) *Pliny the Elder: themes and contexts*. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.170.

³¹⁰ Plínio dedica parte de seu Livro 11 para comentar sobre abelhas. Os estudos sobre as abelhas teriam ganhado força com Aristomachus de Soli que dedicou 58 anos aos estudos de tais animais. Outro que dedicou sua vida aos estudos das abelhas foi Philiscus de Thasos ganhando o apelido de “Homem selvagem” por morar em lugares desertos. (*NH. 11.19*)

³¹¹ Plínio, o Velho. *NH. 2.96-97*: “*Emicant et faces, non nisi cum decidunt visae, qualis Germanico Caesare gladiatorum spectaculum edente praeter ora populi meridiano transcucurrit. (...)Emicant et trabes simili modo, quas dokouV vocant, qualis cum Lacedaemonii classe victi imperium Graeci amisere*”.

de cor – por exemplo, quando *Augustus Caesar* em sua juventude entrou na cidade após a morte de seu pai para assumir seu poderoso sobrenome.³¹²

Estes exemplos nos são elucidativos, pois compreendemos as incertezas e o desconforto de Plínio em buscar um título coerente com o conteúdo de sua obra. Nota-se o porquê de tantos pensadores se “perderem” nos labirintos classificatórios de gênero literário da NH. Daí a definição de “História da Vida” ganhar tanta força quando passamos a compreender a narrativa pliniana, pois mesclar assuntos que envolviam acontecimentos como as lutas de gladiadores e triunfos romanos com o maravilhoso/inusitado não é tarefa fácil – até mesmo Plínio complicou diversos assuntos devido à tamanha ambição.

Feitas estas considerações partimos para o momento em que Plínio usou o termo “História” pela quarta e última vez em seu prefácio epistolar:

Diodorus entre os Gregos parou de brincar com as palavras e deu para sua **história** o título de *Bibliothēke*. Na verdade, Apião, o gramático (a quem Tibério César chamava ‘pratos do mundo’, quando melhor seria ‘tambor de sua própria fama’) deixou escrito que ele outorgava a imortalidade às pessoas em cuja honra compunha algo.³¹³

Após levantar os diversos títulos e a falta de correspondência entre o nome e o conteúdo das obras gregas; após enumerar os títulos mais usuais entre os latinos de seu tempo, Plínio utiliza o exemplo de outro autor grego que parou de brincar/jogar com as palavras e deu o título de *Bibliothēke* para a sua obra de História. É a partir deste ponto de vista que as especulações ganham visibilidade: como se Plínio parasse de comentar sobre obras das mais diversas naturezas e firmasse suas convicções exatamente com o exemplo de uma obra de História. Foi com um escrito de História que os títulos ganharam maior credibilidade e a obra era de um grego – “a devoção aos estudos era muito maior neles [gregos]”³¹⁴.

Não deixaríamos passar a ironia pliniana em relação à Apião, o Gramático, tanto na questão dos apelidos, mas, principalmente, na propagação da imortalidade. De acordo com

³¹² Plínio, o Velho. NH. 2.98: “*Cernuntur et stellae cum sole totis diebus, plerumque et circa solis orbem ceu speiceae coronae et versicolores circuli, qualiter Augusto Caesare in prima iuventa urbem intrante post obitum patris ad nomen ingens capessendum*”.

³¹³ Plínio, o Velho. NH. Praef. 25: “*Apud Graecos desiit nugari Diodorus et βιβλιοθηκη historiam suam inscripsit. Apion quidem grammaticus—hic quem Tiberius Caesar cymbalum mundi vocabat, cum propriae famae tympanum potius videri posset—immortalitate donari a se scripsit ad quos aliqua componebat*”.

³¹⁴ Plínio, o Velho. NH. 7.8: “*modo ne sit fastidio Graecos sequi tanto maiore eorum diligentia vel cura vetustiore*”.

Plínio, Apião outorgava a lembrança eterna para àqueles a quem dedicava³¹⁵ suas obras, isto é, o poder da preservação da memória estaria nas penas e escolhas de Apião. Simplesmente não podemos esquecer que Plínio dedicou sua NH para Tito, ou seja, mesmo se a observação pliniana sobre a “audácia” de Apião for irônica, o impacto de quem lê tal afirmação pode gerar o sentimento contrário. Mesmo que a frase busque denegrir a possibilidade de outorgar a imortalidade a outrém – ainda mais no caso de um futuro imperador – ela nos faz refletir sobre “e se fosse possível?”. Claro que nossa vantagem temporal nos diz que *foi possível* deixar o nome de Tito marcado ao lado da NH.

Para encerrar o problema dos títulos Plínio nos ofereceu mais um *desconforto* já que após todas as nossas discussões – não somente as nossas, mas de toda a tradição ocidental – o seu pensamento parece se perder diante de certas inseguranças:

A mim não me pesa não ter inventado um título mais atrativo e, para que não pareça que ataco em tudo aos gregos, queria que se meu propósito fosse entendido à maneira dos famosos criadores de pinturas e esculturas que colocavam em suas obras já acabadas, e inclusive algumas que não cansamos de admirar, um título provisório, do tipo de *Apelles* o *Polyclitus faciebat*. Como se sua arte estivesse sempre num esboço e sem terminar (...) Não mais que três, creio eu, receberam, segundo a tradição, o título definitivo de *Ille fecit*. No lugar correto irei comentar sobre elas. Com isso se deu a entender que o artista havia alcançado grande segurança em sua arte, por conseguinte essas obras foram acolhidas com desafeto.³¹⁶

Com esta passagem Plínio nos desafia a olhar para seu título *História Natural* e interpretá-lo como provisório, como algo inacabado, tarefa difícil ao nos depararmos com a dimensão da mesma. Talvez a melhor forma de compreender este desafio é a exata noção da variabilidade da natureza e da vida, isto é, diferente de uma guerra que poderia ser narrada a partir de seu início e concluída com os resultados obtidos com o combate³¹⁷, as histórias sobre

³¹⁵ A mesma noção encontra-se nos diálogos platônicos, pois grande parte foi intitulada com o nome do principal interlocutor do diálogo. Ex.: Mênon, Protágoras, Fédon, Filebo, Crátilo, etc. O interessante no caso dos diálogos platônicos foi que o nome do interlocutor ficou imortalizado, em sua maioria, com o ônus da fama já que a figura de Sócrates era a de maior inteligência nos diálogos.

³¹⁶ Plínio, o Velho. *NH. Praef.* 26-27: “*Me non paenitet nullum festivorem excogitasse titulum et, ne in totum videar Graecos insectari, ex illis mox velim intellegi pingendi fingendique conditoribus, quos in libellis his invenies, absoluta opera et illa quoque, quae mirando non satiamur, pendenti titulo inscripsisse, ut APELLES FACIEBAT aut POLYCLITUS, tamquam inchoata semper arte et imperfecta (...) tria non amplius, ut opinor, absolute traduntur inscripta ILLE FECIT, quae suis locis reddam. quo apparuit summam artis securitatem auctori placuisse, et ob id magna invidia fuere omnia ea*”.

³¹⁷ Como exemplo deste recurso usamos a “História da Guerra do Peloponeso” de Tucídides. Seu Livro I assim começa: “Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram uns contra os outros. Começou a narração logo a partir da eclosão da guerra, tendo prognosticado que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção do que as já travadas (...)”. Encerra seu Livro I: “E os representantes voltaram para a sua pátria e posteriormente não mais foram enviadas embaixadas. Essas foram as acusações e as divergências de ambas as partes, surgidas antes da guerra, logo após a questão de Epidamo e Corcira (...)”. (Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. Livro I.I;CXLV-CXLVI)

a vida e suas maravilhas estariam em perpétua construção. Fato é que mesmo com um título provisório a sua obra seria responsável por carregar e propagar as histórias que ali estavam gravadas, pois era através do papel/pergaminho que a imortalidade do homem poderia se espalhar³¹⁸ – qual *imortalidade*, a das guerras ou dos feitos menores, ficaria a encargo do escritor!

³¹⁸ Plínio, o Velho. *NH. 13.70*: “a imortalidade do homem depende do uso e da circulação desse material [papiro]”. “*postea promiscue patuit usus rei qua constat immortalitas hominum*”.

2.1 Do emprego da palavra “história” no Livro I

*Porém sempre as obras de gênero histórico,
escritas de qualquer modo, causam deleite.
(Plínio, o Jovem. Ep.V.8)*

Encerrando os aportes de nosso primeiro argumento temos a aparição do termo “História” no Livro I da NH num local específico: ao encerrar a lista de conteúdos de cada livro Plínio deixou a seguinte sentença “*res et historiae et observationes*”. Essa tríade encerra a descrição dos conteúdos de quase todos os livros, pois em alguns livros os três elementos mudam para “*medicinae et historiae et observationes*”. Sendo mais exato: a primeira sentença aparece do livro 2 ao 19 e no livro 34, 36 e 37; já a segunda expressão ocorre do livro 20 ao 33 e no 35. É Notável para nossa discussão que o termo variável nas expressões não é o *historiae* e sim *res/medicinae*, ou seja, nossa análise não é perturbada pela alternância dos termos. Independente dos termos usados nas duas expressões Plínio adiciona ao final da tríade um número, ou mais exato, a soma do que ele coletou e apresentou como *res/medicinae et historiae et observationes*. Por exemplo: a partir desta dinâmica de somas vemos que no livro 6 Plínio coletou/apresentou 2214 *res et historiae et observationes*.³¹⁹ A dúvida que nos atinge é a mais simples possível: o que tal expressão seguida por uma soma pode nos dizer? Para compreender a expressão e a soma é preciso decifrar o que cada um dos termos significava para Plínio.

Numa primeira reflexão pensamos sobre a forma que duas edições contemporâneas da NH – Gredos e LOEB - traduziram a tríade *res et historiae et observationes*. Tal proposta leva em consideração o modo que os termos foram pensados e reconduzidos para outras línguas/realidades, pois a aproximação das traduções com o original pode nos informar a imbricada ligação entre forma e conteúdo e, talvez, como a NH foi percebida por outras tradições³²⁰. Notemos: na versão em espanhol a tríade ficou “hechos, relatos, observaciones” e na versão inglesa “facts, investigations, observations”. No que diz respeito ao nosso argumento, ou seja, a importância do termo *historiae*, entendemos a validade de ambas as

³¹⁹ Plínio, o Velho. NH. I.6: “*Summa: res et historiae et observationes MMCCXIV*”.

³²⁰ “Se é certo que Walter Benjamin clamava pela ‘transparência’ da tradução (para que ela não ‘ofusasse’ o brilho do original) também é certo que, desde Anfré Lefevere, se tornou possível afirmar que não há transparência no uso da linguagem e, com isso, restou a perspectiva de que o tradutor não é (nem pode ser) transparente. Consequência disso, consideramos tradução ‘adequada’ aquela capaz de transmitir a informação semântica com poder ilocucionário análogo, afastando-se do texto original sempre e quando isso se faz necessário para se manter próximo a ele”. (KAHMANN, Andrea Cristiane. **Sobre tradições, traduções e trações**: o caso do Gaúcho (de cá e de lá). Revista Cultura & Tradição. 2011; v.1, n.1: p.01-09)

traduções, pois havíamos comentado sobre a natureza investigativa desenvolvida por Plínio e a visível construção de relatos/narrativas acerca dos mais variados temas – não houve *traduttore traditore*. Fator importante: a percepção de que *historiae* poderia significar o acúmulo de *factos/acontecimentos* se distancia da nossa proposta, pois acreditamos que o termo está ligado à maneira de abordar os fatos – não nos fatos em si.

Como visto na parte intitulada “Velhos problemas e novos estudos sobre a obra pliniana” Plínio abordou determinados fatos/acontecimentos que outrora poderiam passar despercebidos – não vistos pelo prisma da História -, mas obedecendo a distinção entre *res* e *historiae*. Daí o uso do termo latino *res* para significar o fato/acontecimento e, por conseguinte, o termo *observationes* como um acréscimo reflexivo acerca dos fatos. Vemos no enfoque de Guy Serbat algo de boa valia: “*Historiae* são as ‘anedóticas’ de todos os tipos que servem para identificar as *res* (acontecimentos) ou confirmar as *observationes* (reflexões)”³²¹.

Claro que a concepção de Guy Serbat leva em consideração a característica marcante da NH, qual seja a abordagem das *mirabilias*, ou seja, a narração de acontecimentos maravilhosos e anedóticos. Dessa maneira, não encaramos as *historiae* apenas como “anedóticas de todos os tipos”, mas acrescentamos a essa concepção a visão mais investigativa que é própria da comprovação dos fatos – se não a verdade, ao menos o crível:

Além do atrativo, da curiosidade, de todas as emoções que nos dão as narrativas, os contos e as lendas, além da necessidade de distrair, de esquecer, de proporcionar sensações agradáveis e terrificantes, o objetivo real da viagem maravilhosa é (...) a exploração máxima da realidade universal.³²²

Aqui chegamos num ponto crucial de nosso argumento, pois o uso do termo *historiae* no caso do Livro I nos mostra dois caminhos: 1º) a compreensão de que o uso do termo nos indica a função de um historiador e suas investigações; 2º) a compreensão de que o significado do termo não está ligado às investigações comumente levantadas noutros escritos de História. O primeiro caso é explicitado pelo próprio Plínio no Livro 3: “Não seguirei uma única autoridade, mas a que estiver mais próxima da verdade em cada um dos casos”³²³. Neste livro Plínio propôs uma abordagem geográfica de várias regiões: Bética, Hispania Citerior,

³²¹ SERBAT, Guy. Op.cit., p.43.

³²² MABILLE, Pierre. **Le miroir du merveilleux** APUD: LE GOFF, Jacques. *L'imaginaire médiéval*. Paris: Gallimard, 1991, p.35.

³²³ Plínio, o Velho. *NH. 3.1*: “*quapropter auctorem neminem unum sequar, sed ut quemque verissimum in quaque parte arbitror*”.

província Narbonense, Italia Transpadana, Panônia, Mesia, várias ilhas, rios famosos, etc. O interessante da afirmação que praticamente abre o Livro 3 é o respeito pela investigação que buscava a verdade das coisas, dos acontecimentos, dos fatos. Tal proposta pliniana teria a validação através das autoridades no assunto, noutras palavras, o apoio legítimo da tradição. Além do mais, as investigações não visariam apenas às belezas e assuntos louvados por todos como encontramos expresso no Livro 14 – argumento também presente na apresentação da obra para o futuro imperador:

Vamos continuar nossas pesquisas até mesmo em assuntos que já saíram de circulação, e não nos intimidaremos com a humildade de certos objetos, ainda mais quando estivermos tratando acerca dos animais, apesar de vermos que Virgílio, o príncipe dos poetas, era dominado por considerações que buscavam omitir os recursos para o jardim e, as [considerações] que ele gravou não foram mais do que colher a flor de seu tema, feliz e agradável como ele é.³²⁴

Parece-nos que as *historiae* de Plínio ficavam entre a cruz e a espada ou, em termos historiográficos, entre Heródoto e Tucídides. Ao lado de Heródoto, a presença do maravilhoso na narrativa pliniana reporta a atmosfera da sociedade romana do século I d.C e que, nas palavras de Clemence Schultze, mostrava que a escrita de uma História nos moldes de Plínio era uma “História com realidade”³²⁵ – ninguém vive sem fantasias, maravilhas, contos, crenças, etc. Já ao lado de Tucídides³²⁶, Plínio apresentava uma narrativa útil e com ares de dificuldade, de fatos narrados e menos atraentes – como exposto no prefácio da NH, “a aridez do assunto tratado”. Notadamente ambos os pensadores gregos foram contemplados na lista de autoridades estrangeiras do Livro I: Heródoto aparece oito vezes (Livros: 2; 5; 7; 8; 12; 13; 19; 36) e Tucídides outras três vezes (Livros: 3; 4; 7).

Cientes estamos que os atuais estudos acerca da NH tendem a mostrar aproximações entre Plínio e Catão, Varrão e Celso ao invés de Heródoto e Tucídides. Estes estudos estão incorporados em nossa tese já no primeiro capítulo por isso tomamos a liberdade em pontuar as semelhanças com outros autores. Apenas reafirmamos que alguns estudos tendem a encarar as comparações diretas entre os escritos de Plínio com os de Varrão e Celso com certas

³²⁴ Plínio, o Velho. NH. 14.7: “*Sed nos oblitterata quoque scrutabimur, nec deterrebit quarundam rerum humilitas, sicuti nec in animalibus fecit, quamquam videmus Vergilium praecllentissimum vatem ea de causa hortorum dotes fugisse et in his quas rettulit flores modo rerum decerpisse, beatum felicemque gratiae*”.

³²⁵ SCHULTZE, Clemence. Op.cit., p.170.

³²⁶ Tucídides. Guerra do Peloponeso. I.22: “Muito penoso era o trabalho de pesquisa, porque as testemunhas de cada uma dessas ações não diziam o mesmo sobre os mesmos fatos (...) e para o auditório o caráter não fabuloso dos fatos narrados parecerá talvez menos atrante”.

ponderações, pois os conteúdos trabalhados foram distintos. Carmen Codoñer e Robert Fowler propuseram uma divisão didática para explicitar tais diferenças:

[Codoñer e Fowler] dividiram as enciclopédias antigas em dois grupos: aqueles que lidam com o mundo natural e aqueles inspirados no sistema educacional da *enkuklios paideia*, discutindo as várias *artes* – retórica, gramática e medicina. Mas, enquanto Catão, Varrão e Celso podem, com vários degraus de comparação certamente, ser colocados no segundo grupo, o primeiro contém apenas Plínio.³²⁷

A citação não é de toda válida em nossa tese, pois não vemos o trabalho pliniano como uma enciclopédia antiga – discussão já travada noutra momento -, além de entendermos que a NH também goza de aspectos “educacionais da *enkyklios paideia*” não com abordagens de gramática e retórica, mas com a íntima relação entre a física e a ética (pressuposto estóico) que traria certas condutas para o homem romano do século I d.C. Desse modo, a citação nos é válida acerca da distinção entre os autores: Varrão e Celso não ocupam o espaço reservado unicamente a Plínio, mas o inverso não é totalmente verdadeiro. Novamente nos apoiamos nas palavras de Aude Doody para encerrar esse ponto: “Catão, Varrão, Cícero e Celso são colocados juntos menos pelos assuntos que eles tratavam e mais pelo local que ocuparam no panteão intelectual romano”³²⁸.

Dessa maneira, partimos para a última constatação acerca da especificidade que o termo *historiae* nos sugere na leitura da obra pliniana. Se percebemos que o processo de elaboração da NH seguiu certos passos comuns à investigação histórica – levantamento bibliográfico, pesquisa, comparação, posicionamento frente à verdade, uso da tradição – percebemos que o *viés* proposto por Plínio escapa absolutamente daquilo que noutra momento da tese foi chamado de “grande História”. A preocupação e insegurança que percebemos na escrita pliniana em seu prefácio nos ajuda a compreender que uma obra de História com a temática da NH não gozava do mesmo prestígio que, por exemplo, as Histórias de Tito Lívio.

Assim, ao percebermos a tríade *res et historiae et observationes* do Livro I afirmamos que a *historia* constitui a forma mais autêntica, mais real e mais útil de trabalhar os assuntos referentes à civilização propagada por Plínio. Dizer que ele era diferente dos outros no tocante à exaltação de Roma é um absurdo e um sintoma do desconhecimento da literatura latina do período do principado. Ivana Lopes Teixeira assim afirma em sua tese “Romanidade em Plínio, o Antigo, e a *Naturalis Historia* como um ‘projeto’ político-pedagógico”: “A sua

³²⁷ DOODY, Aude. Op.cit., p.03.

³²⁸ DOODY, Aude. **Pliny’s Natural History**: Enkuklios Paideia and the Ancient Encyclopedia. Journal of the History of Ideas, vol.70, n.1, janeiro/2009, p.07.

estratégia retórica [de Plínio] da comparação amplificante construiu hierarquias na NH que levaram a cidade de Roma a se converter no espelho ético-político e artístico da identidade romana imperial, lugar da memória e do saber”³²⁹. Basta apenas uma passagem da NH para confirmar o dito: “O único povo de espetacular eminência em virtude entre todos os povos no mundo inteiro é indubitavelmente o romano”³³⁰.

Virtudes e respeito que Plínio faz questão de pontuar na última frase de sua NH lembrando a todos – inclusive a “mãe Natureza” – de que ele era um romano que rogava misericórdia e consciência da Natureza em prol daquele que elogiou todas as manifestações naturais³³¹. Dessa maneira, a proposta de escrever uma História a partir da noção do natural, ou como vimos outrora, da vida, obrigou a Plínio levantar assuntos que pudessem elevar o espírito romano por outro viés que não o habitual domínio militar, político, econômico: “como uma História *Natural*, o trabalho não é e não pode tratar sobre a História dos acontecimentos, ou a política como tal, ou tratar de assuntos mais abrangentes como uma biografia”³³². Novamente percebemos que o pensamento de Schultze não nos contenta de forma integral, pois talvez o problema da NH não verse sobre a impossibilidade de tratar sobre a “História dos acontecimentos”, mas sim, devemos nos questionar sobre *quais acontecimentos Plínio falaria em sua obra de História Natural*. Por exemplo: o registro da primeira votação sobre a mulher mais nobre de Roma³³³; o fato de quem trouxe os primeiros barbeiros para Roma³³⁴; o registro de quem foi e quais os motivos de construir o primeiro relógio em Roma³³⁵. Percebemos que o trato sobre “acontecimentos” está presente na NH,

³²⁹ TEIXEIRA, Ivana Lopes. Op.cit., p.132.

³³⁰ Plínio, o Velho. NH. 7.130: “*Gentium in toto orbe praestantissima una omnium virtute haud dubie Romana extitit*”.

³³¹ Plínio, o Velho. NH. 37.205: “*Salve, parens rerum omnium Natura, teque nobis Quiritium solis celebratam esse numeris omnibus tuis fave*”.

³³² SCHULTZE, Clemence.op.cit.

³³³ Plínio, o Velho. NH 7.120: “*Pudicissima femina semel matronarum sententia iudicata est Sulpicia Paterni filia, uxor Fulvi Flacci, electa ex centum praeceptis quae simulacrum Veneris ex Sibyllinis libris dedicaret, iterum religionis experimento Claudia inducta Romam deum matre*”.

³³⁴ Plínio, o Velho. NH 7.211: “*Sequens gentium consensus in tonsoribus fuit, sed Romanis tardior. in Italiam ex Sicilia venire post Romam conditam anno CCCCLIII adducendo P. Titinio Mena, ut auctor est Varro; antea intonsi fuere. primus omnium radi cotidie instituit Africanus sequens; Divus Augustus cultris semper usus est*”.

³³⁵ Plínio, o Velho. NH 7.60: “*princeps solarium horologium statuisset ante XII annos quam cum Pyrro bellatum est ad aedem Quirini L. Papirius Cursor*”.

embora os acontecimentos não sejam os esperados por um historiador acostumado com os grandes feitos da Antiguidade³³⁶.

Encerramos nosso primeiro argumento com duas passagens da NH: “a natureza mostra sua bondade em relação a nós (...) quando os ossos insepultos estão molhados com o nosso sangue, e, quando nossa loucura finalmente foi descarregada, ela chama a si mesma como um véu, e esconde até mesmo os crimes mortais”³³⁷. Passagem de uma beleza sepulcral e que indica uma das maldições do espírito humano: a loucura por crimes e sangue. O papel da natureza era cobrir as vergonhas humanas, noutras palavras, o véu da natureza retratada por Plínio escondia os resultados da complacência humana com as histórias de matanças que alimentavam tantos escritos das Histórias-batalha³³⁸, mas não da *sua* História. A última passagem apresenta uma verdadeira “lição” – *exempla* – do que Plínio priorizava como uma *historia* a ser narrada e, por conseguinte, lembrada:

[Ditador César] Ele também lutou cinquenta batalhas campais e sozinho bateu o recorde de *Marcus Marcellus* [conquistador de Siracusa, 212 a.C] que lutou trinta e nove – eu mesmo não contaria tal feito para a sua glória que, além de conquistar seus concidadãos, matou em suas batalhas 1.192.000 seres humanos, um prodígio mesmo que negativo infligido à raça humana, como ele mesmo confessou não era para ser publicado o número de vítimas das guerras civis. Seria mais justo creditar a Pompeu, o Grande a captura dos 846 navios de piratas; enquanto a César vamos atribuir, para além dos fatos mencionados acima, a distinção peculiar da clemência em que (mesmo que tenha se arrependido posteriormente) ele superou todos os homens, também ele proporcionando um exemplo de magnanimidade sem paralelos.³³⁹

Apesar da notável hostilidade que Plínio nutria pela figura de César, vemos no trecho selecionado algo que vai além do posicionamento político. Num primeiro momento Plínio não queria relatar os fatos que envolviam batalhas, conquistas e mortes – apesar do fator prodigioso – que poderiam ser vistos como um alimento à glória de César. Se o texto terminasse naquele ponto a interpretação mais familiar seria: não relatar os feitos de César

³³⁶ A nossa proposta não impossibilita as leituras que buscam o político, o militar, etc., nos moldes das grandes histórias do período romano, mas expõe outra maneira de compreender a NH.

³³⁷ Plínio, o Velho. NH. 2.159: “*Placatiore tamen dea utimur ob hoc (...) quamque sanguine nostro rigamus insepultis ossibus tegimus, quibus tamen velut expurgato furore tandem ipsa se obducit et scelera quoque mortalium occultat*”.

³³⁸ SERBAT, Guy. Op.cit., p.43.

³³⁹ Plínio, o Velho. NH. 7.92-93: “*idem signis conlatis quinquagens dimicavit, solus M. Macellum transgressus, qui undequadragiens dimicavit – nam praeter civilis victorias undeciens centena et nonaginta duo milia hominum occisa proeliis ab eo non equidem in gloria posuerim, tantam etiamsi coactam humani generis iniuriam, quod ita esse confessus est ipse bellorum civilium stragem non prodendo. Iustius Pompeio Magno tribunatur DCCCXLVI naves piratis ademisse: Caesari proprium et peculiare sit praeter supra dicta clementiae insigne qua usque ad paenitentiam omnes superavit; idem magnanimitatis praeibit exemplum cui comparari non possit aliud*”.

mostraria o real descontentamento que Plínio nutria pelas causas cesarianas. Contudo, na continuação do texto Plínio faz questão de pontuar a virtude da clemência e o exemplo de magnanimidade do próprio César – mesmo que César tenha se arrependido posteriormente. Daí concordarmos com a assertiva de Guy Serbat: não serão as guerras, mas a civilização³⁴⁰ e o simbolismo da *paz* que irão importar na narrativa pliniana. Partindo dessa constatação, no primeiro momento da passagem o problema não era a figura de César – ou somente a figura de César -, mas também aquilo que Plínio já pontuara no Livro 2.159: o sangue e a maldição da História-batalha que de alguma forma fascinava o homem. A tal ponto que na sequência a mesma figura polêmica aparece com qualidades que deveriam ser pontuadas e lembradas – símbolos da *paz* e clemência - e sem as ressalvas do início do trecho: “eu mesmo não contaria”. Talvez toda a disposição pliniana em relatar sobre guerras e sangue se esgotara com sua Guerra contra os germanos!

Da *História* que poderia cegar um célebre autor com as glórias conquistadas para seu bel prazer; da necessidade de Plínio enquadrar-se nas produções mais aceitas de seu tempo com a sua “*História de nosso tempo*”; do título que tanto causou problemas – *História Natural* - e, que de acordo com o autor, era para ser interpretado como algo provisório; da seriedade assumida pelo grego Diodorus ao intitular sua obra de *História* até as interpretações da tríade *res et historiae et observationes* do Livro I. Não há como negar: se espíritos existem o espírito da *História* está absolutamente presente na obra de Plínio, o Velho. Basta querer vê-lo!

³⁴⁰ SERBAT, Guy. Op.cit., p.41.

3 Segundo Argumento: Das Musas

*Pois tu és o meu mestre, o meu autor;
és tu aquele só de quem tirei
o belo estilo que me deu valor.
(Dante Alighieri. Divina Comédia. Canto I)*

Carlo Ginzburg em sua obra “O fio e os rastros” escreveu uma frase que nos ajudou a pensar sobre o tema aqui tratado. Disse: “Procuro contar, servindo-me dos rastros, histórias verdadeiras (que às vezes têm como objeto o falso)”³⁴¹. Acusado de retratar magias, crendices, medicações mágicas Plínio nada mais fez do que apresentar a sociedade em que vivia, pois como um homem de seu tempo e com o objetivo de abordar a *vida* em sua obra seria falso omitir certos costumes de sua época. Daí a ajuda de Ginzburg em nossas reflexões: Plínio apresentou histórias verdadeiras sobre alguns objetos que ele mesmo considerava incertos ou errados. O exemplo mais ilustrativo é a questão da magia, pois muitos leitores apressados veem em Plínio um indivíduo propagador de todas as crendices e superstições de sua época quando, a partir de uma leitura centrada e visando a totalidade da NH, percebemos o distanciamento do autor em relação a tais assuntos³⁴². Claro que o autor continua sendo um cidadão romano do século I d.C. com crenças e posturas que hoje entendemos de outra maneira³⁴³, todavia grande é a diferença entre o que o autor relata como “histórias verdadeiras com objetos falsos” e “histórias verdadeiras com objetos verdadeiros”. Como não é o objetivo desta tese discutir o conceito de verdade – apesar da intrínseca ligação com o conceito de História na Antiguidade³⁴⁴ – direcionamos a discussão para dois pontos que permeiam a

³⁴¹ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.07.

³⁴² No Livro 26.18-20 da NH encontramos um dos posicionamentos plinianos contrário aos efeitos da magia: plantas mágicas que prometiam secar rios; situações que fariam os inimigos abandonarem a linha de batalha em pânico; etc. Plínio até afirma que seria maravilhoso se as crenças dos antigos fossem verdadeiras, mas o homem sábio deveria buscar a moderação e nesse ponto Asclépio seria mais indicado que as propagações das magias. (Plínio, o Velho. NH. 26.18-20: “*Super omnia adiuvere eum magicae vanitates in tantum evectae ut abrogare herbis fidem cunctis possent: aethiopide herba amnes ac stagna siccari, onothuridis tactu clausa omnia aperiri, achaemenide coniecta in aciem hostium trepidare agmina ac terga verti (...) mirum esset profecto hucusque provectam credulitatem antiquorum saluberrimis ortam initiis, si in ulla re modum humana ingenia novissent atque non hanc ipsam medicinam ab Asclepiade repertam probaturi suo loco essemus evectam ultra Magos etiam*”).

³⁴³ Quaisquer críticas que exigem de autores da antiguidade certos posicionamentos muito “modernos”, tais como a recorrente postura de insuficiência da história antiga quando comparada aos rumos posteriores do pensar e da disciplina da História, são claras demonstrações da mais absoluta cegueira intelectual ou, de forma mais branda, uma exigência a-histórica de seus críticos.

³⁴⁴ Damos destaque às palavras do historiador Renan Frighetto que em poucas linhas sintetizou a intrínseca ligação do conceito de verdade com o de História (grifos próprios do texto original): “Evidente que o princípio da **verdade** é uma das premissas fundamentais apresentadas desde a mais longínqua antiguidade, pois o relato histórico **verdadeiro** teria, por certo, maior credibilidade e, também teria sua preservação garantida às futuras

noção de verdade e possibilita o desenvolvimento de nosso segundo argumento acerca da inclusão da NH como uma obra de História: o saber das Musas e a força das autoridades como signos da tradição.

Permitimos-nos aqui traçar algumas ideias sobre os limites do saber das Musas. Os familiarizados com o tema poderão se assustar com a proposta, pois as Musas *sabem tudo* já nos apontava Homero:

Musa, reconta-me os feitos do herói astucioso que muito
peregrinou, dêz que esfez as muralhas sagradas de Troia;
muitas cidades dos homens viajou, conheceu seus costumes,
como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma,
para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta (...)
Deusa nascida de Zeus, de algum ponto nos conta o que queiras.³⁴⁵

Graças a elas o poeta/aedo poderia contar tudo o que acontecia, pois instruído pelo poder das Musas, qual seja, o de saber do presente, do passado e do futuro era possível desenrolar narrativas impregnadas de *verdades* ou, como as Musas hesiodianas³⁴⁶, com a dose certa de *engano*: “elas [Musas] dizem que sabem dizer coisas enganosas assemelhadas a coisas reais, sabendo ao mesmo tempo como levar a ouvir coisas verdadeiras”³⁴⁷. Claro que

gerações. Porém nós, Historiadores de ofício, sabemos perfeitamente que existiram **verdades construídas** e **verdades efetivas** apresentadas ao longo do tempo por aqueles que foram responsáveis por legarem a História de forma oficial, bem como por aqueles mesmos ou outros indivíduos que deixaram suas impressões pessoais, biográficas, autobiográficas, epístolas, documentos dos mais variados, em papiro, pergaminhos, gravados em pedra, **fontes históricas** que ao lado dos utensílios, armas, mosaicos e construções dão-nos uma percepção bastante próxima da **verdade** histórica mais efetiva”. (FRIGHETTO, Renan. **O valor do estudo da História Antiga**. In: STADLER, Thiago David. O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta (Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C.). Curitiba: Juruá Editora, 2013, p.11)

³⁴⁵ Homero. *Odisséia*. Canto I, 5-10. Noutra passagem da *Ilíada* (2.484-487) encontramos:

“Dizei agora a mim, Musas que a olímpica morada tendes,

Pois vós sois deusas, presentes estais e tudo sabeis –

Enquanto nós a fama apenas ouvimos, nada sabemos –

Quem os chefes dos dânaos e seus condutores eram”.

³⁴⁶ Como o trabalho não busca as exatas distinções entre os papéis desempenhados pelas Musas ora na obra homérica ora na obra hesiodiana citamos a clareza e erudição com que Jacyntho Lins Brandão apresenta o tema: “Entretanto, em Hesíodo, não se trata de mera repetição do que declara o poeta da *Ilíada*, pois as Musas não se limitam a afirmar que *sabem*, acrescentando que sabem não só anunciar coisas verdadeiras (*aléthea*), como também dizer *muitas mentiras* (*pseúdea pollá*). Com efeito, se na *Ilíada* o poeta declara, dirigindo-se às Musas, que elas presenciam e sabem tudo (*pánta*), em Hesíodo, as deusas, dirigindo-se ao poeta, declaram que sabem sim, mas não simplesmente *pánta* – isto é, é preciso esclarecer que seu saber inclui coisas verdadeiras (*alethéa*) e também mentiras (*pseúdea*)”. (BRANDÃO, Jacyntho Lins. **As musas ensinam a mentir** (Hesíodo, *Teogonia*, 27-28). *Ágora – Estudos Clássicos em Debate*. 2000; 2: 7-20.

³⁴⁷ HESÍODO. *Teogonia*. 27-28.

Plínio não almejou nem o papel de aedo, nem de adivinho e muito menos de rei justiceiro³⁴⁸ com sua tarefa de abordar a vida ou a natureza em suas facetas menos belas, mas a vontade de verdade estava presente. O problema da *verdade* e do *engano* inseridos no discurso que carrega o peso das Musas como olhos e bocas de tudo e de todos aparece no momento em que Plínio inicia seu prefácio-epistolar:

Estes livros de História Natural, nascidos de minha última criação/juízo e que são uma nova tarefa para as Musas de seus cidadãos romanos, resolvi oferecê-los a ti com esta informal epístola, Gracioso Imperador (tal é, de fato, o título que mais se ajusta à sua pessoa, já que o de Máximo corresponde à velhice de seu pai).³⁴⁹

Absolutamente oposto ao início do Canto I da Odisséia em que Homero pede “Musas, reconta-me os feitos do herói astucioso” e, aparentemente, sem indicações das muitas mentiras que as musas hesiodianas poderiam oferecer vemos em Plínio a autonomia diante do poder das Musas. Claramente tal postura coloca a NH fora dos meandros do encantamento, embora não signifique que temas relacionados ao encantamento e, principalmente, ao maravilhoso estejam impedidos de aparecerem na obra pliniana. Este ponto é de grande valia para nossa tese, pois a leitura da NH proporciona inúmeros relatos prodigiosos aliados aos fatos político-sociais. Contudo, se pensarmos que a presença do encantamento enfraquece o argumento de que a obra em questão é de caráter histórico estaremos negando a vivacidade e pluralidade da vida humana. Aceitaríamos novamente as críticas de um Voltaire, por exemplo, que negava a História Antiga devido as suas origens repousarem em narrativas pertencentes ao reino das opiniões e da tolice – “narrativas absurdas transmitidas através de gerações, provas da cega credulidade humana”.³⁵⁰

Não negamos que as discussões sobre as Musas ganham maiores significados quando se aportam os poemas, já que os estudos da nossa contemporaneidade e os escritos datados de longínquos períodos nos mostram a íntima relação entre as “patronas” e a poesia. No tocante à

³⁴⁸ Pierre Vidal-Naquet em seu Prefácio à obra “Mestres da verdade na Grécia Arcaica” de Marcel Detienne levantou estas três figuras – aedo, adivinho e rei justiceiro – com um traço em comum: o privilégio de dispensadores da Verdade pelo simples fato de terem qualidade que os distinguem: “O poeta, o vidente e o rei compartilham de um mesmo tipo de discurso. Graças ao poder religioso da Memória, *Mnemosýne*, o poeta e o adivinho têm acesso direto ao além, enxergam o invisível, enunciam ‘o que foi, o que é, o que será’”. (VIDAL-NAQUET, Pierre. **Prefácio**. In: DETIENNE, Marcel. *Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p.VIII).

³⁴⁹ (grifo do autor). Plínio, o Velho. *NH. Praef. 1*: “*Libros Naturalis Historiae, novicium Camenis Quittitium tuorum opus, natos apud me proxima fetura licentiore epistula narrare constitui tibi, iucundissime imperator – sit enim haec tui praefatio, verissima, dum maximi consenescit in patre*”.

³⁵⁰ MENEGUELLO, Cristiana. **Algumas considerações sobre o conceito de História segundo Voltaire**. Locus – Revista de História. Univesidade Federal de Juiz de Fora, vol.3, n.2, 1997, p.71.

História lembramo-nos da *História* de Heródoto que fora dividida em nove capítulos e, cada um deles, intitulado com o nome de uma das Musas: Clio, Euterpe, Talia, Melpómene, Terpsícore, Érato, Érato, Polímnia, Urânia, Calíope. Quem abre o livro é, justamente, a Musa da História! Plínio citou Heródoto como uma de suas autoridades estrangeiras – Livro 2, 5, 7, 8, 12, 13, 19, 36 – embora a aparição dos poetas Homero (Ilíada e Odisséia), Hesíodo (Teogonia) e Calímaco (Epigramas), numericamente, seja mais relevante que o próprio Heródoto ou Tucídides: Homero é citado dez vezes na lista de autoridades do Livro I; Hesíodo outras quinze vezes; Calímaco catorze vezes e Tucídides apenas três. Notadamente estas constatações não ignoram que as principais fontes utilizadas por Plínio são as obras dos latinos, mas buscamos alguns aportes que podem nos ajudar na noção de História encontrada na NH. A presença de poetas na lista de autoridades externas ganha relevância quando vemos a citação pliniana do poeta latino Catulo (84-54 a.C.) já nas primeiras linhas de seu prefácio epistolar. Lemos:

Pois você costumava pensar que minhas ninharias valiam alguma coisa” ..., digo, para citar rapidamente de passagem Catulo, meu ‘paisano’ – você também conhece esta palavra dos jargões militares. Ele, como sabes, mudando a ordem das primeiras sílabas, resultou um pouco mais áspero do que queria que pensassem seus amigos Veraniolos e Fabulos.³⁵¹

Aqui podemos unir duas situações: o uso de um poeta como legitimador do discurso inicial da NH e a NH vista como um novo trabalho para as Musas romanas (trecho anteriormente citado). A aparição de Catulo no início do prefácio é controversa justamente por se tratar de um poeta que, como Plínio faz questão de lembrar, era da mesma região que a sua – Catulo era de Verona, na Gália Cisalpina e Plínio de Como. Notamos que a citação usada e alterada por Plínio entra nas abordagens do primeiro ponto levantado no início de nosso parágrafo: com ironia ele buscou a atenção do leitor, no caso o futuro imperador romano. Dar valor as ninharias que Plínio escrevia seria uma das características esperadas de Tito. O uso do poeta também ganha outro sentido quando Plínio exalta a Tito no *Praef.5*: “quão grande és na poesia!” Ao usar uma citação de um poeta³⁵² conterrâneo, Plínio inseria

³⁵¹ Plínio, o Velho. *NH. Praef. I*: “namque tu solebas nugas esse aliquid meas putare, ut obiter emolliam Catullum conterraneum meum (agnoscis et hoc castrense verbum): ille enim, ut scis, permutatis prioribus syllabis duriusculum se fecit quam volebat existimari a Veraniolis suis et Fabullis”.

³⁵² Plínio, o Jovem também teceu elogios a Catulo em uma de suas epístolas: “Pompeyo Saturnino (...) compõe versos, semelhantes aos de meu querido Catulo e aos de Calvo; quanta delicadeza, doçura, melancolia e sentimento possuem!”. (Plínio, o Jovem. *Ep. 1.16*: “Pompeium Saturninum (...) Praeterea facit versus, quales Catullus meus aut Calvus, re vera quales Catullus aut Calvus. Quantum illis leporis dulcedinis amaritudinis amoris!”).

sua obra num terreno comum entre ele e Tito – certo conhecimento de poesia e a malícia dos jargões militares compartilhados pelos cidadãos de ação.

A citação de Catulo também nos sugere outra aproximação com a NH, pois o poeta latino está inserido na categorização dos “poetas novos” – Cícero assim o considerou – o que significa que sua linguagem se mostrava mais ligada ao cotidiano e seus temas eram “menores” que os da poesia épica homérica, por exemplo. Da mesma forma a NH foi vista pela longa tradição que a interpretou: quando compreendida como uma obra de História era uma “História menor” e sua linguagem³⁵³ diferente das obras que versavam sobre as “grandes Histórias”. Talvez o uso que Plínio fez de Catulo fosse apenas irônico e com traços de proximidade territorial/cultural – se a ironia fosse o único motivo buscado por Plínio, nomes como os de Plauto e Terêncio poderiam ser mais indicados -, mas a especulação que liga ambos os indivíduos em torno dos “temas menores” nos é mais importante para o que defendemos em nossa tese. Apenas como complemento da discussão: Catulo teve grandes influências do poeta grego Calímaco que já apontamos como uma das fontes estrangeiras mais citadas no Livro 1 da NH.

Antes de prosseguirmos as discussões acerca das autoridades usadas por Plínio em sua NH retomaremos um ponto: “os livros de História Natural (...) são um trabalho novo para as Musas de seus cidadãos romanos”. Nesta frase que abre o prefácio e impõe às Musas um papel diferente daquelas que *tude sabem* retiramos duas possibilidades de leitura: 1º) Plínio apresentava sua nova obra também para as Musas dos romanos; 2º) a NH era um trabalho novo *até mesmo* para as Musas dos romanos. Ambas as possibilidades colocam as Musas longe daquele ideal homérico, pois o trabalho de Plínio ganhava destaque diante dos saberes das Musas. Vimos noutro momento que Plínio exaltou seus esforços dizendo que nenhum romano e nenhum grego construiu um “tesouro” literário como o dele – dando crédito para alguns gregos que trataram de *alguns* assuntos que ele apresentou na NH, mas ninguém trabalhou com *todos* os temas em apenas uma obra (*Praef.14*).

Justamente esta exaltação dos traços de novidade que nos chamou a atenção quando envolvida com a aparição das Musas na abertura do prefácio epistolar. Se as Musas tudo sabem³⁵⁴ como poderiam receber um trabalho novo das mãos de um humano? Plínio estaria

³⁵³ Não temos nenhuma ambição em hierarquizar a escrita de Catulo com a de Plínio, o Velho.

³⁵⁴ Homero. *Ilíada II*, 484-487:

“Musas, que o Olimpo habitais, vinde agora, sem falhas contar-me,

apenas oferecendo sua obra como um tributo ou podemos pensar doutra maneira? Deixando a resposta mais pronta de lado – tributo – propomos algumas rápidas elucubrações³⁵⁵. As características do saber das Musas envolvem o *ver, ouvir e prever* – daí o conhecimento do passado, presente e futuro –, mas algo figura como uma característica tipicamente humana e, por conseguinte, pertencente à produção de uma obra de História: a prerrogativa da *leitura*. As Musas inspiram os poetas, os adivinhos e reis justiceiros com suas visões e saberes conquistados pelo *ver, ouvir e prever*, mas é somente o homem que possui a capacidade da *leitura* e do *registro da memória*. Cabe neste momento retomarmos a clássica definição de História que apoia-se na etimologia da palavra:

Esta forma deriva da raiz indo-européia *wid-*, *weid-*, ‘ver’. Daí o sânscrito *vettas*, ‘testemunha’, e o grego *histor*, testemunha no sentido de ‘aquele que vê’. Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à ideia de que *histor*, aquele que vê, é também ‘aquele que sabe’; *historien*, em grego antigo, é ‘procurar saber’, ‘informar-se’. *Historie* significa, pois, ‘procurar’. É este o sentido da palavra em Heródoto, no início de suas *Histórias*, que são ‘investigações’, ‘procuras’³⁵⁶.

Assim, na raiz da palavra História e ampliando a discussão para a investigação histórica teríamos fortes traços no *olhar* o que mantinha certa proximidade com os poetas/aedos³⁵⁷ inspirados pelas Musas que pareciam testemunhas oculares de fatos que decididamente não poderiam presenciar. A diferença, claramente, seria a presença física do historiador para “ver com os próprios olhos” o acontecido ou, no que seria posteriormente interpretado como a primeira deturpação histórica, “ouvir com os próprios ouvidos” o ocorrido – na hierarquia dos relatos a visão ocupava o mais alto escalão, logo a audição era inferior em veracidade. Como François Hartog pontuou em sua obra “Os Antigos, o passado e o presente”: “Na realidade, para a Musa, ver, saber e dizer caminhavam juntos. O *wie es*

pois sois divinas e tudo sabeis; sois a tudo presentes;
nós nada vimos; somente da fama tivemos notícia –
os nomes, sim, revelai-me, dos chefes supremos dos Dânaos”.

³⁵⁵ Apesar de elucubrações por definição mostrarem-se opostas ao “rápido” ao menos mantivemos a característica do trabalho noturno!

³⁵⁶ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p.18.

³⁵⁷ Homero. *Odisséia VIII*, 487-491:

“[Demódoco] Tão verazmente cantaste as desgraças dos homens aquiivos,
quanto fizeram, trabalhos vencidos, e o mais que sofreram,
como se o visses tu próprio, ou soubesses de alguém fidedigno”.

eigentlich gewesen [como verdadeiramente aconteceu] era seu pão cotidiano!”³⁵⁸. A semelhança com a afirmação de Jacques Le Goff acerca do historiador na antiguidade é enorme: aquele que vê, é também aquele que sabe. Daí novamente o estranhamento causado pelo papel que as Musas ocupam no prefácio pliniano: o ver, saber e dizer das Musas ignorava o ver, saber e *registrar* do historiador.

Apressamos-nos em dizer que não é o registro propriamente dito que coloca Plínio e sua NH no rol das obras de História – um poema também é um registro escrito com outros objetos³⁵⁹. Todavia, a primazia do *ver* dá espaço ao *ler* e consequentemente registrar. Daí a marcante característica da NH: ler sobre aqueles que viram; ler sobre aqueles que ouviram e ler sobre aqueles que leram. De leitura em leitura chegamos ao ponto de alguns estudiosos alcançarem o extremo quando afirmam que a NH seria um “livro sobre livros” – vimos que Plínio registrou diversos fatos e questões geográficas a partir de suas expedições e cargos públicos ocupados. Embora saibamos que diante da longa lista de autoridades latinas e estrangeiras que Plínio propõe em seu Livro I tal posicionamento não é de todo estranho. Assim, diferente da inspiração única das Musas, Plínio ofereceu com sua NH diversas vozes que lhe conferiam maior legitimidade e autoridade sobre os mais variados assuntos: “a História Natural é [composta] por muitas vozes: sua autoridade não está enraizada numa única experiência pessoal de mundo”³⁶⁰. Daí a principal divergência entre o *olhar singular* inspirado pelas Musas e o *olhar diversificado* do historiador voltado para o registro das memórias e da constituição de uma tradição.

O *ver* e o *estar presente* não garantem e não exigem a aliança com a *tradição*, pois estão ligados ao acontecimento, ao instante, ao presente. Logo, a leitura dos registros de um passado que outrora fora o presente vivido por outros indivíduos vincula a memória do sujeito que vive o atual presente com aquele passado trajado com máscaras da tradição. Se as Musas

³⁵⁸ HARTOG, François. **Os Antigos, o passado e o presente**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003, p.24.

³⁵⁹ Aristóteles propôs em sua obra “Poética” a distinção entre poesia e história e, diferente do que o senso comum poderia propagar, a distinção não estava na oposição verso x prosa, mas no conteúdo da obra. Apesar de escrevermos “um poema também é um registro escrito com *outros objetos*” e tal afirmação ir de encontro a leitura do início do Livro IX da Poética não validamos em nosso trabalho a distinção de objetos da história e da poesia propostas por Aristóteles. Vale a citação: “(...) não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postos em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular”. (Aristóteles. *Poética*. Livro IX.50). Claro está que a proposta de História em nossa tese não participa das ideias propostas neste trecho aristotélico, mas converge com a ideia de “distinção de objetos e matérias” entre os registros da poesia e da história.

³⁶⁰ MURPHY, Trevor. Op.cit., p.10.

poderiam saber o que foi, o que é e o que será a NH de Plínio proporcionava a preservação e interpolação do passado rejuvenescido e do presente envelhecido com um viés distinto de quaisquer saberes das Musas: a ligação entre o *ver*, *ler*, *saber* e *registrar* e a *História romana* que se formava através da memória individual (Plínio) e coletiva (autoridades) e pela evocação do passado *no* presente (tradição *x* inovação).

Se nosso raciocínio está correto percebemos que a superioridade da NH frente aos saberes das Musas – no caso da NH ser um “trabalho novo até para as Musas romanas” – nos leva para a afirmação de que o escrito de Plínio é um exemplar de uma obra de História no mundo Antigo. Vejamos: tradição, inovação, autoridades, leitura, olhar, registro, método, conteúdo específico. Todas são características absolutamente inerentes a NH e partícipes das obras reconhecidamente históricas de um século I d.C. Clemence Schultze afirma em seu texto “Encyclopaedic exemplarity in Pliny the Elder” que uma das principais qualidades das obras históricas romanas, os *exempla*, perpassa toda a NH: “Assim, com os *exempla* plinianos, às vezes é difícil dizer se um *exemplum* denota uma coisa boa ou ruim, algo a ser seguido ou algo a ser evitado”³⁶¹.

Contudo, nossa inquietação diz respeito aos temas elencados por Plínio que seriam considerados dignos de imitação/guia por parte dos romanos que tivessem acesso a sua monumental obra. A importância dos temas e exemplos encontrados na NH repousa na noção de *memória institucionalizada*. Daí a importância de nossa tese versar a respeito da inclusão dos pequenos feitos romanos, mas memoráveis, assim como, dos cidadãos destacados não pelas virtudes políticas, guerreiras, etc., mas pelas pequenas descobertas, pelas *primeiras*³⁶² exposições públicas romanas, etc. Todavia, para compreendermos como o autor construiu seus argumentos rumo à imortalidade da memória através de seu registro histórico devemos partir da seguinte ideia: a obra pliniana foi constituída por inúmeras vozes de autoridades latinas e estrangeiras. Assim, se faz necessário incluirmos os usos das principais autoridades citadas por Plínio, pois as mesmas nos ajudarão a perceber os temas elencados na NH. Notemos: muitos dos temas tratados por Plínio são totalmente vinculados à tradição – nada mais justo para quem se propõe escrever uma obra com as características da NH -, mas veremos que a

³⁶¹ SCHULTZE, Clemence. Op.cit., p.186.

³⁶² A noção de *primeiro* deve ser compreendida no panorama romano, ou seja, Plínio não buscou elevar os feitos por ele registrados como se fossem os primeiros da humanidade, mas unicamente os *primeiros dentre os romanos*. Daí a forte característica identitária em seus escritos – típica da literatura dos fins da República e início do Principado -, contudo com a marca do *pequeno feito* (uma exibição de crocodilos e hipopótamos, por exemplo).

abordagem que Plínio deu a muito destes temas colocou o olhar específico de sua traição/inação. Nas próprias palavras de nosso autor: “Na maioria destes casos não comprometo minha própria fé e, preferencialmente, deve-se atribuir os fatos às autoridades que serão indicadas para todos os pontos duvidosos”³⁶³. Não podemos nos esquecer da afirmação já feita: foi o Homem que tornou este mundo histórico, ou seja, precisamos levantar quais homens ajudaram o nosso autor a tornar a sua NH numa obra de História.

³⁶³ Plínio, o Velho. NH. 7.8: “*nec tamen ego in plerisque eorum obstringam fidem meam, potiusque ad auctores relegabo qui dubiis reddentur omnibus*”.

4 Terceiro Argumento: Da dinâmica das autoridades estrangeiras e latinas

*Como poderia se comunicar com o futuro?
Era impossível, pela própria natureza.
Ou o futuro seria parecido com o presente,
caso em que não lhe daria ouvidos,
ou seria diferente, e nesse caso
a sua situação não teria sentido.
(George Orwell. 1984)*

Aqui nos referimos às autoridades que foram elencadas no Livro I após a exposição dos temas tratados em cada um dos outros trinta e seis livros. Para situar melhor a discussão apresentamos a estrutura básica proposta por Plínio:

Livro IV. Conteúdo: locais, *gentes*/povos/raças, mares, cidades, portos, montanhas, rios, dimensões, atuais e antigas populações da (i-iv) Epirus, (v-x) Achaiae, (xi-xiii) Grécia, (xiv-xviii) Tesália, Magnésia, Macedônia, Trácia, (xix-xxiii), ilhas desta costa incluindo Creta, Eubeia, as Cíclades, as Sporades, (xxiv) Helesponto, Mar Negro/*Ponti*, Mar de Azov/*Maeotidis*, (xxv f.) Dácia, Sármacia, Cítia, (xxvii) ilhas do Mar Negro, (xxviii f), Germânia, (xxx) ilhas do Mar do Norte, 96 incluindo Britânia, (xxxi-xxxiii) Gália Belga, Gália Lugdunense, Gália Aquitânia, (xxxiv) nordeste Hispania/*citerioris Hispaniae ab oceano*, (xxxv) Lusitânia, (xxxvi) ilhas do mar Atlântico. (xxxvii) dimensões de toda a Europa.

Summa³⁶⁴: cidades e povos/raças/*gentes*... Summa: rios conhecidos... Summa: montanhas conhecidas... Summa: ilhas... Summa: cidades e povos extintos... Summa: *res et historiae et observationes*...

Ex auctoribus/autoridades: Catão, o Censor, Marco Varrão, Marco Agripa, Augusto (*divo*), Varrão de Atax, Cornélio Nepote, Hygino, Lucius Vetere, Pompônio Mela, Licínio Muciano, Fabricio Tusco, Ateio Capitone, Ateio, o Filólogo [Lucius Ateio Praetextatus].

Externis/autoridades estrangeiras: Políbio, Hecateu, Helânico, Damaste, Eudoxo, Dicaearcho, Timóstenes, Eratóstenes, Éforo, Cratete gramático, Serapião de Antioquia, Calímaco, Artemidoro, Apolodoro, Agátocles, Timeu de Sicília, Mirsilo, Alexandre estudioso, Tucídides, Dosiade, Anaximandro, Filistídes de Mallus, Dionísio, Aristídes, Calidemo, Menecmo, Agatóstenes, Antíclides, Heráclides, Filemón, Xenofonte, Píteas, Isidoro, Filonídes, Xenágora, Astinomo, Staphylo, Aristócrito, Metrodoro, Cleobulo, Posidônio.³⁶⁵

³⁶⁴ Trecho perdido.

³⁶⁵ Plínio, o Velho. *NH I.IV*: “*Libro IV. continentur situs, gentes, maria, oppida, portus, montes, flumina, mensurae, populi qui sunt aut qui fuerunt (i-iv) Epiri, (v-x) Achaiae, (xi-xiii) Graeciae, (xiv-xviii) Thessaliae, Magnesia, Macedoniae, Thraciae, (xix-xxiii) insularum ante eas terras (inter quas, Creta, Euboea, Cyclades, Sporades), (xxiv) Hellesponti, Ponti, Maeotidis, (xxv f.) Daciae, Sarmatiae, Scythiae, (xxvii) insularum Ponti, (xxviii f.) Germaniae, (xxx) insularum in Gallico oceano XCVI, quas inter Britannia, (xxxi-iii) Belgicae Galliae, Lugdunensis Galliae, Aquitanicae Galliae, (xxxiv) citerioris Hispaniae ab oceano, (xxxv) Lusitaniae, (xxxvi) insularum in mari Atlantico, (xxxvii) Universae Europae mensura. Summa: oppida et gentes ... Summa: flumina clara ... Summa: quae intercidere oppida aut gentes ... Summa: res, historiae et observationes ...*

Ex auctoribus: Catone censorio. M. Varrone. M. Agrippa. Divo Augusto. Varrone Atacino. Cornelio Nepote. Hygino. L. Vetere. Mela Pomponio. Licinio Muciano. Fabricio Tusco. Ateio Capitone. Ateio philologo.

Externis: Polybio. Hecataeo. Hellanico. Damaste. Eudoxo. Dicaearcho. Timosthene. Eratosthene. Ephoro. Cratete grammatico. Serapione Antiochense. Callimacho. Artemidoro. Apollodoro. Agathocle. Timaeo Siculo. Myrsilo. Alexandro polyhistore. Thucydide. Dosiade. Anaximandro. Philistide Mallote. Dionysio. Aristide. Callidemo. Menaechmo. Aglaosthene. Anticlides. Heraclide. Philemone. Xenophonte. Pythea. Isidoro. Philonide. Xenagora. Astynomo. Staphylo. Aristocrito. Metrodoro. Cleobulo. Posidonio”.

Selecionamos o Livro 4 apenas como um exemplo funcional, mas podemos tomá-lo como regra no que tange o uso e a exposição das autoridades plinianas. Notemos que num primeiro momento os assuntos que estão expostos no Livro 4 aparecem pontuados – neste caso específico trata-se de um livro sobre geografia. Em seguida aparece a tríade *res et historiae et observationes* que fora abordada em nosso primeiro argumento, mas que ainda compõem a estrutura referentes aos assuntos – no Livro 4 esta parte está incompleta. Expostos os temas e a quantidade de *res et historiae et observationes* contidas no livro em questão Plínio nos apresenta uma lista de autoridades latinas seguida por outra de autoridades estrangeiras (basicamente gregos). Fizemos um levantamento geral sobre todas as autoridades estrangeiras e latinas que está disposto em forma de tabela nos Apêndices de nossa tese. Lá estão elencados os livros e a frequência que cada uma das autoridades aparece no Livro I dando-nos a ideia da importância que Plínio destacou a cada uma delas e no seu espaço devido – autores de trabalhos sobre geografia dificilmente aparecem em livros dedicados aos animais; poetas não ocupam a lista dos livros sobre plantas, etc.

Assim sendo, cientes de que o trabalho de um historiador necessita de restrições, recortes e limites bem determinados nós expomos as nossas balizas: nosso foco será a lista das autoridades latinas, mas não vemos a possibilidade de subtrair por completo a lista das autoridades estrangeiras. Desse modo, fizemos a seleção de certos autores gregos que nos ajudam a pensar as escolhas e seleções de Plínio. Contudo, nos adiantamos em afirmar que a escolha não foi arbitrária, mas obedeceu a parâmetros³⁶⁶ pré-estabelecido por nós, quais sejam:

1º) Elencamos o número de vezes que todos os autores aparecem no Livro I: o resultado, como dito anteriormente, está exposto no Apêndice 1 (no caso dos estrangeiros) ao final de nossa tese;

2º) A partir da tabela separamos os autores que mais vezes foram citados entendendo-os como “autoridades fundamentais” para a construção discursiva de Plínio – seja por ironia ou por erudição -, no caso: Demócrito, Teofrasto, Metrodoro Scepsio, Dionysio medico, Nicandro, Iuba rege, Hesiodo, etc.

³⁶⁶ A mesma forma de trabalho foi aplicada tanto para os autores latinos quanto para os estrangeiros.

3º) Constatado os nomes que figuravam entre as maiores autoridades estrangeiras nos voltamos para o texto completo da NH. Usamos um exemplo para tornar mais claro tal processo: Demócrito é a autoridade mais citada no Livro I (30 vezes), contudo precisávamos saber se a mesma importância fora dada no todo da obra pliniana. Assim, constatamos que do Livro 2 ao 37 Plínio citou nominalmente a Demócrito outras 44 vezes.

4º) O mesmo processo foi aplicado à certas autoridades que estavam “ausentes” entre os autores mais citados por Plínio. Nomes como os de: Homero, Crisipo, Tucídides, Políbio, Heródoto foram pesquisados tanto no Livro I como em toda a NH, pois seus nomes são de grande importância para a composição de uma obra de História.

Com estes quatro passos bem definidos buscamos compreender a dinâmica entre *o que foi citado como autoridade no Livro I e como determinadas autoridades apareceram nos outros trinta e seis livros*. Nossas primeiras conclusões foram reveladoras, visto que algumas das autoridades mais citadas no Livro I perderam espaço quando percebidas no todo da obra pliniana e, inversamente, outros pensadores que pouco foram lembrados na lista do Livro I atingiram grandes níveis de importância quando vistos na totalidade da NH. Novamente nos deparamos com os problemas que uma leitura rápida e descompromissada da obra pliniana pode gerar, já que as maneiras que Plínio utilizou suas fontes/autoridades não nos permitem a pronta ligação entre o prometido no Livro I e o cumprido nos outros livros. Na tabela³⁶⁷ abaixo podemos compreender a dinâmica do que aqui chamamos de alterações das autoridades. As duas primeiras colunas são oriundas do trabalho de levantamento exposto no Apêndice 1. Notemos que na segunda coluna a indicação “máx.36” faz referência ao número máximo de citações que um autor pode atingir, visto que retirando o Livro I sobram os outros trinta e seis livros (como cada autor é citado apenas uma vez por Livro explica-se o “máx.36”). A terceira coluna diz respeito ao minucioso trabalho de busca³⁶⁸ do número de vezes que os *nomes* dos autores foram citados por Plínio no decorrer de toda a NH. A tabela termina com o número total das aparições *nominais* das autoridades aqui selecionadas (soma das citações no Livro I com as citações dos outros livros):

³⁶⁷ A lista das autoridades estrangeiras é composta por 308 fontes. Assim, nossa seleção privilegiou alguns poucos autores visto a enormidade do trabalho e a quase inversa pequenez temporal que nos acompanha durante um trabalho de doutoramento. Como veremos em seguida, a lista das autoridades latinas também é composta por grande número de autores – 134 -, por isso tivemos que optar por nova seleção de nomes que pudessem contribuir com as futuras discussões.

³⁶⁸ Apesar de evidente faz-se necessário pontuar que a busca de todas as citações nominais foi feita através da obra digitalizada. Rendemos muitas admirações aos precursores de tais estudos que dedicaram suas vidas na coleta de dados feita linha por linha, página por página. Se erros forem pontuados em nosso levantamento é de única responsabilidade do autor.

Nome	Citações no Livro 1 (máx.36)	Citações nos Livros 2 a 37	Total de citações (Livro 1 a 37)
Demócrito ³⁶⁹	30	44	74
Teofrasto ³⁷⁰	27	47	74
Metrodoro Sceprio ³⁷¹	18	12	30
Nicandro ³⁷²	17	11	28
Rei Juba II ³⁷³	16	46	62
Hesíodo ³⁷⁴	15	17	32
Aristóteles ³⁷⁵	14	37	51
Calímaco ³⁷⁶	14	16	30
Crisipo ³⁷⁷	10	11	21

³⁶⁹ Passagens em que o nome de Demócrito aparece (quando o nome apareceu duas vezes na mesma passagem contabilizamos apenas uma das vezes): 2.14; 7.189; 8.61; 10.137; 11.80; 13.131; 14.20; 17.23; 17.62; 18.47; 18.159; 18.231; 18.273; 18.312; 18.321; 18.341; 20.19; 20.28; 20.149; 21.62; 24.43; 24.156; 24.160; 25.13; 25.14; 25.87; 26.19; 27.141; 28.7; 28.58; 28.112; 28.113; 28.118; 28.153; 29.72; 30.9; 30.10; 32.49; 37.34; 37.69; 37.146; 37.149; 37.160; 37.185.

³⁷⁰ Passagens em que o nome de Teofrasto aparece: 3.57; 7.195; 7.197; 7.205; 8.104; 8.111; 8.128; 8.173; 8.222; 9.28; 9.175; 10.79; 11.281; 13.101; 15.1; 15.10; 15.138; 16.144; 17.226; 19.32; 19.162; 20.5; 21.13; 21.109; 25.14; 25.69; 26.99; 27.63; 28.21; 28.54; 28.57; 31.13; 31.17; 31.19; 31.26; 31.83; 31.106; 33.113; 33.126; 36.132; 36.134; 36.156; 37.33; 37.53; 37.74; 37.97; 37.193.

³⁷¹ Passagens em que o nome de Metrodoro Sceprio aparece: 3.122; 5.136; 7.89; 8.36; 20.214; 25.8; 28.78; 34.34; 35.135; 37.35; 37.61; 37.178.

³⁷² Passagens em que o nome de Nicandro aparece: 20.25; 21.183; 22.31; 22.67; 22.77; 26.103; 30.85; 32.66; 36.127; 37.31; 37.102.

³⁷³ Passagens em que o nome do Rei Juba II aparece: 5.16; 5.20; 5.51; 5.59; 6.96; 6.124; 6.139; 6.141; 6.149; 6.156; 6.170; 6.175; 6.176; 6.179; 6.201; 6.203; 6.205; 8.7; 8.14; 8.35; 8.48; 8.107; 8.155; 9.115; 10.126; 12.39; 12.56; 12.60; 12.67; 12.80; 13.34; 13.92; 13.142; 15.99; 25.14; 25.77; 25.78; 31.18; 32.10; 33.118; 36.163; 37.24; 37.69; 37.73; 37.108; 37.114.

³⁷⁴ Passagens em que o nome de Hesíodo aparece: 2.201; 5.57; 5.68; 7.10; 8.7; 12.17; 12.80; 12.85; 36.79; 36.84.

³⁷⁵ Passagens em que o nome de Aristóteles aparece: 2.91; 2.150; 2.220; 4.65; 4.66; 4.70; 5.135; 7.15; 7.27; 7.109; 7.192; 7.195; 7.197; 7.205; 7.207; 8.28; 8.44; 8.105; 8.229; 9.16; 9.76; 9.78; 9.79; 10.32; 10.185; 10.187; 11.266; 11.273; 18.335; 24.148; 28.54; 28.74; 29.5; 30.3; 30.149; 35.106; 35.162.

³⁷⁶ Passagens em que o nome de Calímaco aparece: 3.139; 3.152; 4.52; 4.65; 4.69; 4.70; 4.73; 5.28; 7.152; 21.12; 22.88; 25.167; 26.82; 31.9; 34.92; 35.57.

³⁷⁷ Passagens em que o nome de Crisipo aparece: 20.17; 20.78; 20.93; 20.111; 20.113; 20.119; 22.83; 26.10; 26.93; 29.5; 30.103.

Homero ³⁷⁸	10	73	83
Heródoto ³⁷⁹	8	10	18
Pitágoras ³⁸⁰	8	34	42
Políbio ³⁸¹	4	13	17
Tucídides ³⁸²	3	3	6

Nesta pequena seleção percebemos como alguns autores que pouco apareceram na lista de autoridades do Livro I ocupam grande espaço quando localizados dentro dos outros livros da NH. Alguns casos se destacam como, por exemplo, Homero, Pitágoras e Rei Juba II com participação muito mais significativa no todo da obra do que no Livro I e, ao contrário, Metrodoro e Nicandro com mais citações no Livro I e discreta diminuição no todo da NH. Após a construção da tabela comparativa uma das conclusões que prontamente se apresentou foi a de que a lista das autoridades exposta no Livro I não corresponde fielmente ao uso das autoridades nos livros correspondentes – assim como os conteúdos também não são exatamente aquilo que Plínio prometeu tratar. Usamos o caso de Homero que nos esclarece a complicada dinâmica das autoridades na obra pliniana: no Livro I Plínio afirma que os escritos de Homero ajudaram a elaborar – serviram como autoridade - os livros 10; 16; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 28; 29. Contudo, quando nos deparamos com o todo da obra percebemos que Plínio mencionou o nome de Homero em muitos outros livros que não o contemplavam no Livro I – 2; 3; 4; 5; 7; 8; 9; 13; 14; 17; 18; 19; 30; 31; 32; 33; 34; 35; 36.

Outro ponto que também nos chamou a atenção foi o inverso do que fora dito anteriormente: no caso de Homero, Plínio confirmou no Livro I que se apoiou nele para

³⁷⁸ Passagens em que o nome de Homero aparece: 2.13; 2.119; 2.201; 3.57; 3.82; 3.96; 4.13; 4.28; 4.31; 4.52; 4.69; 5.43; 5.53; 5.124; 5.141; 5.143; 7.26; 7.74; 7.85; 7.107; 7.108; 7.165; 8.191; 8.195; 9.135; 10.7; 10.137; 13.69; 13.88; 13.100; 14.53; 14.54; 14.73; 16.9; 16.19; 16.62; 16.110; 17.37; 17.50; 18.33; 18.82; 18.92; 19.25; 21.15; 21.34; 21.109; 21.159; 22.55; 23.41; 24.65; 25.11; 25.13; 25.26; 25.27; 25.77; 25.127; 28.21; 29.28; 30.5; 30.18; 31.59; 32.144; 33.6; 33.12; 33.13; 33.81; 33.115; 34.158; 35.9; 35.96; 35.132; 36.45; 36.94.

³⁷⁹ Passagens em que o nome de Heródoto aparece: 2.201; 5.57; 5.68; 7.10; 8.7; 12.17; 12.80; 12.85; 36.79; 36.84.

³⁸⁰ Passagens em que o nome de Pitágoras aparece: 2.37; 2.83; 2.84; 2.191; 13.86; 13.87; 18.118; 19.94; 20.78; 20.101; 20.134; 20.185; 20.192; 20.219; 20.236; 21.109; 22.20; 23.121; 24.116; 24.156; 24.158; 24.159; 24.160; 25.13; 28.33; 30.9; 34.26; 34.49; 34.59; 34.60; 34.68; 35.160; 36.71; 37.24.

³⁸¹ Passagens em que o nome de Políbio aparece: 3.75; 4.77; 4.119; 4.121; 4.122; 5.9; 5.26; 5.40; 6.199; 6.206; 8.31; 8.47; 31.131.

³⁸² Passagens em que o nome de Tucídides aparece: 3.86; 7.111; 7.207.

redigir o Livro 26, mas quando buscamos o nome de Homero neste livro nada encontramos. A mesma situação encontra-se nas diversas outras fontes apresentadas em nossa tabela anterior: Pitágoras³⁸³ é citado em dez livros que não estavam destacados no Livro I e não aparece em dois outros que deveria estar presente; Demócrito³⁸⁴ deixou de ser autoridade em dez livros elencados por Plínio no Livro I e apareceu em outro que não fora citado.

Notemos que todas estas questões não dizem respeito ao *conteúdo* da NH, mas permeiam a construção discursiva legitimadora da obra, ou seja, as vozes³⁸⁵ que forneceram o embasamento necessário para Plínio erigir seu *monumento* literário:

Tampoco es ajena a la concepción de Plinio el ver en su *Historia Natural* un *monumentum*, tomando el término en toda su amplitud y sin renunciar a las resonancias que adquirió gracias a los poetas de época augustea: un testimonio, en este caso escrito, que por sus dimensiones y espectacularidad está destinado a perdurar conmemorando y fijando en el recuerdo todos los logros del Imperio romano, a la vez que garantiza también la memoria de su autor.³⁸⁶

Justamente a espetacular junção de tantos assuntos deriva das leituras e interpretações que Plínio fez a partir de seu rol de fontes. Contudo, a construção de seu *monumentum* está longe de obedecer algumas regras metodológicas que hoje encaramos com naturalidade – exigir tais circunstâncias do autor seria uma mediocridade acadêmica! – daí o maior número de questionamentos do que de respostas quando nos deparamos com as tabelas que aqui apresentamos. Num primeiro momento até compreendemos a estreita ligação entre o número elevado de autoridades citadas por Plínio e a colossal obra empreendida – 37 volumes. Quanto mais autores, mais assuntos, mais dificuldades, maiores as ambições e, juntamente, maiores os problemas. Daí a nossa tranquilidade em levantar questões que não serão respondidas facilmente, pois envolvem posicionamentos difíceis de sustentar. Como responder questionamentos como estes: Plínio se afogou na enormidade de escritos pesquisados? Como autores tão importantes em seu sumário perdem espaço para outros vistos como secundários? Se Plínio encerrou seu prefácio epistolar afirmando que o leitor não precisaria ler sua obra

³⁸³ Na lista de autoridades do Livro I Pitágoras aparece nos livros: 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27. No corpo da NH ele não foi explicitamente citado nos livros 26 e 27, mas apareceu noutros: 2; 13; 18; 19; 28; 30; 34; 35; 36; 37.

³⁸⁴ Na lista de autoridades do Livro I Demócrito apareceu nos livros: 2; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 30; 31; 33; 34; 35; 37. No corpo da NH ele não foi explicitamente citado nos livros 9; 12; 15; 16; 19; 22; 23; 31; 34; 35, mas apareceu no livro 32.

³⁸⁵ No século XV Plínio era uma das vozes: “Conta-se que, quando o *Laocoonte* foi descoberto em Roma, em 1506, as pessoas reconheceram a famosa estátua grega por causa da descrição verbal fornecida por Plínio, o Velho, em *Naturalis Historia*”. (ECO, Umberto. Op.cit., p.21)

³⁸⁶ GONZÁLEZ MARÍN, Susana. **El libro 1 de la Historia Natural de Plinio el Viejo, texto o paratexto?**. Veleia, n.23, pgs.247-265, 2006.

completa, mas poderia apenas consultar a sua “tábua de conteúdos”³⁸⁷ (Livro I) e de lá retirar algumas ideias ou partir exatamente para o local do texto que o inquietava, como compreender a falta de correspondência entre o Livro I e o todo da NH? O leitor estaria enganado em supor a pouca importância de um Homero, por exemplo, no todo da obra?

As discussões ainda ganham outras complicações quando lemos as advertências do próprio autor: “Colocamos ao princípio deste volume às autoridades do saber, os que se destacam por seus poemas e a outros homens ilustres (...)”³⁸⁸; “Tem transmitido isto os autores que colocamos ao princípio deste volume (...)”³⁸⁹. Nota-se que o autor faz menção à ligação entre a lista de autoridades³⁹⁰ e os conteúdos trabalhados nos volumes seguintes – neste caso sobre o Livro 18. Faz-se necessário explicar que por algum tempo a ideia de que o Livro I teria sido adicionado após a escrita dos outros trinta e seis volumes foi levada em consideração. Contudo, hoje não se admite mais tal possibilidade, pois bastava uma leitura mais atenta das epístolas de Plínio, o Jovem³⁹¹ para compreender que a tabela de conteúdos já estava prevista no original da NH. Embora antes mesmo do testemunho do sobrinho seria o suficiente a descrição feita no prefácio epistolar da própria NH para sanar a dúvida:

Como era o meu dever pensar nos interesses públicos levei em consideração o seu tempo [de Tito] e anexeí a esta carta uma tabela de conteúdos dos vários livros tomando muito cuidado para que não tenhas que lê-los por completo. Por este meio [tábua de conteúdos] garantimos que os outros também não tenham que ler a obra toda, mas só olhar para o ponto específico que cada um deles desejar e saberá onde encontrá-lo.³⁹²

Assim como no parágrafo anterior, várias são as dúvidas e algumas respostas que ora nos satisfazem ora nos perturbam³⁹³: seria o Livro I um paratexto? Plínio apenas copiou a lista

³⁸⁷ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 33*: “*quia occupationibus tuis publico bono parcendum erat, quid singulis contineretur libris, huic epistulae subiunxi summae cura, ne legendos eos haberes, operam dedi. tu per hoc et aliis praestabis ne perlegant, sed, ut quisque desiderabit aliquid, id tantum quaerat et sciat quo loco inveniat*”.

³⁸⁸ Plínio, o Velho. *NH. 18.23*: “*Sapientiae uero auctores et carminibus excellentes quique alii illustres uiri composuissent, quos sequeremur, praetexuimus hoc in uolumine (...)*”.

³⁸⁹ Plínio, o Velho. *NH. 18.212*: “*Auctores prodidere ea, quos praetexuimus uolumini huic (...)*”.

³⁹⁰ Algumas versões da *NH* trazem no início de cada livro a repetição da tábua de conteúdos encontrada no Livro I.

³⁹¹ Plínio, o Jovem. *Ep. 3.5*: “*Naturae historiarum triginta septem*”.

³⁹² Plínio, o Velho. *NH. Praef.33*: “*quia occupationibus tuis publico bono parcendum erat, quid singulis contineretur libris, huic epistulae subiunxi summae cura, ne legendos eos haberes, operam dedi. tu per hoc et aliis praestabis ne perlegant, sed, ut quisque desiderabit aliquid, id tantum quaerat et sciat quo loco inveniat*”.

³⁹³ Um dos casos é a explicação dada por Susana González Marín. Para a autora o Livro 1 seria um *paratexto*, ou seja, teria sua própria “vida” independente do todo da obra: “Es innegable que en su conjunto el libro 1, a cuyos componentes Plinio alude de manera significativa en la carta dedicatoria, constituye un paratexto de la *Historia Natural*: las *summae* revelan el carácter de inventario de la obra; las listas de autores le confieren autoridad y

de autoridades da obra de Varrão? A proposta do Livro I seria um rompimento com a costumeira leitura linear de um texto, visto a possibilidade de selecionar o assunto desejado?

A verdade é que não temos respostas satisfatórias para todos estes questionamentos. O peso da tradição ainda machuca os ombros daqueles que começam agora. Sem a dolorosa marca da impotência ou das exigências tolas de certos “intelectuais”, neste ponto de nossa tese, assumimos a postura de que talvez seja mais significativo levantar boas perguntas a propor pobres respostas – algumas respostas ruins são apenas consequências de perguntas erradas! Nesse sentido, deixamos as inquietações levantadas na página anterior como uma contribuição para futuros esforços e também como uma amostra das tentativas e erros de uma pesquisa científica³⁹⁴, pois nem sempre temos boas respostas e, mesmo que boas, tendem a ser provisórias³⁹⁵.

Assim, para continuarmos a nossa resposta provisória acerca da problemática central de nossa tese – como ver a noção de História em Plínio, o Velho e sua NH – devemos retornar ao ponto que estávamos discutindo: a confusa dinâmica das autoridades na NH. Para tanto expomos outra tabela igualmente construída como a anterior, contudo referente aos autores latinos. Dessa maneira, completamos o quadro composto pelas principais *vozes* – talvez aqui a

añaden una rasgo genérico: no se trata de una obra de investigación sino de recopilación” (GONZÁLEZ MARÍN, Susana. Op.cit.) Ao mesmo tempo em que a resposta traz elementos convincentes também nos perturba a aceitação de “duas obras” (prefácio e o restante), pois de acordo com a leitura do prefácio temos a impressão de que uma necessita da outra – mesmo com as incongruências apontadas. O outro apontamento da autora se baseando no trecho “*nobis propositum est naturas rerum manifestas indicare, non causas indagare dubias*” (NH. 11.8) não caracteriza o valor “depreciativo” de um trabalho de recompilação, pois descrever os fenômenos evidentes e não indagar as causas ocultas não dá como resposta lógica o “trabalho de recompilação”. A descrição não está ausente de reflexão; não podemos afirmar que a descrição de fenômenos evidentes excluiu o questionamento; e as causas ocultas não estão logicamente vinculadas ao papel da reflexão racional, pois divindades e magias também podem trazer causas ocultas e, nem por isso, são prontamente vistas como partícipes da reflexão racional. Outro trecho da NH 2.1 pode nos ajudar: “O que está além da abóboda do céu está fora da mente humana”, ou seja, não caberia indagar as coisas metafísicas, o que não invalida a descrição e questionamentos acerca dos fenômenos evidentes – não os entendendo apenas como um punhado de informações compiladas.

³⁹⁴ Esta postura foi puramente inspirada nas “confissões” de Umberto Eco: Quando defendi minha tese de doutoramento (...) um dos examinadores acusou-me de realizar uma espécie de ‘falácia narrativa’. Afirmou que um pesquisador maduro, quando se dispõe a fazer seu trabalho, inevitavelmente procede por tentativa e erro, construindo e rejeitando diferentes hipóteses; mas, no final da investigação, todas essas tentativas deveriam ter sido processadas e o pesquisador deveria apresentar apenas as conclusões. (...) A objeção foi feita de maneira amistosa, inspirando-me a ideia fundamental de que *todos os achados da pesquisa deveriam vir ‘narrados’ daquele jeito* [romance policial]”. (ECO, Umberto. Op.cit., p.12.)

³⁹⁵ Respostas provisórias não se ligam ao espírito do relativismo ou niilismo, apenas mostram a dinâmica do *fazer história*. Mesmo provisórias são respostas e devem ser dadas e fundamentadas com rigor.

expressão *letras*³⁹⁶ fosse mais bem empregada – que legitimaram os escritos plinianos. Uma rápida constatação: a nossa preocupação não se fundamenta apenas na falta de relação entre o *prometido* no prefácio epistolar e a *citação explícita* de tais autores no decorrer da obra. Temos como proposta encontrar essas lacunas para no próximo passo do Segundo Argumento sustentar a ideia de um autor que escreveu uma obra de História pautado em usos corretos das autoridades por ele elencadas – com temas e abordagens diferentes do que se espera de uma obra com tal caráter na antiguidade latina. Segue a tabela:

Nome	Citações no Livro 1 (máx.36)	Citações nos Livros 2 a 37	Total de citações
<i>Marcus Varro</i> ³⁹⁷	31	98	129
<i>Celso</i> ³⁹⁸	20	4	24
<i>Sextius Niger</i> ³⁹⁹	19	8	27
<i>Licinius Mucianus</i> ⁴⁰⁰	18	34	52
<i>Hyginus</i> ⁴⁰¹	17	6	23
<i>Cornelius Nepos</i> ⁴⁰²	16	21	37

³⁹⁶ Não é inocente a dúvida ali apresentada: *vozes* e *letras* são duas formas diferentes de apropriação histórica. A primeira seria o testemunho oral, geralmente de quem estava no local ou escutou em primeira mão; a segunda, já é um registro posterior e totalmente vinculado à tradição.

³⁹⁷ Passagens em que o nome de *Marcus Varro* aparece: 2.9; 3.8; 3.45; 3.95; 3.101; 3.109; 3.142; 4.62; 4.66; 4.77; 4.78; 4.115; 6.38; 6.51; 7.13; 7.75; 7.81; 7.83; 7.85; 7.115; 7.176; 7.211; 7.214; 8.104; 8.167; 8.194; 9.174; 10.110; 13.69; 13.70; 13.84; 13.87; 14.47; 14.88; 14.96; 15.34; 15.60; 16.7; 16.115; 16.194; 17.50; 17.54; 17.237; 18.17; 18.23; 18.56; 18.119; 18.143; 18.228; 18.285; 18.286; 18.289; 18.294; 18.307; 18.348; 19.8; 20.43; 20.152; 20.218; 22.13; 22.114; 22.141; 25.24; 26.14; 28.21; 28.57; 28.60; 29.4; 29.65; 29.106; 31.9; 31.11; 31.15; 31.21; 31.27; 31.89; 33.52; 33.85; 33.136; 33.155; 34.56; 35.11; 35.113; 35.136; 35.147; 35.154; 35.155; 35.160; 35.173; 36.14; 36.17; 36.39; 36.41; 36.91; 36.93; 36.135; 36.202; 37.11.

³⁹⁸ Passagens em que o nome de *Celso* aparece: 14.33; 20.29; 21.176; 27.132.

³⁹⁹ Passagens em que o nome de *Sextius Niger* aparece: 16.51; 18.274; 20.129; 20.226; 28.120; 28.131; 29.76; 32.26.

⁴⁰⁰ Passagens em que o nome de *Licinius Mucianus* aparece: 2.231; 3.59; 4.66; 4.67; 4.77; 5.50; 5.83; 5.128; 5.132; 7.36; 7.159; 8.6; 8.201; 8.215; 9.33; 9.68; 9.80; 9.94; 9.182; 11.167; 12.9; 13.88; 14.54; 16.213; 19.12; 21.33; 28.29; 31.16; 31.19; 32.62; 34.36; 35.164; 36.131; 36.134.

⁴⁰¹ Passagens em que o nome de *Hyginus* aparece: 13.134; 16.230; 18.232; 19.88; 20.116; 21.53.

⁴⁰² Passagens em que o nome de *Cornelius Nepos* aparece: 2.169; 2.170; 3.4; 3.125; 3.127; 3.132; 4.77; 5.4; 6.5; 6.31; 6.199; 9.61; 9.137; 10.60; 13.104; 13.106; 16.36; 33.146; 35.16; 36.48; 36.59.

<i>Trogo</i>⁴⁰³	13	7	20
<i>Fabianus</i>⁴⁰⁴	13	9	22
<i>Verrius Flaccus</i>⁴⁰⁵	10	7	17
<i>Nigidius Figulus</i>⁴⁰⁶	9	14	23
<i>Vergilio</i>⁴⁰⁷	9	40	49
<i>Columella</i>⁴⁰⁸	7	8	15
<i>Cicerone</i>⁴⁰⁹	6	30	36
<i>Seneca</i>⁴¹⁰	3	4	7
<i>Tito Livio</i>⁴¹¹	3	2	5

Do mesmo modo como aconteceu com a tabela das autoridades estrangeiras percebemos a alteração da importância das autoridades latinas quando vistas no Livro I e quando elencadas nominalmente no todo da obra. Também é notável que a permanência de Varrão como o autor supracitado tanto no Livro I quanto em toda a NH dá legitimidade para os estudiosos levantarem questionamentos sobre o trabalho de copista de Plínio – o pan-varronismo pliniano. Contudo, ao observarmos os pontos por nós elencados como mais representativos para o tipo de História proposta por Plínio à presença de Varrão não se mostra dominante – vide Apêndice 3. Dos cinquenta e dois temas levantados no Apêndice 3 apenas

⁴⁰³ Passagens em que o nome de *Trogo* aparece: 7.33; 10.101; 11.229; 11.274; 11.276; 17.58; 31.131.

⁴⁰⁴ Passagens em que o nome de *Fabianus* aparece: 2.121; 2.224; 9.25; 12.20; 15.3; 17.250; 18.276; 23.62; 28.54.

⁴⁰⁵ Passagens em que o nome de *Verrius Flaccus* aparece: 7.180; 8.17; 9.77; 18.62; 28.18; 33.63; 33.111.

⁴⁰⁶ Passagens em que o nome de *Nigidius Figulus* aparece: 6.217; 7.66; 8.205; 8.223; 9.185; 10.37; 10.39; 10.106; 11.97; 11.140; 16.25; 29.69; 29.138; 30.84.

⁴⁰⁷ Passagens em que o nome de *Vergilio* aparece: 7.114; 8.162; 11.70; 12.17; 13.83; 14.7; 14.18; 14.35; 14.39; 14.67; 14.128; 15.4; 15.56; 15.57; 16.127; 17.19; 17.20; 17.29; 17.56; 17.100; 17.105; 18.35; 18.120; 18.157; 18.181; 18.187; 18.202; 18.206; 18.209; 18.242; 18.295; 18.300; 18.321; 18.340; 19.59; 22.160; 28.19; 28.261; 29.28; 35.40.

⁴⁰⁸ Passagens em que o nome de *Columella* aparece: 8.153; 15.66; 17.51; 17.52; 17.137; 18.70; 18.303; 19.68.

⁴⁰⁹ Passagens em que o nome de *Cicerone* aparece: 7.18; 7.85; 7.135; 8.210; 8.213; 9.137; 13.21; 13.83; 13.92; 13.102; 14.147; 17.38; 18.10; 18.224; 18.228; 22.12; 22.13; 29.60; 29.92; 30.146; 31.6; 31.8; 31.12; 31.51; 33.34; 34.6; 34.48; 35.11; 36.22; 36.46.

⁴¹⁰ Passagens em que o nome de *Seneca* aparece: 6.60; 9.167; 14.51; 29.10.

⁴¹¹ Passagens em que o nome de *Tito Livio* aparece: 3.4; 3.132.

nove conferem com a obra *Rerum Rusticarum* de Varrão – menos de 5%. Evidente que estamos cientes do pequeno número de temas que constam no Apêndice 3, mas como toda pesquisa precisa de seus recortes estas são as conclusões que retiramos⁴¹². Embora a triagem dos nomes dê margens para certas interpretações pan-varronistas da obra pliniana ela também nos legitima noutro ponto levantado em nosso primeiro capítulo: Plínio não usou anonimamente da obra de Varrão, mas o marcou como uma das grandes autoridades da NH. Se seu trabalho não escondeu as principais inspirações – tanto na tábula de conteúdos quanto no toda da NH – as acusações de parte da historiografia moderna e contemporânea ficam a desejar. Embora as críticas feitas a Plínio também envolvam os usos da obra de Celso percebemos que sua importância no decorrer da obra caiu consideravelmente (de 20 citações para 4). Até mesmo Tito Lívio que recebeu duras críticas no prefácio epistolar por almejar glórias pessoais com sua obra de História acabou superando o número de citações de Celso.

Assim como o exemplo de Homero ganhou destaque na tabela das autoridades estrangeiras - de 10 citações passou para 73 - aqui a atenção volta-se para Cícero: de 6 citações no Livro I para 30 citações no todo da obra. Apesar da figura de Cícero ocupar os lugares de maior destaque na literatura do principado latino não é o que vemos no sumário pliniano. Se a nossa leitura ficasse limitada apenas no Livro I poderíamos chegar à conclusão de que o gênero da NH não propiciava o bom uso de Cícero por Plínio, o Velho. Todavia, bastou fazer o levantamento nominal para percebermos que o orador republicano apareceu diversas vezes sendo chamado de “luz da aprendizagem”⁴¹³ – comparado com o próprio Homero que ganhou o elogio de “a fonte de inspiração de todos os gênios”⁴¹⁴. Outro ponto que a tabela nos ajudou a confirmar foi a pouca importância que Plínio outorgou a seu contemporâneo, Sêneca. Mesmo com a obra *Questões Naturais* escrita poucos anos antes da NH a aparição do nome de Sêneca é preterido por tantos outros como, por exemplo, do liberto de Augusto, Hyginus (64 – 17 d.C) – que gozava de grande importância no Livro I e decaiu no decorrer da obra.

Cabe agora analisarmos alguns trechos em que as autoridades aqui selecionadas aparecem sendo usadas por Plínio. A percepção de *como* autores como Homero, Demócrito, Varrão, Cícero e tantos outros foram lidos e apresentados por Plínio em sua História Natural

⁴¹² Tais conclusões não tiram a importância máxima de Varrão para a escrita de Plínio. Contudo, novamente afirmamos: nada mais esperado do que o uso de Varrão por um autor do porte de Plínio, pois a *paideia* latina previa a leitura intensa dos escritos varronianos.

⁴¹³ Plínio, o Velho. NH. 17.38: “Cicero, luz doctrinarum altera (...)”.

⁴¹⁴ Plínio, o Velho. NH. 17.37: “qualem fons ingeniorum Homerus (...)”.

poderá nos guiar em nossa tarefa atrás do conceito de História. “Quem poderia reverenciar o suficiente a pesquisa diligente dos antigos?”⁴¹⁵ Se a resposta da pergunta for “Plínio” teremos uma melhor percepção com a legitimação discursiva construída através da *pesquisa* acerca das obras e referências dos *antigos*⁴¹⁶.

⁴¹⁵ Plínio, o Velho. *NH*. 27.4: “*Sed antiquorum curam diligentiamque quis possit satis venerari?*”.

⁴¹⁶ Aqui aparece discretamente uma das inquietações em torno da construção discursiva da História nos diversos períodos. Talvez no senso comum de nossos dias o conteúdo das palavras “antigo” ou “antiguidade” não é compreendido em sua vastidão, pois o seu uso acaba limitado pelas instâncias do “tempo que se passou”. Nas palavras do historiador Renan Frighetto: “O termo *antiguidade* é geralmente descrito como parte dum tempo passado, período da História correspondente as mais antigas civilizações. Porém, é curioso observarmos que o romano Marco Terêncio Varrão (116 a.C – 27 a.C), autor do tratado *Da língua latina*, escrito no século I a.C., apresentava como antiquíssimos seus antepassados romanos. Já o bispo Isidoro de Sevilha (560/570 – 636), nas suas *Etimologias*, escritas em pleno século VII, informava que os copistas que transcreviam os escritos mais antigos eram denominados como antiquários”. (FRIGHETTO, Renan. **A Antiguidade Tardia**. Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (séculos II-VIII). Curitiba: Juruá, 2012, p.19).

4.1 *Dos usos das autoridades estrangeiras e latinas*

*O velho Major gozava de tão alto conceito na granja que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono só para ouvi-lo.
(George Orwell. A Revolução do Bichos)*

No Livro 7.112 Plínio apresenta o respeito que líderes romanos teriam com os estrangeiros – particularmente com os gregos. Na dada passagem Plínio narra o episódio de Pompeu ao findar a guerra com Mitrídates: “quando [Pompeu] vai adentrar a morada do famoso professor de filosofia Posidônio proibiu sua retenção para que fosse seguida a maneira habitual, o bater na porta”⁴¹⁷. O ato respeitoso foi direcionado a um indivíduo dotado de sabedoria, pois Posidônio era pupilo de Panécio (estóico) e grande leitor do diálogo do Timeu platônico (versa justamente sobre a criação do mundo) e que se tornou íntimo de Pompeu e Cícero!⁴¹⁸ Na própria NH Posidônio foi citado cinco vezes como autoridade estrangeira – Livros 2, 4, 5, 6, 11 -, mas a importância da passagem para nossa discussão é compreender a participação ativa dos pensadores estrangeiros na construção da obra pliniana. O mesmo respeito com que os grandes homens da política romana tratavam os pensadores estrangeiros seria cumprido por Plínio em sua magna obra.

Justamente através deste respeito dado aos pensadores estrangeiros que seguiremos nosso terceiro argumento. Se anteriormente apresentamos as tabelas comparativas e a dinâmica de (des)valorizações que certos autores receberam quando comparados o Livro I com o todo da obra, agora traremos trechos da NH em que tais pensadores foram utilizados por Plínio. As mesmas escolhas que tomamos quando construímos as tabelas aparecerão agora, ou seja, o ofício do historiador não nos resguarda de possíveis erros em relação às nossas opções. Dentre toda a listagem de autoridades estrangeiras e latinas elencamos algumas poucas que em nosso pensar são significativas para o desenvolvimento da tese. Cientes de que outras seleções, recortes, escolhas e interpretações poderiam ser feitas na imensidão da obra pliniana nos ateremos em *nossas* abordagens. Dessa forma, selecionamos cinco autoridades estrangeiras para discutir a forma como Plínio as utilizou dentro da NH e, seguindo nossa tese central, buscando compreender como tais pensadores podem alimentar a discussão sobre o conceito de História e o entendimento da NH como uma obra de História.

⁴¹⁷ Plínio, o Velho. NH 7.112: “(...) Cn. Pompeius confecto Mithridatico bello intraturus Posidonii spaientiae professione clari domun forem percuti de more a lictore vetuit, et fasces litterarum ianuae summisit is cui se oriens occidensque summiserat”.

⁴¹⁸ INWOOD, Brad. Op.cit., p.22.

Do mesmo modo que dispusemos as tabelas e discussões anteriores também elaboramos esta parte, ou seja, primeiramente trabalhamos com as autoridades gregas e posteriormente com as latinas. Dentre os gregos optamos por: Demócrito, Hesíodo, Heródoto, Políbio e Tucídides. O outro plantel de autoridades selecionado por nós, mas composto por pensadores latinos, são: Varrão, Celso, Sêneca, Tito Lívio e Cícero.

Justificando as escolhas: **1)** Demócrito: a autoridade estrangeira mais citada no Livro 1; **2)** Hesíodo: ao lado de Homero um dos grandes nomes da formação educacional do homem grego (poeta) antes/depois dos chamados fisiológicos; **3)** Heródoto: considerado como o Pai da História compõem suas *Histórias* divididas em capítulos intitulado com os nomes de Musas (as Musas também apareceram no prefácio epistolar de Plínio); **4)** Políbio: historiador grego que narrou as glórias romanas; **5)** Tucídides: considerado como uma antítese ao pensamento de Heródoto também escreve sua *História da Guerra do Peloponeso*. Nota: um filósofo da *physis*; um poeta vinculado às cosmogonias; três historiadores. Dentre os latinos: **i)** Varrão: autoridade latina mais citada no Livro 1 e fonte inesgotável para muitas discussões sobre Plínio; **ii)** Celso: segunda autoridade mais citada no Livro I e normalmente elencado como base fundamental para a escrita da NH; **iii)** Sêneca: contemporâneo de Plínio escreveu um obra chamada *Questões Naturais*, mas foi pouco citado na obra pliniana. Tal escolha foi impulsionada pela dúvida do porquê Plínio o deixou de lado; **iv)** Tito Lívio: autor que apesar das críticas feitas por Plínio em seu prefácio epistolar aparece citado algumas vezes na NH. A escolha levou em consideração o forte papel de T.Lívio na História Romana; **v)** Cícero: maior expoente da República romana e referência obrigatória – até mesmo em uma obra intitulada História Natural. Nota: um grande erudito; um médico (“enciclopedista”); um filósofo; um historiador; um orador. Na escolha dos latinos deve ficar claro que a participação dos mesmos em outras áreas do conhecimento é eficaz e, principalmente, o envolvimento com o mundo político é visível e *necessário*.

4.1.1 Dos estrangeiros

*Tudo o que eu digo, acreditem,
teria mais solidez
se em vez de carioquinha
eu fosse um velho chinês.
(Papáverum Millôr.*

Poesia com lamentação do local de nascimento)

Na medida em que percebemos o papel dominante que Demócrito exerceu nas referências plinianas no Livro I temos que compreender de que forma tal pensador foi utilizado no todo da NH. Como dito noutro momento, se fosse plausível de que o Livro I era uma espécie de paratexto da obra talvez tirássemos a conclusão de que Demócrito seria um autor importante para a NH. Embora a importância de determinado pensador possa ser entendida pela *reclusa/negação* que o mesmo sofre no decorrer de toda a obra sabidamente não é a primeira leitura. Demócrito aparece citado em 30 dos 36 livros, logo as primeiras leituras nos levam a considerar que Plínio o pensou em termos de *aceite/aprovação*. Todavia, não é dessa maneira que ele aparece, como vemos na seguinte passagem:

Considero uma marca da fraqueza humana tentar descobrir a forma de Deus. Quem quer que seja Deus – desde que haja um Deus – e em que local está, ele consiste de pleno sentido, visão e audição, plena alma, pleno de espírito, pleno de si. Para acreditar num sem número de deuses, aqueles que os correspondem aos vícios do homem, bem como as suas virtudes, como a deusa da Modéstia, Concórdia, Inteligência, Esperança, Honra, Clemência, Fidelidade – ou então, como **Demócrito** propôs, apenas duas divindades, Punição e Benefício, atinge uma altura ainda maior de loucura. Frágil, mortal, lembrado de sua própria fraqueza [o homem] dividiu essas divindades em grupos, de modo a adorá-las em seções (...) por esta razão, podemos inferir que a população de seres celestiais é maior que a dos seres humanos, já que os humanos fazem deuses por conta própria adotando seu próprio Juno⁴¹⁹.

O uso de Demócrito nesta passagem nos indica descrédito e não confiança na autoridade. Plínio comenta que para cada vício e virtude havia uma divindade criada pelos próprios homens e Demócrito atingia grandes níveis de loucura nesse tema. A mesma constatação de desconfiança em relação às autoridades citadas é uma constância no todo da NH. De partida percebemos que a postura adotada por Plínio não era a de simplesmente citar e concordar com os expostos de suas autoridades – como muitos leitores contemporâneos

⁴¹⁹ Plínio, o Velho. NH. 2.14,16: “*Quapropter effigiem dei formamque quaerere inbecillitatis humanae reor. quisquis est deus, si modo est alius, et quacumque in parte, totus est sensus, totus visus, totus auditus, totus animae, totus animi, totus sui. innumeros quidem credere atque etiam ex vitiis hominum, ut Pudicitiam, Concordiam, Mentem, Spem, Honorem, Clementiam, Fidem, aut, ut **Demócrito** placuit, duos omnino, Poenam et Beneficium, maiorem ad socordiam accedit. Fragilis et laboriosa mortalitas in partes ita digessit infirmitatis suae memor, ut portionibus coleret quisque quo maxime indigeret (...)quam ob rem maior caelitem populus etiam quam hominum intellegi potest, cum singuli quoque ex semet ipsis totidem deos faciant lunones Geniosque adoptando sibi*”. (grifo do autor)

apregoam. Também não podemos forçar o argumento e esperar de um autor do século I d.C – com os seus modos de pensar e trabalhar com as fontes – que sua análise incluisse críticas internas e externas ao contexto citado. Contudo, fica-nos evidente o método que pressupõe a leitura, seguida de explicação e certas críticas ao texto – ou tradição oral - estão presentes na NH (não se pode esquecer que Plínio escreveu um livro sobre Gramática!). Noutra passagem Plínio usa novamente Demócrito em termos negativos:

Existem vários problemas relacionados com os espíritos dos mortos após o enterro (...) Estes são delírios de absurdos infantis e pertencem a uma gananciosa mortalidade de uma vida incessante. Semelhante é a vaidade em preservar os corpos dos homens e sobre a promessa de **Demócrito** de nosso retorno à vida – que ele mesmo não retornou⁴²⁰.

Mais do que desacreditar a autoridade de Demócrito no que se refere às questões da morte e da alma Plínio usa de sua marcante ironia. Se falar sobre a forma dos deuses era uma marca da fraqueza humana, da mesma forma, a ganância humana não conseguia compreender o caráter finito do homem. Daí a exposição irônica de que nem mesmo aqueles que comentavam sobre o possível retorno do homem conseguiram realizar tal feito. Notadamente a postura de Plínio não é a de um mero copista, mas de alguém que participa ativamente na construção dos saberes e, no caso do último trecho, sobre assuntos que interessavam a todos os homens da aristocracia romana – alma, morte, sonhos, premonições eram temas e crenças fortes no período do principado romano⁴²¹. A ironia e o descrédito apontados por Plínio ganham maior relevância quando no Livro 28.112-113 Demócrito é deslegitimado pelo uso de fantasias/magias e absurdos:

[Sobre o camaleão] **Demócrito** escreveu um volume em que cada parte do corpo recebia atenção separadamente. Ele proporcionou-me grande diversão ao ler sua exposição de fraudes e mentiras gregas. (...) **Demócrito** relata que queimar a cabeça e a garganta [do camaleão] em troncos de carvalho causaria tempestades e chuvas de trovões, assim como se queimasse o fígado em telhas. O restante do que ele diz pertence às magias e, embora eu acredite que não seja verdade, omitirei tudo, exceto quando algo deva ser refutado pelo seu absurdo⁴²².

⁴²⁰ Plínio, o Velho. NH. 7.188-190: “*Post sepulturam vanae manium ambages (...) puerilium ista delenimentorum avidaeque numquam desinere mortalitatis commenta sunt. similis et de adservandis corporibus hominum ac reviviscendi promisso Democriti vanitas, qui non revixit ipse*”. (grifo do autor)

⁴²¹ “As chamadas forças *imateriais* podem ser entendidas pelas situações em que presságios, prodígios e interpretações divinas ligam-se diretamente à realidade *material* – a ascensão ao poder, a ida ou não a uma guerra, as relações de amizade e traição, etc.”. (STADLER, Thiago David. Op.cit., p.49). Podemos usar como exemplo uma das epístolas de Plínio, o Jovem trocada com Licínio Sura: “Gostaria de saber se os fantasmas existem, se você considera que eles possuem forma própria e uma fôca divina, ou, não havendo consistência e realidade, recebem aparência somente de nossos temores (...)”. “*et mihi discendi et tibi docendi facultatem otium praebet. Igitur perquam velim scire, esse phantasmata et habere propriam figuram numenque aliquod putes na inania et vana ex metu nostro imaginem accipere*”.

⁴²² Plínio, o Velho. NH. 28.112-113: “*chamaeleonem, peculiari volumine dignum existimatum Democrito ac per singula membra desecratum, non sine magna voluptate nostra cognitisque proditiisque mendaciis Graecae vanitatis*

Talvez o mais interessante dessa passagem seja a virulência com que Plínio ataca as “fraudes e mentiras gregas” – sem o respeito aos estrangeiros exaltado no Livro 7. Novamente a autoridade de Demócrito é posta em xeque e percebemos que a escrita da NH não se assemelha a um texto puramente informativo, mas recheado de posicionamentos do autor. Inclusive, um dos problemas mais associados ao nome de Plínio e da NH foi a sua demasiada proximidade com as fantasias, magias, credices de seu tempo o que, de acordo com o trecho citado, era algo que Plínio propunha “limites” – se alcançasse o patamar do absurdo. Isto não significa que a posição adotada por Plínio era uma exceção dentre os autores latinos, mas o incluiu entre os pensadores que expunham suas próprias idéias. Recurso que mostra a preocupação do autor em passar informações confiáveis, verdadeiras, críveis, ou seja, dignas de adentrarem o espaço da memória coletiva e, conseqüentemente, da produção histórica romana.

Notadamente as citações feitas de Demócrito não se limitam ao reforço *negativo*, mas contemplam acertos do pensador da *physis*: “**Demócrito** pensa que o clima durante o inverno é o mesmo que foi no dia mais curto e nos três dias em torno dele [do dia mais curto], ele também pensa assim em relação ao verão e o clima no solstício de verão”⁴²³; “[Hortelã] com o alume é bom para as amígdalas, com o mel para língua áspera e somente ela para espasmos internos e para as queixas pulmonares. Com suco de romã, como nos diz **Demócrito**, cessa soluços e vômitos”⁴²⁴. Em certas questões da natureza, do sensível, as indicações de Demócrito possuem validade e contribuem com a função de instruir o homem romano – mesmo com suas fantasias e fraudes noutros assuntos.

O desenvolvimento discursivo de Plínio ora valorizando parte da tradição ora questionando suas bases também atingiu a Hesíodo. Marcado por suas duas obras, *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*⁴²⁵, Plínio não deixou de apontar o lado fantasioso de algumas

(...)caput eius et guttur, si roboreis lignis accendantur, imbrium et tonitruum concursus facere **Democritus** narrat, item iocur in tegulis ustum. eliqua ad veneficia pertinentia quae dicit, quamquam falsa existimantes, omitemus, praeterquam ubi inrisu coarguent eum”. (grifo do autor)

⁴²³ Plínio, o Velho. NH. 18.231: “**Democritus** talem futuram hiemem arbitratur, qualis fuerit brumae dies et circa eum terni; item solstitio aestatem”. (grifo do autor)

⁴²⁴ Plínio, o Velho. NH. 20.149: “utilis et contra tonsillas cum alumine, linguae asperae cum melle et convulsis intus per se vitiisque pulmonis. singultus et vomitiones sistit cum suco granati, ut Democritus monstrat”.

⁴²⁵ “Se na *Teogonia* Hesíodo mostra como se organiza o mundo dos deuses, apresentando-nos sua genealogia, mostrando sua linhagem e como foram distribuídos seus lotes e honras, em *Os trabalhos e os dias*, ele nos mostra algo diferente: a organização do mundo dos mortais, apontando sua origem, suas limitações, seus deveres, revelando-nos, assim, em que se fundamenta a própria condição humana”. (NEVES LAFER, Mary de Camargo. **Introdução**. In: Hesíodo. *Os trabalhos e os dias (primeira parte)*. – 3º E.d – São Paulo: Editora Iluminuras, 1996, p.13)

proposições hesiodianas – críticas que Hesíodo já sofrera na constituição da nova Paidéia grega com os filósofos gregos clássicos, ou seja, a crítica não era nova. Apesar da não novidade do posicionamento de Plínio frente aos escritos de Hesíodo, o que nos chama a atenção é a marcação do fantasioso frente ao que seria o verdadeiro. Daí um dos porquês de entendermos seus escritos como partícipes do gênero de História na Antiguidade:

Hesíodo, o primeiro a lançar algumas observações sobre o assunto, colocou muitas criaturas acima do homem no que se referem à longevidade, fábulas, penso eu; atribui nove de nossas vidas para o corvo, quatro vezes a vida de um corvo para veados, três vezes de um veado para corvos e para o restante, num estilo mais fabuloso, no caso da Fênix e ninfas⁴²⁶.

Como visto noutro momento, a clara ânsia pliniana em anotar os “primeiros” em cada uma das ações - romanas ou estrangeiras - é percebida na passagem sobre Hesíodo. O pensador da Beócia teria sido o primeiro a observar a questão da longevidade nos animais, embora fosse um pensamento nublado por fábulas. Plínio ainda aponta ao final da passagem que os casos que envolviam as ninfas e a Fênix ganhavam ares mais fabulosos ainda, pois remontavam aos aspectos míticos dos gregos. Do ponto de vista da natureza física, ou melhor, das questões referentes à agricultura, o nome de Hesíodo é rememorado com prazer e admiração tendo, inclusive, mais uma indicação de “primeiro” em algum feito: “**Hesíodo**, o primeiro da humanidade na transmissão de instruções agrícolas, deu apenas uma data para a sementeira (...), pois ele escreveu a partir da Beócia, onde, como já dissemos, tem-se como costume a semeadura”⁴²⁷. O que para Plínio estava em questão era o apontamento de boas instruções para que o cidadão romano pudesse gozar de certos ensinamentos úteis. Contudo, diferente de uma enciclopédia a NH apresenta esse jogo de autoridades quase a revelia do autor da obra. O *quase* fica por conta da própria afirmação de Plínio: “(...) tenho me esforçado para encontrar pontos de vista quase universalmente aceitos, e tenho preferido trabalhos cuidadosos à abundância de materiais”⁴²⁸, ou seja, a tradição tem seu peso na hora dos apontamentos embora não oculte os “penso eu” de Plínio.

Sob o aspecto de a tradição estar presente para legitimar um escrito talvez uma das passagens mais emblemáticas da NH seja a do Livro 14.3-4. O nome de Hesíodo aparece na

⁴²⁶ Plínio, o Velho. NH. 7.153: “**Hesiodus**, qui primus aliqua de hoc prodidit, fabulose, ut reor, multa hominum aevo praeferens, cornici novem nostras attribuit aetates, quadruplum eius cervis, id triplicatum corvis, et reliqua fabulosius in phoenice ac Nymphis”. (grifo do autor)

⁴²⁷ Plínio, o Velho. NH. 18.201: “**Hesiodus**, qui princeps hominum de agricultura praecepit, unum tempus serendi tradidit a vergiliarum occasu. scribebat enim in Boeotia Helladis, ubi ita seri diximus”. (grifo do autor)

⁴²⁸ Plínio, o Velho. NH 28.2: “(...) quamquam et ipsi consensu prope iudicii ista eligere laboravimus potiusque curae rerum quam copiae institimus”.

referida passagem, mas apenas como um indicativo temporal: “quando milhares de anos atrás, no alvorecer da literatura de Hesíodo”. Apesar da indicação do pensador grego ser fugaz não deixaremos de reproduzir o trecho completo, pois nos alimenta de mais argumentos que legitimam nossa posição nesta tese:

Por que não admitir que agora a comunicação foi estabelecida em todo o mundo pela majestade do Império Romano, a vida tem avançado através do comércio e pelo orgulho da paz, e mesmo as coisas que outrora estavam escondidas foram postas em uso? Mas, *Hercules*, não encontramos muitas pessoas familiarizadas com o que os escritores de antigamente transmitiam: muito mais produtivo foram as pesquisas dos homens do passado, ou então mais bem-sucedidas foram suas investidas, quando milhares de anos atrás, no alvorecer da literatura de **Hesíodo**, começaram a brotar as regras para a agricultura (...) – tem sido uma fonte de mais trabalho para nós, na medida que nos dias de hoje é necessário investigar não só as descobertas posteriores, mas também aquelas que já haviam sido feitas pelos homens de antigamente, pois uma negligência geral decretou a destruição total de registros. (...) Fato é que outros costumes entraram em voga e as mentes dos homens estão ocupadas com outros assuntos: as únicas artes cultivadas são as artes da avareza⁴²⁹.

Notável a vinculação da obra com o seu próprio tempo – século I d.C. – visto a exaltação comum ao Império Romano e sua magnificência frente aos outros povos e lugares. Não menos perceptível é a tristeza – que poderia funcionar como exaltação própria! – que Plínio aponta para os homens de seu tempo que não estariam familiarizados com os textos dos antigos, ou seja, com a tradição escrita e o conseqüente registro histórico. Os homens não estavam preocupados com as investigações produtivas dos seus antecessores e, pelo nosso compreender, não entendiam a difícil tarefa a qual Plínio se propunha: investigar as descobertas do *próprio* tempo além dos trabalhos da *antiguidade*. A causa de toda a negligência era a presença do vício da avareza próprio do ser mais lamentável e presunçoso, chamado homem!⁴³⁰

Como dito, a presença de Hesíodo no trecho quase não é percebida quando nos atentamos para as duras palavras de Plínio aos homens de seu tempo e, ao contrário, para as belas palavras voltadas para os homens do passado. A sua preocupação em delimitar os trabalhos no tempo, assim como acrescentar críticas aos contemporâneos nos aponta para uma

⁴²⁹ Plínio, o Velho. *NH*. 14.3-4: “*quis enim non communicato orbe terrarum maiestate Romani imperii profecisse vitam putet commercio rerum ac societate festae pacis omniaque, etiam quae ante occulta fuerant, in promiscuo usu facta? at Hercules non reperiuntur qui norint multa ab antiquis prodita. tanto priscorum cura fertilior aut industria felicior fuit, ante milia annorum inter principia litterarum Hesiodo praecepta agricolis pandere orso subsecutisque non paucis hanc curam eius, unde nobis crevit labor, quippe cum requirenda sint non solum postea inventa, verum etiam ea quae invenerant prisci, desidia rerum internecone memoriae indicta. (...) nimirum alii subiere ritus circaque alia mentes hominum detinentur et avaritiae tantum artes coluntur*”. (grifo do autor)

⁴³⁰ Plínio, o Velho. *NH* 2.24: “*(...) solum ut inter ista vel certum sit nihil esse certi nec quicquam miserius homine aut superbius*”.

clara construção de um discurso histórico. Eis que ainda no mesmo trecho lemos sobre a negligência que causou a destruição total de registros. Daí a necessidade de construir novos registros por homens que não estivessem com a mente tomada pelo vício da avareza. Capazes de resolver problemas que iriam além – para alguns aquém – da política e de levantes bélicos como, por exemplo, as confusões em torno das interpretações de textos dos antigos: “Alguns tem pensado que **Hesíodo** chamava de *halimon* quando falava de asfódelo, mas acredito que esse posicionamento é falso (...) [tal problema] tem sido a causa de confusão entre nossas autoridades”⁴³¹. Não queremos afirmar que os problemas bélicos e políticos não tivessem importância para Plínio, ou mesmo que não foram abordados na NH, mas o autor deixa claro que o tempo dedicado para os estudos é diferente do tempo dedicado ao serviço imperial. Se problemas bélicos eram enfrentados durante o dia, a noite era reservada para assuntos do intelecto.

Plínio estava ciente de que muito de seu esforço intelectual não atingiria os louros que outras obras do período alcançaram. Pela leitura do prefácio epistolar uma das possibilidades do fracasso seria o pouco tempo aliado aos serviços imperiais, mas no Livro 22.15 os problemas poderiam ser dos homens de seu tempo que não entendiam a importância de sua obra:

A maioria das pessoas ri de mim por realizar pesquisas nesses assuntos, sou acusado de me ocupar com coisas de pouco valor. É, no entanto, um conforto para mim no meu grande trabalho saber que também a Natureza, e não somente eu, fica sujeita a este desprezo, pois mostrarei que ela colocou remédios até mesmo em plantas que não gostamos, dando propriedades curativas mesmo para aquelas [plantas] armadas com espinhos e abrolhos (...) Esta mesma coisa que nós odiamos foi concebida para o bem da humanidade⁴³².

Nós, homens do século XXI, temos certas dificuldades em imaginar outros indivíduos rindo de “nossa fonte”. A perspectiva de lermos uma obra cientes de que a mesma fora escrita por outro homem com temores, humores, amigos e inimigos não nos é fácil. Plínio, apesar de referenciar o desprezo que seu trabalho estava gerando aliou-se à Natureza, pois esta deixava seus remédios em plantas odiadas. Seria, então, a NH uma obra desprezada com boas medicações dentro? Se as medicações fossem entendidas como instruções necessárias para a vida cotidiana, além de um espaço que continha informações, conhecimentos, crenças e

⁴³¹ Plínio, o Velho. NH 22.73: “*Asphodelum ab Hesiodo quidam halimon appellari existimavere, quod falsum arbitror; est enim suo nomine halimon, non parvi et ipsum erroris inter auctores*”. (grifo do autor)

⁴³² Plínio, o Velho. NH 22.15: “*immo vero plerisque ultro etiam inrisui sumus ista commentantes atque frivoli operis arguimur, magno quamquam immensi laboris solatio, sperni cum rerum natura, quam certe non defuisse nobis docebimus et invisitis quoque herbis inseruisse remedia, quippe cum medicinas dederit etiam aculeatis. (...) ita hoc quoque, quod in iis odimus, hominum causa excogitatum est*”.

inverdades dos mais distintos campos, tempos e locais, a resposta é positiva. O que percebemos a cada autoridade analisada é a distância que a NH mantém das críticas feitas outrora, pois Plínio se mostra no texto em diversos momentos. Não é uma obra isenta de autoria, nem dominada por opiniões alheias, mas um produto que buscou dar conta de diversos segmentos do saber – com opiniões conflitantes e a *própria* opinião do autor.

Direcionando nossas discussões para a presença de Heródoto na NH percebemos que a confirmação por parte de Plínio de algumas idéias do historiador grego reforça o argumento de que as autoridades antigas davam legitimidade, mas também eram questionadas:

[Sobre canibais] Muitas autoridades, **Heródoto** e Aristeu de Proconnesus são os mais ilustres, escrevem que estas pessoas [Arismaspi] conduzem uma guerra contínua em torno de suas minas contra uma espécie de besta selvagem com asas, como comumente relatado, que cava ouro de suas minas e os Arismaspi tentam tirar dela, ambos com notável cobiça⁴³³.

No assunto em questão a autoridade de Heródoto não é questionada e sim exaltada como um ilustre autor. Mas notemos que se trata de assunto envolto em fantasias, pois uma besta selvagem com asas estaria em contato com humanos atrás de ouro – nem mesmo as bestas estavam isentas de cobiça! Aqui, como em outros trechos das autoridades já apresentadas, há apenas o reforço de legitimidade. Sem intervenção de Plínio nem dúvidas sobre o relatado, mas devemos salientar algo importante: diferente das críticas feitas aos escritos plinianos nos séculos passados (principalmente no XIX) não se confirma a crença de Plínio no que fora relatado. Muitas leituras foram conturbadas no sentido de colocar no plantel de crenças de Plínio todas as coisas relatadas por ele. Notemos que no trecho anterior não aparece nada que comprove a existência de tal besta – hoje é fácil negar -, mas tão somente que Heródoto e Aristeu de Proconnesus seriam as fontes de Plínio no momento da escrita. Seria exagerar no argumento contrário a Plínio pressupor que o autor acreditasse em tudo o que consta em 2.515 páginas – na edição aqui usada (LOEB). A função da NH seria instruir o outro e não apresentar todas as crenças do autor.

Para encerrarmos as discussões em torno de Heródoto apresentamos quatro pequenos trechos que corroboram com a nossa tese. Neles percebemos os quatro posicionamentos que o autor toma em relação à autoridade: possível dúvida; legitimidade; descrença; comparação com outra fonte. Nesta mesma ordem seguem as passagens: 1º) “Se cremos em **Heródoto**,

⁴³³ Plínio, o Velho. NH 7.10: “(...) *produntur Arimaspi, quos diximus, uno oculo in fronte media insignes. quibus adsidue bellum esse circa metalla cum grypis, ferarum volucris genere, quale vulgo traditur, eruenta ex cuniculis aurum, mira cupiditate et feris custodientibus et Arimaspiis rapientibus, multi, sed maxime inlustres Herodotus et Aristaeus Proconnesius scribunt*”.

houve mar acima de *Memphim* tanto quanto as montanhas da Etiópia e também para as planícies da Arábia, e mar ao redor de *Ilium* (...)”⁴³⁴; 2º) “[elefantes] Eles mesmos sabem que a única coisa que possuem que torna a pilhagem desejável são suas armas que Juba chama de ‘chifres’; mas que o autor muito mais antigo, **Heródoto**, emprega um melhor termo chamando-as de ‘presas’”⁴³⁵; 3º) “Em relação ao *cinnamomum* e *casia* uma narração fabulosa tem sido relatada pela antiguidade, e antes de tudo por **Heródoto**, que elas são obtidas a partir dos ninhos de aves e, principalmente, o da Fênix”⁴³⁶; 4º) [labirinto egípcio chamado Heracleopolis] Este, o primeiro a ser construído foi erguido, segundo a tradição, 3600 anos atrás pelo Rei Petesuchis ou Rei Tithoes, embora **Heródoto** tenha atribuído todo o trabalho aos ‘doze reis’, sendo o último Psammetichus”⁴³⁷.

A possível dúvida não está na efetividade dos acontecimentos, mas na crença ou não nos relatos advindos de Heródoto que, por sua vez, determinaria a validade do conteúdo. A *legitimidade* se baseia inteiramente na noção do mais antigo, pois em comparação com o Rei Juba, as palavras e definições de Heródoto seriam muito anteriores e, por tal fato, mais corretas. Percebemos que a legitimação do mais antigo nem sempre se confirma, pois no terceiro trecho justamente o contrário acontece: por se tratar de situação fabulosa e advinda da antiguidade (desde e por Heródoto) a situação narrada perdeu sua veracidade. Já no último trecho a idéia de *comparação entre fontes* acontece entre Heródoto e a tradição – não é especificada qual tradição –, mas Plínio fez questão de apontar o posicionamento de Heródoto numa questão que era histórica – construção de monumentos.

Praticamente sem divergências aparecem as citações de Políbio no decorrer da NH. Contudo, diferente do que poderíamos imaginar a presença do historiador grego que enobreceu as instituições romanas não é marcada pelos elogios, lições ou espetáculos que os romanos ofereciam. Esta constatação nos indica que a concepção de obra histórica e, como veremos depois, do conceito de História encontrado na NH não se alimentava das

⁴³⁴ Plínio, o Velho. NH 2.201: “**Herodoto** quidem si credimus, mare fuit supra Memphim usque ad Aethiopum montes itemque a planis Arabiae, mare circa Ilium et tota Teuthranie quaque campos intulerit Maeander”. (grifo do autor)

⁴³⁵ Plínio, o Velho. NH 8.7: “Praedam ipsi in se expetendam sciunt solam esse in armis suis, quae Iuba cornua appellat, **Herodotus** tanto antiquior et consuetudo melius dentes”.

⁴³⁶ Plínio, o Velho. NH 12.85: “Cinnamomum et casias fabulose narravit antiquitas princepsque **Herodotus** avium nidis et privatim phoenicis”.

⁴³⁷ Plínio, o Velho. NH 36.84: “Heracleopolite nomo qui primus factus est ante annos, ut tradunt, III DCa Petesuchi rege sive Tithoe, quamquam **Herodotus** totum opus XII regum esse dicit novissimeque Psammetichi”.

contribuições teóricas de Políbio, por exemplo. Apesar de a NH trazer as laudações típicas da literatura latina do século I d.C. não temos nenhuma aproximação entre a clássica abertura das *Histórias* de Políbio e os apontamentos feitos por Plínio no decorrer da NH. Lemos em Políbio:

(...) pois quem dos homens é tão vil ou leviano que não desejaria conhecer como e devido a que tipo de constituição em cinquenta e três anos incompletos quase todo o mundo habitado caiu submetido a um único poder, o romano, fato nunca antes ocorrido; e quem ainda é tão apaixonado por algum outro espetáculo ou lição que os tornaria por algo mais útil do que esta experiência?⁴³⁸

Nada seria mais útil do que a experiência trazida pelo domínio dos romanos. Nesse ponto Plínio e Políbio estão absolutamente concordantes, mas com uma distinção radical: na NH Plínio é o *representante* romano que busca demonstrar as riquezas que estão sob os domínios do Império. Não as valiosas experiências políticas, mas as manifestações naturais e culturais que seriam significativas para a coletividade rememorar e comemorar. E o que seria mais significativo e poderoso do que coletar e agrupar todas as manifestações numa obra que levasse no título o nome de *História*? Fato é que os usos de Políbio por parte de Plínio são todos de caráter confirmativo, como podemos notar nos seguintes trechos: 1º) De acordo com **Políbio** a distância em linha reta entre os dois estreitos, o de Dardanelo e o de Kaffa, é de 500 milhas⁴³⁹; 2º) “Mas logo no início da Bética vem Cádiz, a 25 milhas da boca do Estreito, uma ilha que, de acordo com **Políbio**, mede 12 milhas de comprimento e 3 milhas de largura⁴⁴⁰; 3º) “**Políbio** afirmou que a amplitude da Europa partindo da Itália para o oceano é de 1150 milhas, mas a exata magnitude não havia sido apurada até mesmo em seus dias⁴⁴¹; 4º) “**Políbio** e Eratóstenes, que são considerados escritores extremamente cuidadosos, propuseram que a distância do Oceano até a Grande Cartago é de 1100 milhas⁴⁴².”

Há, aqui, elogios direcionados aos cuidados que Políbio tinha com assuntos que abordava – praticamente apenas questões de métrica entre regiões. Não surgem dúvidas em relação às informações transmitidas pela tradição, apenas uma inconsistência no terceiro

⁴³⁸ Políbio. *Histórias*. Livro 1, 5-6. (Tradução de Breno Battistin Sebastiani)

⁴³⁹ Plínio, o Velho. NH 4.77: “*at inter duos Bosporos Thracium et Cimmerium directo cursu, ut auctor est Polybius, D intersunt*”.

⁴⁴⁰ Plínio, o Velho. NH 4.119: “*in ipso vero capite Baeticae ab ostio freti p.XXV Gadis, longa, ut Polybius scribit, XII, lata III*”.

⁴⁴¹ Plínio, o Velho. NH 4.121: “*Polybius latitudinem Europae ab Italia ad oceanum scripsit [XII]-L esse, etiam tum incomperta magnitudine*”.

⁴⁴² Plínio, o Velho. NH 5.40: “*Polybius et Eratosthenes, diligentissimi existimati, ab oceano ad Carthaginem magnam [XI]*”.

trecho: a exata medição não exista nos tempos de Políbio, mas mesmo assim ele propôs uma medida. Talvez as experiências de Políbio derivavam da mesma atividade desempenhada por Plínio no período de Vespasiano: viagens em embarcações. Plínio notadamente foi comandante da tropa de Miseno, mas no Livro 5.9 relembra as atividades que Cipião Emiliano delegou a Políbio: “Cipião Emiliano, durante seu comando na África, colocou uma frota de navios à disposição do historiador **Políbio** com a finalidade de fazer uma viagem de descoberta em diversas partes do mundo”⁴⁴³. As viagens eram reveladoras de grandes segredos, perigos, fantasias e mesmices.

Na continuação da passagem Plínio comenta que Políbio descobriu algumas espécies de animais selvagens na África, mas nada ligado aos assuntos da História de Políbio. Pensamos que o principal motivo dos escritos históricos de Políbio não aparecer com a força esperada é a recusa de Plínio abordar a “História de sangue e carnificina” em prol de uma História centrada na *humanitas* e nos exemplos que colocassem os pequenos feitos romanos num espaço de destaque – Argumento Quatro de nossa tese. Outro fator que não podemos desconsiderar é o posicionamento de Políbio frente às investigações históricas baseadas em pesquisas de livros. Notável é o apoio – e orgulho – que Plínio tem das autoridades do passado e seus textos, logo ao lermos em Políbio certos ataques⁴⁴⁴ ao historiador que não vai ao local e vê o ocorrido compreendemos a pouca importância dada a este pensador na NH. Assim sendo, a veemência⁴⁴⁵ de Políbio em exaltar o poderio bélico e político romano aliada a desvalorização da investigação em livros desvirtuava do novo sentido que Plínio pretendia para a *sua* História.

O pensador estrangeiro que encerra nossas discussões sobre a forma que Plínio usou as autoridades em sua obra é Tucídides. Não é pela sua *História da Guerra do Peloponeso* que Tucídides aparece na NH, pois o conteúdo tratado pelo grego recai nos conflitos, sangue e carnificina que, inclusive a Natureza, ajuda o homem a encobertar tais vergonhas com o tempo – a ação das forças da natureza apagam as marcas de sangue, etc. Contudo, em uma das

⁴⁴³ Plínio, o Velho. *NH* 5.9: “*Scipione Aemiliano res in Africa gerente Polybius annalium conditor, ab eo accepta classe scrutandi illius orbis gratia circumvectus*”.

⁴⁴⁴ “As pesquisas em livros podem ser feitas sem perigos ou dificuldades, e dependem apenas do acesso a uma cidade onde haja abundância de documentação ou uma biblioteca disponível. Depois disso resta ao pesquisador apenas realizar tranquilamente a sua tarefa, cotejando os relatos de escritores diferentes sem enfrentar qualquer problema”. (Políbio. *História*. trad. Mário de Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1996, p.417)

⁴⁴⁵ “A respeito da preparação da guerra e de toda situação de combate, têm um poder quase autocrático, pois lhes cabe dispor os aliados como bem lhes pareça (...) são soberanos para punir os subordinados quando em combate”. (Políbio. *Histórias*. Livro 6, 12-8. Trad. Breno Battistin Sebastiani)

passagens algo nos importa: “**Tucídides** como comandante militar foi condenado ao exílio pelos atenienses, mas como historiador foi lembrado: eles admiravam a eloquência de um homem cujo valor tinham condenado”⁴⁴⁶. Apesar da condenação de Tucídides no que se referia ao mundo público/político a sua destacada atuação no mundo intelectual o salvou. Interessante que nas três únicas citações de Tucídides em toda a NH uma delas foi dedicada totalmente a elevar o espírito do historiador grego, pois nada de informativo a passagem nos dá. Por exemplo, em outra passagem percebemos a mesma dinâmica de concordância com a autoridade estrangeira aparecida em Políbio: “No que se refere à fama a ilha de Sicília está acima de todas as ilhas do Mediterrâneo, chamada por **Tucídides** de Sicania e por um bom número de autores de Trinacria ou Trinacia devido sua forma triangular”⁴⁴⁷.

Se Tucídides prometeu um relato “preocupado com a fidelidade e uma severa delimitação do tema que excluía considerações sobre a vida interna das cidades sob o ponto de vista político, econômico ou cultural para fixar-se no aspecto militar”⁴⁴⁸, Plínio também prometeu uma obra que não aqueceria debates, nem serviria para digressões e diálogos e, ao menos nesse ponto, a concordância dos autores foi absoluta: ambos não cumpriram suas promessas!

⁴⁴⁶ Plínio, o Velho. NH 7.111: “*Thucydiden imperatorem Athenienses in exilium egere, rerum conditorem revocavere, eloquentiam mirati cuius virtutem damnaverant*”.

⁴⁴⁷ Plínio, o Velho. NH 3.86: “*Verum ante omnes claritate Sicilia, Sicania Thucydidi dicta, Trinacria pluribus aut Trinacia a triangula specie*”. (grifo do autor)

⁴⁴⁸ ALMEIDA PRADO, Anna Lia Amaral de. **Introdução**. In: TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso – livro I*. trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. – 3º Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p.XVI.

4.1.2 Dos latinos

*O único povo dentre todos os outros povos do mundo
que se destaca pela virtude é o romano.
(Plínio, o Velho. NH. 7.130)*

Dentre as autoridades latinas mais citadas e exaltadas por Plínio está a figura de Marco Terrêncio Varrão. Claramente a obra *Rerum Rusticarum de Agricultura* foi muito consultada e usada na construção da NH pliniana, embora vimos que o uso que Plínio faz de suas autoridades afasta-se de um “ladroão de idéias”. Todavia, outra obra de Varrão também ganhou destaque na NH, a *De Lingua Latina*: “Quanto a nossa palavra *caelum*, sem dúvida tem o significado ‘gravado’, como é explicado por **Marco Varrão**”⁴⁴⁹. Tal passagem encontra-se no *De Lingua Latina* V.18 e nos indica que a erudição de Plínio é um caráter inegável. Talvez a enorme lista de autoridades levantadas por Plínio em seu Livro I represente a gana do autor em colocar-se ao lado dos nomes que ali foram citados. Esta postura não é estranha, pois com a publicização da NH o nome de Plínio conservaria-se juntamente com, por exemplo, o de Varrão. Estar ao lado de um indivíduo que, conta-se, escreveu cerca de 620 obras tendo conhecimento profundo de filosofia, gramática, poesia, oratória, agronomia seria uma boa tática na busca pela *imortalidade* tão cara aos homens do passado. Das obras que foram catalogadas e dadas como de autoria de Varrão citamos apenas algumas que Plínio teria tido contato para elaborar as discussões da NH: *Antiquitates* (41 livros, de 56 a.C.); *De uita populi Romani* (4 livros, entre 56 e 44 a.C.); *De familiis Troianis* (de 68 a.C.); *Rerum urbanorum libri III* (3 livros); *Liber Tribuum* (entre 47 e 45 a.C.); *Annalium libri III* (3 livros); *De gente populi romani libri IV* (4 livros, após 43 a.C.); *Legationum libri III* (3 livros); *Aetia* (de 60 a.C.); *De Pompeio libri III* (3 livros); *De sua uita libri III* (3 livros); *De Lingua Latina* (25 livros, entre 47 e 45 a.C.); *De origine linguae Latinae libri III* (3 livros, entre 56 e 47 a.C.); *Liber de philosophia* (1 livro); *Rerum rusticarum libri III – De re rústica* (3 livros, 37 a.C.)⁴⁵⁰.

A mesma erudição encontrada em Varrão - apenas no *De Lingua Latina* o autor cita coerentemente Platão, Aristóteles, Pitágoras, Epicuro, Zenão de Cício, Crates, Aristarco, etc. – pode ser compreendida em Plínio. Nunca forçaríamos os nossos argumentos ao ponto de comparar os escritos varronianos com os plinianos, mas ao ler a NH é fácil encontrarmos em

⁴⁴⁹ Plínio, o Velho. NH 2.9: “*Caelum quidem haut dubie caelati argumento dicimus, ut interpretatur M. Varro*”.

⁴⁵⁰ RUY, Maria Lucília. **Formação de palavras** – Livro VIII da gramática de Varrão. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, p.16.

Plínio um modelo de erudito na Antiguidade. A aliança entre as leituras, as viagens e o desempenho nas atividades públicas tornou Plínio um cidadão dotado de grande capacidade intelectual e discursiva – a *beleza* da escrita é um problema para os filólogos! Todavia, como alertado anteriormente a comparação entre Varrão e Plínio fica apenas em nosso imaginário, pois mesmo Plínio o considera alguém inatingível:

Na biblioteca fundada em Roma por Asínio Polio, a mais antiga biblioteca do mundo estabelecida a partir dos despojos de guerra, a única estátua erguida para uma pessoa viva foi a de **Varrão**, (...) constituindo uma distinção não menos, na minha opinião, de quando Pompeu, o Grande deu ao mesmo **Varrão** uma coroa naval pela sua condução na guerra com os piratas⁴⁵¹.

A construção de uma estátua para um cidadão vivo era rara e digna das mais altas honrarias. Lembramos do caso posterior ao período de Plínio, o Velho, mas rememorado nas palavras de seu sobrinho. Plínio, o Jovem mandou uma epístola ao então imperador Trajano pedindo a permissão para levantar uma estátua: “(...) Peço para que, primeiramente, permita que eu adicione uma estátua tua junto às outras, que irá adornar o templo que pretendo construir (...)”⁴⁵². Plínio, o Jovem obteve a concordância como resposta, mas o imperador Trajano expressou certa relutância: “Você tem permissão para montar a minha estátua no lugar escolhido; geralmente eu estou relutando em aceitar estas espécies de honras, mas eu não desejo parecer que pus qualquer empecilho em seus sentimentos leais em relação a minha pessoa”⁴⁵³. A aceitação de tamanha honraria era preocupante, pois não poderia recair em adoração divina – caso aceito apenas com a morte do Imperador.

O interessante da passagem de Plínio, o Velho sobre a estátua de Varrão é compreender além do monumento: a estátua foi erguida num espaço com características específicas, uma biblioteca – seria a mais antiga biblioteca do mundo! A outra mensagem que contribui para nossos argumentos é a honraria que Varrão recebeu pelos serviços navais prestados a Pompeu, ou seja, o mesmo indivíduo foi laudado nos dois campos de atuação: o intelectual e o político. Daí o porquê de Varrão ser considerado um ideal de cidadão romano por Plínio e tantos outros latinos. Nota-se que a construção da estátua não feriu os sentimentos

⁴⁵¹ Plínio, o Velho. *NH* 7.115: “**M. Varronis** in bibliotheca, quae prima in orbe ab Asinio Pollione ex manubiis publicata Romae est, unius viventis posita imago est, haut minore, ut equidem reor, gloria, principe oratore et cive ex illa ingeniorum quae tunc fuit multitudine uni hanc coronam dante quam cum eidem Magnus Pompeius piratico ex bello navalem dedit”.

⁴⁵² Plínio, o Jovem. *Ep.* 10.8: “(...) *Rogo ergo ante omnia permittas mihi opus quod incohaturus sum exornare et tua statua* (...)”.

⁴⁵³ Plínio, o Jovem. *Ep.* 10.9: “*Statuam poni mihi a te eo quo desideras loco, quamquam eius modi honorum parcissimus tamen patior, ne impedisse cursum erga me pietatis tuae videar*”.

do autor, pois sua narração é de louvor e não de crítica pelo monumento levantado a alguém vivo. Desse modo, a legitimidade da autoridade latina mais citada no Livro I foi exaltada ao ponto do inquestionável, fato absolutamente oposto à autoridade estrangeira mais citada no mesmo Livro – Demócrito.

Basta-nos citar outra passagem em que Varrão aparece para darmos conta da dimensão que Varrão ganha na obra pliniana:

A existência de uma forte paixão por retratos em dias passados é evidenciada por Ático, o famoso amigo de Cícero, que publicou obra a respeito e sobre a mais benevolente invenção de **Varrão** que, na verdade, insere em uma prolífica produção cerca de setecentos retratos de pessoas ilustres, não permitindo que as imagens deles desaparecessem ou que o lapso da idade prevalecesse sobre a imortalidade nos homens. Aqui **Varrão** foi o inventor de um benefício que até mesmo os deuses poderiam invejar, pois ele não somente concedeu a imortalidade, mas a espalhou por toda a terra, tornando seu assunto onipresente, como os deuses⁴⁵⁴.

A importância de um feito de Varrão chegava a provocar inveja nos deuses, pois através dos retratos não era apenas a imortalidade que se apresentava ao homem ali pintado, mas também a divulgação em todos os lugares do mundo de um retrato sem as marcas do tempo e da idade – ninguém seria Titono, o amante de Eos, que ganhou a imortalidade, mas não a juventude eterna! Percebemos com os dois estratos de fontes que não foram os grandes feitos bélicos ou políticos romanos que marcaram a importância de Varrão. Um deles aborda a construção de uma estátua numa biblioteca – lugar da sabedoria – e o outro relata sobre uma obra contendo retratos que garantiriam a imortalidade para alguns ilustres escolhidos, mas também ao ilustre autor – Varrão. Notemos que os ilustres escolhidos não seriam lembrados por feitos grandiosos, mas graças ao trabalho de Varrão e a inveja dos deuses. Uma obra garantiria o sucesso e a imortalidade! Esta é uma das acepções que figurava como característica de uma obra de História do século I d.C. e justamente a NH estava “guardando” tais conteúdos em seu interior e, portanto, tornando-se também histórica.

Ciente da vastidão das opiniões que as autoridades possuíam sobre os mais diversos assuntos, Plínio parece seguir as palavras de Heródoto: “em verdade, minha obrigação é expor o que se diz, mas não sou obrigado a acreditar em tudo”⁴⁵⁵, pois justifica-se quando idéias diferentes das de Varrão poderiam ser boas verdades: “Há exemplos importantes de opiniões

⁴⁵⁴ Plínio, *o Velho*. NH 35.11: “*imaginum amorem flagrasse quondam testes sunt Atticus ille Ciceronis edito de iis volumine, M. Varro benignissimo invento insertis voluminum suorum fecunditati etiam septingentorum inlustrium aliquo modo imaginibus, non passus intercidere figuras aut vetustatem aevi contra homines valere, inventor muneris etiam dis invidiosi, quando immortalitatem non solum dedit, verum etiam in omnes terras misit, ut praesentes esse ubique ceu di possent. et hoc quidem alienis ille praestitit*”.

⁴⁵⁵ Heródoto. *Histórias*. trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1988, p.382.

contrárias a de **Varrão** no que diz respeito à História do papel⁴⁵⁶. Nem mesmo Varrão estaria com as melhores respostas para todos os assuntos, por isso era função de Plínio expor as opiniões contrárias. Outra postura que aproxima a NH ao gênero da História, pois evidencia a intenção de construir uma memória de acontecimentos diversos respaldados numa prática investigativa – já no prefácio epistolar Plínio atenta para seu esforço intelectual e de pesquisa. A necessidade de conferir estatuto de verdade e, em alguns momentos, o estatuto de crível para todo o conteúdo de sua obra fez com que Plínio sempre apontasse as autoridades e, quando necessário, se posicionasse em relação ao assunto. É dessa forma que ele indica Varrão como uma das maiores autoridades sobre temas da agricultura:

[sobre tratados de agricultura] Mas colocamos no início uma lista de pensadores originais e poetas eminentes, assim como ilustres autores que iremos seguir neste volume, embora menção especial deva ser feita a **Varrão**, que se sentiu inclinado a publicar um tratado sobre o assunto em seu octogésimo primeiro ano de vida⁴⁵⁷.

Como a legitimidade de um escrito de História não poderia mais basear-se nas verdades anunciadas pelas Musas, a resposta era trabalhar com um grande número de legitimadores – Varrão com lugar de destaque. Temos a clara percepção de que a presença do *olhar* também guiou muitos tópicos da NH, mas invariavelmente a concepção de História para Plínio estava pautada mais na tradição do que na visão. Seus diversos temas – nem todos históricos – foram trabalhados com a ânsia de torná-los descobertos, sem os véus que outrora os cobriam. Longe das ambições de Tucídides em narrar guerras na expectativa de que tal fato seria grande vemos em Plínio a confirmação de pequenos feitos dos romanos, mas dignos de lembrança. Certo de que os feitos grandes teriam seus registros noutros espaços Plínio procurou atentar para circunstâncias que preenchem melhor as histórias: “A água do próprio Mar Cáspio foi considerada por Alexandre, o Grande como doce para ser bebida e também **Varrão** afirma que a água transmitida para Pompeu era dele [Mar Cáspio], quando ele estava nas vizinhanças do rio durante a Guerra Mitridática”⁴⁵⁸. Difícil entender essa passagem como uma referência à Terceira Guerra Mitridática (75 – 65 a.C.), pois Plínio nada informa sobre o conflito ocorrido na Ásia Menor. Na realidade o cerne da passagem repousa nas propriedades

⁴⁵⁶ Plínio, o Velho. NH 13.84: “*Ingentia exempla contra **M. Varronis** sententiam de chartis reperiuntur*”.

⁴⁵⁷ Plínio, o Velho. NH 18.23: “*(...)sapientiae vero auctores et carminibus excellentes quique alii illustres viri composuissent, quos sequeremur, praetexuimus hoc in volumine, non in grege nominando **M. Varrone**, qui LXXXI vitae annum agens de ea re prodendum putavit*”.

⁴⁵⁸ Plínio, o Velho. NH 6.51: “*haustum ipsius maris dulcem esse et Alexander Magnus prodidit et **M. Varro** talem perlatum Pompeio iuxta res gerenti Mithridatico bello, magnitudine haut dubie influentium amnium victo sale*”.

da água do Mar Cáspio que desde Alexandre, o Grande já eram admiradas. A guerra e sua produção de sangue não são importantes, mas o fato de Pompeu – durante a guerra – beber da água do Mar Cáspio é o fato a ser rememorado.

Assim como as autoridades estrangeiras, aqui, com Varrão, as citações plinianas também visavam à exatidão de certos dados que apenas comprovavam a legitimidade do autor citado: “De acorco com **Varrão** devemos a descoberta do papel à vitória de Alexandre, o Grande, quando ele fundou Alexandria no Egito, antes daquele tempo o papel não era usado”⁴⁵⁹; “**Varrão** aconselha que se corte o cabelo logo após a lua cheia, como precaução contra a calvície”⁴⁶⁰. Para reforçar nosso argumento de que Plínio questiona suas fontes – não nos termos contemporâneos, a anacronia já nos diria! – até mesmo com Varrão, seu exemplo de cidadão e erudito, aparece o erro: “**Varrão** deu esta data fixada pelo sol ocupando o décimo grau de Touro, como a teoria então declarada; mas a verdadeira explicação é que um ou outro - de acordo com as latitudes dos vários observadores (...)”⁴⁶¹. Claro que o erro de Varrão estava justificado, pois ele apenas seguia a teoria determinada em seu tempo. Contudo, noutro exemplo percebemos que Plínio fez questão de distinguir entre Varrão e “outras autoridades”: “No Locri começa a projeção da Itália chamada Magna Grécia, retirando-se as três baías do Mar Ausonii, chamado por seus primeiros habitantes de Ausones. De acorco com **Varrão** seu comprimento é de 86 milhas, mas a maioria das autoridades fala em 75 milhas”⁴⁶². Aqui entendemos algumas críticas feitas ao modelo pliniano, pois ele não buscou posicionar-se diante da resposta mais verdadeira limitando-se a apresentar as diferentes possibilidades. Contudo, no que se refere à citação passada o autor corrigiu a informação, pois não podemos tirar do horizonte das discussões o objetivo expresso da NH: informar e ser útil aos cidadãos romanos. Ao informar e servir aos anseios dos romanos a obra deveria corresponder a certas realidades (a noção de realidade não exclui as crenças) que seriam compreendidas por grande número de pessoas. Daí a sua função de produzir e relembrar memórias coletivas transformando-as em Histórias dos romanos.

⁴⁵⁹ Plínio, o Velho. NH 13.69: “*et hanc Alexandri Magni victoria repertam auctor est M. Varro, condita in Aegypto Alexandria*”.

⁴⁶⁰ Plínio, o Velho. NH 16.194: “*M. Varro adversus defluvia praecipit observandum id a pleniluniis*”.

⁴⁶¹ Plínio, o Velho. NH 18.285: “*hoc tempus Varro determinavit sole tauri partem X obtinente, sicut tunc ferebat ratio. sed vera causa est, quod post dies undeviginti ab aequinoctio verno per id quadriduum varia gentium observatione in IIII kal*”.

⁴⁶² Plínio, o Velho. NH 3.95: “*A Locris Italiae frons incipit, Magna Graecia appellata, in tris sinus recedens Ausonii maris, quoniam Ausones tenuere primi. patet LXXXVI, ut auctor est Varro; plerique LXXV fecere*”.

O segundo autor latino que selecionados para compreender a forma como as autoridades foram pensadas por Plínio é Aulo Cornélio Celso. De seu estudo intitulado *Artes* só nos restou o trecho chamado *De Medicina*, mas a sua contribuição na antiguidade atingiu diversas áreas de conhecimento. Se os escritos de Varrão podem ser agrupados tematicamente em dialética, retórica, gramática, aritmética, geometria, astronomia, música, arquitetura e medicina, os de Celso contemplam a agricultura, ciência militar, medicina, oratória, jurisprudência e filosofia – como vimos, a tradição outorgou-lhes o grau de “enciclopedistas”⁴⁶³. Notável que a formação dada pelos escritos de Varrão atende ao que no período do Medievo foi chamado de Sete Artes Liberais (com o acréscimo da medicina e arquitetura), mas em seu próprio tempo obras como as *Disciplinae* de Varrão e *Artes* de Celso possuíam a função da *encyclios paideia* – termo utilizado por Plínio em seu prefácio epistolar –, função esta que o autor da NH afirmou ter cumprido com maior primazia, pois nenhuma obra abordava todos os conteúdos num só exemplar.

Conteúdos que de acordo com a lista das autoridades presentes no Livro I seriam muito devedores dos textos de Celso – foram 20 citações, o segundo autor latino mais citado. Todavia, novamente a leitura de toda a NH contradiz as expectativas criadas no Livro I, pois numericamente foram apenas quatro citações nominais de Celso no decorrer das linhas da NH. Não estamos na posição de afirmar que em diversas passagens em que o nome de Celso não aparece seria impensável que Plínio tivesse usado de seus textos ou idéias. Claramente o “problema da citação” não é um legítimo problema para homens do século I d.C. nem um entrave para uma obra de História. Embora Plínio, em seu prefácio epistolar, lance duras palavras para os seus contemporâneos que “apenas transcrevem literalmente o que os antigos escreviam”⁴⁶⁴ – citar as autoridades seria um gesto de cortesia aos antigos.

Justamente num caso de cópia que o nome de Celso aparece pela primeira vez citado na NH: “Graecinus, que geralmente tem copiado **Celso**, pensa que não é devido a natureza desta videira que faz da Itália um solo não frutífero, mas o modo de cultivá-la, pois os produtores estão muito ansiosos para que ela coloque para fora seus brotos”⁴⁶⁵. Percebemos que a informação original advinha de Celso, mas acabou dita e propagada por Graecinus. Plínio fez questão de mencionar este fato atendendo ao prometido em seu prefácio. Claro que

⁴⁶³ MURPHY, Trevor. Op.cit., p.196.

⁴⁶⁴ Plínio, o Velho. NH. Praef. 21-22: “scito enim conferentem auctores me deprehendisse a iuratissimis ex proximis veteres transcriptos ad verbum neque nominatos”.

⁴⁶⁵ Plínio, o Velho. NH 14.33: “Graecinus, qui alioqui **Cornelium Celsum** transcripsit, appellatur non naturam eius repugnare Italiae, sed culturam avide palmites evocantium”.

os tortuosos caminhos do destino – alguns chamam do “espírito da História” – fizeram com que Plínio sofresse das mesmas acusações impostas a Graecinus. A NH seria uma cópia de vários trabalhos dentre os quais o do próprio Celso, pois de acordo com as leituras posteriores a “enciclopédia” de Plínio estava imersa nas “enciclopédias” de Varrão e Celso. Todavia, numa escala de importância das autoridades Celso decaiu enormemente se comparados o Livro I e o todo da obra. De isso retirar que Plínio não usou os textos de Celso é um posicionamento apressado e talvez leviano – o que chamamos de *exagero de argumento*. Por isso, nos limitamos a expor e compreender os usos nominais feitos por Plínio⁴⁶⁶.

A escolha de Celso em nosso trabalho não se baseou nas passagens que poderiam contribuir acerca do entendimento da NH com uma obra de História nem na construção do conceito de História, mas com o intento de apaziguar as críticas de copista que foram dadas a Plínio. Basta entendermos a chamada *dinâmica das autoridades* que veremos Varrão citado 31 vezes no Livro I e outras 98 no todo da obra. A dúvida que não conseguimos responder a conteúdo relaciona-se com as 20 citações de Celso no Livro I caindo para 4 no todo da obra. Se Varrão e Celso foram tão importantes na elaboração da NH por que um é elevado ao máximo nas duas partes da obra – Livro I e Livros 2-27 – e o outro é praticamente esquecido? Como aconteceu noutros momentos de nosso trabalho as possíveis respostas não serão dadas, pois não temos argumentos consistentes para elaborá-las. As outras citações de Celso na NH não são capazes de fornecer ajuda: “**Celso** também prescreve uma decocção da raiz em vinho como um linimento para casos de gota, sem inchaço”⁴⁶⁷ – nas duas outras passagens 21.176 e 27.132 abordam-se temas relacionados a grupos de vegetais. Nada de estátuas, elogios, honrarias, devoções. Celso é tratado como mais uma das tantas autoridades latinas, ou seja, sem o lugar de destaque que lhe foi garantido no Livro I.

Com alto grau de honraria e pouca relevância no todo da NH aparece nosso terceiro pensador: Sêneca. Pensador, político e filósofo do século I d.C. normalmente é considerado como um dos maiores expoentes do estoicismo romano. Viveu no mesmo período de Plínio e, como dito noutro momento, escreveu uma obra intitulada *Questões Naturais* que nos provocou diversos pensamentos. Seria ela um exemplar “verdadeiro” da filosofia estóica e a NH apenas um texto sem pensamento? Tais provocações já foram respondidas, mas agora nos

⁴⁶⁶ É preciso um estudo comparativo entre o que restou da obra de Celso e o todo da NH. Talvez o estudo tenha seus limites, pois Plínio teve acesso à obra completa. Logo, muitas passagens que poderiam ser atribuídas a Celso não serão consideradas devido à marca destruidora do tempo.

⁴⁶⁷ Plínio, o Velho. NH 20.29: “*Celsus et podagris, quae sine tumore sint, radicem eius in vino decoctam inponi iubet*”.

cabe pensar noutra questão: Como um indivíduo – Sêneca – que é considerado tal qual uma personificação do *doctus orator* ciceroniano, que prestou importante ajuda na formação de um imperador romano (as loucuras de Nero não foram ensinadas, diria Sêneca!), foi pouco citado numa obra monumental como a NH? Talvez a pergunte nos direcione para respostas erradas, pois a importância de Sêneca não seria colocada em xeque pelo não uso de Plínio. Devemos atentar que só a presença do nome Sêneca na NH já nos indica sua relevância, pois notável é a suprema presença de autores *antigos* e não contemporâneos a Plínio. Sêneca dividiu o mesmo tempo, as mesmas estruturas políticas e sociais de Plínio, claro, também é verdade, que de ângulações diferentes – principalmente no período de Nero. Embora, como veremos a seguir, a postura de ambos não se mostrava tão distante, pois o entendimento do estoicismo nos parece ter sido o mesmo.

Entendemos que Sêneca tenha se aproximado mais daquele *ideal de estóico* que viveria e morreria por sua filosofia – o que Paul Veyne chamou de “o verdadeiro modo de ser filósofo era viver a doutrina de sua seita, modelar a ela sua conduta e quase seu traje e, ao final, morrer por ela”⁴⁶⁸. Contudo, numa comparação entre alguns trechos do prefácio-epistolar da NH e uma das epístolas de Sêneca para Lucílio vemos como ambos os autores se assemelham no tocante à postura social e literária. Sêneca assim escreveu:

“Se eu me recolhi em casa e fechei as portas foi para poder ser útil a um maior número. Nem um único dia me chega ao fim na ociosidade; parte da noite, reservo-a para os meus estudos; não me disponho ao sono – sucumbo a ele, e deixo repousar sobre o meu trabalho os olhos cansados da vigília e já prestes a carrar-se. Retirei-me não só dos homens, como dos negócios, começando com os meus próprios: estou trabalhando para a posteridade. Vou compondo alguma coisa que lhe possa vir a ser útil (...)”⁴⁶⁹.

Destacamos alguns pontos: utilidade; estudos/ociosidade; vigília e trabalho para a posteridade. Com tudo o que vimos até aqui fica perceptível a semelhança com a proposta pliniana em sua NH. Quando Plínio escreveu que seu trabalho era “dar novidade ao velho, autoridade ao novo, brilho ao antiquado, luz ao escuro, graça ao tedioso, credibilidade ao duvidoso”⁴⁷⁰ deixou claro que seu trabalho poderia servir de testemunho para a posteridade, pois elevava temas da tradição mesclados com seu viés da inovação – tudo em nome do povo romano! Noutra passagem do prefácio-epistolar temos a confirmação de que Plínio também

⁴⁶⁸ VEYNE, Paul. **Seneca y el estoicismo**. Trad. Mónica Utrilla. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p.11.

⁴⁶⁹ Sêneca. *Cartas a Lucílio*, 7.

⁴⁷⁰ Plínio, o Velho. *NH. Praef.* 15.

dedicava as noites aos estudos, mantendo-se sempre vigilante – como um bom equestre – ajustando seu sono apenas na medida em que a saúde pedia⁴⁷¹. A semelhança entre a postura literária de ambos converge ainda mais quando a *utilidade* se mostra como meta. Talvez o recurso mais propagado por Plínio fosse o de tornar seu texto útil para aqueles que o leriam, a tal ponto que apresentou um índice para cumprir com suas ambições. As semelhanças entre ambos os pensadores podem encerrar-se com essa rápida comparação, todavia alguns apontamentos ainda nos são caros.

Noutra de suas cartas a Lucílio – número 22 – Sêneca coloca aquilo que poderia guiar as decisões de pensadores do seu tempo. Se por pensador escolhemos Plínio e por tempo escolhemos os anos de Nero a epístola carregaria muitas verdades: “Quando um estóico se der conta de que está envolvido numa situação opressiva, dúbia, ambígua deve recuar; não voltar às costas, mas sim retirar-se gradualmente para um lugar seguro”⁴⁷². Esta passagem nos remete ao período em que Plínio retirou-se de Roma, o que torna tudo mais interessante, no justo período em que Sêneca e Nero estavam no comando do principado romano. Salientamos que esta situação pode exercer influência no pouco *uso* que Plínio fez das obras senequianas, mas não foi o suficiente para apagar a grandeza de Sêneca. Nas palavras de Plínio: “**Sêneca**, a pessoa mais erudita do nosso tempo, e eminente no poder que ao final cresceu em excesso e desabou sobre seus ouvidos – um homem que estava presente em todos os eventos, mas não era admirador de frivolidades – (...)”⁴⁷³. Se Varrão poderia ser invejado pelos deuses pelo benefício dado a poucos escolhidos – imortalidade e jovialidade das pinturas – Sêneca ficou gravado como o indivíduo mais erudito do *tempo presente*. Por isso, os aparentes exageros em considerar Sêneca como o *doctus orator* (orador instruído) ciceroniano ou, se o pensássemos nos termos de autores de seu próprio tempo como Quintiliano, o *vir bonus discendi peritus* (homem de bem que sabe falar) não estaríamos cometendo nenhuma heresia historiográfica.

Vimos que Celso foi uma das autoridades mais citadas no Livro I da NH, mas sua importância decaiu no todo da obra. Com Sêneca a rotatividade não foi brusca – 3 citações no Livro I e 4 ao todo da obra -, mas sua posição superou a de Celso no que tange aos elogios. Contudo, certos estamos em afirmar que durante a leitura da NH ambos – Celso e Sêneca – acabam esquecidos por Plínio. Não queremos com isso afirmar que a importância de Celso no

⁴⁷¹ Plínio, o Velho. *NH. Praef.* 18.

⁴⁷² Sêneca. *Cartas a Lucílio*, 22.

⁴⁷³ Plínio, o Velho. *NH. 14.51*: “*Annaeo Seneca, princeps tum eruditorum ac potentia, quae postremo nimia ruit super ipsum, minime utique miratore inanum, tanto praedii huius amore capto, ut non puderet invisio alias et ostentaturo tradere palmam eam (...)*”.

tema tratado na NH deva ser desconsiderada, ou que as obras e pensamento de Sêneca são descartáveis na hora da produção e posterior leitura da obra pliniana. O que podemos sugerir deriva diretamente do método que aqui utilizamos para abordar a NH: através do mapeamento dos nomes e posterior análise dos trechos vemos que ambos os autores não compõem o plantel mais inspirador para Plínio. Justamente o elogio – *pessoa mais erudita do nosso tempo* – ganhou destaque, pois as outras três citações em que Sêneca aparece na NH são da mesma estirpe que as de Celso, ou seja, rápidas e pouco informativas: “**Sêneca** também, que entre nossos próprios escritores ensaiou uma descrição da Índia, enumera seus rios em 60 e suas raças em 118”⁴⁷⁴; “[sobre a longevidade dos peixes] **Sêneca** escreve que em viveiros da propriedade de César um peixe jogado por Polio Vedius morreu após atingir a idade de 60 anos”⁴⁷⁵; “[tomar banho frio em períodos frios para possíveis tratamentos] Disso temos nos dias de hoje uma confirmação nos escritos de **Sêneca**”⁴⁷⁶.

Certamente as três passagens não fazem relação com o *vivere naturae* dos estoicos somente pelo fato de abordarem temas do mundo natural – geografia, peixes, curas terapêuticas – mas retomando a primeira passagem compreendemos em que ponto o estoicismo de Sêneca e Plínio estão ligados: “um homem que estava presente em todos os eventos, mas não era admirador de frivolidades”. A questão estoica surge no tocante ao *finis último* da vida que deveria ser interpretado sem as vaidades, impulsos, frivolidades e fortunas da vida comum. Estar ciente de que a finitude do homem não é mera ilusão e por isso deveria-se dar valor às coisas verdadeiras, pois o luxo seria um impeditivo na concretização de quaisquer obras⁴⁷⁷.

No Livro 7 lemos o mesmo lamento de Plínio quando afirma que “somente para o homem foi concedida a tristeza e o luxo; só ele tem a ambição, avareza, o apetite incomensurável pela vida, a superstição, a ansiedade sobre o sepultamento e até mesmo sobre

⁴⁷⁴ Plínio, o Velho. NH. 6.60: “**Seneca**, etiam apud nos temptata Indiae commentatione, LX amnes eius prodidit, gentes duodeviginti centumque. par labos sit montes enumerare”.

⁴⁷⁵ Plínio, o Velho. NH. 9.167: “(...) in ea in Caesaris piscinis a Pollione Vedio coniectum piscem sexagensimum post annum expirasse scribit **Annaeus Seneca**”.

⁴⁷⁶ Plínio, o Velho. NH. 29.10: “videbamus sense consulares usque in ostentationem rigentes, qua de re exstat etiam **Annaei Senecae** adstipulatio”.

⁴⁷⁷ “Homens ocupados são aqueles que não têm tempo para a meditação, para o recolhimento, para si mesmos, para inspecionar o passado, para dobrar-se sobre si mesmos e contemplar-se. A vida desses homens é muito breve. No desejo de viver, fingem o que não são, lisonjeiam a si mesmos, enganam-se por meio do prazer. (...) Diferente desses, apenas os verdadeiros ociosos (não, no entanto, aqueles ‘ociosos’ que enchem o seu ócio com atividades prazerosas, ‘úteis’ e constantes) estão livres para a sabedoria”. (SEIBT, Cezar Luís. **Sêneca e a finitude da vida**: o que a finitude pode ensinar sobre a vida. Integração. 2009; ano XV, n.59: p.371-378)

o que vai acontecer depois que ele não existir mais”⁴⁷⁸. Noutra passagem Plínio usou da ironia ao falar dos perfumes – maiores expoentes supérfluos da luxúria, segundo ele –, pois além de caros até mesmo um escravo de Nero os usava, logo não poderia-se considerar isso um privilégio de príncipe⁴⁷⁹! Sutil é a contribuição para nossas discussões acerca do conceito de História, mas presente está. Veremos no argumento seguinte a importância que o desdém às luxúrias representa na construção discursiva, nas escolhas de personagens e na concepção do que deveria ser lembrado e, posteriormente, tornar-se partícipe da História romana através dos escritos plinianos. Se a influência de Sêneca não apareceu com tanta força na NH tal constatação não exclui a presença do estoicismo e das abordagens feitas por tal pensador sobre questões que norteiam a noção de História na Antiguidade.

Noção de História é o que guiou a escolha do quarto pensador latino: Tito Lívio. Com sua obra *Ab Urbe Condita Libri* pautada no conjunto de costumes/tradições ancestrais (*mos maiorum*) Tito buscou elevar eventos de outrora com um discurso que se voltava ao crível. Vimos anteriormente que Tito Lívio, diferente de Plínio, gozou de certo prestígio nos estudos históricos do século XIX e XX. Na onda das fundações nacionais e gritos de ordem e política uma obra que buscava contar a História de Roma desde a sua fundação até o início do século I d.C. - período do autor – possuía mais prestígio do que uma História sem apelos às conquistas, guerras, grandes feitos. Certo é que T.Lívio também passou pelo ostracismo historiográfico oitocentista tendo sofrido alguns ataques a respeito das não-verdades contidas em seu texto:

“Ao entrarem em contato com a narrativa liviana, os estudiosos oitocentistas aplicaram métodos de análise concernentes a essa incessante procura da verdade literal do passado (...) Ao evidenciarem que Lívio não descartou os mitos de fundação de Roma, nem mesmo aplicou os métodos da disciplina História segundo paradigmas objetivistas, os pesquisadores oitocentistas concluíram que a obra liviana, como fonte de estudo sobre o passado de Roma, não tinha relevância concreta”⁴⁸⁰.

Percebemos que algumas das críticas levantadas contra a NH também atingiram a obra de T. Lívio, mas certamente não foram fortes o suficiente para caracterizar a obra liviana como um escrito não histórico – talvez a força da tradição doutros séculos superou as feridas

⁴⁷⁸ Plínio, o Velho. NH. 7.5: “*uni animantium luctus est datus, uni luxuria et quidem innumerabilibus modis ac per singula membra, uni ambitio, uni avaritia, uni immensa vivendi cupido, uni superstitio, uni sepulturae cura atque etiam post se de futuro*”.

⁴⁷⁹ Plínio, o Velho. NH. 13.23: “*vidimus etiam vestigia pedum tingui, quod monstrasse M. Othonem Neroni principi ferebant, quaeso ut qualiter sentiretur iuaretque ab ea parte corporis? nec non aliquem e privatis audivimus iussisse spargi parietes balnearum unguento atque Gaium principem solia temperari ac, ne principale videatur hoc bonum, et postea quendam e servis Neronis*”.

⁴⁸⁰ COLLARES, Marco Antonio. **Representações do senado romano na Ab Urbe Condita Libri de Tito Lívio**: livros 21-30. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p.72.

feitas nos séculos XVIII e XIX. Todavia, para o argumento aqui apresentado a ideia do ostracismo oitocentista duplo – Tito e Plínio – não contribui no esclarecimento das escolhas e usos que Plínio fez para escrever sua obra. O que nos interessa é o ostracismo feito pelo próprio Plínio, pois T. Lívio não ocupou nenhum lugar de destaque em sua NH. Vimos no Primeiro Argumento que T. Lívio apareceu no prefácio-epistolar justamente por buscar glórias pessoais com a sua obra histórica. Tal postura seria digna de repúdio por parte de Plínio e por todos aqueles que buscassem elevar a *humanitas* romana acima das glórias pessoais. Contudo, nossa proposta evidencia outra situação: o pouco uso de T. Lívio (3 citações no Livro I e 2 no todo da obra) decorre da tipologia da NH. Salientamos que Plínio escreveu uma obra intitulada “História de nossa época” que foi uma continuação da História escrita por Aufídio Baso (NH. *Praef.*20), talvez nesse escrito que não nos chegou a presença de T. Lívio estaria mais evidente. Como a proposta da NH fugia das propostas normais de escritos históricos a ausência de Lívio estaria justificada pelo tema e não somente pela busca de glórias pessoais – se Plínio algum dia escutou seu sobrinho saberia que uma obra de História seria o máximo da glória pessoal, ou seja, acusar T. Lívio era uma acusação a si mesmo!

Dessa maneira, as duas citações em que o nome de Tito Lívio aparece não se remetem ao Tito Lívio historiador, mas o mostram como uma autoridade dentre tantas outras: “[sobre o Oceano Atlântico] **Tito Lívio** e Cornélio Nepos indicam que a largura no ponto mais estreito é até 7 milhas e no mais amplo até 10 milhas”⁴⁸¹ e “O comprimento dos Alpes do Adriático para o Mediterrâneo (...) por **T. Lívio** é 375 milhas”⁴⁸². Apesar de T. Lívio aparecer ao lado de informações geográficas não foram por tais estudos que Plínio o citou em seu prefácio-epistolar. No tocante a constituição de uma obra de História a presença de T. Lívio aparece como outro contemporâneo de Plínio, assim como Sêneca. Notadamente os pensadores da antiguidade não interpretavam o uso excessivo de seus antepassados como algo ruim, por isso muitos autores contemporâneos eram preteridos por outros já legitimados pela tradição – é uma postura de alguns pensadores de nossa contemporaneidade dar o título de reféns do passado aos eruditos e postura de nossa sociedade desconsiderar os intelectuais⁴⁸³!

⁴⁸¹ Plínio, o Velho. NH. 3.4: “**T. Livius** ac **Nepos Cornelius** latitudinis tradiderunt minus VII p., ubi vero plurimum, X”.

⁴⁸² Plínio, o Velho. NH. 3.132: “*Alpis in longitudinem [X] p. patere a Supero mari ad Inferum Caelius tradit, Timagenes XXV p. deductis, in latitudinem autem Cornelius Nepos C, T. Livius III stadiorum, uterque diversis in locis*”.

⁴⁸³ Num livro mordaz o prêmio Nobel de Literatura de 2010, Mario Vargas Llosa sentencia: “(...) a real razão para a perda total do interesse conjunto da sociedade pelos intelectuais é consequência direta do ínfimo valor que o pensamento tem na civilização do espetáculo. (...) Na civilização do espetáculo, o cômico é rei”. (VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p.38;41).

É através da percepção de ausência de T.Lívio que reforçamos o argumento da NH trazer uma proposta diferente ao cidadão romano que poderia olhar para sua História sem a presença do conflito armado e suas consequências políticas. Os pequenos sucessos – espetáculos locais, animais selvagens, comidas, virtudes comuns – também são acompanhados de cerimônias e ritos que deveriam ganhar registro. Se sangue e carnificina não enriqueceriam a *humanitas* romana, se os assuntos além da abóboda do céu não dizem respeito ao homem e não estão ao alcance da mente humana⁴⁸⁴, Plínio registraria memórias e apresentaria feitos e autoridades que contribuiriam ao tipo de História por ele perseguido. Esta proposta ganha força dentro dos recentes estudos de História Antiga, visto que alguns estudiosos direcionam suas discussões para os aspectos da vida cotidiana entre os antigos – feitos que foram lembrados/registrados na NH. Tal constatação já há muito é feita nos trabalhos que se apoiam na chamada cultura material, mas entender esta dinâmica do dia-a-dia através da tradição escrita é vista com alguns receios. Estes receios são compreensíveis quando se elegem os cânones da historiografia antiga e se excluem quaisquer outras possibilidades de entender o mundo antigo. Richard Hingley em sua obra “*Globalizing roman culture. Unity, diversity and empire*” expõe acertadamente suas conclusões acerca do que temos dito:

“(…) na Eneida de Virgílio (12: 827-30), Juno se refere a aspectos da cultura que remetem à identidade latina. Ela não trata de governo ou religião em grandes detalhes, mas concentra-se em aspectos comuns da vida diária: “trajes típicos”, como os Latinos chamam-se a si mesmos, e a sua “voz” (sua língua). Isto sugere que, para Virgílio, muitas das maneiras com que os latinos se identificavam uns com os outros eram íntimas e pessoais”.⁴⁸⁵

Estamos certos de que Virgílio não foi atingido com a mesma intensidade de fúria com a qual Plínio foi atormentado nos últimos séculos. Contudo, a passagem nos esclarece que o poeta romano também sugeriu as pequenas coisas, os pequenos encantos, os pequenos feitos como dignos de lembrança – como um bom poeta, através da boca de uma deusa! Não por acaso Virgílio aparece no Livro I como uma autoridade citada nove vezes – 14º autoridade mais citada. Interessante que o texto de Richard Hingley segue com observações em torno da obra *Agricola*: “Tácito menciona que o estilo romano de se vestir – toga – foi adotado na Grã-

⁴⁸⁴ Plínio, o Velho. *NH. 2.1*: “huius extera indagare nec interest hominum nec capit humanae coniectura mentis”.

⁴⁸⁵ “(...) in Virgil's Aeneid (12: 827-30), Juno refers to aspects of culture that related to Latin identity. She does not address government or religion in any great detail, but focuses upon ordinary aspects of daily life: 'native dress', what the Latin people call themselves, and their 'voice' (their language). This suggests that, to Virgil, many of the ways in which Romans identified themselves to others were fairly intimate and personal”. (HINGLEY, Richard. **Globalizing roman culture**. Unity, diversity and empire. London: Routledge, 2005, p.75-76)

Bretanha no final do primeiro século de nossa Era juntamente com banheiras, banquetes, etc.”⁴⁸⁶. Chamado por Hingley de “interesse pela vida do cotidiano” esta postura de Tácito foi amplamente assumida na NH. Para ficarmos com exemplos parecidos, no Livro 9.137 da NH Plínio recorda que foi *Lentulus Spinther*, Edil no período de Consulado de Cícero (63 a.C.), quem usou pela primeira vez a cor púrpura em um manto bordado⁴⁸⁷. O mesmo indivíduo também foi o primeiro romano a esticar toldos de cambraia⁴⁸⁸ em um teatro nos jogos de Apolo⁴⁸⁹.

São temas como estes que nos sugerem que alguns autores da antiguidade, principalmente Plínio, viam nestes pequenos elementos uma força suficiente para conectá-los à identidade do cidadão romano. Elementos estes que ora vinculavam-se ao cotidiano de uma elite romana ora serviam para exaltar até mesmo os indivíduos da mais baixa condição social. Ser o cidadão romano a realizar a primeira luta entre leões em Roma⁴⁹⁰ – *Quintus Scaevola* – dava ênfase aos pequenos feitos de uma elite; ser o primeiro homem a seccionar uma carapaça de tartaruga⁴⁹¹ exaltava a habilidade na produção de utensílios de luxo – *Carvilius Pollio* -; mas também consta, mesmo que anonimamente, que o maior exemplo de *filiae pietati* romana adveio de uma mulher pobre (*humilis in plebe*) – uma filha amamentou a própria mãe⁴⁹².

Assim, a escrita da NH contempla diversos estratos sociais, diversos feitos dignos de atenção e lembrança e com a forte característica de uma obra de História tipicamente romana, qual seja: o amparo da tradição escrita em sua obra. Talvez hoje tratássemos esta questão nos termos de uma metodologia que nos proporcionasse instrumentais teóricos: uso determinado autor por entender que sua linha de pensamento se aproxima do meu pensar; não uso determinado autor por divergências intelectuais, etc. Todavia, no que se refere aos escritos

⁴⁸⁶ “In the *Agricola*, Tacitus mentions that the Roman style of dress - the toga - was adopted in Britain in the late first century AD, along with arcades, baths, banquets”. (HINGLEY, Richard. Op.cit.)

⁴⁸⁷ Plínio, o Velho. NH 9.137: “*hac P. Lentulus Spinther aedilis curulis primus in praetexta usus inprobabatur. qua purpura quis non iam, inquit, triclinaria facit? Spinther aedilis fuit urbis conditae anno DCXCI Cicerone consule*”.

⁴⁸⁸ Tipo de tecido feito de algodão ou linho.

⁴⁸⁹ Plínio, o Velho. NH 9.23: “*carbasina deinde vela primus in theatro duxisse traditur Lentulus Spinther Apollinaribus ludis*”.

⁴⁹⁰ Plínio, o Velho. NH 8.53: “*Leonum simul lurium pugnam Romae princeps dedit Scaevola P. F. in curuli aedilitate*”.

⁴⁹¹ Plínio, o Velho. NH 9.39: “*Testudinum putamina secare in laminas lectosque et repositoria iis vestire Carvilius Pollio instituit, prodigi et sagacis ad luxuriae instrumenta ingenii*”.

⁴⁹² Plínio, o Velho. NH 7.121: “*Pietatis exempla infinita quidem toto orbe extitere, sed Romae unum, cui comparari cuncta non possint. humilis in plebe et ideo ignobilis puerpera, supplicii causa carcere inclusa matre cum impetrasset aditum, a ianitore semper excussa ante, ne quid inferret cibi, deprehensa est uberibus suis alens eam*”.

plinianos e a esta História em letras romanas o ponto que nos toca inicialmente é o apego à tradição escrita como um rompimento com a noção de História vinculada tão somente ao *olhar*. A autonomia do escrito, a importância do papel, a necessidade do registro, a conservação de uma memória selecionada, mas que visava à identidade universal de um cidadão romano, a valorização das fontes antigas como subsídio das futuras lembranças.

Num dos trechos em que o nome de Cícero aparece – último autor latino a ser apresentado aqui – temos uma indicativa da importância dada por Plínio no que diz respeito às fontes antigas: “Na casa do poeta e mais ilustre cidadão Pompônio Segundo eu vi os documentos nas mãos de Tibério e Caio Graco escritos há quase duzentos anos atrás; assinaturas de **Cícero**, de sua falecida Majestade Augusto e de Virgílio, podemos vê-las constantemente”⁴⁹³. Se lembrarmos que Cícero viveu até 43 a.C. e a escrita da NH foi executada na década de 70 d.C. entendemos a noção de raridade dos escritos que estariam nas mãos de Tibério e Caio Graco – quase 70 anos mais antigos que as obras de Cícero. Essa passagem também nos ajuda a entender que algumas das críticas feitas a Plínio não seriam válidas, pois o contato com os escritos era possível e efetivo – não apenas baseado na oralidade. Justamente a partir desse apego ao testemunho escrito que entendemos a passagem do Livro 13.70: “a imortalidade do homem depende do uso e da circulação desse material [papiro]”⁴⁹⁴. Se para Plínio a memória era o benefício mais necessário para a vida, nada melhor do que resguardar as diversas memórias numa só obra histórica. Como a memória depende de propagação para ser conservada, mas possui como característica a fragilidade⁴⁹⁵, uma das funções da NH era aliar a ânsia pela imortalidade com o registro do passado – o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro, nos diria Le Goff⁴⁹⁶. Assim, o que antes era vida ativa passa a ter a vida resguardada pelo livro!

Apesar da aparente morte da vida ativa que todo registro gera ao colocar em palavras organizadas acontecimento por acontecimento, memória por memória, não devemos ignorar a vivacidade que as gerações posteriores possuem ao acessar os registros de outrora. Renan Frighetto já nos atentava para isso quando afirmou que Isidoro de Sevilha passava por uma

⁴⁹³ Plínio, o Velho. *NH* 13.83: “*Tiberi Gaique Gracchorum manus apud Pomponium Secundum vatem civemque clarissimum vidi annos fere post ducentos; iam vero Ciceronis ac Divi Augusti Vergilique saepenumero videmus*”.

⁴⁹⁴ Plínio, o Velho. *NH* 13.70: “*postea promiscue repatuit usus rei qua constat immortalitas hominum*”.

⁴⁹⁵ Plínio, o Velho. *NH* 7.88;90: “*Memoria necessarium maxime vitae bonum cui praecipua fuerit*”; “*nec aliud est aeque fragile in homine*”.

⁴⁹⁶ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5º Ed. – Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003, p.10.

interação cultural – usando termos de Momigliano – quando estava diante da obra NH, mas vivenciando a sua própria realidade⁴⁹⁷. Daí a importância do resguardo da memória e do poder que as obras históricas possuíam/possuem nas remodelações do universo vivido por cada um. Claramente a realidade vivenciada não é prontamente organizada como o Livro I da NH – apesar das semelhanças de organização mental, pois temos a confortável sensação de pensarmos os planos físicos (céu, mar, terra) separadamente do plano metafísico (divindades) e das classificações dos seres vivos (animais irracionais, humanos, plantas). Contudo, muito dos registros subtraem a vivacidade das experiências por pura inabilidade do registrador. Este não é o caso do último pensador latino que aqui analisaremos: Cícero.

Na passagem anteriormente citada percebemos que Plínio apresenta Cícero como uma fonte acessível e muito presente em seu tempo – assim como Augusto e Virgílio. Notável que esta afirmação não possui nada de espantoso, pois os louvores e escritos do grande orador romano foram laureados⁴⁹⁸ por mais de um milênio e meio:

Ambrósio escreveu a sua obra sobre os deveres do clérigo tendo como modelo *De officiis* de Cícero; Agostinho foi levado à pergunta pelos valores verdadeiros da existência humana na escola retórica por meio da leitura do *Hortensius*; as *Tusculanae*, *De officiis* e alguns outros escritos de Cícero faziam parte, na Idade Média cristã e para além dela, do cânon das obras antigas constantemente lidas, pelas quais ainda Martin Lutero tinha grande admiração; Copérnico sentiu-se estimulado por Cícero, e até a filosofia do idealismo alemão ainda é marcada pelo recurso a escritos de Cícero⁴⁹⁹.

Noutros estudos⁵⁰⁰ realizados por nós vimos a importância de Cícero para o sobrinho de Plínio, o Velho. Nesse aspecto foi a declaração de Marcial que avivou nossas discussões:

⁴⁹⁷ Nas próprias palavras do historiador: “Ora, com esse exemplo encontramos-nos diante daquilo que Momigliano definira como ‘interação cultural’, acentuando a idéia de que o presente não pode, simplesmente, apagar o passado (MOMIGLIANO, 1970, p.94-95). Ou seja, tanto Pacato como Isidoro tinham conhecimento – e muito provavelmente tiveram diante de si manuscritos – da *História Natural* de Plínio, o Velho, e do *Epitome da História de Tito Lívio*, de Floro, o que demonstra que em termos de pensamento existia uma sólida ‘ponte’ entre o passado clássico e as realidades vivenciadas quer por Pacato, no século IV, quer por Isidoro de Sevilha, no século VII”. (FRIGHETTO, Renan. **Política e Poder na Antiguidade Tardia**: uma abordagem possível. *História Revista*. Jan./jun. 2006; v.11, n.1: p.161-177)

⁴⁹⁸ É digno de nota: Cícero também sofreu os perjúrios das leituras aquecidas por pré-conceitos de tempos posteriores. Uma destas leituras foi a do grande historiador alemão do século XIX Theodor Mommsen que, em sua obra *Römische Geschichte* afirmou: “[Sobre Cícero] Uma natureza jornalística na pior acepção da palavra; como ele mesmo diz, riquíssimo em palavras, mas pobre em ideias sobre todos os conceitos, não havia especialidade na qual ele não elaborasse rapidamente, com o auxílio de poucos livros, traduzindo ou compilando, um artigo legível”. (MOMMSEN, Theodor. **History of Rome (vol.III)**. Trad. Rev. William P. Dickson. – New York: Charles Scribner’s Sons, 1885, p.387)

⁴⁹⁹ LEONHARDT, Jürgen. **Cícero**: filosofia entre cepticismo e confissão. In: ERLER, Michael & GRAESER, Andreas. *Filósofos da Antiguidade II: do helenismo até a Antiguidade tardia, uma introdução*. Trad. Nélcio Schneider. – São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005, p.81.

⁵⁰⁰ Algumas semelhanças entre Cícero e Plínio, o Jovem realmente são pontuadas pela historiografia. Destacamos: “um e outro tiveram a sorte de nascer no seio de uma família da ordem equestre, que lhe proporcionou os meios necessários a uma formação intelectual e moral de elevado nível. Ambos se prepararam,

“Ele dedica os dias inteiros à exigente Minerva, enquanto prepara para os ouvidos dos centúvrios algo que as gerações vindouras poderão comparar com as obras do Arpinte”⁵⁰¹. Faz sentido apontarmos que seu sobrinho, Plínio o Jovem, não concordou com a comparação proposta por Marcial – apesar de não negá-la explicitamente! Apenas escreveu uma carta para Cornélio Prisco quando Marcial morreu (43 – 104 d.C.) reproduzindo parte do Epigrama citado anteriormente e com o seguinte dizer: “[Marcial] Deu-me o melhor que tinha, e se pudesse, teria me dado mais, pois, o que mais se pode dar a um homem do que um tributo que lhe traga fama e imortalidade? Talvez possa questionar que estes versos não serão imortais, talvez não, mas ele os escreveu com essa intenção”⁵⁰².

Se Marcial propôs a honrosa comparação entre Plínio, o Jovem e Cícero – com objetivos maiores que a laudação, pois Marcial estava envolto em laços de clientelismo com Plínio, o Jovem – no Prefácio Epistolar da NH temos uma alusão a Cícero, vejamos: “[Não escrevo] para os muito doutos/letrados. Não quero Manio Pérsio de leitor, mas quero Junio Congo”⁵⁰³. Esta teria sido a resposta de Cícero aos críticos de sua obra *De res publica* e Plínio a usou prevendo as críticas acerca de sua própria obra. Contudo, com uma grande diferença: Plínio dedicou sua obra para um homem letrado e douto⁵⁰⁴, o futuro imperador Tito. Logo, ele esperava as críticas de alguém específico e não de um tribunal de críticos anônimos ou pseudo-letrados. Apesar de a NH visar um público amplo não se pode tirar do horizonte que era uma obra monumental – pela extensão e conteúdos - e continha em sua primeira linha a expressão *Plinius Secundus Vespasiano Suo S.* Dessa maneira, a resposta ciceroniana é melhor compreendida no sentido de “até mesmo Cícero foi alvo de críticas”, pois Plínio não esperava por um leitor não douto quando sua dedicatória envolvia o nome de um futuro imperador.

através de estudos na área do direito e da retórica, para o exercício de funções de relevo como a de advogado, a profissão que abria então o caminho ao exercício de outras funções públicas. Ambos passaram pela experiência militar (obrigatória) e ambos se revelaram pouco atraídos por ela. Prosseguiram, depois, a carreira da vida percorrendo todos os degraus do *cursus honorum* e, por essa via, ingressando na política. Alcançando o topo da carreira política (o consulado), ambos exerceram a funções na qualidade de governadores de uma província na Ásia Menor (Cícero na Cilícia, Plínio na Ponto-Bitínia), ambos foram encarregados por provinciais de fazer a sua defesa em tribunal, ambos ocuparam o honroso cargo de áugure”. (STADLER, Thiago David. Op.cit., p.82)

⁵⁰¹ Marcial. *Epigramas* 10.20.14-27: “*Totos dat tetricae dies Mineruae,/ dum centum studet auribus uirorum,/ hoc quod saecula posterique possint /Arpinis quoque comparare chartis*”.

⁵⁰² Plínio, o Jovem. *Ep.* 3.21: “*Dedit enim mihi, quantum maximum potuit, daturus amplius, si potuisset. Tametsi, quid homini potest dari maius quam gloria et laus et aeternitas? At non erunt aeterna, quae scripsit; non erunt fortasse, ille tamen scripsit, tamquam essent futura*”.

⁵⁰³ Plínio, o Velho. *Praef.* 8: “*nec doctissimis. Manium Persium haec legere nolo, Iunium Congum volo*”.

⁵⁰⁴ Provavelmente Tito estava distante do ideal ciceroniano de *doctus orator*, mas mesmo assim Plínio louvou a oratória e o domínio da poesia do futuro imperador.

Retomando a figura de Cícero, atentamos para o fato da vinculação entre seus escritos/experiência de vida com a formação do homem romano enquanto orador, filósofo, cidadão, ou numa expressão, do ideal de humano. Cabe lembrar que Cícero por mais de vinte anos foi um dos homens mais poderosos de Roma, sendo afastado do mundo político contra a sua vontade – a primeira vez após o ano 56 a.C. quando houve a renovação do primeiro triunvirato formado por César, Crasso e Pompeu. O poder aliado à vontade de construir um ideal de homem fez surgir a figura do *doctus orator*:

Cícero [no *De oratore*] reconstituiu a história da cultura humana como ele a imaginava. (...) Portanto, é necessário, a partir de agora, reensinar os filósofos a falar, ou, o que dá na mesma, reensinar os oradores a pensar. Um orador instruído é, ao mesmo tempo, eloquente e filósofo, e uma coisa porque outra. Logo, já que é possível ser filósofo sem ser eloquente, mas não eloquente sem ser filósofo, o ideal humano que se deve perseguir é o do *doctus orator*, o orador instruído (*De oratore*, III, 142,3).⁵⁰⁵

Agora, perguntaríamos como Cícero ganhou espaço na obra pliniana quando os assuntos tratados por ambos são tão distintos? Naturalmente a maneira com a qual Plínio usou o pensamento ciceroniano não corresponde a forma habitual. O esperado, aqui pensamos, seria o uso de Cícero como expoente da formação do cidadão romano em áreas que o tornaria versado (praticamente a política, ou também chamada de filosofia prática). Todavia, a proposta educacional pliniana, se assim podemos chamá-la, visava áreas distintas das de Cícero. É perceptível até mesmo numa leitura rápida da NH que o poder da eloquência não ganha as mesmas cores que o poder dos remédios naturais, por exemplo. A eloquência perde espaço para os pequenos feitos que deveriam ser registrados e propagados como *feitos romanos*. A NH não foi pensada para atender a formação do *doctus orator* ciceroniano, mas era fundamental na formação do “romano instruído”. Daí a proximidade que a historiografia propôs ao longo dos séculos entre Varrão e Plínio, o Velho – já amenizada por nós -, pois o formato educacional varroniano teve maior impacto do que o estilo e os trabalhos sistemáticos ciceronianos. O romano instruído pensado por Plínio não seria o melhor orador, nem *apenas* o dominador de técnicas agrícolas – como muito se pensou -, mas também o homem ciente dos feitos dignos de atenção. Feitos estes não relacionados às características do romano puramente expansionista, nem puramente político, mas vinculados aos aspectos ordinários do cotidiano – luta de leões, exibição de hipopótamos e crocodilos, escravo mais caro, barbeiros, etc.

Como as lições de eloquência ciceronianas não possuem espaço nas discussões da NH percebemos que nas citações em que o nome de Cícero aparece o conteúdo é bem distante da

⁵⁰⁵ GILSON, Étienne. **A filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. – 3º ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p.202.

formação do *doctus orator*. Antes de trabalhar com as citações devemos reforçar que Cícero também foi atingido pela dinâmica das autoridades, ou seja, no Livro I sua importância é reduzida em seis citações, embora no todo da NH encontramos trinta citações em que seu nome é presente. Assim, Cícero é mais um autor que ganhou relevância no decorrer da obra pliniana deixando mais confusa a relação entre o Livro I e o todo da NH. Contudo, confuso não ficaram os usos que Plínio deu às palavras de Cícero, pois todas foram vinculadas aos assuntos específicos da formação do homem romano aos moldes plinianos. Lemos: “Também entre nós, **Cícero** afirma que o olhar de todas as mulheres que possuem pupila dupla é prejudicial em qualquer lugar”⁵⁰⁶; “[tempos para semear] Xenofonte nos diz para não começar antes do sinal da Divindade – este sinal nosso autor romano **Cícero** o entendia por uma queda de chuva”⁵⁰⁷; “Algumas regiões tornam-se mais secas em tempos chuvosos, como a região de Narnia; **Cícero** inclui isto em suas *Maravilhas* dizendo que a seca traz lama e a chuva, poeira”⁵⁰⁸; “**Cícero** em seu Livro das Maravilhas alega que somente pela água do pântano Reate as patas do gado são endurecidas”⁵⁰⁹.

Estas passagens reforçam a ideia de que a NH vincula diversas frentes educacionais: 1º) a divulgação da *curiositas* como formadora do cotidiano do homem romano. Apontamos desde o princípio de nosso trabalho que a aliança entre o “maravilhoso” e o “conhecimento” é uma das maiores marcas da NH. O problema por nós indicado foi o olhar míope de muitos estudiosos que só focaram no maravilhoso tornando quase inexistente a possibilidade de olhar para a produção e propagação doutros conhecimentos – entendemos que o maravilhoso faz parte da vida dos homens, logo também pode ser encarado como uma forma de conhecimento; 2º) as autoridades usadas por Plínio visam à legitimidade de seus escritos. Claro que esta afirmação é comum em qualquer trabalho, mas a distinção que aqui observamos é o uso de autoridades consagradas em outras áreas – caso de Cícero – estarem presentes nos assuntos concernentes a Plínio. Autores romanos citarem e usarem Cícero em temas da oratória,

⁵⁰⁶ Plínio, o Velho. NH 7.18: “*feminas quidem omnes ubique visu nocere quae duplices pupillas habeant, Cicero quoque apud nos auctor est*”.

⁵⁰⁷ Plínio, o Velho. NH 18.224: “*(...)Xenophon non antequam deus signum dederit. hoc Cicero noster imbre fieri interpretatus est, cum sit vera ratio non prius serendi quam folia coeperint decidere*”.

⁵⁰⁸ Plínio, o Velho. NH 31.51: “*quaedam terrae imbris sicciores fiunt, velut in Narniensi agro, quod admirandis suis inseruit M. Cicero, siccitate lutum fieri prodens, imbre pulverem*”. Neste trecho vemos semelhanças com algumas discussões levantadas pelos chamados Pré-Socráticos. Tanto as abordagens de Tales de Mileto e sua água como *phýsis* como um pensamento de Heráclito: “Para os vapores, tornar-se água é morte; para a água, tornar-se terra é morte; mas da terra nasce a água; da água, vapor”. Citação extraída de Clemente de Alexandria, *Stromata*, VI, 17.

⁵⁰⁹ Plínio, o Velho. NH 31.12: “*Cicero in admirandis posuit Reatinis tantum paludibus ungulas iumentorum indurari*”.

filosofia, política é algo padrão, já o citar em questões de “pupila dupla”, “queda de chuvas” e “lama, seca, chuva, poeira” tende a diferenciá-lo do comum; 3º) a insistência em apresentar certos temas vinculados ao “nosso autor”, “nosso modo”. Na primeira passagem em que Cícero é citado consta esse estilo pliniano: “Também entre nós, Cícero (...)”, ou seja, percebemos a insistência em demarcar a identidade romana em assuntos que os estrangeiros, basicamente os gregos, já haviam se colocado. Daí a importância das discussões anteriores que tocaram na fixação pliniana pelo “primeiro romano” – o que nos séculos posteriores foi chamado de *ídolo das origens*. No caso da NH não pensamos que os argumentos de Plínio buscassem qualquer origem – a origem “primeira” das coisas –, mas estavam voltados unicamente aos primeiros feitos romanos, ou melhor, focados nos primeiros *pequenos* feitos romanos – opondo-se aos primeiros *grandes* feitos narrados nas obras de História tradicionais da Antiguidade. Eis o porquê de nossa insistência no seguinte pensamento: a diferença epistemológica entre as obras tradicionalmente vistas como obras de História e a NH não reside na exaltação de feitos romanos, mas na percepção de *quais feitos foram exaltados*.

Retomando as citações em que o nome de Cícero aparece devemos pontuar que a maior parte delas – nos livros 8 e 9 – dizem respeito ao período do consulado de Cícero, ou seja, Plínio retoma o nome de Cícero como um marco temporal – *tempo personificado*. Duas últimas citações nos mostram como um autor consagrado noutras áreas pode ser pensado numa obra histórica com proposta diferenciada: “[Dizem que] **Cícero** andava de mula para uma padaria do exército e, muitas autoridades afirmam que, em sua juventude, ele apoiou a sua pobreza por longas caminhadas nas fileiras!”⁵¹⁰; “Finalmente Cícero, graças ao caso Catilina, durante seu consulado colocou o título de *eqüestre* em uma base firme, ostentando que ele mesmo surgiu a partir dessa ordem, ganhando forte suporte através de métodos inteiramente seus que garantiam a popularidade”⁵¹¹.

Na primeira citação está presente uma das noções do estoicismo romano: os estranhos olhares para a riqueza e futilidades. É perceptível que tanto Cícero quanto Plínio possuíam condições econômicas bem estabelecidas, mas o exagero e as futilidades – como anéis de ouro no lugar dos anéis de cobre, etc. – eram elencados como desnecessários até para os príncipes. Como uma das propostas da NH era desvincular-se da tradição que exaltava as conquistas e luxos orientais nada mais marcante que usar Cícero como exemplo. Se Cícero era apontado

⁵¹⁰ Plínio, o Velho. NH 7.135: “*Cicero mulionem castrensium furnariae fuisse, plurimi iuventam inopem in caliga militari tolerasse*”.

⁵¹¹ Plínio, o Velho. NH 33.34: “*M. Cicero demum stabilivit equestre nomen in consulatu suo Catilinianis rebus, ex eo ordine profectum se celebrans eiusquevires peculiari popularitate quaerens*”.

como o formador de homens romanos eloquentes e exaltado por suas qualidades de escrita, filosofia e oratória, aqui, na NH, seus traços incluem o andar de mula como amostra de sua disposição pessoal contrária aos excessos. Nada da grandiosidade individual ciceroniana, nada da postura política que o colocou como um dos melhores romanos, mas sim, o abrir mão de alguns luxos – depois Plínio cita algumas aquisições de terrenos por parte de Cícero!

A última citação nos apresenta outro problema ignorado até então: a insistência de Plínio em apontar nomes e feitos dos equestres em sua NH. Veremos adiante as conjecturações sobre a possibilidade de a NH ser uma “História dos Equestres romanos” – certamente um exagero, por isso não iremos forçar nesse argumento. Tanto Plínio quanto Cícero pertenciam à ordem equestre romana que no período de Plínio, século I d.C., estava alcançando bons posicionamentos dentro da ordem política romana. Contudo, apesar das conquistas políticas dos equestres os mesmos encontravam-se longe de figurar em uma obra histórica dedicada aos seus feitos. Todavia, alguns dos principais feitos por nós selecionados e narrados por Plínio foram efetuados por equestres ou indivíduos ainda em ascensão no *cursus honorum*. Daí a importância de Cícero colocar em bases firmes o título de equestre.

Certo está que as mais diversas vozes que compuseram a escrita pliniana forneceram princípios, imagens mentais, digressões que favoreceram a construção de uma obra de História fora dos padrões do século I d.C. Importante perceber que autores que legitimavam tantos posicionamentos – políticos, econômicos, religiosos, etc. – foram pensados por Plínio dentro de outra dinâmica. Se o seu empenho resultou numa exposição das mais variadas ideias acerca dos mais variados assuntos, o próprio tema de sua obra justificava tal produto: “a vida, em seu aspecto menos brilhante”⁵¹²! Talvez o brilhante fosse escrever sobre as grandes conquistas; falar do poder da eloquência ciceroniana; apresentar Celso e o brilhantismo da medicina; problemas filosóficos que poderiam interferir no andamento da vida humana; etc. Plínio escolheu outros temas, outras abordagens e, visivelmente, buscou justificativas para tal empreitada – basta ler a “insegurança” presente no Prefácio Epistolar.

Bertrand Russel, filósofo inglês contemporâneo, começou a sua obra de *Fundamentos de Filosofia* com a seguinte frase: “Talvez fosse de se esperar que eu comesse pela definição de filosofia, mas certo ou errado, não me proponho a tal”⁵¹³. Esta expressão poderia muito bem ser dita por Plínio na abertura de sua História Natural: “Talvez fosse de se esperar

⁵¹² Plínio, o Velho. *NH. Praef. 13*: “hoc est vita, narratur, et haec sordidissima sui parte”.

⁵¹³ RUSSEL, Bertrand. **Fundamentos da Filosofia**. Trad. Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977, p.07.

que eu começasse pela definição de *História Natural*, mas certo ou errado, não me proponho a tal”. Se a tivesse definido nosso trabalho seria facilitado ou, para outros, seria um trabalho em vão. Como a definição não foi feita abertamente buscamos com o nosso Terceiro Argumento discutir as influências e maneiras que Plínio se apoiou na tradição que sustentou a escrita de sua obra. Notadamente a maneira com que Plínio trabalhou os autores que o precederam foi diferente de alguns usos comuns às outras obras de História da antiguidade. Tal afirmação só é possível quando entendemos a NH como uma integrante do rol das obras de História da antiguidade – parte da tese que aqui defendemos. Justamente por apresentar uma proposta de História diferente da consagrada em seu tempo, nada mais esperado do que Plínio pensar suas autoridades de outra maneira. É assim que a *inovação* contribui com a *tradição*.

5 *Quarto Argumento: Da identidade*

“A verdadeira imagem do passado
passa por nós de forma fugidia”
(Walter Benjamin. *Sobre o conceito de História*)

Redefinir uma proposta. É com esta ambição que iniciamos nosso Quarto Argumento. Talvez a mesma pretensão fosse a que guiava nosso personagem no caminho de sua vida literária, ou seja, olhar para um mundo construído pelos seus antecessores e, ao mesmo tempo em que os considerou, os traiu. Traição esta que não se remete aos modelos da tragédia grega, mas se define como um não cumprimento de certos compromissos/princípios dos antigos. Escrever o que já foi escrito e aceitar modelos explicativos e epistemológicos tradicionais apenas para defender o *status quo* dos mesmos, eis os objetos da traição aqui propostos por nós e levados a cabo por Plínio. No nosso caso, homens do século XXI, traímos com maior facilidade nossos antepassados, pois mortos estão e não voltarão para defender seus pensamentos - apesar da notável existência de redutos que encaram tais traições com sussurros de “*Até tu Brutus*”. Contudo, devemos alertar que uma redefinição de proposta se dá no campo de batalha historiográfico atual. Isto significa que a traição se dá entre vivos.

Justamente esta sensação viva de embate entre ideias é descrita por Plínio em seu prefácio-epistolar, pois o autor já esperava os complementos e críticas dos leitores de suas obras, apesar de que algumas destas críticas, na opinião de Plínio, demoravam mais do que um parto de elefante! Cabe aqui uma rápida intervenção para situar a posterior discussão: devem-se relativizar as possíveis críticas que Plínio esperava acerca de seus escritos. Um livro que na abertura apresentava uma dedicatória ao futuro imperador já antecipava os louros que possivelmente seriam colhidos. Tito, o futuro imperador, destinatário do prefácio-epistolar e de toda a obra, esteve diretamente ligado ao poder imperial a partir do ano 70 d.C quando seu pai, Vespasiano, o colocou como o novo *Caesar*. Salientamos que Tito teve oficializado os títulos de *Augusto*, *Imperator* ou *Imperator Augustus* apenas após a morte de seu pai em junho de 79 d.C. Todavia, Plínio parece adiantar a aclamação de Tito, pois o chama de *iucundissime imperator* (*Praef.1*) e *imperator* (*Praef.6*) em seu prefácio – a publicação da NH é datada entre 77-78 d.C, ou seja, antes da morte de Vespasiano e da posterior sucessão de Tito. Esta discussão foi abordada por Francisco de Oliveira na obra intitulada “Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo” onde o autor apresenta sua visão sobre a possível intenção de Plínio em utilizar o título de *imperator* para Tito:

Em meu entender, neste caso Plínio está a perfilhar algo da oposição antiga entre *imperator* e *princeps*. A intenção será, através da evocação de uma dualidade histórica, alinhar com a ideologia flaviana, interessada em sublinhar a componente militar da nova dinastia como forma de legitimação do poder. Só esta ênfase dada à origem castrense do poder de Vespasiano e, portanto, a recordação do seu triunfo e da sua qualidade de triunfador, me parece poder explicar a sua aplicação também a Tito, numa perspectiva claramente dinástica.⁵¹⁴

Através desta passagem nota-se uma das principais características das *partes flavianae*: o tipo militar. Se pensarmos no exemplo de Vespasiano que troca o título de *princeps* pelo de *imperator*, fazendo-se chamar de *Imperator Caesar Vespasianus Augustus*, além de modificar as comemorações dos *dies imperii*⁵¹⁵ – opta pela aclamação das tropas ao invés do reconhecimento do senado – compreendemos que a dedicatória a Tito pode ser estendida a toda “casa flaviana”, daí o não estranhamento em oferecer a NH ao futuro imperador e não ao imperador em exercício pleno. Talvez esta postura possa ser visualizada já na expressão de abertura do prefácio “*Vespasiano Caesari Suo*”, onde Plínio manteria a equivalência e a co-regência de Vespasiano e Tito. Contudo, apesar da complexa terminologia aqui tratada – Plínio também chama Tito de *Tito Caesare imperatore* (no Livro I como uma de suas fontes usadas no Livro II) – parece-nos que Plínio utiliza mais os critérios de moralidade e utilidade social para denominar os indivíduos do que propriamente teorias específicas de governança. Francisco de Oliveira chega a afirmar que Plínio espelha as preferências terminológicas típicas de sua época não equacionando o problema da melhor designação para o governante ideal⁵¹⁶.

A possível ausência de critérios na forma de designar o governante não significa que Plínio absteve-se de enumerar características positivas de seu ilustre destinatário. Por mais que levantemos a ideia de uma dedicatória ao período flaviano é através do próprio discurso pliniano que distinguimos claramente a figura de Tito como a central. De acordo com Ruth Morello esta apresentação formal feita por Plínio pode nos indicar uma tentativa de interação entre um cidadão destacado e o imperador, pois ao dedicar sua obra a Tito, Plínio deixaria exposto ao público que ambos compartilhavam de um mesmo interesse⁵¹⁷. Nossa perspectiva é delinear *um* destes possíveis interesses compartilhados entre estes dois cidadãos destacados

⁵¹⁴ OLIVEIRA, Francisco. **Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo**. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra, 1986, p.93.

⁵¹⁵ HIDALGO DE LA VEGA, María José. **Fronteras interiores**. La adventus de Vespasiano como punto de encuentro de la pars orientis y occidentis del Imperio Romano. *Stvd.his.*, Hº antig. 1998; v.16: 101-122.

⁵¹⁶ OLIVEIRA, Francisco, op.cit., p.108.

⁵¹⁷ MORELLO, Ruth. **Pliny and the encyclopaedic addressee**. In: GIBSON, Roy K & MORELLO, Ruth (org.). *Pliny the Elder: Themes and Contexts*. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.153.

e que se remete ao todo social romano: a questão da identidade. Assim sendo, nos aproximamos muito da percepção acertada de Juliana Bastos quando a mesma propõe que um discurso que envolva a noção de identidade no período do principado romano é construído conscientemente e revelador de um conjunto de anseios, interesses e expectativas do grupo que o produziu – algo como um instrumento discursivo de poder⁵¹⁸.

Nesta interação entre *poder* e *conhecimento* deve-se estabelecer alguns pontos: ao pensarmos o conceito de poder não o fazemos sem levar em consideração três condições básicas de análise, quais sejam, 1º) quem o exerce; 2º) quem está sujeito; 3º) onde ele age⁵¹⁹. Já em relação ao conhecimento o entendemos como uma parte integrante do conceito de cultura – de modo abrangente. Assim sendo, tanto os mitos, imagens, visões de mundo, discursos, crenças, tradições, ou seja, toda esta multiplicidade composta através da interação entre indivíduo, sociedade e História é essencial para compreendermos o estudo aqui proposto. Todavia, cometeríamos um erro se isolássemos as duas perspectivas propostas, pois há contato entre as noções de *poder* e *conhecimento* e isto fica claro quando percebemos que o recurso de quem exerce a capacidade de poder não se limita ao uso da força, como poderíamos deduzir num primeiro momento, mas são numerosos e diversificados: riqueza, prestígio, amizade, carisma e, naturalmente, a informação e o *conhecimento*. Isto nos leva a cunhar uma expressão que muito nos diz a respeito da NH: o *conhecimento* está a serviço do *poder* e o *poder* legitima o *conhecimento*.

Assim a conhecida interpretação de que a NH não se construiu em bases do *conhecimento*, mas puramente a partir da informação desprovida de saber e das maravilhas da curiosidade ignorou possíveis interesses e anseios de Plínio. Trata-se de um exagero sem limites propor que uma obra da magnitude da NH não contribua com nenhuma discussão para a construção dos saberes historiográficos – seria um abuso escandaloso do ócio produtivo um humano dedicar parte de sua vida para produzir *um nada de trinta e sete volumes*! Retomando a definição de identidade mesclada com a expressão cunhada ao final do último parágrafo teríamos que tanto o *poder* quanto o *conhecimento* estão vinculados ao *interesse*. Daí entra a traição pliniana – a partir de nossas letras – em forma de questionamento: quais são os interesses e os conhecimentos contidos na NH? Qual o poder, ou quais os poderes envolvidos

⁵¹⁸ BASTOS, Juliana. **Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, 2007, p.19.

⁵¹⁹ BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política – vol.2**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 12º Ed., 2004, p.934.

na produção da NH? Se a proposta pliniana acerca da concepção de Natureza não foi radical, talvez – e aí costuramos o argumento que chamamos de *traição* - a proposta de identidade romana baseada em outras características que não as puramente militares/expansionistas possa aparecer como uma redefinição de proposta.

Revisitar uma cultura, no caso a grega; reelaborar um passado, vitorioso, mas não luxuoso; reinventar uma tradição, dando novidade ao antigo e autoridade ao novo; rememorar pequenos feitos, mas pequenos feitos *romanos*; registrar nomes de cidadãos que não seriam lembrados por grandes conquistas, descobertas, mas que integrava o *todo social romano*; eis um possível plantel de traições operadas por Plínio e, por consequência, de redefinições da identidade romana. E qual a nossa traição? Sustentar estas ideias diante de uma tradição acostumada a ver em Plínio um enciclopedista sem pensamento próprio. A amnésia contemporânea parece esquecer-se do fato de que Plínio não produziu somente a NH, logo chamá-lo de enciclopedista torna-o um enclausurado da única produção que chegou até os nossos dias. Com estas propostas não pretendemos enclausurar Plínio em nenhuma jaula conceitual, mas atentar para a possibilidade de também entendê-lo como um historiador – nos moldes da Antiguidade, é claro – que pensou uma História através de outra perspectiva.

Sustentamos nossa proposta a partir da percepção de que a NH traz *uma* construção da identidade romana dentre tantas outras possíveis. Noção que se afasta das discussões clássicas que propõem as características unificadoras da sociedade romana envoltas majoritariamente – algumas exclusivamente - nos debates jurídicos acerca do estatuto da cidadania (rastros do gigante Theodor Mommsen). Nossa proposta é outra: ao pensarmos sobre a noção de identidade romana através da NH partimos do pressuposto de que Plínio buscou tornar a Natureza, histórica. Este pensamento estrutura-se na percepção pliniana de Natureza, qual seja: a vida em seu aspecto menos brilhante. (*praef.14*). Dessa forma, escapamos do exclusivismo formado pelas palavras fauna e flora e adentramos num campo cultural. Não há que estranhar, portanto, da proposta de tornar a Natureza em tema histórico, pois se o *fazer História* é um ofício unicamente humano, chegamos à conclusão de que é o próprio homem quem faz a Natureza, histórica. Logo, para tornar a Natureza histórica, dentro de concepções culturais, é preciso destacar o papel do homem “na” Natureza. Justamente este homem que noutras produções historiográficas ocupava o lugar central e se dividia a posição era com outros homens, na NH ele aparece desfocado – melhor seria *relocado*.

Admitindo que nas ações militares, expansionistas, religiosas o homem romano estava em destaque, Plínio também o transportou para eventos menos brilhantes, tais como

construções de aviários, ensinamento de animais, culinária, etc. Neste ponto o estudioso P.Jal foi de grande importância quando afirmou: “[na NH] se encuentra otra visión de la historia, que ya no será la de las guerras, sino la de la civilización, y consistirá en contar todo lo que permite la paz”⁵²⁰. Tal postura adotada por Plínio nos convida a compreendê-lo como alguém que manteria distância dos lotófagos da Odisseia homérica, pois o fruto comido por Plínio não o faz viver num mundo em que se esquece e se é esquecido, mas num universo da memória, da lembrança e do relato – universo este que chamamos de História. Uma História tipicamente romana tanto em termos naturais, pois o mundo físico apresentado por Plínio estava sob controle do Império, quanto em termos culturais, visto que a imagem de expansionista/conquistador deveria ser cultivada pelos estrangeiros, mas entre os cidadãos romanos a *humanitas* romana poderia ser construída a partir dos feitos realizados *dentro* de Roma. Feitos sem a característica marca vermelha do sangue, ou seja, Plínio apresenta uma ideia de identidade romana construída a partir do cotidiano e longe do espírito de carnificina do humano. Como é feita esta disseminação da civilização romana vinculada a uma nova identidade do *ser romano*?

Nossa resposta atende num primeiro momento a duas circunstâncias: 1) os feitos normalmente narrados noutras obras de História da Antiguidade foram colocados em segundo plano na NH para que a grandeza *interna* – noutros termos, a grandeza do cotidiano – fosse elevada; 2) as glórias narradas por Plínio contribuíam para a consolidação do *ser romano* sem a necessidade dos outros, pois sua escrita gira em torno da concepção do “primeiro romano” e de casos que envolviam exclusivamente a figura de um romano. Percebemos estas questões quando olhamos para a NH por um viés mais amplo – traindo o próprio Plínio que comentava sobre a fragmentação de sua obra. Para explorar melhor a nossa postura frente à identidade romana vinculada a outra concepção de História na obra pliniana explicaremos o Apêndice 3 que está localizado no final de nossa tese para, posteriormente, analisar alguns trechos da NH. Em verdade, o Quarto Argumento de nossa tese é inteiramente construído a partir do Apêndice 3, o que não significa que a tabela esgota as possibilidades de se pensar identidade romana e concepção de História na NH. Seleccionamos trechos que nos são importantes para suscitar discussões nos círculos que estudam a Antiguidade. Assim sendo, o quadro do Apêndice 3 foi dividido em 7 colunas e 52 linhas:

⁵²⁰ P.JAL apud Guy Serbat. Op.cit., p.49.

- 1) Livro: apresenta a referência da informação nos moldes reconhecidos pelos estudiosos da Plínio. Por exemplo: **7.128** significa que a informação selecionada está no Livro 2 entrada 53 da NH.
- 2) Nome: apresenta nominalmente os indivíduos que Plínio elencou para compor a sua magna obra. Por exemplo: *Daphnis*.
- 3) Condição Social: apresenta os cargos ocupados pelos indivíduos citados por Plínio – algumas lacunas estão presentes⁵²¹. Percebe-se que não foram registrados apenas homens de altas funções imperiais e, assim sendo, muitos indivíduos que outrora poderiam ser esquecidos pela ausência de um *cursus honorum* foram lembrados por outras dedicações a Roma (por exemplo: escravos; a plebe; lutador; prisioneiros; comerciantes; libertos; pintores). Por exemplo: **escravo**.
- 4) Contexto: apresenta o que chamamos de *pequenos feitos* ou *feitos do cotidiano*. Aí está exposto o homem relocado em suas funções e aparições numa obra de História tipicamente romana – nos moldes plinianos. Por exemplo: **foi o escravo mais caro a ser comprado por um romano**.
- 5) Observações: apresenta comentários que auxiliam na interpretação das informações colhidas no todo da obra. Por exemplo: *Marcus Scaurus, cônsul em 115 a.C., comprou este escravo por ter habilidade com as palavras. Quem o vendeu foi Attius Pesaro*.
- 6) Autoridade (Livro I): interligação com o Apêndice 2. A proposta é compreender se os nomes selecionados como autores dos *pequenos feitos* já estavam citados entre as autoridades elencadas por Plínio em seu Livro I. Por exemplo: **apenas 5 indivíduos estão presentes tanto na lista de autoridades quanto em exemplos do cotidiano**.
- 7) Varrão (*Rerum Rusticarum*⁵²²): provocados pelas interpretações que viam em Plínio um pan-varronista sem pensamento próprio adicionamos a última coluna na tentativa de expor que para o nosso viés tal interpretação deve ser repensada. Cientes de que a leitura de Varrão era parte da educação romana e também cientes da declarada

⁵²¹ Nota-se que são poucos os casos de relatos sobre as funções exercidas pelos indivíduos na NH. Quando aparecem geralmente estão vinculados aos cargos de menor escala. Citamos um exemplo: *Sulpicius Gallus* foi cônsul em 166 a.C., mas na NH ele aparece vinculado à previsão de um eclipse quando exercia o cargo de tribuno militar (ponto destacado por Plínio).

⁵²² A escolha desta obra de Varrão se dá pela semelhança dos temas tratados e pelo peso que a tradição colocou na interdependência entre a NH pliniana e a *Rerum Rusticarum* de Varrão.

admiração pliniana pelo autor, o quadro nos mostra que penas em nove casos o nome do indivíduo encontra-se compartilhado na obra *Rerum Rusticarum* de Varrão. Note-se: o *nome* e não necessariamente o *feito do cotidiano*.

Se apresentar as divisões do quadro que compõe o Apêndice 3 é a forma mais acertada para expor nossa percepção acerca da reformulação da identidade, não sabemos. Embora seja a maneira mais objetiva, pois a partir deste Apêndice formulamos nossas inquietações em torno da identidade romana e a perspectiva histórica de Plínio. Levantamos quatro pontos distintos que convergem em certos aspectos:

- A) *Fixação de Plínio pela noção de “primeiro romano”;*
- B) *Exposição de fatos menores diante da grandeza das guerras, expansões, conquistas;*
- C) *Grandes indivíduos vinculados a pequenos feitos;*
- D) *Cidadãos comuns⁵²³ registrados ao lado de algum feito digno de nota e lembrança.*

Dos 52 casos selecionados por nós 23 dizem respeito à noção do “primeiro romano” e, em alguns casos, ao “primeiro feito”. Se a fixação pliniana sobre o “primeiro romano” não é inovadora em termos epistemológicos, pois remonta às discussões acerca das *origens* – tema comum de obras de História da Antiguidade e tornado *ídolo cronológico* por François Simiand no século XIX – talvez a importância de nossa proposta repouse no tipo de abordagem que Plínio deu acerca de tais *origens/primeiros*. Não se trata simplesmente da busca incessante pelo início de todas as coisas, mas do início de certos feitos em Roma. Que lutas de leões já teriam acontecido em diversos espaços antes de Roma, Plínio sabia. Contudo, indicar que foi *Quintus Scaevola*, Edil em 95 a.C., que trouxe pela primeira vez para Roma uma luta de leões é diferente (8.53). Primeiramente não se trata de um registro de grandes feitos como os vinculados aos movimentos expansionistas, mas de um acontecimento/feito absolutamente local. Segundo, que o indivíduo responsável por tal feito ocupava o cargo de Edil e não cargos administrativos de grande importância. *Quintus Scaevola* era um desconhecido? Definitivamente não. Contudo, seu *cursus honorum* não seria responsável por

⁵²³ Cidadão comum: indivíduos que ocupavam cargos menos significativos no *cursus honorum*, ou indivíduos fora do mundo político.

levá-lo aos lábios triunfantes da História. Nas páginas da NH ele encontrou seu lugar definitivo, pois seu feito não se vinculava com sangue, carnificina e crimes.

A escrita de uma História dos feitos comuns dos homens e da civilidade romana voltada ao discurso pacífico ganha corpo com estes exemplos. *Marcus Scaurus*, também Edil no ano de 58 a.C., foi o primeiro romano a exibir crocodilos e hipopótamos em Roma (8.96). Devemos nos questionar qual a importância de se registrar tais feitos numa obra que aos nossos olhos compõe o plantel das obras do gênero histórico da Antiguidade? A ideia que aqui defendemos é a de que a NH é uma obra de História diferente de uma História de Tito Lívio, por exemplo, pelo fato de apresentar a cultura romana – sua *humanitas* – pelo viés do cotidiano e não dependente das grandes conquistas e dos louvores externos. Feitos que qualquer cidadão romano poderia ver e sentir como “seu” sem a fixação da guerra, do sangue, da conquista, do Outro. O importante era registrar aquilo que os romanos fizeram pela primeira vez em Roma – não interessando se tal feito já havia sido realizado por outros povos em tempos distintos. Pensamos que a NH também pode ser entendida como um triunfo romano. Assim como nas ruas eram expostos os louros das vitórias das conquistas romanas, na NH vemos a exposição dos feitos romanos desfilar através das palavras de Plínio. Feitos que a força do tempo poderia apagar facilmente! Afinal de contas, quem se lembraria de que foi *Carvilius Pollio*, pertencente à camada dos equestres, o primeiro romano a seccionar a carapaça de uma tartaruga? (Livro 9.39).

Notadamente que os feitos registrados por Plínio ganhavam importância na medida em que eram reconhecidos como partícipes da cultura comum dos que recebiam sua obra. Apesar de Plínio escrever que sua obra não necessitava de doutos como leitores não se pode amenizar o fato da NH levar o nome do futuro imperador romano na primeira página da obra - em terras em que o poder reina não existe inocentes! Todavia, sua obra também contemplava aquele homem tipicamente romano que não chegaria a ocupar o posto mais alto de prestígio no Império, mas nem por isso deixava de contribuir na construção de uma identidade romana. Enfatizamos que a NH não é uma obra que louva homens sem importância para o cenário político-cultural de Roma, mas que nos mostra duas possibilidades de expor homens e feitos. A primeira expõe grandes nomes da política romana vinculados a pequenos feitos e não aos seus grandes feitos políticos. Por exemplo: *Lucius Papirius Cursor* no século IV a.C. foi cônsul por cinco vezes e ditador por outras duas vezes, porém na NH ele merece destaque por ser o primeiro romano a construir um relógio no Templo de Quirinus em honra a seu pai (7.213). Com isso não queremos afirmar que um relógio não tivesse significado para o

momento relatado, mas com certeza ficaria esquecido noutras obras que privilegiassem somente a carreira política e militar de *Lucius Cursor*.

A segunda possibilidade por nós levantada diz respeito aos homens que não ocupavam lugares centrais na política romana, mas aparecem vinculados aos pequenos feitos igualmente àqueles homens de maior destaque. Por exemplo: *Publius Titinius Mena* que nem sequer é relatado sobre suas funções públicas na NH foi o primeiro a levar barbeiros para Roma no ano 300 a.C. (7.211). Nas linhas que se seguem Plínio apenas comentou que Augusto não dispensava a navalha. Percebemos que *Publius Mena* dificilmente seria lembrado por este fato mesmo cientes de que a necessidade de um barbeiro era evidente para os homens de vida pública – a confiança nestes trabalhadores era imensa, pois a navalha deslizava no pescoço dos homens destacados. Outro exemplo é o de *Sergius Orata* que Plínio apresenta em seu Livro 9.168 como o primeiro romano a construir um criadouro de ostras em Roma. Sua função social estava ligada ao comércio e algo próximo a um engenheiro hidráulico. Tal indivíduo aparece noutras obras como na *De Oratore* de Cícero e, posteriormente, nas *Saturnais* de Macróbio. Contudo, nestas obras a aparição de *Sergius Orata* está ligada aos processos públicos por ele enfrentados, visto sua enorme riqueza. Na NH sua importância é unicamente a de criador de ostras.

Estas discussões ganharam clareza quando comparamos estas situações de *pequenos feitos* com nossos estudos anteriores acerca das virtudes. Através da escrita de nossa dissertação de mestrado percebemos que as virtudes que adornavam imperadores eram quase impossíveis de constarem no plantel de virtudes do homem comum romano⁵²⁴. Signos de máxima distinção são bons para um governante, mas quando o distingue em demasia tornam-se ineficazes. No caso da NH propomos a mesma dinâmica: feitos grandiosos são ótimos para o convencimento da população e para o enfrentamento com o inimigo. Contudo, para a elaboração de um sentimento de *pertencimento* a *humanitas* romana, ou seja, a noção de participação em algo maior do que nós mesmos, mas não irreal, fora dos padrões acessíveis, os feitos do cotidiano teriam enorme valor. Daí a importância da NH registrar feitos realizáveis e nomes de cidadãos que circulavam entre muitos outros. Não era preciso ser um imperador ou um cônsul para aparecer num livro de História – apesar de também aparecerem

⁵²⁴ Dissertação concluída em 2010 sob orientação de Prof. Dr. Renan Frighetto – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná - intitulada: *O poder das palavras na idealização de um príncipe: Epistolário cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 d.C.)*.

-, pois a exibição de hipopótamos, crocodilos, leões, exemplos de piedade e culinária poderia ser feita por um Tribuno da Plebe, por exemplo.

Vista de perto, a NH proporciona através de lutadores, escravos e mesmo mulheres da *humilis in plebe* certas lições que, se bem entendidas, merecem destaque para a construção de uma identidade romana civilizada. Vejamos um dos mais belos exemplos da NH:

É verdade que sobre o afeto de filhos se tem incontáveis casos ao redor do mundo, mas em Roma, um caso é incomparável. Uma mulher plebeia de baixa posição social e, portanto, desconhecida, que acabara de dar à luz uma criança, tinha permissão para visitar sua mãe que estava presa por ocasião de alguma punição, mas em todas as visitas era revistada pelo guardião que a proibia de levar qualquer comida para dentro da cela. [Certa vez] ela foi pega dando sustento à sua mãe através de seus próprios seios. Em consequência desta maravilhosa demonstração de piedade a filha foi recompensada com a liberação de sua mãe e ambas foram agraciadas com proventos para o resto de suas vidas; bem como o local onde isto aconteceu foi consagrado à deusa em questão e um templo dedicado a Piedade foi construído no local da prisão⁵²⁵.

Nota-se que a laudação a Roma típica dos escritores do principado romano também é clara na obra pliniana. Vários exemplos de afeto poderiam ser citados, mas nenhum comparável ao que aconteceu em Roma. Contudo, diferente do que muitos poderiam pensar este exemplo não vem das camadas superiores nem mesmo de imperadores. Plínio destaca uma mulher comum, ou seja, desvalorizada no cotidiano, sem acesso a nenhum cargo político e longe de quaisquer círculos literários, pois sua condição de *humilis in plebe* retirava qualquer possibilidade de vínculo com o poder estabelecido. Este exemplo nos faz pensar sobre a íntima relação entre a concepção diferente de História e a de Identidade romana na NH: a noção de História aparece quando Plínio rememora um indivíduo sem nenhuma expressividade social, mas com amplo destaque pela ação feita. Não se trata de qualquer ação, mas de uma marca puramente natural – leite – vinculada a uma característica humana e divina – a piedade. Em verdade, um pequeno feito (amamentação) realizado por uma pequena mulher (*humilis in plebe*) que proporciona uma enorme lição moral para todos os cidadãos romanos. Dessa forma, esta concepção de História construída através de *orgulhos internos* poderia, juntamente com as grandes conquistas e discursos políticos, participar da formação de uma identidade romana mais completa⁵²⁶. Essa fusão de ideais contribuía para a imagem de

⁵²⁵ Plínio, o Velho. NH 7.121: “*Pietatis exempla infinita quidem toto orbe extitere, sed Romae unum, cui comparari cuncta non possint. humilis in plebe et ideo ignobilis puerpera, supplicii causa carcere inclusa matre cum impetrasset aditum, a ianitore semper excussa ante, ne quid inferret cibi, deprehensa est uberibus suis alens eam. quo miraculo matris salus donata pietati est, ambaeque perpetuis alimentis, et locus ille quidem consecratus deae (...)*”.

⁵²⁶ Como não temos condições de desenvolver mais a fundo uma hipótese que surgiu durante o doutoramento apenas deixamos aqui como provocação: a NH seria uma obra de História que proporciona destaque aos

Roma como centro de um mundo conquistado em que tanto se absorviam as coisas ao redor como, em muitas instâncias, as substituíam por outras melhores. Mais do que um simples inventário objetivo da natureza a NH é a expressão de uma sociedade acostumada com o triunfo externo, mas que, assim como *Petreio Atinati*, o único centurião a ganhar uma coroa de ervas, faltava a Roma uma coroa para homenagear os seus *pequenos feitos*. Plínio não falou das belas flores – terrível metáfora para guerras, conquistas e expansões -, mas enfatizou os recursos e maravilhas que estavam sob o comando do Império, assim como, contribuiu para o entendimento de novas perspectivas de se pensar a História e a formação identitária romana.

equestres – grupo social do qual Plínio advinha. Vários dos pequenos feitos que estão elencados no Apêndice 3 foram levados a cabo por integrantes do grupo dos equestres. Seria exagero pensar numa História dos Equestres, mas é inevitável afirmar que a questão da identidade romana passa pelos feitos dos equestres.

PENSAMENTOS FINAIS

A maneira como expomos nossas conclusões proporciona dois tipos de leitura: 1º) se vistas sem a leitura prévia da tese trazem reflexões gerais sobre diversos pontos do *fazer História* e do *pensar historicamente*; 2º) se lidas como *pensamentos finais* desta tese apresentam a tentativa de aproximar um pensamento geral – expresso nos pensamentos – de um raciocínio desenvolvido em cada uma das divisões da tese. No fundo, tais pensamentos são oriundos das diversas inquietações que fundamentaram esta tese. É certo que para muitos tais pensamentos não corresponderão às *respostas* esperadas em um local de conclusões, contudo pedimos que mesmo assim fossem lidas como *respostas*. Se a busca for por conclusões mais tradicionais as mesmas foram dadas ao longo da tese

Pensamento I

A atual espetacularização do conhecimento tem como consequência o império do efêmero e do descompromisso. Sustentar certas ideias que exigem maior domínio de discussões históricas em uma sociedade em que sua principal base é o *agora* transforma o locutor em um prisioneiro de pequenos grupos. (*Reflexão geral sobre o trabalho de um historiador*)

Pensamento II

A insistência de determinados intelectuais em sufocar novas ideias no campo da pesquisa histórica mostra a caducidade de nossa formação acadêmica. A necessidade em submeter-se a qualquer custo aos *ismos* das correntes de pensamento para que tenhas valia o próprio pensar é um diagnóstico do maior dos *ismos* de nosso tempo: o “*pequenismo*”. (*Dimensão de Plínio, o Velho: tradição, críticas, novos estudos e nosso pensar*)

Pensamento III

Ignorar o poder do *esquecimento* e da *seleção arbitrária* no processo de construção dos saberes históricos é um erro capital. Ambos podem transformar um gigante num punhado de poeira e uma simples reflexão num estrondoso mantra. (*Sobre a valorização de certos escritos da Antiguidade e a desvalorização da História Natural*)

Pensamento IV

As belas palavras possuem dois encantamentos perigosos para quem as usa: o convencimento e o esconderijo. (*Um “monstro da prosa”: breves considerações sobre a escrita de Plínio, o Velho*)

Pensamento V

Muda-se a época. Muda-se o problema. Muda-se a solução. Muda-se o ofício. Permanece a inquietação humana. (*Sobre a desvalorização do sensível: a filosofia e seus descontentamentos*)

Pensamento VI

Que sejam espoliados os reinos da interpretação única. Limites sim, privilégio exclusivo não. (*De homem sábio a compilador sem pensamento: leituras da História Natural*)

Pensamento VII

Tanto *tradição* quanto *inovação* possuem traços do conservadorismo: ambas exigem que suas propostas sejam levadas a sério. (*Velhos problemas e novos estudos sobre a obra pliniana*)

Pensamento VIII

O que é o homem? Inúmeras foram as respostas dadas por filósofos, historiadores, poetas, cientistas e tantos outros. Desde a marca do riso, da razão, do juízo, do trabalho, da medida de todas as coisas até os signos de distinção entre o homem individual e o homem social. Independente da escolha que fizeste é a certeza de possuir cada vez menos sonhos e mais lembranças que torna o homem quem ele é. (*De sandálias e respiração forte: um homem sábio e tipicamente romano*)

Pensamento IX

Se me engano, existo – disse Agostinho em sua Cidade de Deus. Nada mais enganosa do que uma existência pautada na ilusão de um pêndulo que se movimenta entre o extremo da falta e o extremo do excesso e o objetivo repousar no equilíbrio perfeito. (*Quem exagera o argumento prejudica a causa*)

Pensamento X

Compreender a noção de História propagada nas diversas épocas e sociedades pode fornecer material precioso para as discussões do tempo presente. Seja pela busca da imortalidade ou por mero compromisso profissional o registro da memória é um pilar que se mantém quase inabalável nas concepções de História. Quais memórias são dignas de atenção? O registro *de tudo* nunca corresponderá à vivacidade do tempo vivido, pois as letras não possuem carne e sangue. Mas o que seria do homem se não houvesse a possibilidade de vivenciar pelas letras as diversas vidas que nunca poderá ter? (*Primeiro Argumento*)

Pensamento XI

Justamente o maior temor do homem transformou-se no maior objeto de inveja dos seres divinos: a *mortalidade*. Sem ela seríamos meros espectadores do infinito sem a ânsia de estar

sempre diante daquilo que pode transformar nosso viver. *Ver, ouvir e saber de tudo* retira a beleza do inevitável e do indeterminável. (*Segundo Argumento*)

Pensamento XII

O uso de grandes pensadores para compor uma obra própria é algo plenamente justificável quando não se confunde *insegurança* com *precisão*. (*Terceiro Argumento*)

Pensamento XIII

Quão difícil é libertar-se dos sepulcros do cemitério de ideias que formam o tão apregoadado conhecimento histórico. Muitas vezes, prisioneiros destes túmulos, historiadores vagam como um fantasma ocioso no jardim da História revisitando todas as belezas e as curiosidades que este oferece à vista, mas como fantasmas são incapazes de atuar historicamente. (*Quarto Argumento*)

FONTES

ALIGHIERI, Dante. **De vulgari eloquentia**. Trad. Marianne Shapiro. - Nebraska: University Nebraska Press, 1990.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Giovanni Reale. - São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **Poética**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. - 4º Ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1991. - (Os pensadores: v.2).

AULO GÉLIO. **Noches áticas**. Trad. M. Carmen Barrigón Fuentes y Jesús M. Nieto Ibáñez. - Madrid: Ediciones Akal, 2009.

BACON, Francis. **The works of Francis Bacon**. (Sp) Ed. Spedding, Ellis and Heath. - London: Longmans & Co, 1889.

BURY, Richard. **Philobiblon**. Trad. Marcello Rollemberg - Cotia, SP: Atêlie Editorial, 2004.

HERÓDOTO. **História**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1988.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. - 3º Ed. - São Paulo: Iluminuras, 1996.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Trad. TORRANO, José Antonio Alves. - 3º ed. - São Paulo: Iluminuras, 1995.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. NUNES, Carlos Alberto. - São Paulo: Hedra, 2011.

HUGO OF ST. VICTOR. **Didascalicon**. Trad. Jerome Taylor. - New York and London: Columbia University Press, 1961.

ISIDORO DE SEVILLA. **Etimologías** (libros XI-XX). Trad. OROZ RETA, Jose & MARCOS CASQUERO, Manuel A. - Madrid: La Editorial Catolica S.A, 1983.

MARCIAL. **Epigramas**. Trad. Paulo Sérgio Ferreira. - Lisboa: Edições 70, 2004.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio** - vol.1. São Paulo: Nova Cultural, 2001.

PAULO THE DEACON. **Historia Langobardorum**. Trad. Willian Dudley Foulke. - Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

PETRARCA, Francesco. **Invectives**. Trad. David Marsh. - Massachusetts: Harvard College, 2003.

- PLATÃO. **Fédon**. Trad. NUNES, Carlos Alberto. - Pará: ed.ufpa, 2013.
- PLINIO EL JOVEN. **Epistulae (Tomo I-II)**. Trad. MÁRQUEZ, Diego & SÁNCHEZ, Darío. - Córdoba: Alción Editora, 2005.
- PLINY. **Natural History (1-37)**. Trad. RACKHAM, H & JONES, W.H.S & EICHHOLZ, D.E. - Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1991.
- PLINIO EL VIEJO. **Historia Natural – libros I-II**. Trad. Antonio Fontán, Ana Maria Moure Casas (et all...). - Madrid: Editorial Gredos, 1995.
- POLÍBIO. **Histórias**. Trad. Mário de Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1996.
- QUINTILIANO. **Instituciones Oratoria (tomo II)**. Trad. Ignacio Rodríguez e Pedro Sandier. - Madrid: imprenta de Perlado Páez y compañía (Biblioteca Clásica), 1916.
- SENECA. **Natural Questions (vol.II)**. Trad. CORCORAN, Thomas H. - Massachusetts, London: Harvard University Press, 1972.
- SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida** (Cartas a Paulino). Porto Alegre: L&PM, 2007.
- _____. **Cartas a Lucílio**. Trad. SEGURADO E CAMPOS, J.A. – 2º ed. – Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- SUETONIUS. **Lives of the Caesars (vol.II)**. Trad. ROLFE, J.C. - Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1914.
- TACITUS. **Annals (1-16)**. Trad. JACKSON, John. - Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1937.
- _____. **Histories (1-3)**. Trad. MOORE, Clifford H. - Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1925.
- TOMÁS DE AQUINO. **Verdade e Conhecimento**. – 2º Ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**: livro I. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado; Jacqueline de Romilly. – 3º Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. – 2º ed. – São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ÁLVAREZ PELÁEZ, Raquel. **La Historia Natural em tiempos del emperador Carlos V**. La importancia de la conquista del Nuevo Mundo. *Revista de Indias*. 2000; vol.LX, núm.218: p.13-31.

ANTÔNIO DE PAULA, João. **A ideia de nação no século XIX e o marxismo**. *Estudos Avançados*. 2008; 22 (62): p.219-235.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.

_____. **Símbolo, palavra y algoritmo**. *Cultura e historia em tiempos de crisis*, 1993.

AURELL, Jaime. **Los grandes relatos, el fin de la historia y la historiografía reciente**. In: *El fin de la Historia*. Universidad Adolfo Ibañez: Ediciones Altazor, 2008.

BATTISTIN SEBASTIANI, Breno. **Políbio e o imperialismo romano**. *Proj. História*. Jun.2005; n.30: p.197-209.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **As musas ensinam a mentir (Hesíodo, Teogonia, 27-28)**. *Ágora – Estudos Clássicos em Debate*. 2000; 2: 7-20.

BURCKHARDT, Jacob C. **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**; trad. Sérgio Tellaroli. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAREY, Sorch. **Pliny's catalogue of culture: Art and Empire in the Natural History**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

COLLINGTON, Philip D. **Othello the Traveller**. *Early Theatre*. 2005; v.8: 73-100).

CORTÉS, Juan Manuel. **Notas sobre la politica educativa de los Flavios y Antoninos**. *Periodico Habis*. 1995; n.26: p.165-175.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DEN BOER, W. (ed.) **Les Études Classiques aux XIXe. et XXe. siècles: leur place dans l'histoire des idées**. Genève: Vandoeuvres/Fondation Hardt, 1979.

DETIENNE, Marcel. **Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

DOODY, Aude. **Pliny's Encyclopedia: the reception of the Natural History**". Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. **Pliny's Natural History: Enkuklios Paideia and the Ancient Encyclopedia.** Journal of the History of Ideas. Janeiro/2009; vol.70, n.1: p.1-21.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. **Os limites da Interpretação.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

EHRHARDT, Marcos Luis. **O arquiteto do social: Sêneca e a construção de modelos para a sociedade romana nos tempos do principado a partir da historia magistra vitae.** 2008. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, 2008.

ELDERS, Leo J. **La Historia, su sentido y su fin.** In: El fin de la Historia. Universidad Adolfo Ibañez: Ediciones Altazor, 2008.

ERLER, Michael & GRAESER, Andreas (org.). **Filósofos da Antiguidade II: do helenismo até a Antiguidade Tardia, uma introdução.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

EVA, Luiz. **Francis Bacon: ceticismo e doutrina dos ídolos.** Cad. Hist. Fil. Ci. Jan-jun/2008; Série 3, v.18, n.1: p.47-84.

FRIGHETTO, Renan. **A Antiguidade Tardia.** Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras numa época de transformações (séculos II – VIII). Curitiba: Juruá Editora, 2012.

_____. **Historiografia e poder: o valor da história, segundo o pensamento de Isidoro de Sevilha e de Valério do Bierzo (Hispania, século VII).** Revista História da Historiografia. 2010; núm.05: 71-84.

_____. **Política e Poder na Antiguidade Tardia: uma abordagem possível.** Revista História. Jan./jun. 2006; v.11, n.1: p.161-177.

GAZOLLA, R. **O ofício do filósofo estoico: o duplo registro do discurso da Stoá.** São Paulo: Loyola, 1999.

GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) **Pliny the Elder: themes and contexts.** Leiden.Boston: BRILL, 2011.

GILSON, Étienne. **A filosofia na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. – 3º ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. Curitiba: Criar Edições Ltda, 2006.
- GONZÁLEZ MARÍN, Susana. **Una lista de autores literarios en Plinio el Viejo**: Natvralis Historia VII 107-117. Emerita. 2003; LXXI 1: p.95-114.
- _____. **El libro 1 de la Historia Natural de Plinio el Viejo, texto o paratexto?** Veleia. 2006; n.23: p.247-265.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. **Uma morfologia da História**: as formas da História Antiga. POLITEIA: Hist. e Soc. 2003; v.3, n.1: p.41-61.
- GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Capítulos de História**: o trabalho com fontes. Curitiba: Aymarã Educação, 2012.
- HARTOG, François. **Os Antigos, o passado e o presente**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- HEALY, J.F. **Pliny the Elder on Science and Technology**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- HIDALGO DE LA VEGA, Maria José. **El intelectual, la realeza y ele poder político en el Imperio Romano**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.
- _____. **Fronteras interiores**. La adventus de Vespasiano como punto de encuentro de la pars orientis y occidentis del Imperio Romano. Stvd.his., Hº antig. 1998; v.16: 101-122.
- HINGLEY, Richard. **Globalizing roman culture**. Unity, diversity and empire. London: Routledge, 2005.
- INWOOD, Brad (org.). **Os estoicos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- KAHMANN, Andrea Cristiane. **Sobre tradições, traduções e traições**: o caso do Gaúcho (de cá e de lá). Revista Cultura & Tradição. 2011; v.1, n.1: p.01-09.
- KOSZTOLÁNYI, Dezsö. **O Leitor**. In: Contos húngaros. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Hedra, 2010.
- LACERDA, Sonia. **Metamorfose de Homero**: História e Antropologia na crítica setecentista da poesia épica. Brasília: Editora da UnB, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- _____. **L'imaginaire médiéval**. Paris: Gallimard, 1991.

- LEVORIN, Paulo. **A República dos antigos e a República dos Modernos**. 2001. Tese (Doutorado de Ciência Política) – Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- LOPES TEIXEIRA, Ivana. **Romanidade em Plínio, o Antigo, e a Naturalis Historia como um “projeto” político-pedagógico**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo.
- LOPES, Marcos Antônio (org.). **Ideias de História: tradição e Inovação de Maquiavel a Herder**. Londrina: EDUEL, 2007.
- MARQUES, Juliana Bastos. **A história magistra vitae e o pós-modernismo**. Rev. História da Historiografia. Agosto/2013; n.12: p.63-78.
- _____. **Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, 2007.
- MARROU, Henri Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: E.P.U., 1973.
- MENEGUELLO, Cristiana. **Algumas considerações sobre o conceito de História segundo Voltaire**. Locus – Revista de História. 1997; vol.3, n.2: p.67-86.
- MILLAR, Fergus. **Pliny the Procurator**. Harvard Studies in Classical Philology. 1969; vol.73: p.201-236.
- MOMMSEN, Theodor. **History of Rome (vol.III)**. Trad. Rev. William P. Dickson. New York: Charles Scribner's Sons, 1885.
- MOSER, Paul K. **A teoria do conhecimento: uma introdução temática**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. – 2ºed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.
- MURPHY, Trevor. **Pliny the Elder's Natural History: the Empire in the encyclopedia**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986.
- ORDÓÑEZ DÍAZ, Leonardo. **Historia, literatura y narración**. Historia Crítica. Julio-diciembre/2008; n°36: p.194-222.
- PEGORARO, Olinto A. **Sentidos da história: eterno retorno, destino, acaso, desígnio inteligente, progresso sem fim**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RAMOS MALDONADO, Sandra. **Plinio el Viejo y Séneca ante la Naturaleza**. Excerpta Philologica. 2000-2002; n.10-12: p.391-404.

REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

ROLDÁN HERVÁS, José Manuel. **História de Roma**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.

RUIZ DE ELVIRA, Antinio. **Universitas y Encyclopedia (I)**. Revista Habis. 1997; n.28: p.349-367.

_____. **Universitas y Encyclopedia (II)**. Revista Habis. 1998; n.29: p.349-369.

RUSSEL, Bertrand. **Fundamentos da Filosofia**. Trad. Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

RUY, Maria Lucília. **Formação das palavras** – Livro VIII da gramática de Varrão. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2006.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Trad. Dom Marcos Barbosa. – 48ed. – Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a morte**: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **A arte de escrever**. Trad. Pedro Sussekind. – Porto Alegre: L&PM, 2007.

SEIBT, Cezar Luís. **Sêneca e a finitude da vida**: o que a finitude pode ensinar sobre a vida. Integração. 2009; ano XV, n.59: p.371-378.

SERBAT, Guy. **Plinio el Viejo**. Madrid: Editorial Gredos, 2011.

_____. **Introducción General**. In: PLINIO EL VIEJO. Historia Natural – libros I-II. Trad. Antonio Fontán, Ana Maria Moure Casas (et all...). Madrid: Editorial Gredos, 1995.

SPINELLI, Miguel. **O nascimento da filosofia grega e sua transição ao medievo**. Caxias do Sul: Educs, 2010.

STADLER, Thiago David. **Considerações sobre o Livro I dos Solilóquios de Marco Aurélio**. In: LONGHI, Armino José (org.) Filosofia, Política e Transformação. São Paulo: LiberArs, 2012.

_____. **O Império romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta (Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C).** Curitiba: Juruá Editora, 2013.

TURIN, Rodrigo. **Os antigos e a nação:** algumas reflexões sobre os usos da antiguidade clássica no IHGB (1840-1860) . L'Atelier du Centre de recherches historiques [En ligne], 07 | 2011, mis en ligne le 17 avril 2011, consulté le 06 février 2014. URL : <http://acrh.revues.org/3748> ; DOI : 10.4000/acrh.3748.

UZCÁTEGUI, Laura M. **El saber transmitido.** De la Naturalis Historia de Plinio el Viejo a Naufragios de Álgvar Núñez Cabeza de Vaca. Lemir. 2010; v.14: 247-258.

VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo.** Trad. Ivone Benedetti. – 1º ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre Mito e Política.** Trad. Cristina Muracho. – 2º ed. – São Paulo: Edusp, 2002.

VEYNE, Paul. **Os gregos acreditavam em seus mitos?.** Trad. Mariana Echalar. – 1º Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. **Seneca y el estoicismo.** Trad. Mónica Utrilla. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

VOSSLER, Otto. **L'idea di nazioni dal Rousseau al Ranke.** Firenze: G.C. Sansoni-Editore, 1949.

APÊNDICE 1: Tabela com os autores estrangeiros que aparecem no Livro I da NH

Fontes	Livros citados como autoridade	Número de citações no Livro I
<i>Democrito</i>	2; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 30; 31; 33; 34; 35; 37	30
<i>Theophrasto</i>	3; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 31 33; 35; 36; 37	27
<i>Metrodoro Scepsio</i>	3; 4; 5; 6; 7; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 33; 34; 35; 37	18
<i>Dionysio medico</i>	4; 5; 12; 13; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 31; 33; 34; 35; 36	17
<i>Nicandro</i>	8; 10; 11; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 29; 30; 31; 32; 36; 37	17
<i>Iuba rege</i>	5; 6; 8; 10; 12; 13; 14; 15; 25; 26; 28; 31; 32; 33; 36; 37	16
<i>Hesiodo</i>	7; 10; 11; 14; 15; 16; 17; 18; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 28	15
<i>Xenocrate Ephesio</i>	12; 13; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 30; 33; 34	15
<i>Andrea</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 31; 32; 33; 34; 35	14
<i>Apollodoro</i>	4; 6; 11; 12; 13; 24; 25; 26; 27; 29; 30; 33; 34; 35	14
<i>Aristotele</i>	2; 5; 7; 8; 9; 10; 11; 14; 15; 17; 18; 28; 29; 30	14
<i>Callimacho</i>	4; 5; 6; 7; 9; 10; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 31;	14
<i>Iolla medico</i>	12; 13; 20; 21; 22; 23; 24; 25;	14

	26; 27; 28; 33; 34; 35	
<i>Diagora medico</i>	12; 13; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 33; 34; 35	13
<i>Mneside medico</i>	12; 13; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 33; 34; 35	13
<i>Asclepiade medico</i>	7; 11; 14; 15; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	12
<i>Hippocrate medico</i>	7; 11; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 31	12
<i>Alexandro Polyhistore</i>	3; 4; 5; 6; 7; 9; 12; 13; 16; 36; 37	11
<i>Anaxilao</i>	19; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 28; 29; 30; 31	11
<i>Erasistrato</i>	11; 14; 15; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	11
<i>Heraclide</i>	4; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 33; 34; 35	11
<i>Lyco</i>	12; 13; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 31	11
<i>Chrysippo</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 29; 30	10
<i>Hicesio</i>	14; 15; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	10
<i>Homero</i>	10; 16; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 28; 29	10
<i>Menandro</i>	19; 20; 21; 22; 25; 26; 27; 30; 31; 33	10
<i>Orpheo</i>	21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 30	10
<i>Olympiade Thebana</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28	9
<i>Xenophonte Lampsaceno</i>	3; 4; 5; 6; 7; 14; 15; 17; 18	9
<i>Antigono Cumaeco</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18; 33; 34	8
<i>Apollodoro Citiense</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Apollodoro Tarentino</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8

<i>Attalo rege</i>	8; 11; 14; 15; 17; 18; 28; 31	8
<i>Cleophanto</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Crateua</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Damione</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Dieuche</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Diocle</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Epicharmo</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Eudoxo</i>	2; 4; 5; 6; 7; 18; 30; 31	8
<i>Glaucia</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Herodoto</i>	2; 5; 7; 8; 12; 13; 19; 36	8
<i>Medio</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Miccione</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Onesicrito</i>	2; 6; 7; 10; 12; 13; 14; 15	8
<i>Petricho</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Petronio Diodoto</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Philino</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Philistione</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Plistonico</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Praxagora</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Pythagora</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Solone</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Sosimene</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Archedemo medico</i>	12; 13; 29; 30; 33; 34; 35	7
<i>Artemidoro Ephesio</i>	2; 3; 4; 5; 6; 7; 36	7
<i>Bione Solense</i>	6; 8; 10; 14; 17; 18; 28	7
<i>Botrye medico</i>	12; 13; 29; 30; 33; 34; 35	7
<i>Duride</i>	7; 8; 12; 13; 33; 34; 36	7
<i>Euphronio Athenaeo</i>	8; 10; 11; 14; 15; 17; 18	7
<i>Mago traduzido por Dionysio</i>	8; 10; 11; 14; 15; 17; 18	7
<i>Magone</i>	21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	7
<i>Mnsitheo</i>	21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	7
<i>Philometore rege</i>	8; 10; 11; 14; 15; 17; 18	7
<i>Simo</i>	21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	7
<i>Sophocle</i>	21; 22; 23; 24; 25; 26; 37	7

<i>Timaristo</i>	21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	7
<i>Tlepolemo</i>	20; 21; 23; 24; 25; 26; 27	7
<i>Aeschrione</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18	6
<i>Agathocle Chio</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18	6
<i>Anaxipoli Thasio</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18	6
<i>Androtione</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18	6
<i>Apione</i>	30; 31; 32; 35; 36; 37	6
<i>Apollodoro Lemnio</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18	6
<i>Apollonio Pergameno</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18	6
<i>Aristandro Athanaeo</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18	6
<i>Aristophane Milesio</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18	6
<i>Dalione</i>	6; 20; 21; 22; 23; 24	6
<i>Epigene Rhodio</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18	6
<i>Hierone rege</i>	8; 10; 14; 15; 17; 18	6
<i>Lysimacho</i>	8; 10; 14; 17; 18; 28	6
<i>Musaeo</i>	21; 22; 23; 24; 25; 26	6
<i>Nymphodoro</i>	3; 5; 7; 33; 34; 35	6
<i>Phania physico</i>	21; 22; 23; 24; 25; 26	6
<i>Amphiloco Atheniense</i>	10; 14; 15; 17; 18	5
<i>Archelao rege</i>	8; 9; 18; 28; 37	5
<i>Archyta</i>	8; 14; 15; 17; 18	5
<i>Aristogene</i>	29; 30; 33; 34; 35	5
<i>Aristomacho</i>	11; 12; 13; 14; 19	5
<i>Bacchio Milesio</i>	8; 10; 14; 17; 18	5
<i>Chaerea Athenaeo</i>	8; 10; 14; 17; 18	5
<i>Ctesia</i>	2; 7; 8; 31; 37	5
<i>Diodoro Prienaio</i>	10; 14; 15; 17; 18	5
<i>Diophane Nicaeense</i>	10; 14; 15; 17; 18	5
<i>Eratosthenes</i>	2; 4; 5; 6; 22	5
<i>Euagone Thasio</i>	8; 10; 15; 17; 18	5
<i>Isidoro Characeno</i>	2; 3; 4; 5; 6	5
<i>Menaechmo</i>	4; 12; 13; 33; 34	5
<i>Ophione</i>	23; 24; 25; 26; 27	5
<i>Posidonio</i>	2; 4; 5; 6; 11	5

<i>Theopompo</i>	2; 3; 7; 17; 31	5
<i>Anticlide</i>	4; 7; 12; 13	4
<i>Apelle medico</i>	28; 31; 32; 35	4
<i>Chaeristo Atheniense</i>	14; 15; 17; 18	4
<i>Clitarcho</i>	6; 7; 12; 13	4
<i>Damaste</i>	4; 5; 6; 7	4
<i>Dicaearcho</i>	2; 4; 5; 6	4
<i>Dinone Colophonio</i>	12; 13; 14; 15	4
<i>Dione Colophonio</i>	8; 10; 17; 18	4
<i>Ephoro</i>	4; 5; 6; 7	4
<i>Hecataeo</i>	4; 5; 6; 18	4
<i>Hellanico</i>	4; 5; 6; 7	4
<i>Hipparcho</i>	2; 5; 6; 18	4
<i>Pasitele</i>	33; 34; 35; 36	4
<i>Polybio</i>	4; 5; 6; 8	4
<i>Thrasyllo</i>	2; 9; 31; 32	4
<i>Timaeo mathematico</i>	5; 16; 33; 34	4
<i>Timaeo Siculo</i>	2; 4; 6; 37	4
<i>Agathocle</i>	4; 5; 6	3
<i>Amphilocho</i>	8; 12; 13	3
<i>Anaximandro</i>	2; 4; 18	3
<i>Baetone</i>	5; 6; 7	3
<i>Calliphane</i>	3; 5; 7	3
<i>Charete Mytilenaeo</i>	12; 13; 37	3
<i>Demetrio physico</i>	8; 28; 36	3
<i>Democle</i>	33; 34; 35	3
<i>Diodoro</i>	8; 29; 30	3
<i>Diogneto</i>	6; 12; 13	3
<i>Epigene</i>	2; 7; 31	3
<i>Heliodoro</i>	33; 34; 35	3
<i>Heraclide medico</i>	12; 13; 20	3
<i>Megasthene</i>	5; 6; 7	3
<i>Nearcho</i>	6; 12; 13	3
<i>Oro</i>	29; 30; 37	3

<i>Philemone</i>	4; 10; 37	3
<i>Philippo</i>	18; 29; 30	3
<i>Phione</i>	20; 21; 22	3
<i>Phylarcho</i>	7; 8; 10	3
<i>Pythea</i>	2; 4; 37	3
<i>Sudine</i>	9; 36; 37	3
<i>Themisone</i>	11; 14; 15	3
<i>Theomnesto</i>	33; 34; 35	3
<i>Thucydide</i>	3; 4; 7	3
<i>Timosthene</i>	4; 5; 6	3
<i>Xenagora</i>	4; 5; 7	3
<i>Xenocrate Zenonis</i>	34; 35; 37	3
<i>Adimanto</i>	12; 13	2
<i>Aeschylo</i>	10; 37	2
<i>Anaximene</i>	12; 13	2
<i>Antaeo</i>	12; 13	2
<i>Apollonio Pitanaeo</i>	29; 30	2
<i>Aristocreonte</i>	5; 6	2
<i>Aristocrito</i>	4; 5	2
<i>Astynomo</i>	4; 5	2
<i>Callicrate</i>	3; 5	2
<i>Cleobulo</i>	4; 5	2
<i>Commiade</i>	14; 15	2
<i>Cratete grammatico</i>	4; 7	2
<i>Critodemo</i>	2; 7	2
<i>Democede medico</i>	12; 13	2
<i>Diodoro Syracusano</i>	3; 5	2
<i>Dorotheo Athenaeo</i>	12; 13	2
<i>Ephippo</i>	12; 13	2
<i>Euphrone medico</i>	12; 13	2
<i>Heraclide Tarentino</i>	12; 13	2
<i>Isogono</i>	12; 13	2
<i>Marsya Macedone</i>	12; 13	2
<i>Menecrate poeta</i>	8; 11	2

<i>Myrsilo</i>	4; 5	2
<i>Nechepso Pythagoricis</i>	2; 7	2
<i>Nicobulo</i>	12; 13	2
<i>Olympiodoro</i>	12; 13	2
<i>Panaetio</i>	5; 6	2
<i>Pelope</i>	31; 32	2
<i>Petosiri</i>	2; 7	2
<i>Philonide</i>	4; 5	2
<i>Polycrito</i>	12; 13	2
<i>Ptolemaeo Lagi</i>	12; 13	2
<i>Salpe</i>	28; 32	2
<i>Serapione Antiochense</i>	4; 5	2
<i>Sosigene</i>	2; 18	2
<i>Sotaco</i>	36; 37	2
<i>Staphylo</i>	4; 5	2
<i>Sumário de Dionysio por Diophane</i>	8; 10	2
<i>Timaao mathematico</i>	5; 16	2
<i>Zoilo Macedone</i>	12; 13	2
<i>Zoroastre</i>	18; 37	2
<i>Aeschine medico</i>	28	1
<i>Agatharchide</i>	7	1
<i>Aglaosthene</i>	4	1
<i>Alcaeus</i>	22	1
<i>Alexandro magno</i>	6	1
<i>Amometo</i>	6	1
<i>Anacreonte</i>	7	1
<i>Antigene</i>	5	1
<i>Antipatro</i>	8	1
<i>Antisthene</i>	36	1
<i>Apollonide</i>	7	1
<i>Apollonio</i>	28	1
<i>Arato</i>	18	1
<i>Archemacho</i>	7	1

<i>Archibio</i>	18	1
<i>Archimede</i>	2	1
<i>Archyta Tarentino</i>	10	1
<i>Aristagora</i>	36	1
<i>Aristarcho</i>	5	1
<i>Aristea</i>	7	1
<i>Aristide</i>	4	1
<i>Aristogitone</i>	27	1
<i>Artemone</i>	28	1
<i>Asaruba</i>	37	1
<i>Asclepiodoro</i>	35	1
<i>Athanaeo</i>	8	1
<i>Attalo medico</i>	33	1
<i>Basile</i>	6	1
<i>Beroso</i>	7	1
<i>Bialcone</i>	28	1
<i>Boetho</i>	10	1
<i>Butorida</i>	36	1
<i>Caecilio</i>	28	1
<i>Calipo</i>	18	1
<i>Callidemo</i>	4	1
<i>Callisthene</i>	12	1
<i>Callistrato</i>	37	1
<i>Chrysermus</i>	22	1
<i>Cllisthene</i>	12	1
<i>Coerano philosopho</i>	2	1
<i>Conone</i>	18	1
<i>Critone</i>	18	1
<i>Damone</i>	7	1
<i>Democrate</i>	29	1
<i>Demodamante</i>	6	1
<i>Demostrato</i>	37	1
<i>Demotele</i>	36	1
<i>Diotimo Thebano</i>	28	1

<i>Diyllo histórico</i>	7	1
<i>Dosiade</i>	4	1
<i>Dositheo</i>	18	1
<i>Elephantide</i>	28	1
<i>Euanthe</i>	8	1
<i>Euclide</i>	2	1
<i>Euctemone</i>	18	1
<i>Eudico</i>	31	1
<i>Euhemero</i>	36	1
<i>Euphranore</i>	35	1
<i>Euripide</i>	37	1
<i>Evagone Thasio</i>	14	1
<i>Hannone</i>	5	1
<i>Harpalo</i>	18	1
<i>Hegesia</i>	7	1
<i>Hegesia Maroneo</i>	8	1
<i>Hegesidemo</i>	9	1
<i>Heracleote</i>	8	1
<i>Heraclide Pontico</i>	7	1
<i>Hermippo</i>	30	1
<i>Herophilo</i>	11	1
<i>Hicetida medico</i>	28	1
<i>Himilcone</i>	5	1
<i>Hyla augur</i>	10	1
<i>Isigno</i>	7	1
<i>Ismenia</i>	37	1
<i>Laide</i>	28	1
<i>Lycea</i>	36	1
<i>Marcione Zmyrnaeo</i>	28	1
<i>Melanthio</i>	35	1
<i>Meleto</i>	28	1
<i>Menandris Heracleote</i>	11	1
<i>Menandris Prinaeo</i>	11	1
<i>Metone</i>	18	1

<i>Mithridate</i>	37	1
<i>Mnasea</i>	37	1
<i>Mnesigitone</i>	7	1
<i>Neoptolemo</i>	11	1
<i>Nicerato</i>	31	1
<i>Nicia</i>	37	1
<i>Oenopide</i>	18	1
<i>Palaephato</i>	29	1
<i>Parmenisco</i>	18	1
<i>Parrhasio</i>	35	1
<i>Patrocle</i>	6	1
<i>Phemonoe</i>	10	1
<i>Philisco</i>	11	1
<i>Philistide Mallote</i>	4	1
<i>Philisto</i>	8	1
<i>Philostephano</i>	7	1
<i>Philoxeno</i>	37	1
<i>Pindaro</i>	5	1
<i>Plympico</i>	37	1
<i>Polyclito</i>	31	1
<i>Prienaes</i>	8	1
<i>Sallustio</i>	31	1
<i>Satyro</i>	37	1
<i>Scopa</i>	8	1
<i>Serapione gnomonico</i>	2	1
<i>Sextilio Antaeo</i>	28	1
<i>Sicyonio</i>	5	1
<i>Simonide minore</i>	6	1
<i>Sotade</i>	5	1
<i>Sotira</i>	28	1
<i>Stratone risponde a Ephori</i> “Heuremata	7	1
<i>Taurone</i>	7	1
<i>Thalete</i>	18	1

<i>Theochresto</i>	37	1
<i>Theomene</i>	37	1
<i>Timagene</i>	3	1
<i>Xantho</i>	26	1
<i>Zachalia</i>	37	1
<i>Zenothemi</i>	37	1

APÊNDICE 2: Tabela com os autores latinos que aparecem no Livro I da NH

Fontes	Livros citados como autoridade	Número de citações no Livro I
<i>Marcus Varro</i>	2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 26; 28; 29; 30; 31; 33; 34; 35; 36; 37	31
<i>Celsus</i>	7; 8; 10; 11; 14; 15; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 31	20
<i>Sextius Niger</i>	12; 13; 14; 15; 16; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 30; 32; 33; 34	19
<i>Licinius Mucianus</i>	2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 16; 19; 31; 33; 35; 36	18
<i>Hyginus</i>	3; 4; 5; 6; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22	17
<i>Cornelius Nepos</i>	2; 3; 4; 5; 6; 7; 9; 10; 12; 13; 16; 17; 33; 34; 35; 36	16
<i>Catone censorio</i>	3; 4; 7; 8; 11; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 28; 36	16
<i>Lucius Pisone</i>	2; 3; 8; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 28; 29; 33; 34; 36	15
<i>Trogo</i>	7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 31	13
<i>Fabianus</i>	2; 7; 9; 11; 12; 13; 14; 15; 17; 23; 25; 28; 36	13
<i>Julius Bassus</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 33; 34	10
<i>Pompeius Lanaeus</i>	14; 15; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	10
<i>Verrius Flaccus</i>	3; 7; 8; 14; 15; 18; 28; 29; 34;	10

	35	
<i>Antias</i>	2; 3; 12; 13; 21; 22; 28; 29; 34	9
<i>Masurius Sabinus</i>	7; 10; 14; 15; 16; 18; 21; 22; 28	9
<i>Nigidius Figulus</i>	6; 7; 8; 9; 10; 11; 16; 29; 30	9
<i>Pomponius Mela</i>	3; 4; 5; 6; 8; 12; 13; 21; 22	9
<i>Vergilio</i>	8; 11; 12; 13; 14; 15; 17; 18; 19	9
<i>Antonius Castor</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Sebosus</i>	2; 3; 5; 6; 7; 9; 12; 13	8
<i>Gaius Valgius</i>	20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27	8
<i>Columella</i>	8; 11; 14; 15; 17; 18; 19	7
<i>Licinius Macer</i>	19; 21; 22; 28; 29; 30; 32	7
<i>Calpurnius Bassus</i>	16; 17; 18; 19; 21; 22	6
<i>Cicerone</i>	7; 9; 18; 29; 30; 31	6
<i>Fenestella</i>	8; 9; 14; 15; 33; 35	6
<i>Mamilius Sura</i>	8; 10; 11; 17; 18; 19	6
<i>Sasernis</i>	10; 11; 14; 15; 17; 18	6
<i>Actis (atas oficiais)</i>	5; 7; 8; 10; 37	5
<i>Ateius Capito</i>	3; 4; 14; 15; 18	5
<i>Cassius Hemina</i>	12; 13; 18; 29; 32	5
<i>Graecinus</i>	14; 15; 16; 17; 18	5
<i>Melissus</i>	7; 9; 10; 11; 35	5
<i>Scrofa</i>	11; 14; 15; 17; 18	5
<i>Vibius Rufinus</i>	14; 15; 19; 21; 22	5
<i>Aemilus Macer</i>	9; 10; 11; 17	4
<i>Julius Atticus</i>	14; 15; 17; 35	4
<i>Claudio Caesare</i>	5; 6; 12; 13	4
<i>Cornelius Bocchus</i>	16; 33; 34; 37	4
<i>Cornelius Valeriano</i>	8; 10; 14; 15	4
<i>Decimus Silanus</i>	14; 15; 18; 19	4
<i>Fabius Vestalis</i>	7; 34; 35; 36	4
<i>Lucius Vetus</i>	3; 4; 5; 6	4
<i>Marcus Agrippa</i>	3; 4; 5; 6	4
<i>Ovidio</i>	18; 29; 31; 32	4
<i>Maccius Plautus</i>	14; 15; 19; 29	4

<i>Varrone Atacino</i>	3; 4; 5; 6	4
<i>Aelius Stilo</i>	9; 14; 15	3
<i>Arruntius</i>	3; 5; 6	3
<i>Corvinus Messala</i>	9; 33; 35	3
<i>Cremutius Cordus</i>	7; 10; 16	3
<i>Fabius Pictore</i>	10; 14; 15	3
<i>Fabricius Tuscus</i>	3; 4; 6	3
<i>Fetialis</i>	16; 33; 36	3
<i>Maecenas</i>	9; 32; 37	3
<i>Messala Rufus</i>	7; 34; 35	3
<i>Seneca</i>	6; 9; 36	3
<i>Tito Livio</i>	2; 3; 7	3
<i>Trebius Niger</i>	8; 9; 32	3
<i>Quintus Tubero</i>	2; 18; 36	3
<i>Turanus Gracilis</i>	3; 9; 18	3
<i>Vitruvius</i>	16; 35; 36	3
<i>Lucius Ateius</i>	3; 4	2
<i>Augusto divo</i>	3; 4	2
<i>Caelius</i>	3; 31	2
<i>Caepione</i>	21; 22	2
<i>Cotta Messalinus</i>	14; 15	2
<i>Deculo</i>	10; 35	2
<i>Domitius Calvinus</i>	11; 18	2
<i>Domitius Corbulo</i>	5; 6	2
<i>Fabius Dossennus</i>	14; 15	2
<i>Flavius Procilius</i>	12; 13	2
<i>Iacchus</i>	32; 37	2
<i>Julius Aquila</i>	2; 11	2
<i>Livio filio</i>	5; 6	2
<i>Metellus Scipio</i>	8; 29	2
<i>Pomponius Atticus</i>	7; 33	2
<i>Scaevola</i>	14; 15	2
<i>Sergius Paullus</i>	2; 18	2
<i>Sornatius</i>	31; 32	2

<i>Tarquitius</i>	2; 11	2
<i>Tuditanus</i>	12; 13	2
<i>Tergilla</i>	14; 15	2
<i>Valerius Maximus</i>	7; 33	2
<i>Umbricius Melior</i>	10; 11	2
<i>Vestinus</i>	21; 22	2
<i>Accio</i>	18	1
<i>Agrippina Claudii</i>	7	1
<i>Antistius Labeo</i>	10	1
<i>Asinius Pollio</i>	7	1
<i>Aulus Caecina</i>	2	1
<i>Bytho Durracheno</i>	28	1
<i>Caecilius medico</i>	29	1
<i>Caelius Antipater</i>	2	1
<i>Caesare dictatore</i>	18	1
<i>Caesennio</i>	19	1
<i>Cassio Parmense</i>	31	1
<i>Cassius Severus</i>	35	1
<i>Castritius</i>	19	1
<i>Cincius</i>	36	1
<i>Curione pater</i>	3	1
<i>Dessius Mundus</i>	17	1
<i>Domitiano Caesare</i>	33	1
<i>Firmus</i>	19	1
<i>Gaius Epidius</i>	17	1
<i>Gaius Galba</i>	36	1
<i>Gellianus</i>	3	1
<i>Gnaeus Gellius</i>	7	1
<i>Granius</i>	28	1
<i>Horatio</i>	10	1
<i>Junius Gracchanus</i>	33	1
<i>Laberius</i>	9	1
<i>Licinius Calvus</i>	33	1
<i>Longulanus</i>	35	1

<i>Lucilius</i>	8	1
<i>Lucius Tarutius</i>	18	1
<i>Manilius</i>	10	1
<i>Marsus</i>	34	1
<i>Ofilius</i>	28	1
<i>Oppius</i>	11	1
<i>Pedianus Asconius</i>	7	1
<i>Polybius</i>	31	1
<i>Potitus</i>	19	1
<i>Procilius</i>	8	1
<i>Quintus Birrius</i>	19	1
<i>Sabinus Fabianus</i>	18	1
<i>Sabinus Tiro</i>	19	1
<i>Servius Sulpicius</i>	28	1
<i>Suetonius Paulinus</i>	5	1
<i>Sulpicius Gallus</i>	2	1
<i>Tito Caesare imperatore</i>	2	1
<i>Titus Lucretius</i>	10	1
<i>Tullius Tiro</i>	2	1
<i>Valeriano</i>	3	1

APÊNDICE 3: Da busca pela origem identitária romana através dos pequenos feitos

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
2.53	<i>Sulpicius Gallus</i>	Cônsul (166 a.C)	Teria previsto um eclipse lunar. Na época da previsão ele era um tribuno militar (<i>tribunus militum</i>)	É colocado junto com Tales na posição de prever um eclipse – contudo, na posição de um romano.	2	-----
8.53	<i>Quintus Scaevola</i>	Edil (95 a.C)	Realizou a primeira luta de leões em Roma.	Filho de <i>Publius</i> . Plínio não dá nenhum destaque ao fato.	-----	-----
8.96	<i>Marcus Scaurus</i>	Edil (58 a.C)	Primeiro a exhibir hipopótamos e crocodilos em Roma.	Tigres, elefantes, panteras, girafas aparecem ao lado de nomes como: Pompeu, César, Marco Antônio, Augusto.	-----	-----
7.120	<i>Scipio Nasica</i>	Cônsul (191 a.C)	Considerado o homem romano mais nobre de todos os tempos.	É colocado juntamente com Sócrates. Foi um jurista e era primo de Cipião Asiático.	-----	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
7.120	<i>Sulpicia</i>	Mulher mais nobre (114 a.C)	A primeira votação sobre a mulher mais nobre de Roma.	Filha de Sulpício Paternulo e esposa de Fulvius Flaccus.	-----	-----
7.121	<i>Humilis in plebe</i>	Baixa posição/plebe	Maior exemplo de <i>filiae pietati</i> . Uma mulher de baixa posição social e, portanto, desconhecida.	História de uma filha que amamentou a própria mãe. Para localizar e talvez legitimar a história Plínio cita os indivíduos que ocupavam o cargo de cônsules: <i>Gaius Quinctius</i> a <i>Manius Acilius</i> .	-----	-----
7.128	<i>Daphnis</i>	<i>Grammaticae artis</i> (escravo)	Foi o escravo mais caro a ser comprado por um romano.	<i>Marcus Scaurus</i> , cônsul em 115 a.C, comprou este escravo por ter habilidade com as palavras. Quem o vendeu foi <i>Attius Pesaro</i> .	-----	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
7.152	<i>Euthymus</i>	<i>Lutador/boxeador</i>	Foi considerado um deus em vida.	Tanto Júpiter quanto o Oráculo de Delfos consideram Euthymus como um deus em vida. Foram levantadas duas estátuas: uma em Locros (cidade natal) e outra em Olympia. Um raio caiu em ambas no mesmo dia.	-----	-----
7.178	<i>Gabienus</i>	<i>Prisioneiro de Sextus Pompeius</i>	Pompeu cortou sua garganta e mesmo assim ele viveu – voltou do mundo “inferior”.	Não se sabe sobre <i>Gabienus</i> , mas Plínio relata o seu retorno da morte.	-----	-----
7.211	<i>Publius Titinius Mena</i>	-----	Foi o primeiro a trazer os barbeiros para Roma em 300 a.C – de acordo com Varrão.	O trecho não fala nada sobre quem foi Mena, mas diz que Augusto não dispensava a navalha.	-----	II,11
7.213	<i>Lucius Papirius Cursor</i>	<i>Cônsul (séc. IV a.C)</i>	Primeiro a construir um relógio – 11 anos antes da guerra contra Pirro (de acordo com <i>Fabius Vestalis</i>)	Ergueu o relógio em homenagem ao seu pai no Templo de Quirinus.	-----	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
9.39	<i>Carvilius Pollio</i>	<i>Eques Romanus</i>	Primeiro homem que seccionou a carapaça de uma tartaruga.	Fazia armários e estrados. Homem de talento e habilidade na produção de utensílios de luxo.	-----	-----
9.122	<i>Clodius</i>	<i>Tragoedi Aesopi filis</i> (séc. I a.C)	Quando as pérolas foram utilizadas pela primeira vez em Roma.	<i>Clodius</i> , filho do ator trágico <i>Aesopus</i> , teria comido pérolas para mostrar seu poder.	-----	-----
9.137	<i>Lentulus Spinther</i>	<i>Aedilis curulis</i> (63 a.C)	Primeiro a utilizar a cor púrpura em um manto bordado. Plínio cita Cornélio Nepote como fonte.	Foi edil no consulado de Cícero.	-----	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
9.168	<i>Sergius Orata</i>	Comerciante e “engenheiro hidráulico”	Primeiro a construir criadouros de ostras em Roma.	Aparece em outros documentos: Cícero (De Oratore 1.178; Macróbio (Saturnalia 3.15-2,3). Aparentemente envolvido em algum tipo de processo; homem de muita riqueza.	-----	III,3
9.170	<i>Licinius Murena</i>	Cônsul (63 a.C)	Primeiro a construir criadouros de peixes em Roma.	Disputou o consulado com <i>Sulpicius Rufus</i> . <i>Murena</i> foi acusado de corrupção, mas defendido com sucesso por Cícero.	-----	III,3
9.170	<i>Licinius Lucullus</i>	Cônsul (74 a.C)	Construiu um canal para peixes mais caros que uma casa de campo.	Pompeu, o Grande teria o chamado de “Xerxes em terras romanas”, devido a obra elaborada por ele (Xerxes construiu um canal para transportar sua frota)	-----	III,2

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
9.171	<i>Gaius Hirrius</i>	-----	Primeiro a construir criadouros de enguias.	Ofereceu 6.000 enguias para um banquete de triunfo de César em 46-45 a.C., sem cobrar nada.	-----	-----
9.173	<i>Fulvius Lippinus</i>	-----	Primeiro a construir criadouros de caracóis.	Construiu pouco depois da guerra de Pompeu, o Grande (49 a.C).	-----	III,12
10.45	<i>Marcus Aufidius Lurco</i>	Tribuno da Plebe (61 a.C)	Começou a engordar pavões em 67 a.C.	Tornou-se um homem rico com essa prática. Criou a <i>Lex Aufidia</i> quando era Tribuno da Plebe. Vem da <i>gens Aufidia</i> plebeia.	-----	III,6
10.52	<i>Scipio Metellus</i>	Cônsul (52 a.C)	Teria inventado uma das comidas mais apreciadas: fígado de ganso.	Percorreu o <i>cursus honorum</i> começando como Tribuno da Plebe (59 a.C). Bem citado por outras fontes antigas: Plutarco, Tito Lívio, Josefo.	8, 29	III,2

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
10.52	<i>Marcus Seius</i>	<i>Eques Romanus</i>	Junto com <i>Metellus</i> é tido como um possível inventor do prato de fígado de ganso.	Nenhuma informação adicional.	-----	III,2;6;10
10.141	<i>Marcus Laenius Strabo</i>	<i>Equestris ordinis</i>	Primeiro a construir um aviário em Roma.	Pertencente à ordem dos equestres da Grã-Bretanha. Com ele teria começado a prática de aprisionar animais que a Natureza lhes teria atribuído o céu aberto.	-----	III,5
12.13	<i>Gaius Matius</i>	<i>Equestri ordine</i>	Primeiro a instituir a poda de árvores. Uma técnica necessária que ajudaria o crescimento das árvores.	Amigo do imperador Augusto. A técnica desenvolvida seria usada desde então – cerca de 80 anos.	-----	-----
15.47	<i>Sextus Papinius</i>	Cônsul (23 d.C)	Apresentou, nos tempos de Augusto, frutos exóticos em Roma.	A plantação feita por ele passou a decorar terraços.	-----	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
19.23	<i>Quintus Catulus</i>	Cônsul (78 a.C)	Primeiro a usar telões de linho no Capitólio.	-----	-----	-----
19.23	<i>Lentulus Spinther</i>	<i>Aedilis curulis</i> (63 a.C)	Primeiro a esticar toldos de cambraia no teatro, nos jogos de Apolo.	-----	-----	-----
21.6	<i>Crassus Dives</i>	Cônsul (séc. I a.C)	Primeiro a colocar “folhas” de ouro e prata nas coroas.	Homem muito rico. Da <i>gens</i> Licinia.	-----	-----
22.9	<i>Publius Decius Mus</i>	<i>Tribunus militum</i> (séc. III a.C)	Recebeu uma coroa feita de ervas (grande honra)	Recebeu a honraria por duas vezes.	-----	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
22.9	<i>Lucius Siccus Dentatus</i>	Tribuno (454 a.C)	Recebeu uma coroa feita de ervas (grande honra)	Representante dos plebeus venceu todas as batalhas que disputou – 120 ao total. Ganhou outras 14 coroas.	-----	-----
22.11	<i>Petreio Atinati</i>	<i>Primum pilum</i> (101 a.C)	Único centurião a ganhar uma coroa de ervas.	Ganhou a coroa na guerra contra os Cimbros. Alcançou a posição máxima para um “soldado raso” dentro do exército romano.	-----	-----
25.4	<i>Gaius Valgius</i>	Cônsul (12 a.C)	Escreveu sobre o uso das plantas em língua latina.	Senador e poeta romano. Amigo de Horácio e Mecenas. Dedicou um tratado sobre plantas medicinais para Augusto.	20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27	-----
25.5	<i>Pompeius Lenaeus</i>	<i>Libertus</i>	Liberto de Pompeu. Traduziu todas as anotações do rei Mitríades para o latim. Escritos sobre o uso das plantas.	Plínio afirma que depois de <i>Valgius</i> o único romano a escrever sobre o uso das plantas foi <i>Pompeius Lenaeus</i> .	14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
33.134	<i>Callistus</i>	<i>Servitute liberatos</i>	Um liberto que conseguiu ficar muito rico no período do imperador Cláudio.	Plínio não explica a forma de enriquecimento. Apenas cita como exemplo entre os homens mais ricos.	-----	-----
33.134	<i>Pallas</i>	<i>Servitute liberatos</i>	Um liberto que conseguiu ficar muito rico no período do imperador Cláudio.	Plínio não explica a forma de enriquecimento. Apenas cita como exemplo entre os homens mais ricos.	-----	-----
33.134	<i>Narcissus</i>	<i>Servitute liberatos</i>	Um liberto que conseguiu ficar muito rico no período do imperador Cláudio.	Plínio não explica a forma de enriquecimento. Apenas cita como exemplo entre os homens mais ricos.	-----	-----
33.144	<i>Carvilius Pollio</i>	<i>Eques Romanus</i>	Primeiro a adornar uma cama e sofá com peças de prata e ouro.	Plínio aponta que todas estas extravagâncias foram expiadas na guerra civil de Sulla (83-82 a.C)	-----	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
33.145	<i>Drusillanus</i>	<i>Servus</i>	Servo do imperador Cláudio que possuía um prato de 500 libras de prata.	Colocado como um dos vícios da luxúria.	-----	-----
34.14	<i>Gnaeus Manlius</i>	<i>Cônsul (189 a.C)</i>	Primeiro a decorar os sofás, aparadores, painéis e mesas de uma perna só com bronze.	Fez tais ornamentações no triunfo da conquista da Ásia (187 a.C).	-----	-----
34.27	<i>Marius Gratidianus</i>	<i>Pretor (82 a.C)</i>	Provavelmente o indivíduo com mais estátuas ao seu favor.	Seu tio foi Caio Mário. Também é conhecido pela reforma monetária dos anos 80 a.C.	-----	-----
34.32	<i>Gaius Aelius</i>	<i>Tribuno da plebe</i>	Ganhou a primeira estátua erguida por estrangeiros em Roma.	Após publicar uma lei contra <i>Sthennius Stallius</i> da Lucânia, que havia invadido por duas vezes Túrios (Itália) – 289 a.C.	-----	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
35.10	<i>Asinius Pollio</i>	<i>Cônsul (40 a.C)</i>	Primeiro romano a expor bustos na primeira biblioteca pública romana.	Foi poeta e historiador. Pertenceu ao círculo do poeta Catulo. Patrono de Virgílio. Considerado um dos amigos de César. Seria um colecionador de obras de arte – é citado diversas vezes no livro 36.	7	-----
35.52	<i>Gaius Terentius Lucanus</i>	-----	Primeiro a expor pinturas das lutas de gladiadores.	Estas imagens seriam feitas em homenagem a seu avô.	-----	-----
35.116	<i>Spurius Tadius</i>	<i>Pintor (37 d.C)</i>	Primeiro a introduzir as formas mais atraentes de pinturas em parede.	Pintava as paredes com temas de casas do campo, paisagens de outros lugares, etc.	-----	-----
35.120	<i>Famulus</i>	<i>Pintor</i>	Pintou uma Minerva que, independente do ângulo em que você se encontrasse, ela estaria olhando para você.	Seria um dos grandes pintores romanos do período pós-Augusto.	-----	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
35.120	<i>Attius Priscus</i>	<i>Pintor</i>	Pintou o templo da Virtude na restauração proposta pelo imperador Vespasiano.	Dos pintores do tempo de Plínio, o Velho seria o que mais se aproximava do estilo dos grandes pintores de outrora.	-----	-----
35.120	<i>Cornelius Pinus</i>	<i>Pintor</i>	Pintou o templo da Virtude na restauração proposta pelo imperador Vespasiano.	Plínio dá ênfase no trabalho de <i>Attius Priscus</i> .	-----	-----
35.155	<i>Possis</i>	<i>Artista</i>	Um artista romano que conseguia modelar frutas que ninguém distinguia da fruta verdadeira.	Plínio cita Varrão como fonte da informação.	-----	-----
36.7	<i>Lucius Crassus</i>	<i>Cônsul (95 a.C)</i>	Primeiro a instalar colunas de mármore estrangeiro em Roma.		-----	-----
36.48	<i>Mamurra</i>	<i>Equitem Romanum</i>	Primeiro romano a cobrir as paredes de sua casa com mármore.	De acordo com <i>Cornelius Nepos</i> teria sido o chefe de “engenharia” de Júlio César na Gália.	-----	-----

LIVRO	NOME	CONDIÇÃO SOCIAL	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES	AUTORIDADE (Livro I)	VARRÃO (<i>Rerum Rusticarum</i>)
36.114	<i>Marcus Scaurus</i>	<i>Edil (58 a.C)</i>	Enquanto era Edil construiu um teatro considerado como “o melhor trabalho já feito por um homem”.	Construiu um enorme teatro, com 360 colunas, auditório, etc. Era da família de Sula – enteado. Tal construção fora nociva aos modos simples. Era filho de <i>Marcus Aemilius Scaurus</i> (cônsul em 115 a.C) uma das famílias mais influentes da República Romana.	-----	-----
37.11	<i>Marcus Scaurus</i>	<i>Edil (58 a.C)</i>	Primeiro romano que possuiu uma coleção de pedras preciosas.	Normalmente tal coleção levava o nome estrangeiro de “dactyliotheca”, ou “armário de anéis”. Enteado do ditador Sula.	-----	-----

APÊNDICE 4: Mapa do Império Romano. Locais vinculados a Plínio, o Velho



(PUCHALSKI, Victor. *Mapa do Império Romano. Locais vinculados a Plínio, o Velho*. 2014)